

NIC STONE

FOR P K C A T





NIC STONE

JACKPOT

Traduzido por Carol Dias

1ª Edição



2020

Copyright © Nic Stone, 2019
Copyright © The Gift Box, 2020
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Anastácia Cabo

Gerente Editorial:

Solange Arten

Capa e ilustração:

Alê Santos @aleperga

Adaptação de Capa:

Bianca Santana

Revisão:

Louise Branquinho

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

S885j

Stone, Nic

Jackpot [recurso eletrônico] / Nic Stone ; tradução Carol Dias. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : The Gift Box, 2020.
recurso digital ; mobi

Tradução de: Jackpot

Formato: Mobi

Requisitos do sistema: conteúdo autoexecutável

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5636-029-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I.
Dias, Carol. II. Título.

20-67144

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

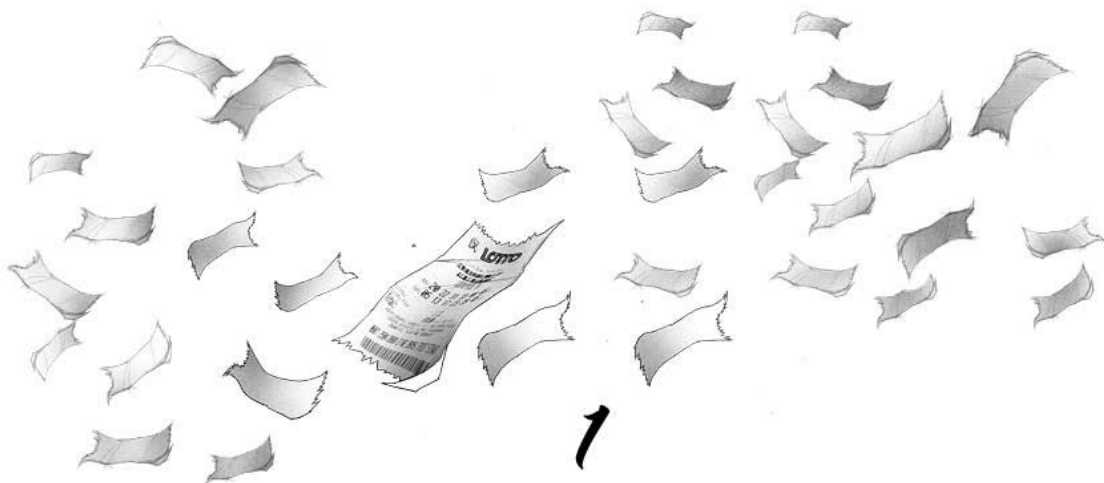
[Agradecimientos](#)

[Playlist](#)

PARA MAMÃE. OBRIGADA PELO TRABALHO DURO.

AMIZADE E DINHEIRO: AZEITE E ÁGUA.

- MARIO PUZO.



MAIS SEM Dinheiro, MAIS Problemas

Ah, a ironia de ter que contar troco para uma nota de 50 dólares enquanto *Mo Money, Mo Problems*[1] toca ao fundo.

— Senhor, estou sem notas de dez e vinte — digo. — Vou ter que te dar notas de cinco e de um dólar... Tudo bem?

Tinha que estar tudo bem, obviamente.

O homem sorri e concorda entusiasticamente.

— Perfeitamente bem — diz, limpando a lapela do seu (aparentemente caríssimo) terno. — A propósito, fique com duas dessas de um dólar e me dê um bilhete da *Mighty Millions*[2] com aquele negócio de sorte extra. Vou deixar alguns desses outros dólares na caixa do Exército da Salvação lá fora.

Exceto pela minha vontade de bufar — sei que não devemos julgar um livro pela capa, mas, com base no chaveiro da

Mercedes-Benz em cima do balcão, diria que esse cara não *precisa* de duzentos e doze milhões de dólares —, forço os cantos da minha boca a subirem.

— Isso é muito generoso, senhor. — *Bleh*. — Nada como um doador feliz!

O homem pega seus 43,74 dólares de troco e depois separa mecanicamente as tirinhas de carne da garrafa verde neon de Powerade.

— Muito obrigado — ele olha para o nome na minha camisa —, Rico?

— Essa sou eu — respondo.

— Hm, nome interessante para uma garota tão bonita quanto você. E que olhos interessantes você tem... dois tons diferentes de castanho! — Agora ele está piscando.

Meu Deus.

— Obrigada, senhor. E obrigada por comprar na Gas ‘n’ Go.

Ele solta um “Feliz Natal” por cima do balcão de check-out antes de girar nos saltos dos sapatos chiques e sair como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

Feliz Natal. Aff. Não tem nada de “feliz” em um turno de dez horas na véspera de Natal. Será *quase* Natal quando eu sair deste lugar... e depois vou gastar trinta minutos caminhando até em casa, já que o único transporte público desta cidade parou de circular horas atrás. O lado bom é que o índice criminal na preguiçosa Norcross, Geórgia, é relativamente baixo e não está frio

lá fora.

Olho para o meu relógio do Loki — um presente de aniversário do meu irmão mais novo, Jax, sem o qual nunca saio de casa, não importa quão infantil me faça parecer. Noventa e sete minutos até a liberdade.

It's the Most Wonderful Time of the Year sai dos autofalantes (nota para mim mesma: perguntar ao Senhor Zoughbi quem foi o infeliz que fez essa *playlist*), e sento no meu banquinho segurando o queixo com a mão. Para ser sincera, a influência da alegria das festas de fim de ano *realmente* foi um bom alívio. Parecia que todo dia tinha um escândalo político, problema com armas, decisão do governo de cometer algum ato desumano ou ameaça de guerra nuclear, mas então o Dia de Ação de Graças chegou e foi como um ato coletivo de soltar o ar dos pulmões.

O sino da porta toca, trazendo-me de volta, e a senhorinha mais fofa que já vi caminha até o balcão. Ela é pequenininha; definitivamente com menos de um metro e meio e *talvez* quarenta quilos, sem contar as roupas, com a pele negra retinta e um tufo de cabelo branco. A árvore de Natal no suéter dela tem luzes reais, e quando eu sorrio desta vez é de verdade.

— Bem-vinda ao Gas ‘n’ Go — digo, enquanto ela chega ao balcão.

— Ah, muito obrigada, querida. Você é simplesmente adorável!

Sinto as bochechas aquecerem.

— Bom, a senhora parece adorável também — respondo.

Ela solta uma risadinha.

— É sério. Seu suéter é lindo.

— Ah, pare com isso — diz. — De todo jeito, você não deveria estar em casa com sua família? Escute o conselho de uma idosa: você não quer viver para o trabalho.

Eu sorrio novamente.

— Sim, senhora. Vou dar o fora daqui em cerca de uma hora.

— Bom. — Assente, aprovando.

— Como posso ajudá-la nesta bela véspera de Natal?

Ela se inclina um pouco por cima do balcão e sou puxada pelo seu magnetismo.

— Então, eu estava a caminho da igreja e, cá entre nós — ela pausa para olhar por cima do ombro —, olhei para cima e estava passando por um daqueles outdoors que mostram o prêmio da Loteria. Sabe do que estou falando?

Eu concordo. Abaixo minha voz para “quase um sussurro” para combinar com a dela.

— Duzentos e doze milhões, né?

— Era isso que dizia no outdoor. Não ia jogar desta vez, mas vi sua loja à minha esquerda e... bom, parecia um sinal. Então resolvi parar.

Agora eu estou realmente sorrindo. *Esse é o tipo de pessoa que eu adoraria ver ganhar.*

— Quantos anos você tem, docinho? — pergunta.

— Tenho dezessete, senhora.

— Mais ou menos o que imaginei. Você me lembra da minha neta. Ela está no terceiro ano da Florida A&M University.

Sinto meu sorriso murchar, então desvio o olhar e finjo fazer algo por trás do balcão. Espero mesmo que ela não pergunte sobre os *meus* planos (inexistentes) de ir para a faculdade. Prefiro não lidar com outro cliente adulto me julgando com o olhar quando eu explicar que, em vez de ir para a universidade, vou aceitar a oferta de emprego de gerente que recebi aqui na Gas ‘n’ Go para continuar a ajudar minha família.

Quando viro de volta para ela, vejo que está remexendo na bolsa.

— Pensei que tinha uma foto em algum lugar, mas acho que me enganei. — Ela fecha a bolsa e sorri para mim. — Do que estávamos falando?

— Hm, sobre a sua neta?

— Não, não. — Ela balança a mão em negação. — Antes disso. Ando tendo um caso terrível de NMLDM ultimamente...

— NMLDM?

Ela se inclina e abaixa o tom de voz outra vez.

— Não me lembro dessa merda.

Agora estou sorrindo novamente. Rindo, na verdade.

— Estou falando sério! — ela diz. — Onde estávamos?

— Você estava prestes a comprar um bilhete de loteria.

— Ah, sim, era isso. Vamos lá.

Ando até a máquina.

— Você tem algum número específico que queira jogar?

— Eu tenho. Jogo os mesmos números desde 1989. — Ela os diz e, enquanto o bilhete é impresso, eu paro de respirar.

Três dos números das bolas brancas — 29, 06, 01 — formam a data do meu aniversário. E a bola premiada é a número 07. Isso deveria significar sorte, né?

— Você escolheu o dia do meu aniversário! — sai antes que eu possa parar.

Francamente, eu me esforço para não prestar atenção aos números da loteria. Mamãe é obcecada com a ideia de vencer desde que me lembro, porém, depois de vários anos vendo-a *garantir* que sempre teria um dólar para um bilhete e continuar agarrada a essa falsa esperança enquanto nossas finanças literalmente despenham ao seu redor (não tenho dúvidas de que ela comprou pelo menos um bilhete desta vez)...

Eu passo.

Mas, ver o dia que nasci surgir no bilhete...

O rosto da senhora se acende mais do que a árvore de Natal do seu suéter.

— Seu aniversário?

— Uhum. — Aponto para ele.

— Ótimo! Talvez você seja meu amuleto da sorte.

Meus olhos estão fixos no bilhete enquanto ela o pega de mim. E se ela estiver certa? Duzentos e doze milhões de dólares poderiam estar nesse pequeno papel.

— Quer saber, me dê um daqueles de números aleatórios também — ela diz.

— Sim, senhora. Gostaria de adicionar uma sorte extra a este? Por um dólar a mais, dobrará qualquer prêmio que não seja o principal.

— Ah, não. Nós vamos ganhar o principal.

Começo a rir.

— Lá vamos nós.

A máquina cospe o segundo pedaço de papel e desliza pelo balcão em sua direção. Ela pega os dois e os ergue para dar uma boa olhada.

Então os mistura e coloca virados para baixo no balcão.

— O que acha? Direita ou esquerda?

— Ah, definitivamente o da esquerda — digo.

Ela acena e empurra o da esquerda na minha direção através do balcão.

— Ótimo. É seu.

Uau.

— Ah, uau. É muito gentil da sua parte, senhora, mas não posso aceitar.

— Claro que pode — diz. — É meu presente de Natal para você.

Olho para ele e mordo meu lábio inferior. *Deus, quão maravilhoso seria ganhar mesmo que uma parte de duzentos e doze milhões de dólares?* Os antigos rappers da Bad Boys Records dizem que “mais dinheiro, mais problemas”, mas todos eles têm um monte de grana. Eu? Eu trabalho em um posto de gasolina ganhando 7,75 dólares por hora, e boa parte *disso* vai para qualquer

conta que minha mãe não tenha ganhado o suficiente para pagar no mês (claro, menos o dólar que ela gasta semanalmente em bilhetes de loteria).

— Vá em frente. Pegue — a senhora insiste. — Obviamente, alguém acima dos dezoito terá que receber o prêmio se você vencer, mas talvez uma de nós tenha sorte. — Ela pisca. Bem diferente de quando o Senhor Nota de Cinquenta Dólares fez isso.

Faz minha pele pinicar.

Pego o bilhete e rapidamente coloco no bolso de trás.

O que é bom, porque o Senhor Zoughbi escolhe este momento para sair do escritório. Não tenho certeza de que ele ficaria animado com um cliente comprando um bilhete de loteria para a funcionária menor de idade dele. A senhora e eu trocamos um olhar. Ela entende.

— Bom, você certamente animou minha véspera de Natal — diz alto o suficiente para o Senhor Z escutar. — Termine seu turno e corra para casa, ouviu?

Sorrio e aceno novamente.

— E a senhora faça o mesmo.

— Feliz Natal, garotinha. — Vira-se para sair.

Juro que o bilhete se torna radioativo e o lado direito da minha bunda começa a crescer do nada.

Quando a senhora chega à porta, que se abre, eu a ouço dizer:

— Ah, obrigada, juvenzinho. Minha nossa, você é uma

belezura!

Olho para cima e lá, segurando a porta aberta para ela, com um sorriso de um milhão de dólares, está Alexander Macklin (“Zan” para os amigos/*groupies*/multidão fiel), quarterback do colégio, sonho adolescente de todas e herdeiro do trono de papel higiênico.

Sério. Seu trisavô ou algo do tipo supostamente patenteou o papel higiênico em formato de rolo, e agora a família dele gerencia a Macklin Empreendimentos, que é legitimamente famosa por focar em limpadores de bunda.

Por falar em limpadores de bunda, dizem por aí que ele só vai para a *nossa* escola porque foi expulso de um colégio particular chique. Algo sobre um escândalo *hacker*.

E, sim, ele é uma belezura.

Tenho certeza de que não sabe quem eu sou, mesmo que eu me sente duas mesas atrás dele em História Norte-americana. Mas, ainda assim, prefiro que o cara mais rico da escola *não* me veja trabalhando como caixa no posto de gasolina. Tenho certeza de que meu cabelo está uma bagunça e tem alguma mancha de queijo do cachorro-quente que devorei mais cedo no meu avental.

— Hm, preciso ir ao banheiro feminino — digo assim que o Senhor Z se aproxima do balcão para reabastecer as barras de chocolate.

Ele me encara com uma sobrancelha erguida.

Dou uma olhada para a porta novamente. A senhora já se foi e Zan está entrando bem agora. Acho que nossos olhares se

encontram, mas viro-me rápido demais para ter certeza.

— Problemas femininos — digo ao Senhor Z.

— Ah... — Ele joga as mãos para cima. — Não diga mais nada.

Saio de trás do balcão. Zan virou no corredor dos salgadinhos, então eu me esforço para não fazer barulho, evitando chamar atenção.

Assim que chego na parte de trás, o Senhor Z grita:

— Ah, Senhorita Danger! — pronuncia meu nome errado.

Não rima com “*stranger*”, como todo mundo acha. Na verdade, é “DON-gã” e costumo corrigir as pessoas... Ter “perigo” como sobrenome seria legal se não fosse um nome tão impróprio.

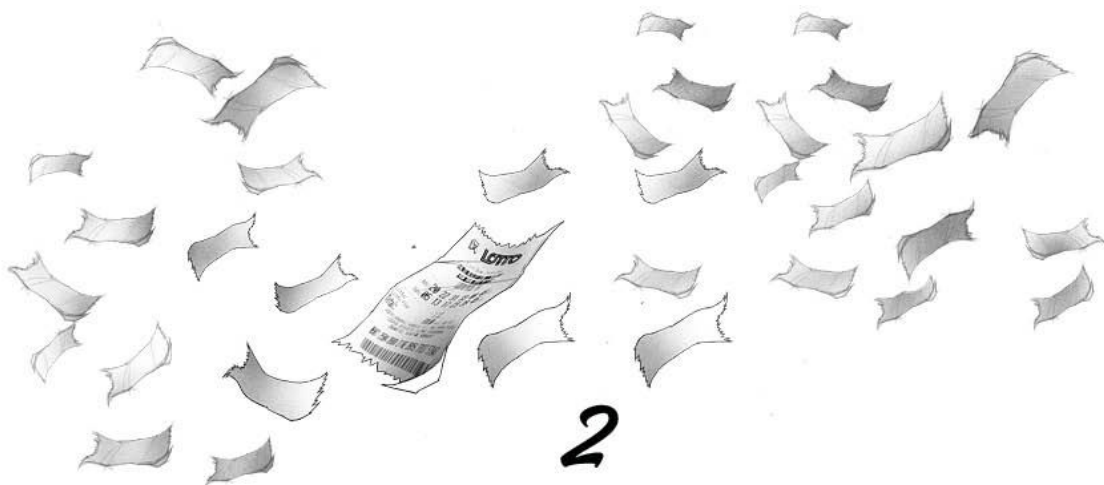
Enfim.

— Cheque o estoque de papel higiênico enquanto está lidando com os problemas femininos, ok? — ele diz.

E eu me esforcei tanto para uma fuga silenciosa.

[1] Música do rapper americano Notorious B.I.G. O título do capítulo é uma referência à mesma canção. Tradução: Mais dinheiro, mais problemas.

[2] *Mighty Millions Lottery* é um prêmio de loteria Americano.



Feliz Natal, droga!

A caminhada para casa é uma porcaria.

Está mais frio do que eu imaginava, e não consigo parar de pensar naquele garoto idiota invadindo minha bolha fora da escola. Em um ano e meio de trabalho na Gas 'n' Go nenhum dos riquinhos do colégio apareceu lá. Todos abastecem seus carros chiques no posto próximo dos seus condomínios fechados, a alguns quilômetros de distância.

Agora, a cada passo que dou com meus dedos dormentes de frio, fico me perguntando se Zan ainda está por aí afora. Se ele vai passar por mim, ver que estou caminhando pelas ruas principais de Norcross tarde de uma noite fria, sem touca nem luvas, e assumir que sou uma andarilha.

Relaxo um pouquinho assim que chego na rua do meu complexo de apartamentos, mas minha cabeça ainda está confusa

pelo *semiencontro*. A porta da minha mãe está fechada quando entro em casa, mas Jax está esticado no sofá da nossa pequena sala, tentando o máximo que pode manter os olhos bem abertos enquanto *Um Duende em Nova York* está passando na tela da TV.

Olho em volta para as paredes quase brancas e os poucos móveis de segunda mão do nosso apartamento de dois quartos. Jax tinha dois anos quando nos mudamos, e nós dividimos o quarto desde então.

Pergunto-me como o quarto de Zan Macklin — como a casa dele — deve se parecer. Especialmente hoje à noite. À direita do nosso sofá há uma tentativa de árvore de Natal artificial com um pisca-pisca e duas míseras caixas de presente embrulhadas em jornal. Uma imagem de um pinheiro enorme, mais alto que o dobro dos meus 1,67m de altura, envolvido com luzinhas brilhantes, enfeites de cristal e lotado de caixas embrulhadas debaixo dele surge na minha mente. Parece que tem mais presentes do que folhas de pinheiro...

E Zan Macklin está parado em frente a ele tentando decidir qual abrir primeiro.

Argh.

Depois de deslizar para fora das minhas botas, vou até Jax. Ele se senta e posso me juntar a ele, mas depois descansa a cabeça no meu colo.

— Feliz Natal, maninho — digo, enquanto passo os dedos pelos cachos mais claros e bagunçados.

Com um suspiro, sua tristeza pesa nos meus ombros com

força e lágrimas rapidamente chegam aos meus olhos. Mesmo que eu tenha escondido dinheiro do meu pagamento pelos últimos seis meses para comprar a bicicleta que ele queria, saber que está triste pelo pouco que temos me rasga novamente.

Sei que somos praticamente ricos comparados a lugares com *pobreza de verdade*, como mamãe gosta de dizer, mas Jax só tem nove anos de idade. Ele só sabe que as outras crianças da escola dele já têm um monte de brinquedos, videogames e dinheiro, mas, ainda assim, ganham um monte de presentes. Mamãe trabalha mais de setenta horas por semana para que possamos viver na região dos riquinhos e ir para “boas escolas”[3], mas ser o pobretão em comparação a todos os outros ao seu redor é uma droga. Especialmente quando você é apenas uma criança. Não vamos nem mencionar o fato de que ele é negro, enquanto a maioria das crianças ao seu redor é branca.

O bilhete no meu bolso surge na minha mente. O que daria para fazer com tanto dinheiro...

— Você deveria ir dormir, garotinho — digo, tentando forçar *algum* tipo de ânimo na minha voz. — Papai Noel deve chegar bem em breve. Não direi o que ele vai deixar para você.

— Não existe Papai Noel. — Ele bufa.

Morro um pouquinho por dentro.

— O que você quer dizer com “não existe Papai Noel”?

Ele vira a cabeça para me encarar.

— Não é óbvio, Rico? Se *existe* Papai Noel, ele com certeza não dá a mínima para crianças como eu.

Uau.

— Em primeiro lugar, onde está seu espírito natalino, mocinho? E, em segundo, o que você sabe sobre a palavra *óbvio*?

Seu queixo começa a tremer, então eu *tenho* que manter a compostura. Deus do Céu.

— Eu sou *sempre* bonzinho, Rico — diz. — Mas ele nunca me dá mais do que uma coisa. Então, ou ele não é real ou realmente não se importa comigo.

Não consigo lidar com isso agora.

— Bom, tenho certeza de que ele está trazendo uma grande surpresa para você este ano.

Seus olhos se acendem. Esperança. É quase mais difícil de suportar isso do que o desespero.

— É sério?

— Uhum. Ele me contou.

Suas sobrancelhas se unem.

— Você tem certeza?

— E eu mentiria para você, garotinho?

Ele sorri.

— Vamos lá — digo. — Vou cobrir você.

Chegamos ao quarto, e puxo o edredom das Tartarugas Ninjas que encontrei em um brechó e dei a ele em seu último aniversário. Ele se cobre.

— Canta *Smooth Criminal*? — pede.

Dou um sorriso largo. Nossa obsessão com essa música do Michael Jackson começou na nossa passagem por um abrigo

durante os primeiros anos de vida do Jaxy: havia uma família com um bebê de um ano que tinha dificuldades para dormir, e a única coisa que ajudava era o som da mãe dele sussurrando a frase “*Baby, are you okay?*”[4], como o Michael faz na música. Comecei a fazer o mesmo com Jax, que era um neném bem agitado.

Bom saber que, mesmo triste, nosso ritual noturno continua reinando supremo. Pensando bem, estou feliz que ele esperou acordado por mim.

Ele se enrola como uma bola no canto dele, e puxo o edredom por cima dos seus ombros enquanto começo a cantar. Mas ele dorme antes do primeiro refrão.

O que é bom, porque agora *eu* estou chorando.

É como se não importasse quão duro mamãe e eu trabalhássemos ou o tanto que fizéssemos, sempre parecia que estávamos prestes a afundar. E agora tenho imagens do garoto mais rico da escola surgindo por cima das memórias dos nossos dias no abrigo, destruindo a sensação de abandono e de desespero que constantemente estavam fervendo na superfície da minha *calmaria*. Estavam borbulhando, derramando-se e queimando pelo meu rosto enquanto caminhava para casa no frio.

Levanto e vou ao banheiro pegar um lenço. Sinto o peso do pedacinho de papel numerado no meu bolso. Ainda tenho que olhá-lo porque, bom, odeio admitir isso, considerando quão baixas eu mantenho minhas expectativas, mas o encontro com aquela vovó fofa plantou a sementinha do “e se?” no solo rochoso do meu coração. O que não é nada bom. Quando você vive na corda bamba

como minha família, não há nada pior do que ter a esperança, mesmo a menor que fosse, sendo jogada nas pedras no caminho da vida. Mas, depois de verificar meu relógio, volto para a sala, puxando o bilhete do bolso no caminho.

Honestamente, estou nervosa de ver qual dos dois peguei — surtaria um pouco se tivesse escolhido o que tem a minha data de aniversário. Sento no sofá enquanto os créditos do filme terminam, e quando a música brega do saxofone sai pelos alto-falantes da TV, prendo a respiração.

— Mighty... Millions... Hoje pode ser o seu dia de...
SORTE!

Meu coração acelera. O que é idiota. Sei, só de olhar para a máquina o tempo inteiro, que as chances são de uma em 302,5 milhões, o que é mais do que o próprio prêmio.

Mas, ainda assim.

A primeira bola cai...

29.

17 e 46 vêm em seguida, mas as duas últimas bolas brancas são 01 e 06.

06. 29. 01.

Não tenho ideia de que número saiu na bola dourada, porque todos os sons desaparecem da sala enquanto olho para o bilhete na minha mão.

Não é o que tem minha data de aniversário.

Nenhum dos outros números está no meu bilhete também.

Lágrimas brotam nos meus olhos enquanto sinto o vazio de

antes se abrir debaixo de mim e tentar me puxar para lá, mas cerro minha mandíbula e rapidamente afasto isso. Nada mudou, está tudo bem.

Tem que estar.

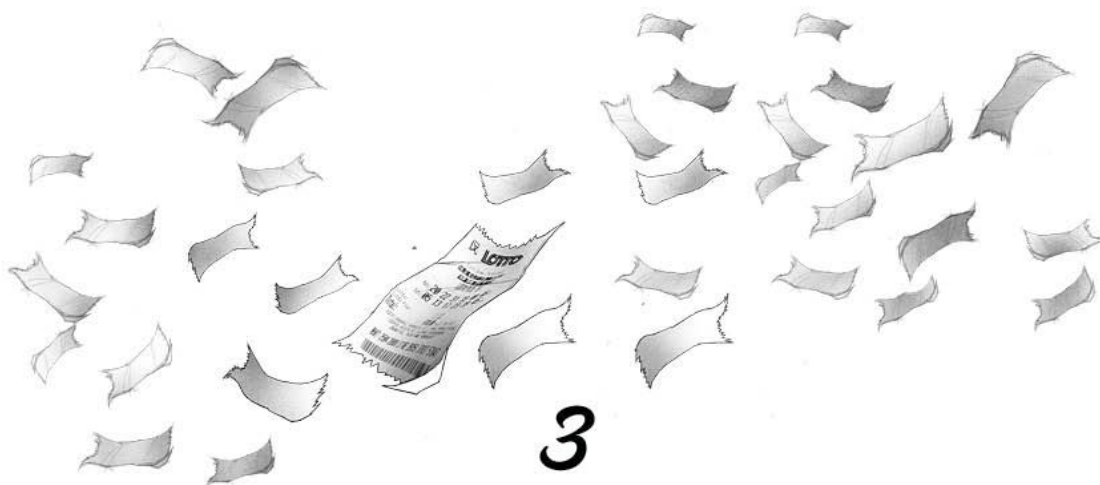
Não faço ideia se os demais números combinam ou não com os outros da senhora idosa — o que parece improvável, mas, de qualquer jeito, ela acabou de ganhar sete dólares.

Acho que, dependendo de como você olhar para isso, eu *sou* um amuleto da sorte.

Certamente espero que *e/a* tenha um Feliz Natal.

[3] Nos EUA, as escolas particulares são divididas por regiões. É o endereço residencial que define onde seus filhos poderão estudar. Em geral, as melhores unidades estão nos bairros mais ricos.

[4] Bebê, você está bem?



O bilhete errado

Ouço um grito agudo, como se alguém tivesse sido esfaqueado.

Minhas pálpebras se abrem, mas não consigo me mover.

A porta do quarto é aberta com força, batendo contra aquela coisinha de metal com ponta de borracha que fica presa na parede perto do chão, e, antes que eu tenha chances de reagir, um corpo voa pelo ar e pousa sobre mim.

— Ai.

— Ele *veio*, Rico, ele veioooo! — Jax senta na minha barriga e me agarra pelos ombros. — Você estava *certaaa*. Papai Noel se IMPORTA comigo!

Então ele viu a bicicleta.

— Este é o melhor Natal de todoos! — grita bem na minha cara com seu bafo matinal de nove anos de idade (*bleh*).

Franzo a testa.

— Do que você está falando, Jaxy?

— Papai Noel veio! Trouxe um Lego de Minecraft incrível e uma bicicleta Raptor Freestyle BMX Deluxe Aro 20 com um guidão reforçado, rodas de liga leve e pedais cheios de nós! É *exatamente* o que eu queria, Rico!

— Que maravilha, carinha!

Ele pula de cima de mim.

— Aguarde até que Mason Bridges sinta o peso *dí*ssó! Rá!

Mason Bridges. O maior rival do Jax. Uma criança que vê a família posicionada no topo da montanha e usa isso como licença para jogar pedras nas pessoas que vivem na parte de baixo. (Aquele idiotinha).

Claro que não tenho coragem de dizer ao Jaxy que as chances são bem pequenas de que Mason *veja* a nova bicicleta legal dele, já que não há possibilidade de que a mamãe o deixe pedalar por três quilômetros até a escola.

Ele corre para fora do quarto, ainda gritando.

Sento e estico-me. Balanço as pernas para fora da minha cama de solteiro. Ainda tenho meu lençol e edredom da Barbie de pele negra de quando tinha a idade do Jax.

É vintage, galera.

E, então, sinto cheiro de canela, o que significa rabanada.

Curioso.

Quando saio do quarto, mamãe está parada no fogão, vestida com seu uniforme de camareira do Hilton. O cabelo escuro

cai pelas costas dela em longas tranças e as bochechas negras de pele clara e com sardas estão coradas.

E temos rabanada.

— Uau! — digo. — Você está cozinhando?

Ela bufa.

— Por que a surpresa? É Natal!

— Mas, mesmo assim, você vai trabalhar. — Como sempre, falho em manter meus “pequenos ressentimentos”, como ela gosta de chamar, para mim mesma. Sinto uma pontada de culpa surgir imediatamente.

Uma manhã comum na casa dos Danger.

— Alguém precisa pagar algumas contas por aqui, Rico — responde em seu tom de voz sarcástico. — Nem todo mundo pode ser o Papai Noel, sabe?

Desta vez, mordo minha língua.

Se eu sabia que ela ficaria furiosa com a bicicleta do Jax? Claro que sim. Seria um alívio financeiro de trezentos dólares que ela não receberia (e não tenho dúvidas de que ela sabe exatamente quanto aquela coisa custa).

Falando no Jax, ele escolhe este momento para aparecer na cozinha gritando:

— É TUDO TÃO MARAVILHOSOOO!

— Legal ver o garoto feliz pelo menos uma vez na vida — digo, mesmo que seja golpe baixo.

Ela me encara, depois olha em volta para se certificar de que ele não ouvirá.

— Você acha isso bonitinho?

Dou de ombros.

— Que meu irmão haja como se fosse Natal no Natal? Parece bem bonitinho para mim.

— Uhum. Bom, quando eles cortarem a droga da luz, pelo menos você poderá ensinar como usar a bicicleta para gerar eletricidade. — Ela empurra a espátula debaixo de uma rabanada com tanta força que ela pula da panela e cai no chão. — Merda.

Pego uma xícara de café da cafeteira — mais para irritar minha mãe, já que ela odeia que eu beba — e carrego até a mesa de jantar que ela encontrou na calçada há dois anos.

— Essa pode ser uma das minhas rabanadas.

Sem resposta. Apenas uma rajada de ar gelado quando ela deixa a cozinha fingindo que não existo.

Tanto faz.

Depois de quase um minuto, ela volta com o casaco sobre o braço e um envelope na mão.

— Vou pegar um turno duplo, a propósito. — Desliza um cartão por cima da mesa para mim.

Feliz Natal para ela também, acho.

— Você sabe que também tenho que trabalhar, né? — pergunto. — Das duas até as dez...

— Estou ciente. Não dá para esquecer com aquele calendário enorme que você colocou na minha parede.

Esse é um dos “pequenos ressentimentos” *dela*. O calendário. A propósito, Stacia Danger se ressentente por qualquer

coisa que se pareça com estrutura, se ela não tiver inventado. Provavelmente isso está ligado ao ressentimento que ela tem de se sentir uma “mãe ruim”.

O problema é que a tentativa dela de ser uma “boa mãe” nos colocou nesta situação em primeiro lugar: vivendo no limite dos nossos salários, o meu e o dela, em uma área que é cara demais para o nosso orçamento.

— E o Jax? — digo.

— Ele vai ficar lá em cima. Já falei com a *Señora Alvarez*.

Graças a Deus a *Señora Alvarez* existe, uma encantadora senhora salvadorenha que vive no apartamento acima do nosso e age como “mãe” substituta desde que nos mudamos. Na verdade, Jax passa tanto tempo com ela que fala um pouco de espanhol.

Mamãe desliga o fogão, seca as mãos em uma toalha e sai da cozinha.

— Vou me atrasar — diz.

— Jax, mamãe vai trabalhar! Venha dar um beijo nela — grito.

Agora parece que ela quer me matar e enterrar junto das provas.

— Não dá para você simplesmente deixá-lo aqui no Natal sem dizer adeus — digo, antes de me levantar da mesa e dar os quatro passos necessários para pegar um par de pratos nos armários. — Onde está a calda?

Ela não responde e, quando me viro, seus olhos estão para baixo, o queixo começando a tremer antes que possa evitar.

Porque não temos calda.

É um dos presentes dela para nós. Rabanada.

Mas não temos calda.

Dou de ombros.

Jax tenta passar por mim, mas eu o faço parar, assim mamãe terá tempo para se recompor.

— Jaxy! Mamãe fez rabanada para nós! O que você diz de prepararmos alguns morangos com açúcar para colocar por cima?

Porque, não importa o que falte neste lugar, *sempre* temos morangos. É a única extravagância que compramos.

— Com certeza! — Jax diz.

— Vá dizer obrigada à mamãe pelo trabalho duro para que ela possa ir embora, ok? — Beijo sua testa.

Enquanto ele corre até ela, mamãe olha para mim e sorri. Um sorriso fraco, mas suficiente.

Um momento de trégua.

— Muito, muito obrigado, mamãe! — Jax diz.

Ela ri e rapidamente seca as próprias lágrimas do rosto.

— De nada, garoto. — Ela o aperta com força.

Aproximo-me para participar do abraço.

— Este é o *melhor* Natal de todos!

— Ok, ok — diz mamãe. — Tenho que correr. — Ela se solta e agarra a bolsa que está na mesa do computador, onde o dinossauro que chamamos de monitor do PC está inabalável e distribuindo olhares de julgamento. — Jax, seja bonzinho com a *Señora* Alvarez, ok? — Beija a bochecha dele, que se solta. —

Tenha uma boa tarde no trabalho, Rico.

— Você também, mamãe. — Engulo meu orgulho. —
Obrigada pelo café da manhã.

Ela assente. Sorri.

Quando a porta da frente se fecha, pego os morangos e começo a cortá-los. Um pouco de açúcar, um pouco de água... Quem precisa de uma porcaria de calda mesmo?

— Jax, café da manhã! — grito assim que termino alguns ovos mexidos e coloco tudo no prato.

Ele vem do quarto com um robô de Lego vermelho em uma das mãos e um verde na outra.

— Robôs de Nataaal — diz, empurrando-os na minha cara.
Dou risada.

— Sabe, agora que a mamãe saiu, nós *podemos* comer na frente da televisão — digo a ele. — Se importa de vermos um pouco de *O Grinch*?

— Siiim! — Ele joga o pequeno punho no ar. — Fodam-se as regraaas!

Meu Deus do Céu.

— JAX!

— Opa... Você não deveria ouvir isso.

Balanço a cabeça e dou um tapa na dele.

— Vamos lá, seu pequeno boca de esgoto!

Assim que ele se senta no sofá, ligo a televisão e coloco no Canal 3. Estico-me para ligar o botão no nosso DVD da era mesozoica (já perdemos o controle há pelo menos três anos), mas

aí:

“Nas notícias de última hora, algumas pessoas estão tendo um Natal muito feliz, já que dois bilhetes vencedores do Mighty Millions foram vendidos na noite passada. Um foi comprado em Wyoming, mas o outro veio de uma máquina aqui mesmo, na Metro Atlanta! O dono da loja de conveniência na Spalding Drive, em Norcross, receberá um bônus de vinte e cinco mil dólares da loteria por ter vendido o bilhete de jackpot vencedor...”

Minha boca fica seca.



Já se passaram cinco dias e ninguém na Geórgia apareceu com o bilhete premiado. Sei disso porque tudo o que tenho feito quando não estou trabalhando é reunir informações sobre as regras da loteria estadual.

Regra número um: o bilhete expira depois de 180 dias. Isso será em 23 de junho, exatos seis dias antes do meu aniversário de dezoito anos.

Regra número dois: os vencedores estão sujeitos a 25% de impostos federais e 6% dos estaduais.

Regra número três: vencedores do prêmio maior no estado da Geórgia não podem coletar o prêmio anonimamente.

Resumindo: alguém maior de dezoito anos que veio ao meu local de trabalho na véspera de Natal está segurando um pedaço de papel que vale cento e seis milhões de dólares norte-

americanos (menos os impostos).

Estou no caixa quando o Senhor Zoughbi sai do escritório para repor cigarros, mas espero até que a loja esteja completamente vazia antes de soltar a pergunta:

— Senhor Z, lembra quantos bilhetes Mighty Millions vendeu na véspera de Natal?

— Ah, que engraçado, criança — diz. — Vendi tantos, é impossível saber.

— Eu vendi... três. Um para um homem de meia idade e dois para uma senhora idosa negra. Não acha que alguém teria vindo a esta altura? O caminhoneiro do Wyoming levou para casa a quantia de 47 milhões e 200 mil, com impostos descontados.

— Ah, nunca se sabe. Talvez nosso vencedor esteja consultando especialistas em finanças e criando um plano. Muitos vencedores caem em uma ruína financeira por não terem se *preparado*. — Ele balança o dedo em minha direção.

Preparar-se é tudo, né, Senhor Z?

— Daqui a algumas semanas, pelo menos, teremos notícias — continua.

Eu concordo. O que ele está dizendo faz total sentido, é claro.

Só não consigo evitar a sensação de que minha vovó fada madrinha está com o bilhete.

Tenho a certeza de que ela acertou pelo menos três dos números. Se um vencedor *definitivamente* veio da nossa loja e *definitivamente* comprou na véspera de Natal, de acordo com os

repórteres...

E se ela esqueceu que comprou? (Ela disse que tinha NMLDM, não eu). E se — Deus que me perdoe — ela *perdeu*?

— Verdade seja dita, o que isso significa para nós? — continua. — A empresa responsável pela loteria já pagou nosso bônus. — Tenta piscar, mas parece apenas que ele tem um problema no olho. — Haverá uma parte para você no próximo pagamento.

Uau.

— Não precisava fazer isso, Senhor Zoughbi. — *Deus me livre desse falso altruísmo do nada!*

— Ah, mas eu quis — diz. — Bônus para mim significa bônus para minha funcionária número um.

Meu rosto esquenta.

— Ah.

— Sou muito grato a você, criança — segue falando. — Verá o quanto em breve.

Ele coloca a última cartela de cigarros na parte de cima e limpa a poeira das mãos.

— Seja quem for o dono do bilhete, desejamos o melhor para ele, ok? Não reclamaria se alguns desses dólares aparecessem no nosso caixa... — Ele me cutuca com o cotovelo. — Mas uma retirada tão grande deve ser feita diretamente no escritório da loteria. Duvido que vamos vê-lo outra vez.

E volta ao escritório.

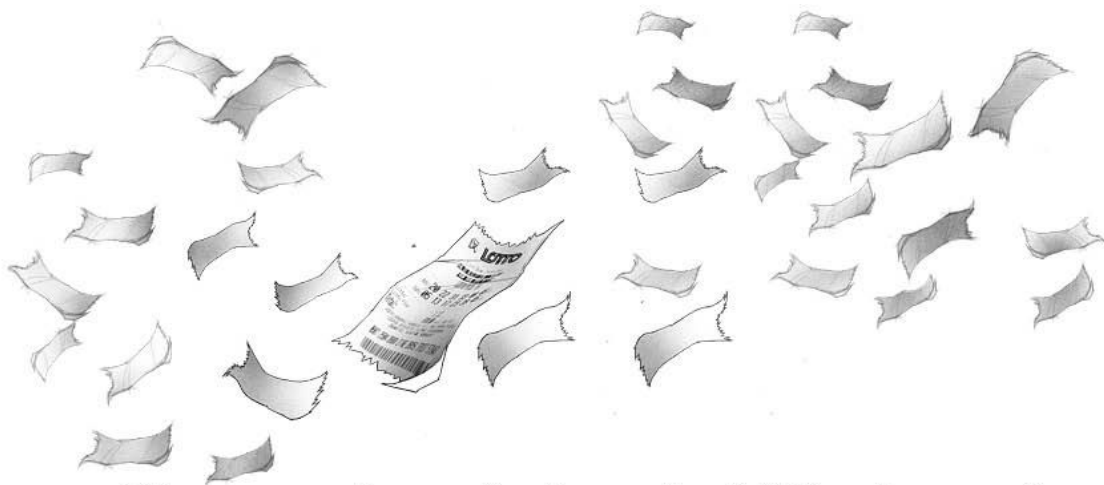
Ele está certo. Sei que está. Quem quer que tenha

comprado o bilhete realmente não tem motivos para voltar à loja (a menos que precise de gás ou raspadinhas artificiais coloridas e saborosas).

Mas isso não faz com que eu pare de me perguntar se tive a chance de ganhar uma bolada — o que mudaria *tudo* instantaneamente — mas escolhi.

O bilhete.

Errado.



Uma palavrinha do bilhete certo

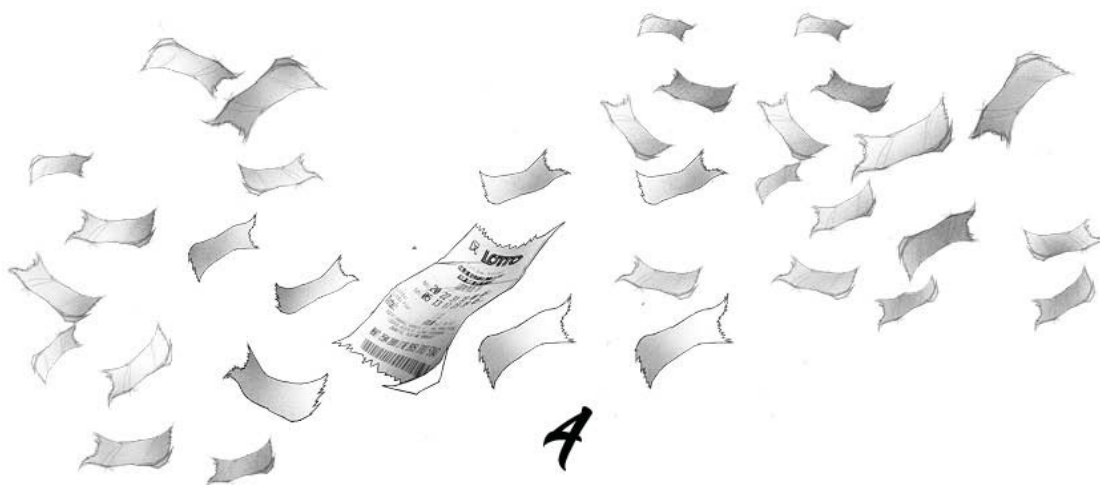
Perdoe-me a interrupção, querido leitor, mas tenho que deixar você saber que isso será uma aventura para mim também. Não é fácil ser um objeto inanimado que vale dólares norteamericanos o suficiente para alimentar uma família de seis pessoas que vive em Chad por mais de quarenta mil anos. (Ou 4.077 famílias de seis pessoas por uma década cada. Como meu valor será distribuído não é uma preocupação minha).

(Não estou exagerando).

No momento, o covarde do George Washington está com a cara feia verde dele esmagada contra a minha, e tem uma notinha de *fast-food* de um mês agarrada atrás de mim sem meu consentimento. Para melhorar, a pessoa que me empurrou dentro desta carteira desgastada esqueceu *totalmente* de mim.

Considerando meu valor, a falta de dignidade nisso tudo é

terrível, não acha?



Bônus!

Cinco mil dólares. Esse é o número no cheque dentro de um cartão de *Feliz Ano Novo!* que o Senhor Z me entregou junto do meu salário normal.

E, em vez de colocar isso na conta que minha mãe tem acesso, saquei a grana. Coloquei em um envelope. Enfiei em um buraco na minha cama box, o mesmo lugar onde escondi dinheiro em segredo por todos esses meses para a bicicleta do Jax.

Toda noite, depois que ele dorme, fecho qualquer que seja o livro que estou lendo, puxo o envelope e conto cada nota. Nunca tive tanto dinheiro antes, e sentir o dinheiro escorregando pelos meus dedos me distrai das outras coisas da vida que frequentemente atormentam meu cérebro na escuridão: o fato de nossas horas de trabalho quase sempre serem suficientes apenas para pagar o aluguel; de minha mãe me tratar mais como parceira e

co-mãe do que como criança; de minha vida de uma garota de dezessete anos ser inteira para estudar, trabalhar e dormir; de eu não ter amigos.

Essa última tem me afetado bastante ultimamente. Ficou mais viva algumas manhãs atrás, quando deixei meu apartamento para ir à escola, encaminhando-me para o ponto de ônibus no mesmo momento em que Jessica Barlow — representante de turma, líder de torcida principal e garota mais popular da escola — deixava o apartamento ao lado.

Um alarme soou e eu congelei, como um animal que vê faróis se aproximarem. Lembro-me vagamente de vê-la mudar-se, sabe-se lá há quantos anos, mas nunca tinha a encontrado por aqui desde então. E, tirando os sons que não combinam com a imagem brilhante que ela tem e que, de vez em quando, escapam pelas nossas paredes compartilhadas, esqueço-me de que ela vive ali. Não conheço sua situação — ela é uma das luzinhas brilhantes do círculo pessoal de Zan Macklin e certamente parece uma das crianças ricas —, então a coisa toda foi surpreendente.

Especialmente quando ela sorriu para mim.

Sempre dei o meu melhor para manter a cabeça baixa — o que é algo fácil de fazer quando parece que ninguém percebe que você existe (mesmo que eu admita estar encarando muito mais a nuca do Zan Macklin nas aulas de História ultimamente, perguntando-me se ele *realmente* fez contato visual comigo naquela noite na loja). Mas perceber que ela me viu? Talvez antes eu tivesse ignorado a coisa toda. Mas, desde que vi a data do meu aniversário

naquele bilhete, é como se um mundo de possibilidades tivesse se aberto, e agora constantemente eu me encontro... curiosa.

O que parece perigoso. Há poucas coisas piores para uma criança pobre do que criar coragem para ter esperança e depois vê-la ser pulverizada em partículas subatômicas sob o peso de (outra) decepção.

Então eu conto meu dinheiro.

Mas, então, na tarde de vinte e quatro de janeiro, o Senhor Nota de Cinquenta Dólares entra na loja enquanto estou preenchendo a prateleira com revistas. Ele olha por cima de mim enquanto pega a última edição da *Playboy*, mas certamente não há vergonha nenhuma no seu rosto quando me vê.

— Olá — diz, segurando a revista no peito. Na capa, há uma moça usando um par de jeans aberto, com suspensórios estrategicamente posicionados.

Forço um sorriso para não franzir o rosto.

— Olá.

— Rico, não é? Você estava aqui na véspera de Natal?

— Uhum. — Coloco a última *Car and Driver* no lugar. Levanto-me e limpo as mãos. — Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa hoje?

— Não, acho que já encontrei! — Ele levanta a revista.

(Posso vomitar agora?).

— Ok, então. — Viro-me para voltar ao caixa e ele me segue. Tenta me entregar a revista para passar no scanner.

— Apenas fique segurando — digo, porque não vou tocar

naquilo.

O scanner funciona. 14,37 dólares, incluindo as taxas.

Claro que ele me dá uma nota de cinquenta.

— Então você teve um bom Natal, Rico? Um feliz Ano Novo?

Dou de ombros.

— Nada mal. Você?

— Bom, entre mim e você, seria ainda melhor se eu tivesse comprado aquele bilhete premiado do Mighty Millions — diz. — Alguém já veio buscar?

Então não é ele. A menos que esteja blefando... Mas, por que faria isso?

— Não que eu saiba, senhor. — Conto o troco e deslizo na sua direção. — Tenho certeza de que descobriremos eventualmente.



À noite, não consigo dormir. Não posso. Toda vez que fecho meus olhos, vejo o rosto sorridente da senhorinha que fez o meu trabalho na véspera de Natal ser um pouco menos horrível. Contar o dinheiro do bônus não ajuda, porque tudo que consigo pensar é no fato de que alguém — talvez ela... (também conhecido como “quase *eu*”) — poderia perder a oportunidade de contar 1.059.950 notas de cem dólares *a mais* do que tenho em posse atualmente.

Quando o sol nasce, estou enrolada em um cobertor na sacada, olhando para a velha caminhonete da mamãe. A pintura vermelha desbotou do teto e um dos pneus traseiros está murcho. Entro novamente para fazer café e ligo no jornal matinal de Atlanta.

A primeira notícia que eu vejo?

“O vencedor do Mighty Millions de Wyoming, Wally Winkle, está prestes a se tornar uma estrela de televisão! JACKPOT!, reality show de dez episódios, irá seguir o antigo motorista de caminhão enquanto ele se ajusta ao novo estilo de vida. O primeiro episódio vai ao ar na quinta-feira, sete de fevereiro, às oito da noite no canal MoneyVision.”

Desligo. Mordo meu lábio. Olho em volta para as paredes sujas e os móveis de segunda mão na nossa sala de estar do tamanho de um armário.

Cento e seis milhões de dólares. Em algum lugar por aí.

As coisas que eu conseguiria *fazer* com tanto dinheiro...

Vendi três bilhetes Mighty Millions na véspera de Natal, há exatamente um mês. Dois deles não eram premiados. Pode ser que o Senhor Zoughbi tenha vendido mais cedo? Claro. Mas agora eu sei que o número da bola vencedora é, de fato, 07, e que as chances de acertar três bolas brancas mais a bola vencedora são uma em 14.547. O que, sim, aumenta em 21.000 vezes a chance de vencer o prêmio final... Mas, quais as chances de *dois* bilhetes com esses números serem vendidos na mesma loja, no mesmo dia?

Fala sério.

Como eu teria *certeza* disso? E o que eu deveria *fazer* com

isso? Não é como se minha vovó fada madrinha tivesse deixado seu nome, número e me convidado para um chá.

Havia outras três pessoas, incluindo eu, naquela loja quando a senhorinha saiu, seu suéter de Natal todo iluminado, segurando um bilhete com pelo menos quatro de seis números certos. Sei que uma dessas pessoas — o Senhor Bashir Zoughbi — não concordaria se eu fosse perseguir um dos seus clientes, então ele não me *daria* acesso às câmeras de segurança que preciso para tentar descobrir que tipo de carro a senhora estava dirigindo.

Eu *poderia* tentar acessar a monstruosidade de tela plana e alta tecnologia que fica em cima da mesa do Senhor Z — as imagens das câmeras de fora da loja devem estar lá em algum lugar, certo? Mas, de novo, o único computador com o qual eu realmente interajo com frequência é o Tiranossauro Rex que ainda roda o Windows 8.1. Talvez não seja uma boa ideia.

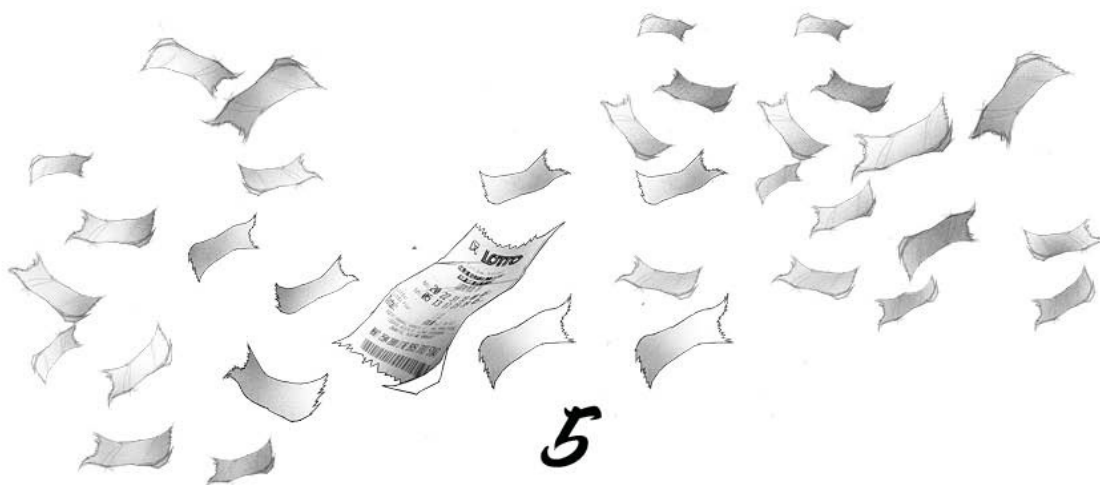
O que me deixa com uma única (muito rica, bonita e intimidante) outra chance em potencial.

Meus olhos caem para o buraco no sofá, que foi se abrindo ao longo dos anos porque o Jax mexe nele quando está ansioso (o que acontece o tempo todo).

Estou mexendo nele agora mesmo.

Certamente espero que haja alguma coisa substancial debaixo do corte de cabelo de cem dólares de Zan Macklin.

Talvez aqueles rumores sobre ser hacker sejam verdade.



Uma ideia terrível

E agora estou escondida no banheiro.

— A droga de cento e seis MILHÕES, Rico — sussurro de dentro do box do banheiro aparentemente usado. — Reconponha-se!

— Hm, está tudo bem aí dentro? — diz uma voz de fora do cubículo.

Ops.

— Sim, estou bem — digo. — Só... comi um burrito estragado no café da manhã.

— Que nojo...

Mas funciona. Ouço um estalo de algo se fechando e o som de sapatos se afastando logo depois.

— Ok, respire fundo.

Quase perdi o ônibus hoje de manhã, porque passei tempo

demais procurando o que vestir. Percebi que, se vou começar uma conversa com o príncipe do papel higiênico, deveria me parecer com o mais próximo de um milhão de dólares possível... Mas depois descobri que o que tenho de mais caro no armário é um vestido super colado de quarenta dólares que mamãe encontrou escondido na promoção de uma loja de departamentos — e, na última vez em que usei *aquilo*, meu parceiro de laboratório sem cérebro ergueu o vidro de fundo redondo de química que estávamos usando para nosso experimento, olhou-me lascivamente e disse:

— Esqueça a bunda... A gata tem *curvas*.

Então esse vestido era um “de jeito nenhum”.

O sino toca, sinalizando o final do segundo almoço, início do terceiro.

Chegou a hora.

Saio do cubículo quando um grupo de líderes de torcida entra.

Não dão nem uma mínima olhada em minha direção.

Empurro a porta para sair e, antes que possa pensar muito a respeito, corro as mãos pela frente da saia godê que coloquei quando mamãe começou a gritar sobre “pontualidade”, levanto o queixo e encontro meu caminho para a cafeteria.

Nenhuma cabeça se vira. (Típico).

Zan está sentado no final da mesa de sempre, o que *deveria* tornar isso mais fácil. Acho que depende se ele irá resistir ou não.

Chego à mesa, e estou me movendo rapidamente.

A coisa toda é uma ideia terrível. Talvez eu devesse passar direto. Eles provavelmente não notariam que eu estou caminhando em alta velocidade como uma aberração.

Mas, então, meu olhar se encontra com Jessica Barlow. Que está me vigiando. Ela sorri (*que estranho!*) e forço um sorriso de lábios fechados de volta, mas, quando passo por ela, ainda encarando, a cabeça dela se inclina, intrigada.

Agora não há mais volta.

Um dos caras conta uma piada e todo mundo ri. Zander diz alguma coisa para o garoto negro sentado em frente a ele (acho que seu nome é Finesse), depois coloca a garrafa d'água na mesa... Bem quando passo por ele, agarro seu braço e puxo-o.

— Opa — diz, e tenho certeza de que está me encarando, mas estou tentando manter meu impulso, então não olho para trás. Dou, no entanto, o maior suspiro de alívio da vida quando sinto que ele vem comigo. — Acho que estou sendo convocado — continua, e levanta-se para permitir que eu o arraste comigo enquanto todo mundo ri.

O suéter que está vestindo deve ser de cashmere ou algo do tipo. É de longe o mais macio que já toquei. Seus bíceps também não parecem nada mal.

É só quando passamos pelas portas abertas para a escadaria oeste que isso me atinge: *acabei de puxar Zan Endinheirado Macklin de sua mesa de almoço na frente de todo mundo. E ele realmente veio. Puta mer...*

— Nosso destino final será dentro do prédio pelo menos?

— questiona.

Paro e solto seu braço, mas não consigo me obrigar a encará-lo agora.

Santa Madrepérola, não tinha pensado nisso.

— *Alôoooo*? Sequestradora?

Respiro fundo e viro-me.

Deus.

O cara se parece (e cheira) como se tivesse acabado de sair do catálogo de Natal da J. Crew.

É nojento.

Ele sorri para mim.

— Oi.

— Hm, oi. — Olho para os meus pés.

Não, Rico! Levante a cabeça, droga!

E... *Argh*. Sabia que ele era bronzeado para um cara branco, mas seus olhos são bem mais verdes do que eu esperava. As sobrancelhas dele são super grossas, ele tem cravinhos no queixo e uma espinha horrível surgindo do espaço ao lado da narina esquerda. Exalo. E quase sorrio.

— Preciso falar com você — digo.

Ele ri.

— Percebi que sim depois do rapto na cafeteria.

— Ah. — *O que eu digo?* — Hm, sou a Rico, a propósito.

— Zan.

Engulo a vontade de bufar.

— Eu sei.

— Eu também — responde.

Hmm.

— Ok, vou falar de uma vez...

— Seria legal. Não consegui terminar meu lanche.

Idiota.

— Eu... preciso da sua ajuda.

— Agora? — Cruza os braços.

Dessa vez eu bufo totalmente. Com tanta força que minha franja com início de um *frizz* flutua. Ele é meio que frustrante. E tem um cheiro muito bom. É confuso.

— Sim, agora.

— Você não é a mesma garota que me evitou como se eu fosse uma praga quando entrei no seu local de trabalho na véspera de Natal?

Ele é assim mesmo?

— Meu “local de trabalho”? Quem é que fala assim?

— Admita. Você estava me evitando totalmente.

— Não estava.

— Ótimo. — Ele dá de ombros e se vira para sair.

— Espera, não!

— Então você *estava* me evitando?

— Isso é completamente irrelevante para...

— Minha comida está me esperando.

ARGH!

— Ok, *ótimo*. Sim, eu estava te evitando.

Ele assente.

— Foi o que pensei. Agora, como posso estar a seu serviço, querida Ri...

O sino toca.

Bato na minha testa e as sobrancelhas dele se unem um pouquinho. Seus olhos verdes estranhos queimam por uma trilha aleatória enquanto percorrem todo meu rosto, sua cabeça se move em direção ao ombro até que ele pareça estar examinando uma peça de arte abstrata de outro ângulo ou algo do tipo.

Me dá nos nervos. Especialmente porque ele exala riqueza.

Não posso nem mais olhar para ele.

— Será que podemos conversar depois da escola? — peço, enquanto meu olhar cai. — Tenho que trabalhar das quatro às oito, mas talvez você possa me encontrar no Parque Tensonwood às três e meia. É no final da estrada do posto de gasolina...

— Sei onde o parque fica, Rico.

Cerro os dentes. Não sei por que não estava esperando que ele fosse arrogante assim. *Cento e seis mi-lhões, Rico!*

Engulo minha dignidade e forço-me a fazer contato visual novamente.

— Por favor?

Ele coça o queixo e olha para cima, para o teto, fingindo pensar enquanto a escadaria começa a encher. Depois volta para mim.

— Vai parar de me evitar?

Que egomaníaco!

— Vou parar de evitar você.

— Promete?

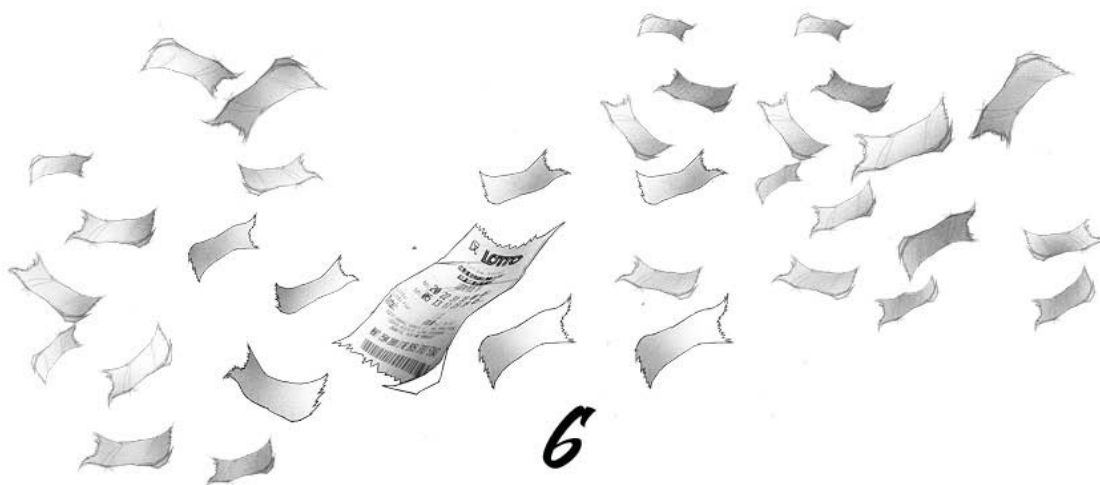
— Meu Deus do Céu!

Ele ri.

— Ok.

— Ok?

— Ok — repete. — Encontro você nos balanços.



A única chance

Imagine meu choque quando chego ao parquinho às 15h20 e Mano Zan (outro apelido que escutei nos corredores) já está lá. Nos balanços, como disse.

Suas pernas enormes balançam, balançam, balançam, e ele voa tão alto que as correntes ficam frouxas na parte de cima. Quando me vê, pula no auge do seu próximo arco. Seus braços se levantam e seus cabelos escuros flutuam na brisa enquanto pausa.

Não consigo desviar o olhar.

Ele tira a sujeira da calça, abre os braços e sorri.

— Rico! — diz. — Ótimo encontrar você por aqui.

Rolo meus olhos, mas, se for honesta, é uma tentativa de esconder quão desconfortável estou. Falar com Zan Macklin nos corredores obscuros da Norcross High School com outras pessoas ao redor é uma coisa... Mas isso? No ar livre, o sol brilhando, cara a

cara? É como se eu pudesse sentir o tanto que minhas roupas estão sujas e desgastadas — a jaqueta, camisa, saia, tudinho.

Ele se encaminha para sentar em um banco e bate no espaço ao seu lado, então respiro fundo e aceito meu destino, colocando as mãos debaixo das coxas e encarando os pés. O contraste entre os sapatos brogues antigos marrons (*que estudante do último ano do ensino médio ainda usa isso?*) e minhas botas gastas de brechó seria suficiente para me fazer literalmente fugir se não estivesse tão desesperada.

Cento. E. Seis. Milhõeeees...

O que provavelmente é o tanto que esse cara tem em sua poupança...

— Fale com o Zan aqui, ó Fugitiva — diz, girando um desses brinquedinhos *spinner* amarelo-neon, que parece ter surgido do além.

— Ah, meu Deus, você vai deixar isso *pra lá*? — Meu rosto parece a fúria dos infernos de tão mortificada que estou.

— Não vou. — Ele ergue ainda mais o nariz. — O que foi que eu fiz para você, hein?

— Achei que você nem sabia quem eu era.

Não quis dizer aquilo em voz alta, mas, quando ele nem respondeu, virei-me em sua direção. Como por um instinto estranho.

Uma das sobrancelhas grossas está praticamente se pegando com o começo do seu cabelo.

— Você não está falando sério.

— Por que eu não estaria?

— Bom, primeiro, você esteve em nove das minhas aulas ao longo dos anos.

— Foi isso tudo mesmo? — *E ele realmente está contando?*

— Foi sim.

Hmm...

— Continue.

— Em segundo, seu nome é *Rico Danger*.

— Na verdade é *DON-gãr...*

Ele fica... aterrorizado, pelo que parece.

— Por que você *diria* isso para alguém?

— Porque é a verdade?

Ele balança a cabeça e gira o *spinner* outra vez.

— Tem alguma ideia de quão incrível seria ter “*perigo*” como sobrenome? Se seu futuro marido não pegar o *seu* nome, ele é um idiota.

— Futuro marido?

— Ou esposa — emenda. — Cônjuge. Pronto, cônjuge. — Suas bochechas começam a corar, e, ok, talvez eu tenha rido um pouco. Parcialmente porque Zan Macklin acabou de sugerir que me casarei algum dia. *Puft*.

— Isso é uma risada? A Fugitiva está derretendo para o bom e velho Zanny Zan?

— Você deve ter algum problema de ego, *Zanny Zan*. Dar apelidos a si mesmo é demais.

Agora *ele* ri.

— *Touché*, Rainha do Gelo.

Ele se recosta e estica o braço na parte de trás do banco. Seu perfume é como um soco nos meus receptores olfativos e minha cabeça fica um pouco confusa. Cara, o que tem *nisso*?

Engulo em seco.

— Então, qual é o terceiro?

— Terceiro? — questiona.

— Você me deu um *primeiro*, um *segundo*... o que implica ter um *terceiro*, não? As coisas geralmente vêm em trios, né? — Eu estou realmente sentada aqui falando com Zan Macklin como se o conhecesse *de verdade*?

Que loucura.

— Quem tem um problema de ego agora, hein, Danger?

O canto da minha boca se ergue, apesar dos meus protestos internos.

— Tanto faz.

— Uhum.

— Pare com isso.

Tenho que dizer: Zan Macklin é bem mais pé no chão do que eu esperava. Estou (cautelosa, porém) agradavelmente surpresa — e otimista.

Ele está sorrindo agora. E olhando para mim. Posso ver na minha visão periférica.

— Realmente tem um *terceiro* — comenta.

— Ok...

Alguns segundos se passam. Depois mais alguns.

Nada.

Mas sua falta de resposta faz com que minha cabeça gire por instinto... Ele está corando completamente agora.

— Bom... — insisto.

— Bom o quê?

— Qual é o *terceiro*?

— Bom, em terceiro, você é... — Ele olha para mim. — Bom, você é você.

— O que isso deveria significar?

— Você é... esteticamente única.

— Única. — Odeio essa palavra.

— Sim. Diferente. Singular. O que você quiser chamar.

— Ok...

— É um elogio. Vamos aos negócios, ok?

Engulo novamente. E olho para o relógio dele. O que praticamente faz um buraco em qualquer que seja a conexão que estava sentindo com o bom e velho *Zanny Zan*. Apesar de ele estar brincando com um *spinner* que meu irmão de nove anos estaria bem interessado.

Deus, no que diabos eu estava pensando ao colocar minhas mãozinhas sujas no Sultão dos Produtos Sanitários? Pelo menos minhas unhas estão limpas?

Certamente espio na direção delas.

— Sobre o que você queria falar comigo? — questiona.

Não consigo responder. É como se as letras se desfizessem quando as palavras atingem a ponta da minha língua.

— Rico, se você queria que eu a levasse a um encontro no parque, tudo o que tinha que fazer era pedir.

— Uau, *não* é sobre isso que eu queria falar.

Ele dá um sorriso largo.

— Então...?

Por que é tão difícil?

— Ok — digo. Respiro fundo. Ele é apenas um cara. Com uma boa grana, sim, mas que também tem uma cratera em formato de espinha ao lado do nariz olhando-me com raiva. — Lembra que, quando você entrou na loja na véspera de Natal, tinha uma senhorinha saindo?

— Quer dizer, na noite em que você me evitou?

— Pare. A senhora era negra retinta e tinha cabelo branco, você segurou a porta aberta para ela. Chamou você de “belezura”.

— Uau, Rico. E eu achando que você não estava prestando atenção nenhuma em mim.

Eu o encaro. Claro que ele ri.

— Estou só brincando com você. Claro. Eu me lembro dela.

Um alívio, pelo menos.

— Bom, preciso encontrá-la — digo.

— Por quê?

Já sabia que faria essa pergunta. Realmente sabia. Só falhei em pensar em uma resposta viável.

— Eu... quero me reconectar com ela.

— Ah! — Aperta as mãos no colo. — E o que isso tem a

ver comigo?

— Bom, primeiro, você é a única outra pessoa que *eu* conheço que sabe como ela se parece. — Além do meu chefe, mas espero que não pergunte sobre isso.

— E em *segundo*? — Ele pisca.

Eu me viro.

— Ouvi dizer que você, talvez, hm... seja bom com computadores?

— Oi?

— Algo sobre você ter sido expulso da escola particular por ter *hackeado* o servidor e dado nota máxima para todos os alunos do time de futebol americano da oitava série.

Ele levanta o queixo, mas não antes de eu ver um brilho perverso nos seus olhos.

— Não sei de nada do que você está dizendo, Agente Danger.

— *Agente Danger*? Sério?

Ele fica vermelho de novo!

O que faz o meu rosto ficar quente. Neste momento, estou grata pela minha pele possuir um alto nível de melanina.

(Isso está ficando ridículo).

Limpo a garganta.

— Preciso entrar no sistema de câmeras de segurança e checar a filmagem da véspera de Natal para ver se consigo encontrar a placa dela.

— Ela pegou um táxi.

Minha cabeça vira para a esquerda.

— Pegou?

— Sim.

— Você lembra o nome da companhia de táxi?

Balança a cabeça.

— Não posso dizer que me lembro.

— Ok, então as câmeras de segurança são minha única esperança...

— E você quer que eu *hackeie* os arquivos do seu local de trabalho?

Engulo.

— Basicamente.

— Não. — E cruza os braços.

Suspiro.

— A menos que você me conte por que quer encontrá-la — diz.

Respiro profundamente. Inalo o cheiro de seu (fascinante) perfume.

Que provavelmente custou mais do que nosso orçamento semanal de mercado.

Agora, toda vez que respiro, pergunto-me quão óbvio isso fica para ele: o fato de que tenho muito menos do que ele. Será que dá para ele sentir o cheiro da loção Johnson's Baby de cinco dólares (o pote grande) na minha pele ou o condicionador Suave de dois dólares que coloco no cabelo cacheado? O que ele diria se soubesse que minha saia está presa por um alfinete ou que uso os

mesmos cadarços destes sapatos em outro par?

Que tipo de suposições ele fará se contar sobre o bilhete?

Sim, poderia dizer o que planejei: acho que a senhora está com o bilhete do grande prêmio e não sabe. Que ela me impressionou, que acho que merece receber a grana e aproveitar o resto do seu tempo aqui neste mundo frequentemente cruel.

Mas ele acreditaria?

Também: o que acontece se ele decidir que *e/le* quer o bilhete? Todo rico parece saltar em qualquer chance de conseguir mais dinheiro. Inferno. Se esquemas em pirâmides e fraudes corporativas indicam alguma coisa, pessoas ricas *especialmente* parecem...

— Danger? Tudo bem por aí?

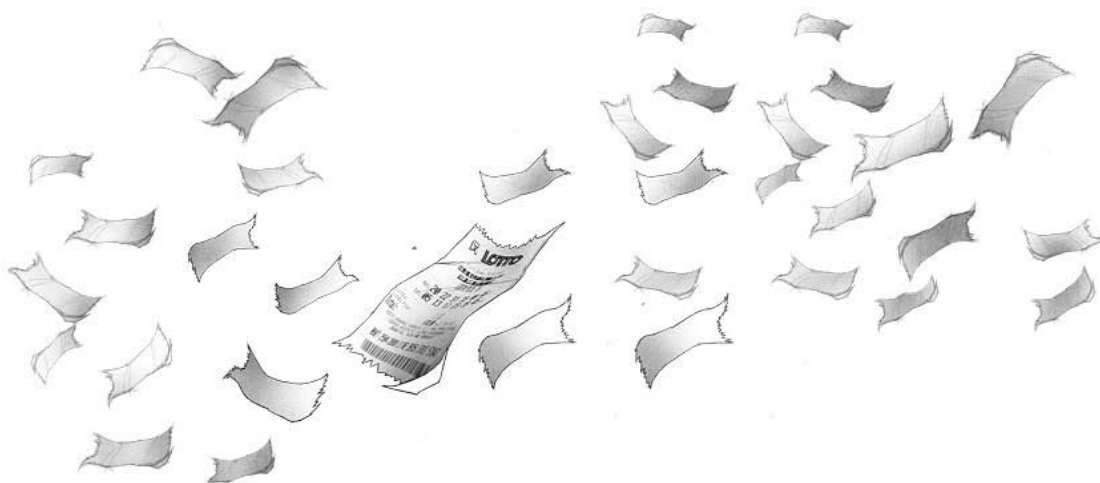
— Sim — digo, com um aceno.

Afinal, que outra opção eu tenho? Se ele pode *hackear* os arquivos de segurança, preciso dele.

Então, respiro fundo. E engulo em seco. E deixo a brisa, mais fria do que esperava, soprar minha saia e me trazer de volta para a realidade.

Olho Zan Macklin diretamente nos seus olhos verdes como dinheiro.

E conto a ele sobre a vovó fada madrinha e o bilhete.



*Uma palavrinha da lista
que a Rico fez alguns dias atrás
e depois jogou fora*

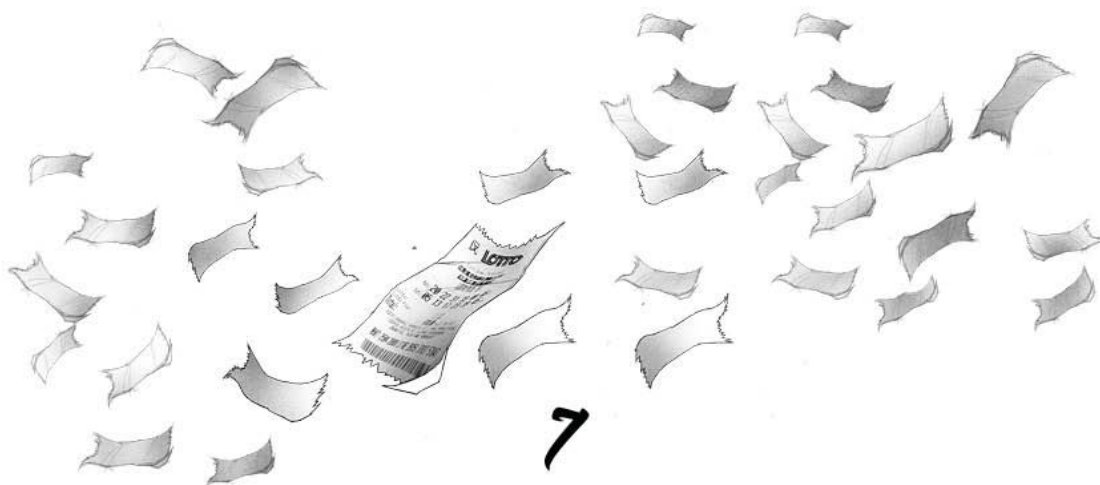
Mesmo estando atualmente manchada com uma mistura de leite e ovos (alguém fez rabanadas?) descartados — e apodrecidos — e coberta de coisas pegajosas da casca de banana velha em que acabei esmagada, achei que fosse importante que você me visse.

Nossa querida Rico não é muito sonhadora — anos de vida adulta forçada e ambições boicotadas fazem isso com uma garota —, mas, em um ataque de insônia, ela me rabiscou no seu bloco de anotações onde faz sua lista de “orçamento mensal e contas”... Depois, prontamente me arrancou de lá, amassou-me com força, como se eu tivesse insultado sua mãe, e me jogou na sua lata de lixo.

Um pouco rude, mas tanto faz. Observe:

Coisas que eu faria se tivesse um montante fixo de \$47,2 milhões:

- Compraria uma casa legal; 4 quartos/4,5 banheiros; dois andares, mais um porão; piscina, de preferência em um loteamento com o nome de “On the River”; e uma despensa na cozinha;
- Plano de saúde BOM plano de saúde;
- Provavelmente comprar uma segunda casa, um pouco menor, só para mim;
- Um carro decente para mim;
- Um Volvo XC90 para a minha mãe;
- Comprar todos os tipos de Lego existentes para o Jax;
- Dar uma boa parte para instituições de caridade que ajudem crianças pobres, especialmente no Natal;
- Criar um fundo para a faculdade do Jaxy.



Não dá para hackear

Às 7h33 da manhã de sábado, Mano Zan Macklin entra na loja com uma camisa desabotoada e seu cabelo escuro, grosso e liso grudado e dividido de lado.

Muito mais atraente do que eu estava preparada, é claro.

Preciso seguir em frente.

— Você chegou! — digo, correndo para pegar seu braço e arrastá-lo para o escritório do Senhor Z.

Ele geme.

— Esse relacionamento não vai durar se você insistir em ficar me arrastando, RG.

Puxo a cadeira de debaixo da mesa e empurro-o para se sentar. Depois eu me ajoelho na frente da mesa.

— RG?

— Rainha do Gelooo.

— Não seja ridículo — respondo, enquanto digito a senha que destrava o chiquérrimo monitor de tela plana/única peça real do computador: *abastecaesejarapido1*. — Sou tão quentinha quanto pão fresco.

Ele bufa e deixa a cabeça cair para trás.

— Ok, então você tem exatamente... — olho meu relógio do Loki... Depois escondo nas minhas costas quando dou uma espiada no caríssimo que ele tem. Deus... — trinta e oito minutos. — Dou um tapinha amigável e esperançoso nos seus ombros, mesmo que me sinta estranha por tocá-lo.

— Por que mesmo estou fazendo isso? — questiona.

— Porque você é um cara legal e está fazendo uma boa ação. Aquele dinheiro poderia transformar os últimos anos de vida de uma senhora idosa em algo que ela nunca sonhou ter.

— Talvez ela não queira mudar de vida. — Ele boceja e balanço minha cabeça, instantaneamente irritada. Esse garoto não tem ideia do que é estar constantemente à beira de não ter o que é necessário para sobreviver.

Deve ser ótimo.

— O Senhor Zoughbi volta para a loja exatamente às oito e quinze. — Fico de pé, desejando, de verdade, ficar bem longe. Ele cheira demais a dinheiro agora e isso me faz querer vomitar e socá-lo bem no seu esterno, onde os botões estão fechados. De preferência, tudo ao mesmo tempo. — É todo seu — finalizo.

Ele não responde.

Dou uma olhada por cima do ombro. Ele está desmaiado.

De boca aberta e tudo.

— Macklin!

— O quê? — solta. — O que aconteceu?

— Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

— Sim, sim. — Ele esfrega os olhos. — Quarenta e oito minutos...

— *Trinta* e oito. Na verdade, não... Trinta e seis agora.

Ele estala os dedos e tira um par de óculos do bolso da camisa.

Claro que ele fica mais gostoso com cara de nerd. O que apenas aumenta minha irritação no momento.

— Se precisar de alguma coisa, estarei lá fora reabastecendo barrinhas de chocolate. Vou deixar a porta do escritório aberta.

— Uhum. — Começa a digitar.

Não me mexo. Ele consegue abrir uma tela preta com um monte de letras verdes, números e símbolos que ficam subindo. E segue digitando. Não tenho ideia de quanto tempo fico olhando da tela para seu rosto concentrado, mas, de repente, ele para.

Coloca os óculos no nariz. (*Pare com isso, Mano Zanny Zan*).

— O sino acabou de tocar — diz.

— Quê?

— Cliente?

— Ai, meu Deus.

Saio correndo do escritório e ele bufa. Será um milagre se

eu sobreviver à próxima meia hora sem ter vapor saindo de todos os meus orifícios faciais.

É quando vejo a careca brilhante do homem parado na frente de uma das portas abertas das geladeiras, e imediatamente quero voltar para o escritório e me esconder debaixo da mesa.

É o Senhor Nota de Cinquenta.

Quando ele começa a se virar, finjo estar ocupada alinhando os maços de cigarro.

— Rico! — saúda, uma vez que chega ao balcão do caixa.

Olho por cima do ombro. Deixo minha sobrancelha se erguer.

— Uau! Você acordou cedo para um sábado.

— *Ha!* Olha quem fala!

— O dever chama. — Dou de ombros.

— A mim também, garota, a mim também... — comenta. — Espero que esteja tendo uma manhã decente.

— Não vai tão mal. Você?

Ele olha para o relógio. (Que se parece com o do Zan. Tão típico).

— Estou atrasado. Mas não importa muito quando você é o chefe, né? — Ele pisca.

Bleh, mete o pé daqui!

Ele paga pelos seus lanches e bebidas (troco de 44,17 dólares), depois sorri.

— Tenha um bom dia, ok, Rico?

— Terei, senhor. Igualmente.

Assim que a porta se fecha atrás do Senhor Nota de Cinquenta, Zan fala. Bom, na verdade, ele grita.

— Ei, RG?

— Pare de me chamar assim.

Ele ri.

— Acredito que você esteja sozinha aí, certo?

— Sim...

— Ok, achei que você deveria saber que as imagens de segurança estão encriptadas.

Uh...

— E para quem não é o nerd dos computadores, isso significa?

— Cale a boca.

Alguns segundos se passam.

— Não, sério — peço, ajoelhando-me para arrumar as barrinhas. — O que isso significa?

— Significa mais trabalho.

Que beleza.

— Quanto mais trabalho?

— Hm... Para mim? Uma boa meia hora, pelo menos.

Olho para o relógio.

— Você tem 22 minutos, Macklin!

— Olha, sua *ingrata*, estou trabalhando o mais rápido que posso. Só queria que você soubesse que posso não ser capaz de decifrar isso com sua restrição de tempo ridículo!

Respira, inspira.

— Posso ajudar com alguma coisa?

— Um desses mocaccino com cor e sabor artificiais seria legal — diz.

Vou até a máquina e faço a bebida. Levo até lá.

Ele está segurando um *spinner*, que está girando com a mão esquerda — esse é dourado.

— Qual é a sua com isso? — Aceno em direção ao brinquedo.

— Às vezes você só precisa de algo para fazer com as mãos, sabe? — Coloca o *spinner* na mesa (ainda girando) e pega o café. Olha para o copo, depois para mim. — Você é uma péssima barista, RG.

— O quê?

— Onde está a droga do chantilly?

— *Argh!* — *Gente rica!* Viro-me em direção à máquina, mas ele coloca o dedo na corda do meu avental e me puxa de volta.

— Estou te zoando, Rico. Tome um calmante, ok?

— Você é irritante, sabia disso? — Coloco o café na mesa.

— E você está mais tensa do que o cabo da pipa de um kitesurf. Precisamos arrumar uma erva da boa para você ou algo do tipo. — Ele toma um gole de café.

— É sério?!

— Qual parte? — Volta a digitar. — Embora, tenho que dizer uma coisa: sinto que conheço você há um bom tempo. Isso é estranho?

— Hm... sim.

— Hm... Bem, você precisa admitir que temos uma conexão, nós dois.

Silenciosamente, pego-me concordando, apesar da vizinha irritante me dizendo para comparar nossos calçados (eu: um Keds que usei e abusei, comprado por 2,50 dólares na feirinha; ele: tenho quase certeza de que é o melhor e mais novo Nike Air Maxes).

Felizmente, porém, antes que eu tenha a chance de surtar e sair correndo, algumas imagens do estacionamento surgem na tela.

— Ah! Você entrou!

— Não. Seu chefe organizou de uma forma que cada mês de gravação tem uma senha diferente. Essa é de janeiro, então estou procurando algum tipo de brecha que me permita entrar nas coisas de dezembro. Ele já foi *hackeado* antes?

Dou de ombros.

— Acho que é possível que sim. Ele comprou um novo software logo depois que a loja foi assaltada por uns idiotas anti-muçulmanos em agosto.

Zan concorda.

— Suponho que quem quer que fez isso entrou no computador e bagunçou algumas coisas, porque nosso amigo mantém os arquivos bem *trancados*.

O sino da porta toca novamente e olho para o meu relógio.

— Mais quinze minutos.

— Vou trabalhar nisso. Vá atender seu cliente.

Só que não é um cliente.

— Senhor Z!

Meu Deus, meu Deus... Merda, merda, MERDA!

— O que você estava fazendo lá atrás, Rico? E com a loja aberta desse jeito? — Anda na direção do escritório.

Meu coração começa a bater em meus ouvidos. Estou completamente morta.

— Você voltou cedo — digo.

— Sim, sim. A loja de donuts tinha acabado de ficar sem os de *cheesecake* de gengibre. — Balança a cabeça, felizmente distraído por um momento. — Uma pena.

— Sinto muito por ouvir isso, Senhor Zoughbi, dono da Gas ‘n’ Go! — *Querido Deus, se você for real, por favor, permita que o Zan escute e pegue a dica de se ESCONDER!*

— Você está agindo muito estranho, mocinha. Está tudo bem? — Ele se aproxima e eu me esforço ao máximo para bloquear o caminho dele para o escritório.

— Tive um, hm... pequeno problema. — Cara, queria mentir um pouco melhor.

— Problema? — Ele olha para a caixa de barrinhas no chão. — Que tipo de problema?

— Ah, nada de mais... O inventário de doces estava bagunçado.

— Ah. Então você está pronta para finalizar o reabastecimento? — Faz um gesto para as caixas.

— Certamente, Senhor Z. — Sorrio e tento puxar a porta

do escritório, mas aí ele diz:

— Não, não. Deixe aberta. Vou entrar.

Ele se aproxima mais. Mais.

Eu. Estou. Morta.

Mas continuo sorrindo. Se eu pudesse fazer a droga dos meus pés se moverem...

— Rico? — diz o Senhor Z quando está a cinco passos de mim. — Você vai...?

— Estou quase terminando aqui — Zan diz de dentro do escritório.

Meu sorriso se desfaz.

— Tem alguém no meu escritório?

O Senhor Z não parece feliz. Na verdade, na última vez que vi o rosto dele como está agora, ele estava do lado de fora da loja coçando a barba enquanto encarava as janelas quebradas e a porta arrombada.

Estou prestes a ser demitida. E se ele ligar para a polícia?

E, então, temos Zany Zanny Macklin, que decidiu que era uma boa ideia se recostar no batente da porta do escritório com as mãos no bolso como se fosse dono do lugar.

Certamente ele acha que é dono de tudo.

Eu o odeio. Eu o odeio muito, muito mesmo.

O Senhor Zoughbi está compreensivelmente furioso.

— E quem é esse, Rico?

— Alexander Gustavo Macklin, senhor — Zan responde, estendendo a mão.

Gustavo?

— A Rico estava com problemas para relacionar o seu inventário físico com aquele que estava no sistema. Seu computador, aparentemente, tinha um VV.

Os olhos do Senhor Z se arregalam.

— Um VV?

— Um Vírus Voldemort, senhor.

— Minha nossa... — Ele está oficialmente chocado.

Engulo uma risada. Mesmo com meu nível iniciante em tecnologia, duvido muito que Vírus Voldemort seja algo real.

— Causou uma falha no seu programa de planilhas que dobrou o número de barras em cada caixa. Arrumei tudo para vocês.

O Senhor Z coloca uma mão no peito e expira. Ele está comprando essa porcaria completamente.

— Muito obrigado, meu jovem! E que bom que você foi lá e encontrou alguém, Rico. — Dá tapinhas nas minhas costas.

Limpo a garganta.

— Não foi nada, Senhor Z. Não queria preocupá-lo. — Estou mentindo para o meu chefe. — Sabia que meu parceiro Zan poderia resolver esse problema.

— Espere apenas um minuto — diz o Senhor Z, e sua expressão muda para algo indecifrável, pelo menos para mim.

O sorriso de um milhão de dólares do Macklin vacila.

Ah, porcaria, ele sacou a nossa.

— Você disse Macklin?

O pomo de Adão do Zan se move.

— Sim, senhor...

— Você! — Os braços do Senhor Zoughbi são arremessados ao ar como torpedos. — Aqui!

Zan olha para mim (como se *eu* soubesse o que estava acontecendo).

— Hm...

— Que dia é este! — continua. — Tem umas coisas que você e eu precisamos discutir.

— Ah, ok?

— É maravilhoso que você tenha consertado meu computador, mas os clientes estão... Eles reclamam do papel higiênico — diz. — Talvez você possa sugerir algo novo? Folha dupla ou mais macio, talvez? Se você me vender a preço de custo, darei a toda sua família um desconto vitalício em bebidas...

Eles desaparecem dentro do escritório e meus joelhos tremem de alívio. Não faço ideia de quanto tempo permaneço aqui, com a boca aberta feito uma imbecil, mas logo os clientes começam a entrar e sair mais rápido do que posso contar. Acabo arrastando a caixa de barrinhas para trás do balcão.

Assim que consigo outra pausa, a porta do escritório é aberta.

— Você é um jovem honesto, Senhor Macklin. — O Senhor Zoughbi joga o braço pelos ombros do Zan e o sacode.

Irrita-me além da conta que meu chefe empreendedor imigrante de sucesso esteja se referindo ao meu colega do ensino

médio como “senhor”. Que droga que o *Alexander* fez para merecer esse tipo de respeito?

Zan olha para mim.

— É ótimo fazer negócios com você, Senhor Zoughbi — diz, piscando em minha direção.

Vou vomitar.

— Você me trará amostras? — diz o Senhor Z.

— Trarei, senhor. O melhor e mais novo rolo de papel sanitário, e o senhor será o primeiro a ver.

— Ouviu isso, Rico? Primeiro tivemos o bilhete vencedor do Mighty Millions, e agora teremos o papel mais macio entre todas as lojas de conveniência do país...

— Do mundo, na verdade, senhor — diz Zan.

— DO MUNDO! — Ele aplaude e levanta as mãos unidas para o céu.

Não há como nada disso ser real.

— Tenho que ir — Zan continua. — Nós nos falamos em breve, Senhor Zoughbi. — Eles apertam as mãos, e então vem na minha direção. — Rico, sempre é um prazer vê-la. — Estica a mão para sacudir a minha. Não há dúvidas sobre o brilho nos olhos dele. É o mesmo que Jax tem pouco antes de se gabar por sair ileso de alguma travessura.

Quando nossas mãos se tocam, ele pressiona um pedaço de papel contra minha palma e me puxa para a frente.

— Venha aqui.

Colido contra seu peito. Depois, ele envolve os braços na

minha cintura e me tira do chão.

O que rolou?

Ele me coloca de volta no chão e deslizo o papel no meu bolso, definitivamente sentindo-me quente por toda parte e *nada* ok com isso.

— Maravilhosos cidadãos de Norcross, Geórgia, este é meu *adieu*! — Acena, e o sino toca na sua saída.

Que doido.

Quando me viro, o Senhor Z está me encarando.

— Rico Danger, sua canalha! Por que não me contou sobre a sua amizade com o Senhor Macklin?

— O Zan é legal, Senhor Z.

— Ele é um jovem muito bem humorado, né? Contou-me várias histórias da infância que vocês compartilharam!

Infância que nós compartilhamos?!

— Sou grato a você, juvenzinha — diz. — Você é uma bênção para mim.

Uau. Não sei nem o que dizer sobre isso. Especialmente porque a gratidão dele está envolvida em uma teia de mentiras.

— Tudo bem por aí? Não precisa de uma pausa para ir ao banheiro?

Pisco.

— Não, senhor. Eu estou... hm... Estou bem.

— Excelente. Vou olhar as planilhas do inventário mais uma vez para ter certeza de que estão todas corretas.

Engulo.

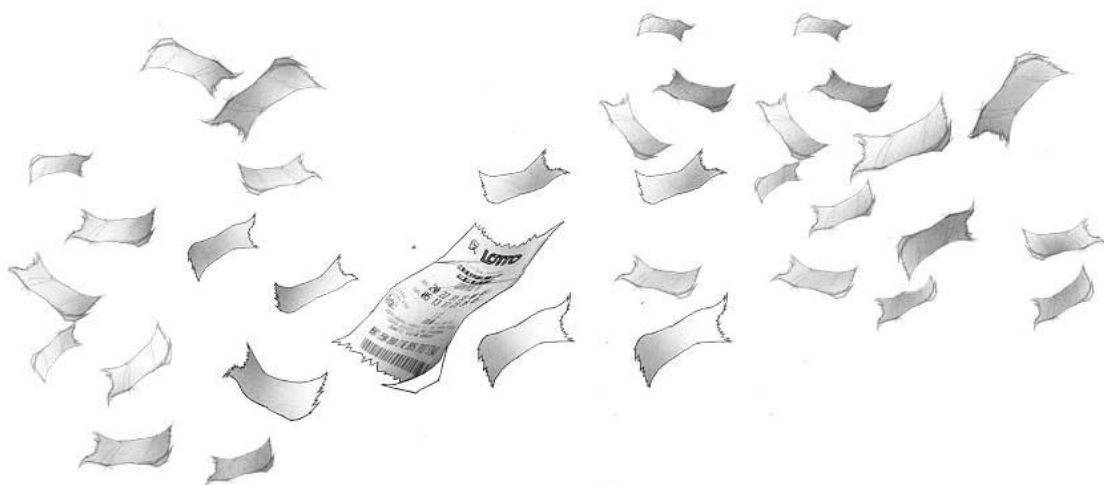
— Ok, senhor.

Ele sorri e desaparece pela porta do escritório.

Uma vez que estou sozinha, puxo o bilhete do Zan. A letra dele é surpreendentemente bonita, mas há apenas uma palavra.

E faz meu coração parecer estar sapateando:

Consegui.



8

Não começamos o incêndio

Quando entro na aula de História Norte-americana na segunda, Macklin Endinheirado está sentado na mesa ao lado da minha. Além de as pessoas estarem olhando de lado para mim enquanto sigo para o fundo da sala, quando passo pelo assento de sempre do Zan, o rapaz que normalmente fica ao meu lado lança adagas com os olhos no meu rosto como se eu fosse cúmplice de um assassinato.

O que é... estranho?

Zan acena para mim enquanto me sento.

— Lady Danger — cumprimenta.

Balanço a cabeça, tentando fortemente esconder o sorriso.

— Parece que Amit está bem furo da vida por você ter roubado o assento dele, Macklin — digo.

— Tecnicamente, seria puto da vida mesmo. E, de todo jeito, paguei vinte dólares a ele. Só está bravo porque não dobrei o valor.

Espera.

— Você *pagou* a ele? — *Para se sentar ao meu lado?*

Estou lisonjeada? Ou irritada com seu desprendimento de gastar vinte paus sem se preocupar?

Isso é confuso.

— Sim. Você e eu temos muito a discutir.

— Nós temos?

Joga os braços no ar.

— Você *não* leu meu bilhete no sábado, Danger?

— Ah, você quer dizer este bilhete aqui? — Puxo do bolso da camisa de botão que roubei do armário da minha mãe esta manhã.

— *Own!* — Ele coloca a mão no meu ombro. — Você o guardou no coração!

— Sim, tanto faz. — Quase não dormi o fim de semana inteiro porque não conseguia descobrir o que essa droga queria dizer. — Fiquei tão impressionada com sua especificidade que quase não consegui suportar.

— Vou precisar de uma armadura para sobreviver ao seu sarcasmo afiado, ó Gelada.

— Por que você continua me chamando assim?

Ele se inclina para mim. Fico tonta com seu perfume enfeitiçante.

— Acho que a pergunta mais urgente é: por que você não aceita o apelido?

Abro a boca para responder, mas o sino toca, e o Senhor Tripathi entra para começar a aula.

Não posso mentir: saber que O Zan Macklin está sentado ao meu lado na aula *de propósito* é um pouco perturbador. Em cinco minutos, o Senhor Tripathi soa como o professor do Charlie Brown em *Peanuts*... *Blá, blá, blá... Blá, blá, blá...*

Coloco o cotovelo na mesa e posiciono o queixo sobre ele para evitar que minha cabeça caia, enquanto ele balbucia sobre uma música chamada *We Didn't Start the Fire*. Do nada, algo pontudo me belisca no braço.

Eu grito. Todas as cabeças da sala se viram.

— Está tudo bem, Senhorita *Don-gãr*? — Porque, é claro, o Senhor Tripathi diz o nome corretamente.

E eu estou mortificada.

— Sim. Desculpe, senhor — digo.

Ele assente e todo mundo vira para frente.

— Nossa, RG. Será que dá para ser menos discreta? — Zan sussurra logo que Tripathi gira para o quadro interativo.

Faço uma careta para ele, que aponta para minha mesa. Há um bilhete dobrado em um pequeno triângulo.

Claro que ele faria no formato do futebol de papel.

Desdobro.

Sabe, provavelmente deveríamos trocar números de telefone...

A facada no braço se torna uma facada no estômago com

este lembrete afiado de que tenho um baixo “status socioeconômico”, como Tripathi se refere. Porque, mesmo que tecnicamente eu *tenha* um telefone — uma imitação pré-paga dos iPhones e Galaxies grudados nas mãos de todo mundo —, ele é exclusivamente para emergências e não posso nem mandar mensagens.

E é por isso que mantenho o número para mim mesma. Meu interior se contorce apenas com a *ideia* de ter pessoas me olhando de lado quando descobrirem que não tenho algo considerado tão básico para “esta geração”.

Ugh.

Hm... Não costumo dar meu número. Pode me dar o seu... Se quiser.

678.555.3525

Anoto na margem do meu caderno (em que não escrevi uma anotação sequer hoje).

Obrigada.

Só para atualizar: consegui recuperar dos arquivos de segurança uma foto da sua vovó fofa. A qualidade está uma droga, mas é melhor que nada...

Escrevo de volta:

Ótimo, mas, por favor, nunca mais diga “sua vovó fofa” novamente.

Ok. Ela pegou um táxi naquela noite.

Sim. Você me falou.

Consegui a placa.

Ponto!

Aff, você é incrível!

Vejo suas bochechas ficarem vermelhas enquanto lê.
Longe demais? Talvez tenha ido longe demais.

Não sou, mas obrigado, eu acho.

Sendo modesto? Estranho.

Então, qual é?

Qual é o quê?

O número da placa?

Não importa.

O que você quer dizer com “não importa”?!

Confiar no Zan, você deve.

Agora você é algum tipo de Jesus Yoda?

Ele bufa.

Claro que todo mundo olha novamente.

— Senhor Macklin? Posso saber qual é a graça? —
questiona Tripathi. (Não acho que Tripathi goste muito do Zan. Não
que eu o culpe...).

— Não, senhor — responde Zan. — Um mosquito pousou
no meu nariz. Por favor, continue.

Todo mundo ri. A mandíbula do Tripathi se aperta, mas ele
vira de costas.

Depois de um minuto, o bilhete volta para mim. Meio que

odeio quão empolgada estou quando sinto o cutucão no braço. É que... Bom, esta é meio que minha primeira vez trocando bilhetinhos na aula. A primeiríssima. Perceber isso serve para me lembrar da minha escassez de, você sabe, amigos. E tempo livre. Para fazer amigos.

Você é engraçada, RG.

Diz o bilhete dessa vez.

Obrigada.

De nada. O motivo pelo qual o número da placa não é importante é porque já fiz algumas ligações e consegui o nome da companhia de táxi.

Ok, pausa. Afinal, por que ele faria tudo isso? Tudo que pedi foi ajuda para entrar nos arquivos das câmeras de segurança. Agora ele está procurando por mais informações por conta própria?

Não tenho certeza se gosto disso.

Ah...

Nós podemos ir ao quartel general deles depois da escola... Tentar pegar o nome do motorista e entrar em contato com ele para ver se lembra aonde a levou.

Então esse é um lance entre “nós” agora? Meio que tenho que entrar na pilha: ele tem as informações. Exceto...

Hoje não posso. Compromisso importante.

Ah...

Sim. Desculpa.

Amanhã?

Tenho que trabalhar.

Então, quando nós vamos, Danger?

Além da suspeita que deixa minha pele formigando pelos motivos de Zan Macklin, posso agora adicionar “aborrecimento” à sua frequente falta de consideração pelo fato de algumas pessoas terem que efetivamente *trabalhar* pelo próprio dinheiro.

Talvez ter pedido ajuda a ele *tenha sido* uma ideia terrível.

Tarde demais para voltar atrás agora.

Sábado?

Aceitar minha sorte, eu devo.

Ok, agora você já tá inventando essa merda.

Ele gargalha. Bem alto.

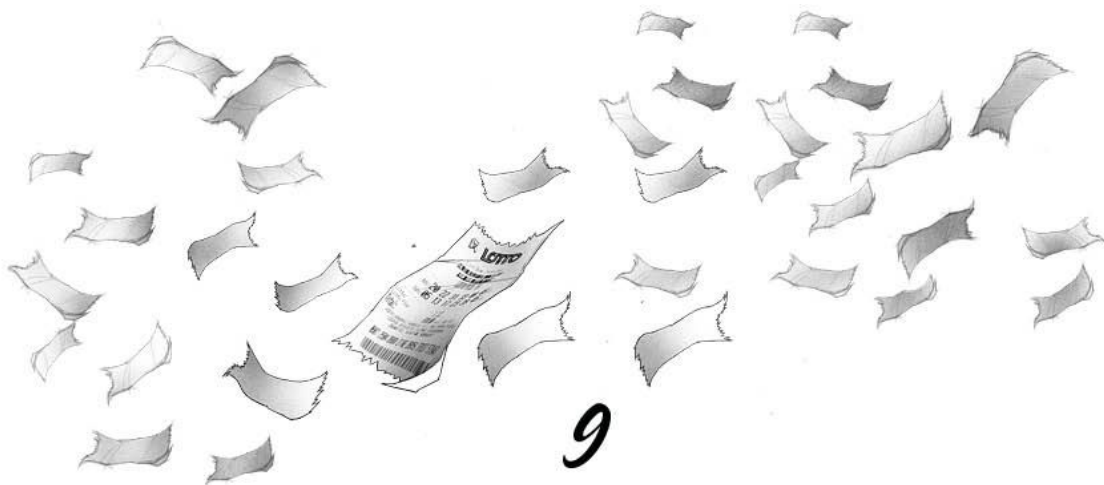
Tripathi vira.

— Senhor Macklin?

— Minhas desculpas, senhor — diz. — Só é engraçado ver como o Papa Paulo VI, Malcolm X e sexo político britânico ficam na mesma linha. Não é, galera? Esse Billy Joel é uma figura![5]

A turma inteira ri.

[5] Em referência à letra da música *We Didn't Start The Fire*, do Billy Joel, anteriormente citada.



9

Vida dura

Compras de supermercado.

Esse é o compromisso mais importante.

Duas vezes por mês, às segundas-feiras, Jax e eu fazemos o orçamento bem apertado — feito por mim — da nossa família se encaixar nas compras. Encontro-o no apartamento e depois nós pegamos um ônibus para o lugar que é, provavelmente, o nossos favorito para irmos juntos: rede de supermercados Kroger.

Há uma lista.

Cupons.

Estratégia.

Trabalho de equipe.

Quando passamos pelas portas automáticas, solto um carrinho da fila, Jax pega uma cesta e passo uma parte da lista para ele.

— Certo, garoto, foco na missão — digo. — Você pega os laticínios, vou para o hortifrúti e nos encontramos no corredor do cereal. Entendeu?

— Sim, sim, treinadora! — E faz uma saudação.

Cara, eu amo esse moleque.

Nós batemos na mão um do outro e seguimos direções opostas.

Enquanto pego uma grande quantidade de morangos, pensamentos de um garoto muito específico, altamente irritante e ultrarrico preenchem a minha mente. Além de sentar ao meu lado na aula hoje, quando entrei na cafeteria para almoçar e escolhi meu lugar de sempre — sozinha, em um canto, bem escondida por uma pilastra enorme —, Zan apareceu do nada com o cara negro que geralmente senta na frente dele na sua mesa clichê cheia de atletas populares e líderes de torcida.

— Danger, esse é o Finesse Montgomery — disse, quando os dois pararam diante de mim parecendo soldados adolescentes.

— E aí? — Finesse falou.

Minha boca estava cheia de sanduíche de peru naquele momento, então eu apenas sorri com meus lábios grudados.

— Nós viemos dos confins da área comum da Norcross High School para resgatá-la de sua ilha da solidão — Zan anunciou.

Olhei para Finesse.

— O que o faz pensar que quero ser resgatada?

O garoto deu de ombros.

— Foi o que eu disse a ele.

— Tanto faz — disse Zan. — Você vem sentar com a gente ou não, Danger?

Colocar-me de forma voluntária na mesa da galera rica, brilhante e mais agradavelmente perfumada da escola? Eu e meus jeans, suéter “vintage” e o par de botas Doc Martens de segunda mão (talvez até mesmo terceira ou quarta mão) que consegui no brechó da igreja?

Não.

— Por mais que agradeça a hospitalidade, Macklin, vou ter que passar — falei, piscando. — Meio que fiz minha “ilha da solidão”, como você mesmo nomeou tão bem.

Só que agora não consigo parar de pensar nisso.

Não só pelo fato de ele ter me convidado para o seu *círculo*. Realmente está me incomodando não saber por que ele está me ajudando. Por mais que queira acreditar que ele é um cara legal, fazendo isso por ter um bom coração... não estou comprando essa.

Quando chego ao corredor dos cereais, Jax está de pé, com *aquele olhar* no rosto. Aquele de quando ele realmente quer alguma coisa que não está na lista, mas sabe que não podemos comprar.

Ugh.

— O que foi?

Ele aponta para uma caixa de bala de goma com a marca da loja.

— Saem por um dólar se usar o cartão Kroger Plus!

Tenho quase certeza de que não tenho mais um coração, porque ele foi partido em um montão de pedacinhos.

Mas aí uma imagem de pedaços retangulares verdes com a cara grande do Benjamin Franklin surge na minha mente.

— Quer saber, Jax? Pode pegar quantas balas de goma quiser — digo. Mamãe definitivamente vai surtar, mas tanto faz. Coloco algumas centenas de dólares do meu bônus na conta.

— *Posso?*

— Uhum. Escolha qualquer cereal que quiser. *E* vamos levar sorvete e pipoca de micro-ondas.

O garoto parece estar prestes a entrar em combustão. Ele joga os braços em volta da minha cintura.

— Você é a melhor irmã de *todas*!

Eeeeeee eu acho que vou chorar.

— Ok, ok, chega, seu molenga — digo, empurrando-o para longe de mim. — Escolha os seus venenos e nós vamos pegar as coisas de geladeira.

Ao chegarmos lá, mando-o pegar sorvete, enquanto pego as tortas e outras refeições prontas congeladas. Estou quase fechando a porta do freezer quando ouço:

— Bem, quem diria? Uma Rainha do Gelo no corredor dos congelados!

Meu Deus. Isso não está acontecendo, não está acontecendo, não está acontecendo...

— Você está usando seus poderes em todos esses equipamentos, não está? — questiona Zan, caminhando pelo

corredor com a confiança de alguém que possui várias ações da Kroger Corporation.

Olho para o nosso carrinho cheio de comida barata e com a marca do supermercado (exceto as balas de goma da Gushers, cereais Fruity Pebbles e as pipocas da Orville Redenbacher's).

Assim que me alcança, com um pote de sorvete de nozes da Häagen-Dazs em uma das mãos, ele se abaixa e pega nossa caixa de Toaster Treats — também conhecidos como biscoitos pré-assados da marca do mercado.

— Algo descongelado? — Ele olha na minha direção. — Jesus, Danger, você é uma Neandertal!

— Dê o *fora* das minhas compras. — Pego a caixa da mão dele e jogo de volta no carrinho.

Ele dá um sorriso largo e coloca a mão livre dentro do bolso. Pisca os cílios longos e pesados. Exala sua... essência.

Eu o odeio. Eu o odeio. Eu o odeio. Eu o odeio.

— Então... Compromisso importante — diz.

Cruzo os braços.

— Sim. A segunda e a quarta segunda-feira de cada mês são dias das compras.

— Estou vendo.

Neste momento, Jax se aproxima.

— Cookie de chocolate ou brownie? — Segura duas opções.

— Os dois.

— Os *dois*? — Seus olhos se arregalam.

Meu coração acelera.

— Sim, os dois — digo. — Coloca aí dentro.

— Quem é esse carinha? — Zan pergunta.

— Esse é o Jax.

— Jax? — Zan se agacha até que os dois estão da mesma altura. — E aí, cara? — diz.

— E aí? — responde. Com aquela levantadinha de queixo de gângster.

A situação inteira é um absurdo.

— Sou o Zan. — Estende a mão, e meu irmão sacode. — Diga uma coisa, cara... Sua mãe é sempre zangada assim?

— Meu Deus do Céu, não sou a *mãe* dele!

Zan ri e Jax olha na minha direção.

— Ele estava *brincando*, Rico.

Ah, agora eles são melhores amigos. Fantástico.

Jax se vira para sua nova pessoa favorita (ou é o que parece — sim, eu sou rancorosa).

— Então você é o namorado na minha irmã?

— Eca, não! — Meu rosto e minha mão estão queimando. Espera, estou no jardim de infância?

Zan ri e bagunça os cachos loiro-escuros do Jax.

— Só nos meus sonhos, garoto. — Fica de pé.

Hmmm...

— Acabaram as compras? — Zan pergunta. — Podemos ir para os caixas juntos.

— Isso seria incrível! — diz Jax.

Então nós vamos. E eu conseguiria dizer não de verdade?

Zan até mesmo empacota nossas compras. O que é muito *estranho*. Especialmente porque ele é bom nisso. Para falar a verdade, acho que, até este momento, nunca percebi que empacotar compras é algo em que você possa ser *bom*.

Na verdade, o que ele está fazendo na Kroger? As pessoas com a grana dele não fazem compras em mercados chiques como a *Whole Foods*, o *World Market* ou qualquer outro desses? Elas fazem as próprias compras?

Quem é esse garoto?

Uma vez que estamos do lado de fora, ele diz:

— Então, onde vocês estacionaram? Vou ajudar a encher a mala.

Antes que eu possa inventar algo sobre uma carona, Jax está respondendo:

— Nós vamos de ônibus, mano.

Mano? Quem é essa criança?

Zan me encara, mas, para minha surpresa, o olhar de pena para o qual estava me preparando não está no rosto dele.

— Quer uma carona?

— Não, obrigada. Nós fazemos isso duas vezes por mês. Vamos ficar bem.

Ele dá um sorriso pretencioso. Estreita os olhos.

— Ei, Jax, está vendo aquele jipe bem ali?

Aponta para o Jeep Wrangler amarelo quatro portas com pneus Off Road, barra de luz na parte de cima e a palavra

TONKA[6] em letras enormes no alto do para-brisa. Um jipe que eu — e provavelmente a maior parte da cidade — reconheceria em qualquer lugar.

Jax acena.

— Sim.

— Quer andar no banco da frente daquele cara?

Jax se vira para mim, excitação brilhando nos olhos castanhos.

— Posso, Rico? Por favor, por favor, *POR FAVOR?*

Merda.

Olho para Mano Zan. Meu ódio se intensifica.

— E aí, irmãzona? — diz. Mais sorriso pretencioso.

Babaca.

— Rico, fala sério!!! — Jax puxa meu braço.

Não via esse garoto tão empolgado desde a manhã do Natal. Mas eu realmente quero que o Senhor Bolsas de Dinheiro Macklin saiba onde fica minha morada relativamente de merda?

— Ashley Run Apartments, não é? — Zan diz. Não há dúvidas de que meu rosto grita: “*como você sabe dessa p*rra, seu stalker?*”, porque, em seguida, ele continua: — Você não mora no mesmo prédio da Jess?

— Jess?

— Jessica Barlow? Loira, capitã das líderes de torcida, finalista do National Merit[7], forte liderança no movimento do Serviço Nacional de Saúde gratuito?

Dã.

— Sim. Acho que moro. — Não que a tenha visto pela vizinhança desde aquela manhã.

Zan coloca o par de óculos de sol que tenho certeza de que vale mais do que meu guarda-roupa inteiro. Desliza-o pelo rosto suavemente.

— Então vamos lá.

— UHUL!!! — comemora Jax.

Eu disse que sim? Não me lembro de fazer isso.

Mas, de novo, não dá para dizer não agora, né?

O que sei, com certeza, é que não preciso mesmo de outro lembrete de quantas poucas escolhas eu tenho na droga da minha própria vida. Ok, é só uma carona para casa, mas parece uma invasão na pouca autonomia que tenho e a qual prezo mais do que qualquer outra posse material.

Cara, quão diferente tudo isso seria se eu tivesse apenas *escolhido* o outro bilhete?

Chegando no jipe, subo no banco de trás e Jax, na frente, com o Sultão do Papel Higiênico. Fico nervosa quanto a isso, porque Jax é pequeno e esse monstro ambulante tem airbags no lado do passageiro, mas não posso destruir os sonhos da criança.

Já mencionei que odeio Alexander Gustavo Macklin? (E ok, *odiar* é uma palavra forte considerando que não o conheço de verdade, mas quem é que tem um nome desses?).

— Mano, este carro é TÃO MANEIRO! — comemora Jax. Meu irmão não consegue nem ver por cima do painel. — E isso tudo aí é *spinner*?

Espio por cima dos bancos para seguir o olhar do Jaxy. Em um porta-copos entre os assentos há, literalmente, uma pilha (bem colorida) desse negócio.

— São sim — responde Zan. — Quer um?

— Hm, SIM!

— Vá em frente. Escolha um.

Jax pega um azul-marinho cheio de pequenos espinhos.

— Valeu pelo elogio ao jipe. — Zan dá partida, e juro que todo o estacionamento vibra com o estrondo. — Eu mesmo comprei.

— Você *comprou*? — Jax solta a pergunta direto da minha boca.

— Sim. Trabalho duro compensa, sabe?

— Você trabalha? — deixo escapar.

Zander olha para mim pelo retrovisor. *Bleh*, estúpidos olhos verdes (de serpente!).

— Trabalho desde os quinze anos, RG.

— Fazendo o quê?

— Comecei como empacotador em supermercado. Quando fiz dezesseis, meu pai me colocou para trabalhar nos negócios da família.

— Ah, isso não conta. — Olho pela janela.

Zan ri, mas eu estaria mentindo se dissesse que não soa forçado. O que eu disse o incomodou?

— Posso praticamente garantir que você faz mais por hora do que eu — responde.

Eu bufo.

— Duvido.

— É sério. Ganho salário mínimo.

Então eu o superei por cinquenta centavos. Grande coisa.

— Por que eles não pagam mais a você?

— Não é assim que meu pai funciona.

Hm.

Não é como se isso importasse. Trabalhando ou não, ele certamente não precisa ajudar a pagar as contas. *Queria eu* que meu salário servisse para comprar uma caminhonete monstruosa para mim.

Fico emburrada na hora.

— Jax, sua irmã é uma trabalhadora. Você deveria definitivamente seguir o exemplo dela — continua.

— Eu sei, cara. Se não fosse a Rico, a gente estaria na rua. Ela cuida da grana e não deixa a gente se afundar. Nossa mãe é *horrível* com dinheiro.

— Jax! — Ele está falando sério?

— Você sabe que é verdade, Rico!

Zan ri, o que meio que me faz querer tacar fogo no seu precioso brinquedinho.

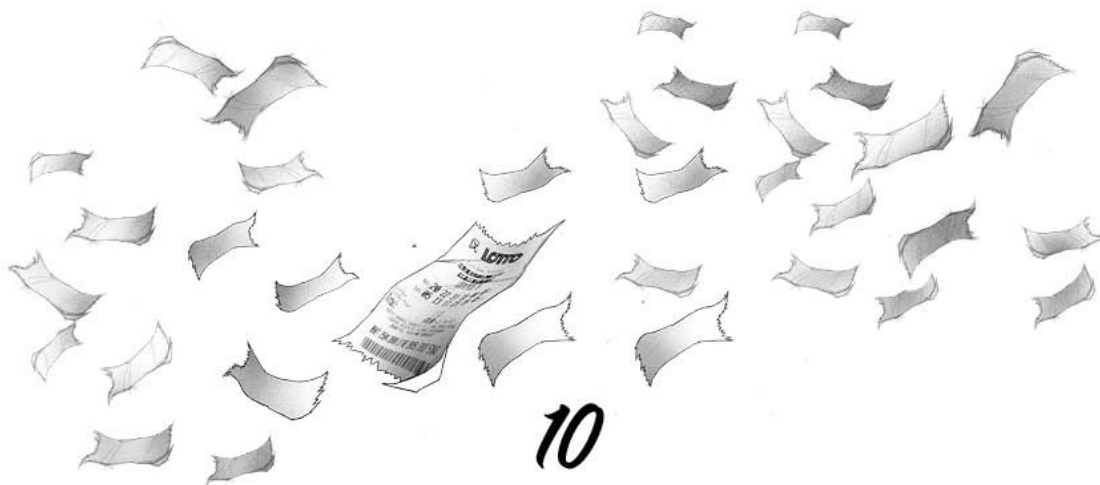
— A vida é dura — Jax continua, e espero que Zan ria novamente...

Mas, em vez disso, ele diz:

— Eu entendo, carinha. Minha mãe é bem ruim com dinheiro também.

[6] Marca de caminhões de brinquedos.

[7] National Merit Scholarship Program é um concurso de bolsa de estudos dos Estados Unidos.



Checker Cab

Pelo resto da semana, Zanny Gusto, como o chamo na minha mente, senta ao meu lado na aula de História e se infiltra na minha ilha da solidão estilo *Náufrago* na cafeteria.

Ainda assim, quando ele para na porta do meu prédio de apartamentos na manhã de sábado, estou tão nervosa que poderia entrar em colapso. Estou usando a segunda coisa mais cara do meu armário: um vestido de manga comprida marrom com gola em V, que minha mãe esbanjou comprando para o meu jantar de aniversário de dezesseis anos (o qual ela também esbanjou — definitivamente é ruim com dinheiro). Meias pretas, casaco da Goodwill e botas do brechó da igreja.

Continuo me sentindo pobre.

O que também não ajuda: tenho quase certeza de que o peguei praticamente me “checando” dois dias atrás e agora sinto

que minha bunda aumentou. Quando ele para, já estou esperando na porta, porque a *última* coisa que quero é que Jax o convide para olhar a coleção de Lego dele. Isso o faria descobrir que eu, uma veterana do ensino médio à beira de me tornar uma mulher, divido o quarto com meu irmão de nove anos.

Ele joga seu caminhão de brinquedo em uma vaga — quase arranhando a lateral da lata velha da minha mãe no processo —, depois pula do carro e corre em volta dele para abrir a porta para mim. *Ele* está usando uma blusa de botões debaixo de um belo cardigã, jeans escuros, sapatos Clarks Wallabee marrons e um casaco de marinheiro com botões dourados.

Olha para mim.

— Tu estás adorável, como rosas que se abriram recentemente esta manhã, milady — diz, com uma reverência.

— Você é *muito* mais estranho do que eu esperava.

Com um largo sorriso, ele estica a mão para me ajudar a entrar no jipe. O interior cheira ainda mais com o perfume dele hoje, cheiro também conhecido como o calor da luz do sol e o ato de girar por uma floresta encantada enquanto se inala a poeira holográfica de arco-íris de um unicórnio mágico hipermasculino.

Coloco meu cinto enquanto ele fecha a porta. Depois fecho os olhos e respiro bem profundamente, mesmo que devesse estar tentando me manter focada. (*O BILHETE, Rico!*).

É quando ouço o que imagino ser o som de galinhas — có, có! — saindo dos alto-falantes.

Ele entra e bate a porta. Coloca o cinto.

— Mas que inferno é esse que você está ouvindo?

— Project Pat, bobinha! — diz.

Continuo encarando-o.

— Cardi B usou a faixa como *sample* para um quase remix, mas a original sempre será a melhor.

— Não faço a mínima ideia do que você está falando, Macklin.

— Sério?

— Muito.

Ele me encara boquiaberto, como se eu tivesse confessado não saber o nome do primeiro presidente negro.

— Sei que é um pouco das antigas, mas... você realmente não conhece Project Pat?

Sigo encarando. Pisco.

— Three 6 Mafia?

— Ah, eles. — Olho para fora da janela quando, finalmente, ele sai do lugar. — Eles não eram adoradores do diabo ou algo do tipo?

— Adoradores do diabo?

— Sim — respondo. — “Triplo-6” Máfia, tipo 666, o número da besta?

— Não sei nada sobre isso, RG...

BAWK, BAWK! Chicken head...

— Sobre o *que* esse cara está cantando? — questiono.

— Pai do céu, o que vou fazer com você, Danger? — Zan sacode a cabeça. — A música se chama *Chickenhead*, que é uma

forma irônica de chamar uma garota que... — Ele para e pressiona os lábios unidos. — Hm... Vamos apenas dizer que ela é uma *groupie*. Acho que outra forma de chamar seria “*pegadora*”.

— Como você consegue entender o que estão falando?

Ele me encara com as sobrancelhas de lagarta quase unidas (nota para mim mesma: quando criar coragem, devo perguntar se ele as depila), depois volta para a estrada.

— Ok, tenho evitado perguntar a você porque o Ness me disse que poderia ser ofensivo, algo sobre microagressões. Mas sua resposta absolutamente desconcertante para uma música de rap muito popular me fez realmente me perguntar. — Ele para em um sinal e me olha. — O que você é, Danger?

A) Levo um segundo para descobrir que ele estava falando sobre o *Finesse*. B) Não faço ideia do que fazer com essa pergunta.

— O quê?

— Tipo, etnicamente. Ando tendo dificuldades de descobrir. Ofensa recebida. Mas é claro que ele perguntaria assim mesmo.

— Isso importa?

— Bom, não. — Ele se move no assento e limpa a garganta. — Pura curiosidade. Me diverte um pouco?

Suspiro. Essa é uma ferida minha, porque, honestamente... não sei realmente todos os detalhes. Sou *preta pelos padrões sociais* — algo que minha mãe vem inserindo dentro de mim desde que cometi o erro de pedir uma boneca loira de olhos azuis da American Girl no meu aniversário de seis anos (sem

mentonar o fato de não podermos dar cem dólares numa boneca). Mas eu mentiria se Zan fosse a primeira pessoa a me perguntar isso. Aparentemente, cabelo cacheado natural e maçãs do rosto altas sugerem outros elementos na minha herança genética.

O que é estúpido e meio confuso. Outra coisa que me faz sentir fora de lugar — não ter certeza *completa* de onde/o que eu venho.

Várias partes em falta. Como um pai.

Ele ainda está esperando uma resposta.

E não consigo evitar dar uma a ele:

— Eu sou... mulata — digo, mas me arrependo totalmente no momento que sai da minha boca.

— Uau, isso é autodepreciativo.

Dou de ombros.

— É verdade. O pai da minha mãe era branco. De acordo com a história que ele *me* contou, teve um caso de uma noite com uma... *acompanhante* que ele tem certeza de que era negra e, dez meses mais tarde, minha mãe foi deixada na porta de casa.

— Uau.

— Uhum. Aí no primeiro semestre do segundo ano da minha mãe na faculdade, ela passou um mês na Espanha e voltou grávida de mim. O cara afro-hispânico por quem ela se apaixonou se chamava Rico.

— Ah, entendi.

— Sim... Mas ela não sabia que ele tinha esposa e filhos até que me nomeou. — Agora se recusa a falar sobre ele. Em

qualquer momento. O que é um ponto de discórdia entre nós.

Ele fica em silêncio.

— Ela nunca terminou a faculdade, mesmo que meu avô tenha se oferecido para cuidar de mim. Ele morreu quando eu tinha seis anos. — Não faço ideia do porquê estou contando tudo isso a ele, mas parece que não consigo mais parar. — Quando eu tinha oito anos, ela começou a namorar esse... cara branco. Um advogado corporativo chamado Tristan McIntyre. Deixou-me chamá-lo de pai por um tempo, mas, quando ela contou que estava grávida do Jax, ele terminou com ela — conto.

Não conto que o bom e velho Tris nos expulsou da sua cobertura e pediu uma ordem de restrição contra minha mãe *grávida* para impedir que retornássemos. Foi quando passamos quatro meses vivendo na van de quinze passageiros que meu avô deixou para a mamãe de herança. E um policial negro de muita compaixão nos descobriu uma noite no estacionamento do Walmart e ameaçou chamar alguém do departamento especializado[8] se a mamãe não nos levasse para um abrigo imediatamente.

Era lá que estávamos morando quando Jax nasceu.

— Nem Jax nem eu *vimos* nossos pais. Meio que é uma merda. — Quando Zander não responde, rapidamente passo a mão pelos meus olhos úmidos. — Não queria descarregar tudo de uma vez. Sinto muito. — E sinto-me humilhada. Apesar de não ter dito as piores partes.

Ele olha para mim.

— Sinto muito que você e Jax nunca tenham conhecido

seus pais, Rico.

Ok, vamos erguer as paredes de volta!

— Então, quanto tempo vamos levar para chegar ao local que estamos indo? — digo.

(As palavras que saem dos alto-falantes — *Não a salve... Ela não quer ser salva...* — parecem bem apropriadas no momento).

— É em Decatur, provavelmente mais vinte minutos ou algo assim.

Vinte minutos?

Limpo a garganta. Deus, sobre o que as pessoas da minha idade estão conversando por estes dias?

— Então... Você vai para a faculdade ano que vem?

— Não vou.

Acho que minha cabeça nunca se virou com tanta velocidade.

— Mas você vai se formar com honras, não vai?

— Eita, sua *stalker*! Pode me dar um pouco de espaço para respirar, talvez? — Ele faz os arbustos bem aparados em cima dos seus olhos se moverem. (Definitivamente, ele os depila).

— E o futebol americano? — pergunto. — Não recebeu nenhuma oferta de bolsa?

— Recebi.

— E então?

— Então, nem todo quarterback do ensino médio quer uma bolsa.

— Ah. — Quer dizer, claramente ele não precisaria de uma.

Deixe a garota pobre assumir que todos os atletas estão atrás de ensino gratuito.

— De onde foram as ofertas?

— Alguns lugares.

— Tipo?

Ele fica vermelho novamente.

— Não quero dizer.

— Ah, fala sério. Não dá para ser *tão* ruim. — Gentilmente, empurro seu ombro.

Ele suspira.

— Duke, Stanford e Notre Dame.

Putá merda!

— Isso é sério, Zan?

As bochechas dele ficam mais vermelhas e ele suspira outra vez.

— E você não vai?

— Não. — Dá de ombros. — Faculdade não é para todo mundo, sabe?

Hmmm. Tem alguma coisa aí. Ele não soa convincente, mas decido não pressionar. Especialmente porque estou (incontrolavelmente) irritada agora. Ter tudo *isso* apresentado a você em uma bandeja de prata cheia de diamantes e simplesmente... decidir não ir? Parece desperdício.

— O que você fará em vez disso?

— Lembra que comentei que trabalhava para a empresa da família?

— Uhum.

— Bom, sempre foi com desenvolvimento de produto. Sei que não sabe disso, mas algumas das minhas ideias foram grandes sucessos.

— Ah é? Tipo o quê?

— O pano úmido e lavável. Estou trabalhando em um protótipo para colocá-lo em formato de rolo.

Caramba.

— Impressionante.

— Sim... Já quase decifrei como impedir que todo o rolo fique seco. Enfim, depois da formatura, começarei em uma vaga de tempo integral e com um salário melhor. Vou subindo de posição e comandar eventualmente, como meu pai fez com meu avô. Mas ele sente que é importante que eu comece de baixo para poder “apreciar a vista de cima”. — Ele franze o nariz.

Bom... soa como algo válido para mim.

— E é isso que você *quer* fazer?

Ele faz uma pausa, que se estende por tanto tempo que começo a me questionar se ouviu a pergunta.

O que me faz pensar...

— Acho que a resposta é *não*?

— Assim... Não é realmente uma questão de *querer*.

— Não é?

— Claro que não, Rico.

Que difícil.

— Por que não?

— Bom, existem... fatores familiares para considerar. Meu irmão mais velho é advogado, o do meio morreu. Minha irmã é engenheira mecânica, o que me faz o herdeiro do trono de porcelana.

Ele está simplesmente escorrendo sarcasmos. O que... não faço ideia de como responder.

— Sinto muito por sua perda.

Ele dá de ombros.

— Não tinha nem nascido.

E fico sem ter o que dizer.

O ar dentro do jipe definitivamente parece diferente agora, e estou começando a me perguntar o que ele esconde debaixo das roupas caríssimas e do cabelo perfeito. É um pouco louco pensar nisso agora, mas assumi que um cara — um cara branco — com o tipo de dinheiro que Zan tem acesso pensaria apenas no que quer e na maneira mais fácil de obter.

Então, isso é interessante.

— Está tudo bem por aí? — pergunta, quando o silêncio começa a criar pernas.

— Sim, eu estou... — Surpresa. — Parece que seu pai é um pouco duro com você.

Expira, frustrado.

— Você não sabe da missa metade, Danger. As pessoas acham que estou rolando no dinheiro, cheio da grana, fazendo chover notas, tomando decisões — começa. — Mas não estou; meus *pais*, sim.

Um alarme soa na minha cabeça, porém deixo-o continuar.

— Desde que eu era pequeno, meu pai me ensinou que o único dinheiro que *me* pertence é o que ganhei trabalhando. Definitivamente não vim de trapos, mas ele está determinado a me fazer sentir que sim.

Ok, então *definitivamente* é possível que ele esteja atrás do bilhete por benefício próprio.

Também, foda-se ele com essa reclamação de quem já tem muito. Pergunto-me se ele sentiria que estou arruinando a natureza pura do estofado do seu Tonka se soubesse que visto, basicamente, os *trapos* de onde ele “não veio”.

Mas forço um sorriso. Deveremos estar no lugar dos táxis em breve. Só tenho que pensar em uma maneira de conseguir a informação sem que *ele* peça.

Ele olha para mim e sorri de volta.

— Obrigado por perguntar.

— O quê?

— Se isso era o que eu queria. Ninguém nunca se incomodou em perguntar.

E é isto: uma conexão que nunca esperei ter. Não faz as nossas diferenças — ou motivos potenciais — magicamente desaparecerem, obviamente, mas certamente nunca tive ninguém me perguntando o que *eu* quero. Para ser honesta, nem sei se tenho uma resposta.

— Ei, Zan?

— Sim.

— Parabéns pelas ofertas que recebeu — digo. — Mesmo que não aceite nenhuma, é uma grande conquista e estou orgulhosa de você.

Ele não responde, mas não precisa. Pela forma como seus olhos brilham e suas juntas ficam brancas no volante, sei que era exatamente o que ele precisava ouvir.



A conexão não dura: nossa visita investigativa à Checker Cap, companhia de táxi, é praticamente encerrada antes mesmo de começar, graças ao Zan Mackidiota. Desculpe: *Macklin*.

Assim que entramos no centro de expedição, que fica localizado dentro de um degradado shopping a céu aberto, esse garoto vê uma recepcionista negra robusta e resolve usar seu *charme*.

— Deixe comigo — sussurra.

— Como posso ajudar? — diz a moça, a voz mais nasal que já ouvi, olhos fixos na tela do computador.

— Como vai seu dia, linda? — pergunta Zan.

Céus, me ajudem.

Ela olha para cima. Não parece *nada* impressionada.

— Ei, escute, estamos procurando algumas informações sobre um dos seus táxis — continua, debruçando-se sobre a mesa dela. — Acha que pode nos ajudar com isso, meu bem? — Ele pisca.

Preciso de todo meu esforço para não bater na testa. Se não estivesse tão determinada em conseguir tal informação, deixaria esse bundão doido sozinho e encontraria uma forma de voltar para casa.

A moça sorri. Não passa nem das bochechas dela.

— Só um segundo, ok, docinho? — Ela pega o telefone e aperta um único botão. Solta outro (falso) sorriso. — Ei, querido, desculpe incomodar. Preciso de uma... *ajudinha* aqui embaixo — diz.

Zan me encara, todo convencido.

É quando percebo que estamos com sérios problemas.

A porta se abre atrás de nós e um homem negro do tamanho de uma parede surge com seu uniforme de segurança. KENNY é o nome na etiqueta prateada.

— Temos algum problema aqui?

Há um pouco de satisfação sádica ao perceber o sorriso sarcástico do Zan Endinheirado derretendo no rosto como sorvete em um dia de verão da Geórgia.

No começo, não digo nenhuma palavra. Quero que Macklin *sinta* o peso da derrota. Que se acomode em sua natureza que se parece com uma fossa e deixe o fedor se infiltrar nos seus ossos. (Não existe pano de limpeza para salvá-lo agora).

— Você está assediando a Senhorita Delores, branquelo?

— Kenny pergunta.

Agora é a *minha* vez.

— Ai, meu Deus, sinto muito — digo, dando um passo à

frente. — Oficial Kenny, não é?

Ele se arruma ao ouvir a palavra “oficial”. *Eu entendo, Kenny: sentir-se valorizado é tudo.*

— Meu amigo não queria causar nenhum dano à Senhorita Delores — continuo, rapidamente dando uma olhada na mesa de trabalho dela. Há duas fotos dela com uma menininha.

Bingo.

— Perdi meu colar de medalhão dentro de um dos seus táxis na véspera do Natal e queria muito pegá-lo de volta. Tenho as informações da placa... talvez você possa me dar o número do motorista.

— Sinto muito por decepcioná-la, querida, mas nenhum colar foi encontrado — avisa Delores, olhando para Zan novamente. — A véspera de Natal foi há mais de um mês. É uma eternidade no mundo dos táxis.

Abaixo a cabeça.

— Sei que é difícil, mas realmente gostaria de falar com o motorista e talvez olhar o carro eu mesma, para ver se caiu por alguma fresta do assento.

— Limpamos os táxis *completamente* uma vez por semana.

Droga, não estou convencendo. Hora de ativar o sistema hidráulico.

— Entendo. É só que... — Olho para as fotos e, como eu esperava, ela me segue. — O medalhão tem a única foto que possuo da minha irmãzinha. Ela... — As falsas lágrimas. — Ela se

foi.

— Ah, não, isso é horrível — Kenny comenta.

Zan está me encarando como se eu tivesse arrancado a cabeça de uma galinha.

— Desculpe por chorar. — Pego um lenço da caixa na mesa da Delores, seco meus olhos e assoo o nariz com a força de um elefante. — Aquela garotinha nas fotos, ela me lembra tanto da Jada. — *Snif, snif.* — É sua filha?

O rosto da Delores se suaviza e ela coloca a mão no coração. Olha para as fotos, depois de volta para mim.

— Ah, querida — diz.

Finjo fungar novamente.

— Venha aqui, juvenzinha — Kenny pede. — Você precisa de um abraço.

Grande e velho urso de pelúcia, esse tal de Kenny.

Delores seca os olhos e se vira para o computador.

— Qual é o número da placa, querida?

Olho para Zan... que ainda me encara como se eu tivesse removido a lua do céu.

— Meu amigo vai dizer para você, Senhorita Delores. — Choramingo dentro do abraço do Kenny. — Prefiro não falar mais.

— Entendo completamente, meu amor — diz. — Jovenzinho?

Zan olha para ela.

— Hm?

Juro pelo deus dos táxis, se ele estragar meu disfarce...

— Você tem o número da placa?

— Ah! Sim, desculpa. — Ele procura no bolso e puxa um pedaço de papel amassado. — É TX 8429.

Delores digita. Então:

— Oh, oh.

Ah, não...

— O carro foi apreendido duas semanas atrás. O motorista não trabalha mais com a gente.

Agora eu *realmente* choro.

Foco na missão, Rico!

— Você tem alguma informação de contato? Não vou conseguir descansar *com certeza* enquanto não encontrar minha medalha, Senhorita Delores.

— Entendo, querida. Entendo mesmo. — Suspira. Olha para o Zan. Fecha o rosto. Volta para mim. — Ok, escute: não deveria dar nenhuma informação da empresa para ninguém, então, se vocês mencionarem onde conseguiram, direi à polícia que me prenderam e pegaram no meu computador.

Nossa, Delores.

Ela se vira de volta para a tela e aperta mais algumas teclas.

— O nome do motorista é Beau Wilcox. Escreva isso para ela, juvenzinho. — Entrega a Zan um Post-it e uma caneta. — O endereço que temos aqui é em Birmingham. — Ela o diz, e Zan rabisca. — Não tenho telefone.

Estou tão aliviada que saio do abraço do Big Kenny e corro

ao redor da mesa para abraçar Delores.

— *Muito* obrigada — digo.

— De nada, docinho. Sinto muito por sua irmã, e espero de verdade que encontre o que está procurando.

Solto-me e fico de pé.

— E você precisa aprender boas maneiras — dispara para Zan.

— Sinto muito, senhora — responde. — Não acontecerá novamente.

— Melhor mesmo.

Dizemos adeus para Delores e Kenny, depois saímos de lá. A vergonha do que acabei de fazer se coloca nos meus ombros, mas então penso nos olhos brilhantes da Vovó Misteriosa e no suéter cheio de luzes.

Ela *precisa* que eu a encontre. (*Precisa mesmo*).

Uma vez que estamos seguros dentro do jipe, sinto Zan me encarando.

— O quê?

— É assustador o quão boa mentirosa você é, Danger.

Olho para meu esmalte lascado. Respiro fundo.

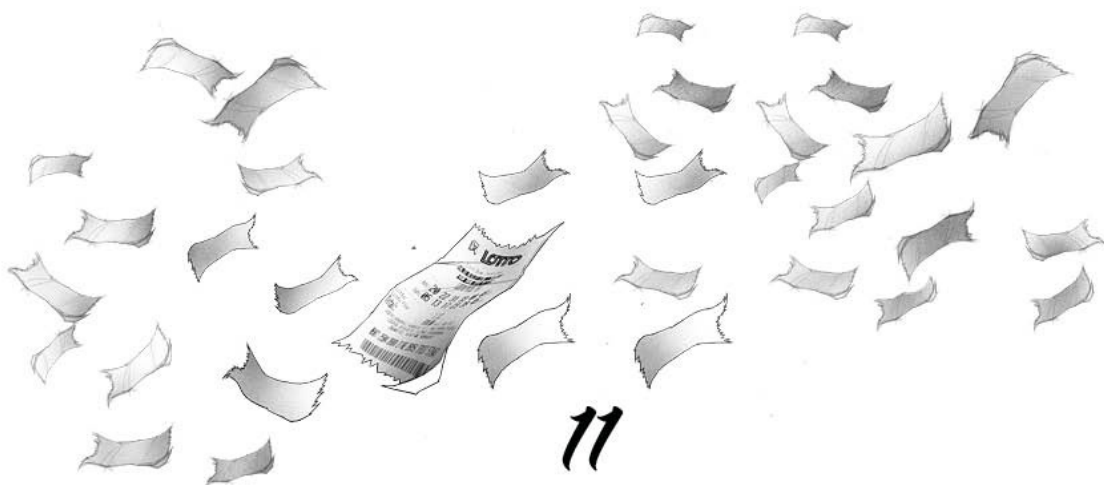
— São mais de cem milhões de dólares em jogo aqui, Macklin. Apenas fiz o que tive que fazer.

— Você é encantadora — diz.

E partimos.

[8] O DFCS é a Divisão de Serviços à Família e à Criança de Geórgia, que dá

suporte às famílias para garantir que as crianças estão bem cuidadas e seguras.



Adeus, Benjamins

Zan queria que dirigíssemos por duas horas para Alabama logo em seguida — e ok, eu também queria — mas não podíamos, porque não daria tempo de voltar no horário para o trabalho.

Fizemos planos de ir na terça, depois da escola. (Porque, de que outro jeito eu conseguiria chegar a Birmingham?). Digo à minha mãe que peguei um turno adicional e organizo para que Jax fique com a *Señora Alvarez*.

Depois, passo os dois dias seguintes deixando minha mente vagar — imagino-me com o banco do passageiro reclinado e os pés em cima do painel do jipe de Zan durante nossa viagem para fora do estado, sonhando em fazer uma parada rápida em algum restaurante de beira de estrada, na esperança de que aquela jornada nos colocará mais próximos do bilhete...

O que é idiota.

Pelo que sei, esta é oficialmente uma daquelas situações em que devemos *manter nossos inimigos mais próximos ainda*. Zan Macklin e eu *não* seremos amigos e, portanto, não participaremos de nenhuma atividade no estilo “*road trip* com os amigos”.

Também, incluir-me nessas imagens inúteis, inteiramente centradas em Zan, talvez seja um pouco masoquista, considerando meu histórico de sonhos destruídos.

Na segunda série vi uma foto da Mae Jemison[9] arrasando no seu traje espacial laranja da NASA, com o capacete gigante descansando na sua cintura. Naquele momento, eu tinha uma única ambição: ir ao Space Camp[10].

Consegui todas as informações e o verão depois da quarta série era a data mais próxima que eu poderia ir. Mesmo durante nosso período vivendo em uma van e no abrigo, mantive aquela esperança viva.

O verão finalmente chegou, mas mamãe destruiu meu sonho ao dizer que ainda não tínhamos o dinheiro.

Ok.

A mesma coisa no verão seguinte.

E no depois daquele.

O que significava que eu tinha ficado muito velha para ir. Mas, sem problemas. Ainda existia o Space Academy[11].

No outro verão nós nos mudamos para Norcross.

Legal.

O ano seguinte foi quando percebi que aquilo provavelmente nunca aconteceria.

Fiz quinze anos. Depois dezesseis. No verão passado, finalmente desisti. Chorei em todas as noites que o acampamento estava acontecendo, a 300 quilômetros de distância, em Huntsville, Alabama.

Então eu engoli. Aceitei meu destino. Foquei no Jax e em tentar fazer tudo que pudesse para me certificar de que pelo menos alguns dos *seus* sonhos se realizassem.

Treinei-me para focar apenas no dia que estava vivendo...

E deveria ter me mantido assim em vez de permitir que minha mente viajasse para Zan-lândia. (Porque isso sequer existe).

Merda.

Provavelmente “merda” literal.

Minha mãe tem crises ocasionais de Colite ulcerativa, que tem como principal sintoma uma diarreia incontrolável... com sangue e tudo.

Fico de joelhos ao seu lado.

— Outra crise?

Ela acena.

— Tive que sair do hotel mais cedo. Mal cheguei nas escadas. — O que significa que ela não chegou mesmo. Ela jura que é induzido por estresse. — Ando um pouco sobrecarregada ultimamente — justifica. — Preciso tirar um dia ou dois de folga para colocar tudo sob controle.

Traduzindo: *Rico, não posso trabalhar esta semana, então você precisa pegar turnos duplos para garantir que teremos o suficiente para pagar o aluguel mês que vem.*

E aí está. O “Hulk ESMAGA” nas aventuras de caça ao bilhete de amanhã. O que *realmente* é uma droga, já que isso por si só, lembra quão útil aquele dinheiro seria.

A pior coisa dessas crises é que nunca sabemos quando vão terminar.

Lembra que mencionei que meu avô morreu de câncer no cólon? Tento nem pensar nisso, mas, em momentos como este...

Por que não escolhi aquele outro bilhete? Certamente não estaríamos nesta posição se eu o tivesse — sem dúvida, milhões de dólares providenciariam descanso adequado para evitar qualquer crise futura dessa praga que rasga a mamãe.

— Você precisa ver um médico para isso — digo.

— Não comece, Rico. Sabe que não podemos pagar.

Claro. Afinal, não temos plano de saúde.

Nunca deixará de me surpreender o fato de que o medo que ela tem de contas médicas impossíveis de pagar é maior do que seu medo da morte. Sim, dívida médica pode e realmente afunda famílias em situações como a nossa, mas, fala sério. Penso nos meus queridos Benjamins[12], as (atuais) quarenta e nove notas de cem dólares escondidas na minha cama box... mas não. Se eu usá-las, não haverá dinheiro se tivermos uma emergência *real*. Mamãe se recuperou disso todas as outras vezes...

Jesus, estou fazendo o mesmo que ela.

Ela se move e Jax se aconchega mais. Deus, o que eu faria se ela...

Não. Não posso pensar por aí.

— Podemos nos mudar para um lugar mais barato. Não ligo de mudar de escola, e tenho certeza de que Jax ficará bem também.

Ela balança a cabeça.

— Os lugares que posso pagar confortavelmente com um emprego são todos em áreas que *não* quero que você e Jax morem. E nem vamos falar sobre as escolas.

Respiro bem fundo e afasto o olhar do dela. Porque a próxima coisa que direi...

— Mãe, sei que você não quer pedir auxílio do governo, mas as coi...

— Não vou ter essa conversa novamente, querida. Estamos bem. Não precisamos disso.

E esse é o problema dela. Claramente *precisamos* de um plano de saúde, mas, da última vez que ela tentou conseguir isso, descobrimos que, mesmo juntas, não temos o suficiente para bancar o plano *mais barato*. Tudo o que eles fizeram foi confirmar o que ela não queria ouvir: para nós é o Medicaid[13] ou nada.

Travo os dentes. Normalmente, eu simplesmente assentiria e me ocuparia com minhas coisas. *Ok, mãe, tudo bem*, é o que eu normalmente diria. Evitar uma briga que acabaria com ela ficando brava comigo por dias, porque a fiz sentir-se como se fosse “uma mãe horrível”.

Mas isso foi antes de eu vender aquele bilhete.

Antes, não tinha coragem nem mesmo para *falar* com Zan Macklin, quanto mais planejar uma viagem para Birmingham com

ele. Uma viagem que não poderei fazer, agora que *realmente* preciso pegar turnos extras enquanto minha mãe aguarda seus intestinos inflamados voltarem ao normal. É uma vergonha que golpeia a dignidade dela a ponto de que se recuse a usar um sistema que ajudou a nos alimentar desde que os impostos começaram a ser descontados dos seus contracheques.

O que significa que *eu* tenho que sofrer as consequências disso.

Antes do bilhete, eu ficaria em paz porque eu *entendo*. Usar roupas velhas *naquela* escola já é ruim o suficiente. Ser ainda a “garota do Medicaid” seria praticamente insuportável.

Mas agora?

— Sabe o que não faz sentido? — questiono. — Você quis que a gente se mudasse para cá para termos “um ensino decente”, mas sofro para fazer meu dever de casa porque trabalho muito para evitar que a gente se afunde.

— É o quê?

— Não posso nem mesmo *ir* para a faculdade. Então, qual é o sentido, mãe? Nós moramos em uma região além do que podemos pagar, e não dá para dizer que é por causa do Jax, porque *e/le* sofre tanto bullying por ser o garoto pobre que sua autoestima é tipo... menor que zero. Você acha que uma criança que se sente tão mal sobre si mesma, quanto o Jax, consegue ficar motivada para tirar boas notas? E Deus me perdoe se ele ou eu ficar doente...

— *Ficamos doentes*, Rico.

— Sério que você está corrigindo minha gramática agora?

Ela me encara com tanta amargura e ódio que, se eu não estivesse tão irritada, teria perdido a coragem e pedido desculpas.

Mas não faço isso. Porque *estou* irritada. Por mais razões do que consigo listar no momento.

— Essa tentativa de “nos dar uma vida melhor” não está funcionando, mãe. A que ponto precisaremos chegar antes que você aceite e faça mudanças?

— Você não faz ideia dos sacrifícios que fiz para que você e seu irmão...

— Eu faço sacrifícios também! — Jax se move, então abaixa a voz. — Atividades extracurriculares. Festas. *Amigos*. Uma experiência *normal* no ensino médio. Estou sacrificando a *faculdade*...

— Acha que eu não sei disso? — devolve. — Acha que esta é a vida que eu queria para os meus filhos? Acha que *quero* estar sempre trabalhando? Que não fico em pânico toda vez que fico doente? Posso vender algumas das coisas do seu avô que tenho guardadas para nos dar dinheiro extra, mas estou fazendo o *meu melhor*, droga!

— Bom, obviamente não é bom o suficiente, né?

Parece que acabei de dar um tapa nela, e imediatamente sinto-me um lixo lotado de fraldas de cocô e lenços sujos da Macklin. Seus olhos castanhos se voltam para a televisão. Enchem-se de lágrimas (de novo), que definitivamente irão cair a qualquer segundo.

É claro que ela está fazendo o seu melhor, Rico.

Aperto a mandíbula para manter meu próprio sistema hidráulico facial funcionando, depois caminho até minha cama. Antes que eu possa mudar de ideia, levanto o colchão, enfio a mão no buraco da cama box e retiro o envelope.

Volto para a sala e o jogo no ar. Ela segura.

— Recebi de bônus de feriado no trabalho — digo. — Deve nos dar um pouco de espaço e você talvez consiga ir ao médico.

Antes que ela possa me olhar novamente e formar uma resposta, volto para o quarto e bato a porta. Depois, começo a chorar.

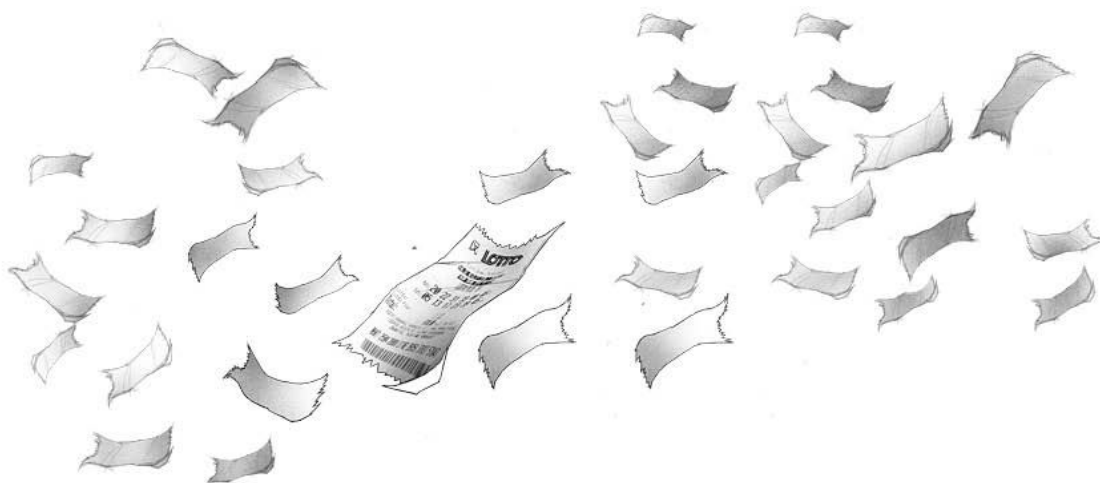
[9] Mae Jemison foi a primeira mulher negra a ir para o espaço, em setembro de 1992. Ela é médica, engenheira e ex-astronauta.

[10] Acampamento educacional que acontece em um dos centros da NASA, voltado para crianças entre 9 e 11 anos.

[11] Programa similar ao Space Camp, porém voltado para adolescentes entre 12 e 14 anos.

[12] As notas nos Estados Unidos têm os rostos de antigos presidentes. A de cem dólares tem Benjamin Franklin.

[13] O Medicaid é um programa de saúde feito para pessoas de todas as idades nos EUA que comprovadamente tenham renda baixa, extremamente limitada, assegurado pelo governo federal em conjunto com os estados.



Uma palavrinha dos Benjamins

Rico nunca saberá, mas, depois que Stacia Danger colocou Jax na cama e confirmou que Rico também estava dormindo, ela pegou as quarenta e nove de nós que sobraram — Rico colocou nossa Nota Cinquenta na conta para cobrir alguns extras das compras de mercado — dentro do armário. Depois, ficou de joelhos, tirou-nos do envelope onde residíamos e contou-nos, um a um.

Ela contou novamente.

E novamente.

E novamente. (Esses humanos não percebem que tanto atrito começa a irritar? Tenha piedade).

Na quinta vez, reuniu-nos em uma pilha e colocou-nos contra o joelho. Depois, apertou-nos com tanta força que ficou impossível de respirar... e prontamente caiu no choro.

— Não é *justo*, Pai! — exclamou. — Por que minha vida está assim? Como dois empregos integrais não conseguem cobrir as contas? Por que minha filha de dezessete anos precisa me dar um envelope com quatro mil e novecentos dólares?

— Cavalheiros, temos outra chorona — Nota Dezenove conseguiu soltar.

— Quem consegue entender esses humanos e o tanto de emoções que eles têm? — disse a Nota Quarenta e Um. — Queria muito que ela parasse de apertar...

— Onde foi que *errei*, Senhor? — Stacia exclamou, batendo nossas bordas em suas coxas, os punhos fechados.

— Sabem, companheiros, a última vez que ouvi um humano dizer isso, ele estava me encarando nos olhos depois de perder uma pilha enorme dos nossos irmãos em um jogo de cartas de gosto questionável chamado Poking.

— Acredito que seja Poker, querido Vinte e Oito — Nota Dezessete disse.

— Tanto faz o nome, já vi isso ficar bem feio.

— Ai — lamentou a Dezessete. — As coisas que as pessoas fazem para nos ter em mãos... É desconcertante!

— Sei que cometi alguns erros, Senhor — Stacia continuou —, mas caramba. *Rico* não merece isso. Ajude-me por causa *dela*, pelo menos. Ela e Jax merecem ter *vidas*. Ser crianças, pelo amor de Deus. Passar um tempo com *amigos*, *divertir-se*, viajar para a *praia*.

Ela ficou brava por um tempo, depois suspirou, balançou a

cabeça e nos deu uma última olhada antes de nos devolver para o envelope. Fomos erguidos com rapidez suficiente para fazer nossos estômagos se agitarem. Depois, o som de sermos embaralhados preencheu nossos ouvidos. Tudo ficou muito escuro e o cheiro de pés humanos preencheu nossas glândulas olfativas de papel.

— Creio que fomos colocados em caixas de sapato — Nota Vinte e Três expressou.

— Ah, sim. Melhor do que ser jogado no ar e cair em cascata como uma chuva. Fui pisoteado da última vez que isso aconteceu — comentou a Nota Seis.

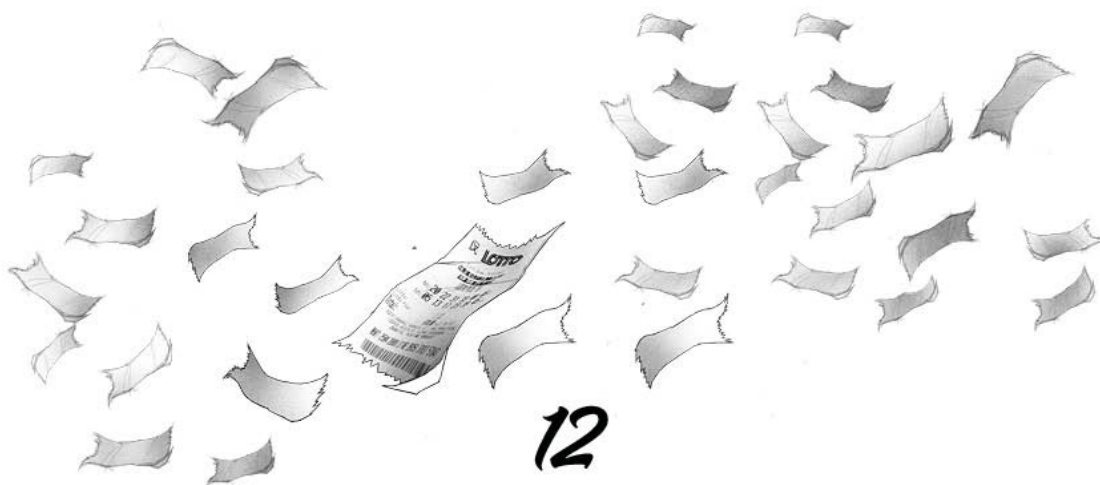
— Pelo menos você não foi dividido — disse a Nota Quarenta e Um. — Um dos meus antigos donos me deixou em uma mesa de mármore fria perto do seu Rolex e uma fera completamente humana em miniatura me pegou. Quase me dividiu em dois!

— Quase não fui tocado — Trinta e Dois falou. — Saí da impressão há poucos meses.

— Considere-se sortudo, filho — disse a Nota Um. — Eventualmente, os humanos vão começar a tratá-lo como se você resolvesse todos os segredos do universo. É exaustivo!

— Aquela Rico era legal conosco — Nota Oito declarou, com um bocejo. — Muito gentil.

— Gentil demais, talvez — respondeu a Nota Sete, igualmente sonolenta assim que a escuridão se abateu. — Do jeito que chorou quando tirou a Nota Cinquenta da nossa pilha, suspeito que, se tivesse escolha, nunca nos deixaria partir.



Bom para ele

Quando conto ao Zan sobre minha emergência familiar, ele fica *bem* mais chateado do que eu esperava. Seus olhos e ombros caem, e ele passa a maior parte da aula de História suspirando e lançando olhares de cachorrinho na minha direção de tempos em tempos. Isso me assusta tanto que acampo na biblioteca durante o almoço para evitar vê-lo antes que o dia escolar termine.

Agora mesmo fico grata pela tarefa irracional que é reabastecer produtos da Coca-Cola na geladeira de refrigerantes. Perco ainda mais tempo me certificando de que a marca de cada lata está virada para a frente. Dá uma sensação boa estar no controle de algo.

Na noite passada, sonhei que encontrava minha mãe... não mais viva. Acordei em pânico e coloquei a mão debaixo do colchão para que pudesse contar meu bônus.

Mas é claro que não estava lá.

Chorei um pouco antes de milagrosamente voltar a dormir.

— Ricooo? — Meu nome soa no canto característico do Senhor Z. Quando saio da geladeira e tiro meu chapéu e luvas (não me julgue), ele sorri para mim do seu lugar por trás do balcão do caixa. — Pausa? — questiona.

Balanço a cabeça negativamente. Preciso me manter ocupada. Pausa é igual a questionamentos cíclicos sobre falta de grana → bilhete → falta de grana (que destrói os planos de encontrar o → bilhete).

— Fique no caixa, então. Venha. Vamos trocar moedas enquanto a loja está vazia.

Faço meu caminho para lá enquanto ele desaparece dentro do escritório e fecha a porta para pegar moedas de dentro do cofre. Assim que destravo a gaveta e puxo, o sino da porta toca e três vozes soam dentro da loja:

Garoto #1: *grunhido* Ness, dá para segurar a porta para mim? Essa caixa é meio pesada.

Garoto #2: Pareço porteiro para você, idiota?

Garoto #1: Ah, cara, lá vamos nós. Você carrega a caixa e eu seguro a porta, então.

Garoto #2: Não sou carregador também...

Garota: Ai, meu Deus, eu seguro a droga da porta.

Garoto #2: Não, amor, esse não é seu trabalho. Esse branco precisa fazer algo por si...

Garota: Cala a boca, Ness!

Assisto praticamente de boca aberta enquanto Zan se equilibra para dentro da loja carregando uma caixa enorme com “Macklin Empreendimentos” impresso na lateral. Finesse entra depois dele, e por último vem Jessica Barlow.

Macklin está a meio caminho do escritório antes que me veja e, quando isso acontece, acaba derrubando a caixa. Infelizmente, Finesse não está prestando atenção — ocupado demais trocando olhares com a Jessica por cima dos ombros —, então ele tropeça no Zan e os dois caem por cima da caixa no chão, espalhando tudo.

— Imbecis. — Jéssica sacode a cabeça em direção a eles e depois volta sua atenção para mim. — Ei, vizinha! — Com um largo sorriso que faria uma freira largar o convento.

— Hã... — É tudo que consigo murmurar. Exceto pelos dois sorrisos que ela lançou na minha direção (um no espaço compartilhado entre as portas dos nossos apartamentos e outro no dia fatídico na cafeteria que deu início a toda essa Bagunça Macklin), essas duas palavras e meia são o máximo que já trocamos. — Oi?

— Sabe, eu nunca disse isso, porque não queria que achasse estranho, mas você é muito bonita, Rico.

— Não, ela não é — diz Zan, do chão.

Uau.

Jessica se vira enquanto ele levanta.

— É o quê, babaca?

— O quê? — Ele tem a coragem de parecer confuso. Então

olha no meu rosto.

Acho que pareço ferida.

Ele fica bem vermelho.

— Não quis dizer *isso*...

— Então, que inferno você quis dizer, Zan? — Jess dá um soco no braço dele.

— Ai!

Acho que gosto dessa garota.

Finesse se aproxima e deixa um braço por cima dos ombros da Jessica enquanto Zan estreita os olhos na minha direção.

— *Bonita* é uma palavra muito pequena para descrever a Rico... — diz. — Ela parece... mais do que isso.

Ninguém fala nada.

Então Finesse tosse e Jessica olha entre Zan e eu com um brilho inconfundível em seus olhos azuis. *Eu* olho para Zan para ver se está tão desconfortável quanto eu, mas ele ainda parece dissecar visualmente o meu rosto.

Cara, ficou quente aqui? Talvez precise voltar para a área das geladeiras...

A porta do escritório se abre, e o Senhor Zoughbi vem com as moedas, instantaneamente reparando em Mano Zan, que você acharia que era o Barack Obama (a pessoa favorita do Senhor Z) com base na forma como seu bigode se curva de felicidade.

— Senhor Macklin!

O foco do Zan se muda para ele (graças a Deus).

— Olá, senhor!

— Não sabia que viria hoje!

O garoto rico dá de ombros.

— Eu deveria ir a Birmingham, mas minha companheira de viagem teve uma “emergência familiar”.

Ele pisca vezes suficientes para que o sarcasmo me esfaqueie, depois força um sorriso.

— Ah, não... — O Senhor Z coça a barba. — Espero que esteja tudo bem.

— Eu também, senhor. Não tive notícias ainda, mas, desde que minha tarde ficou subitamente vazia, decidi trazer algumas amostras.

Então ele está bravo.

Bom, tanto faz. Não é como se eu pudesse contar a ele *por que* estava cancelando e o que faria. Ele nunca entenderia.

— Ah, maravilhoso! — O Senhor Z aplaude, como faz quando está animado. — Venha cá! Vamos discutir isso!

Zan se abaixa e pega a caixa, mas, antes de deslizar para dentro do escritório atrás do Senhor Zoughbi, olha-me novamente.

Ele não está bravo. Está ferido.

O que *me* faz sentir que fui socada no estômago.

Posso lidar com a raiva. Ao pesquisar por Síndrome do Garoto Branco Rico Hiperprivilegiado, os sintomas incluem fúria idiota quando as coisas não acontecem do seu jeito.

Isso, por outro lado, me faz sentir tão impotente e desarmada quanto quando entreguei meu bônus. Não faço ideia do

porquê, mas *não* gosto disso.

— Amor, você pega uma água com vitaminas e duas barras de cereais para mim? — Jessica diz para Finesse, obrigando-me a voltar, você sabe, para o meu *trabalho*.

— Claro, linda — responde, com um selinho. Então, ele se afasta, do jeito que os bons atletas que sabem que são gostosos fazem. Ele e Jess são mais do que fofos, mas é meio irritante.

Começo a abrir os pacotinhos de moedas.

— Então você e o Macklin... — Jessica diz, aproximando-se do caixa.

— Hm, não... Somos meramente... conhecidos.

Ela abre seu largo sorriso.

— Aquela cara de cachorrinho perdido que ele lhe deu não parece de um meramente conhecido para mim. É você a companheira de viagem que cancelou?

Dou de ombros, sem me comprometer.

— Você é linda mesmo.

Quem é essa garota? E por que os elogios dela estão aquecendo meu coração? Isso é quase tão confuso quanto lidar com o Macklin.

— Obrigada.

— Cá entre nós, acho que você seria muito boa para ele.

Fecho a gaveta do caixa.

— Não me entenda mal, mas, considerando que nós duas nunca nos falamos antes, essa é uma *forte* conclusão para se fazer subitamente.

Finesse volta e coloca as coisas que ela pediu no caixa.

— Ah, droga! — diz. — Amor, esqueci de pedir tirinhas de avestruz seco.

Tirinhas de avestruz?

— Hm, acho que nós não...

Ela me corta com um olhar de aviso, e fico tão assustada que minha boca se fecha.

Finesse se vira para mim.

— Fica perto da carne seca, certo? Certo. — Ele se afasta antes que eu possa responder.

Jess espera até que ele esteja a meio caminho do outro lado da loja antes de me encarar novamente.

— Não é porque não nos falamos que não a vejo — diz. — Todos nós a vemos, amor. Zan principalmente.

Amor? Despejo moedas de vinte e cinco centavos na registradora apenas para fazer barulho. Toda essa *atenção* está começando a me dar coceira.

— É sério — continua. — Nunca vi o Zanny tão *vivo* nos oito anos em que o conheço.

Zanny. Eca.

Finesse volta para o caixa.

— Sem tirinhas de avestruz seco, amor.

— Tudo bem, querido. Obrigada por procurar para mim. — Jess sorri na minha direção.

A porta do escritório se abre e Zan vem com o Senhor Z na sua cola.

— Então o com dobra tripla reciclada e o ultrarresistente acolchoado?

— Correto, Senhor Macklin.

— E vou mandar uma amostra do protótipo em que estamos trabalhando pela Rico.

— Fantástico — diz o Senhor Z. — Obrigada, Rico!

Zan se vira para mim.

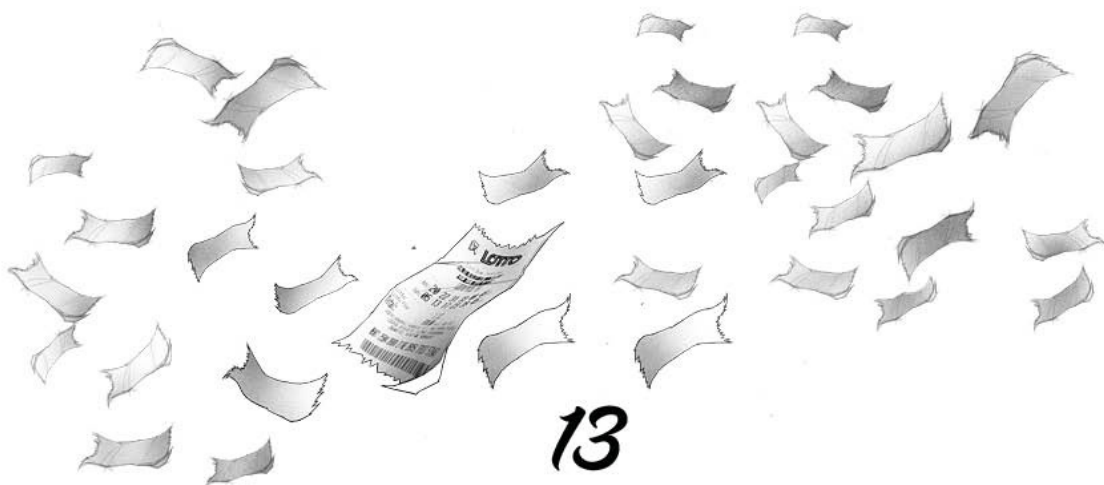
— Você sai às dez?

Hmm...

— Sim...

— Vejo você, então. Ness, Jess, vamos lá.

E eles saem.



Peça com gentileza

Fecho meu caixa, dou um resumo do dia para o cara da noite e, às 22h04, saio da loja.

Zan está encostado no para-choque dianteiro do seu jipe, com os pés cruzados nos tornozelos, girando um *spinner* entre o dedão e o dedo do meio da mão direita. Quando me vê, guarda no bolso do casaco e levanta o queixo, meio me cumprimentando, meio acenando.

Há uma parte de mim que quer passar direto pelo carro dele para o ponto de ônibus, já que um deve chegar em dois minutos e meio...

Mas seu olhar se afasta para longe e ele suspira. Aí está aquela “ferida” novamente. Então caminho para ele, sentindo que estou enfrentando meu destino a cada passo.

— Rico — diz, assim que chego até ele.

— Zan.

E, num primeiro momento, isso é tudo. Uma vez que estamos dentro do carro e nos movemos, pegamos o caminho mais curto para meu complexo de apartamentos (um diferente do que o ônibus faz). Passamos o clube de tênis local, o campo de golfe e os loteamentos com casas enormes onde a maioria dos colegas dele vive. O único som é o de uma música de rap sobre “voar até morrer” tocando suavemente no fundo.

Até que é legal...

Mas então passamos pela farmácia que marca a entrada da região da cidade que cabe nos bolsos mais baratos. Uma vez que viramos na rua mal iluminada que leva ao meu complexo, ele desliga a música.

Ah, cara...

— Então... — diz.

Claro que eu sabia o que ele estava perguntando sem perguntar, mas que se dane por evitar simplesmente questionar.

— Então o quê?

— Emergência familiar?

— Não devo uma explicação a você, Zan. — Cruzo meus braços.

— Justo — responde. — Mas eu adoraria se você me desse uma.

Seus olhos não me dizem nada sob a luz dos postes da rua, mas, mesmo assim, parecem *tão* intensos. As palavras da Jessica voltam à minha mente: *Nunca vi o Zanny tão vivo nos oito*

anos em que o conheço.

É meio... confuso. Nunca, em cento e seis milhões de anos, eu esperaria trocar uma única palavra com Zan Macklin, quanto mais estar sentada ao seu lado naquele caminhão de brinquedo com ele “gentilmente” pedindo informações sobre minha vida pessoal.

Ainda assim, odeio o quanto ele parece se sentir no direito a ter informação.

O quanto parece se sentir no direito a ter tudo.

A ter a mim.

Não perguntou se podia me pegar no trabalho. Não me pediu para entrar no carro. E não pediu realmente para eu dizer a ele por que cancelei. Não com a frase completa. Com um *por favor* jogado lá em algum lugar.

— Você realmente está acostumado a conseguir o que quer, né? — digo.

— O quê?

— Você não *pede* realmente as coisas.

— O que você quer dizer?

— Você meio que... demanda as coisas. O único motivo pelo qual estou sentada ao seu lado agora é porque você basicamente *queria*, então criou uma situação em que não me senti confortável para negar. O que, eu imagino, é um tipo de padrão para você.

— Do que você está falando, Danger?

Balanço a cabeça.

— Até o fato de que você insiste em continuar pronunciando meu último nome errado. Você faz o que quiser, e as pessoas seguem. Mano Zan Macklin, o rei do mundo.

Ele apenas me encara.

— E não é que eu não tenha gostado da carona... Na verdade, não. O que é que estou dizendo? Estava muito bem sem a carona. Estive bem sem caronas desde que comecei nesse emprego. Então, por que estou pegando caronas do nada? Você diz: “Vejo você às dez” e para do lado de fora do meu “local de trabalho”, como você chama, e eu saio e simplesmente pulo para dentro. Que droga é essa?

— Não estou entendendo...

— Claro que não está, Zan. Por que estaria? Tenho certeza de que, na sua vida inteira, nunca teve que pedir por nada. Você diz “pule” e as pessoas perguntam “de qual altura?”. Inclusive eu.

Ele não responde.

— Minha mãe está doente.

De novo, nada.

— Ela não pode ir trabalhar, então tenho que fazer o dobro das minhas horas normais para compensar o que falta.

— O que falta?

— A falta de grana, Macklin. — Deus. Achei que ele teria um pouco mais de tato, mas isso é... desanimador. — Se eu não compensar, não vou conseguir dinheiro suficiente para pagar as contas deste mês.

Ele continua sem responder. O que eu esperava desta vez.

Logo chegamos à minha vizinhança, então ele para no espaço ao lado do carro da mamãe e puxa o freio do jipe.

— O que posso fazer para ajudar?

— Nada. — É uma reação instintiva, mas, no momento em que isso sai da minha boca, percebo que é verdade.

— Fala sério, Rico. Sei que deve haver *algo* que possamos fazer.

— Realmente não há nada.

Consigo sentir a raiva subindo, mas, honestamente, não sei com quem, ou com o que, estou brava. Com minha mãe por estar doente? Comigo mesma por contar ao garoto mais rico da escola sobre minha história de garota pobre? Com Zan por não conseguir se identificar? Com a vida por ser tão injusta?

— Não preciso da sua caridade — digo. — Pego ônibus para ir e voltar do trabalho todo dia. Até mesmo essa carona era desnecessária.

E há aquele olhar perplexo novamente.

— Não entendo...

— Diga algo que eu *não* sei, Zan.

Ele balança a cabeça.

— Você pode me explicar como que eu querer ajudá-la é algo ruim?

— Não pedi sua ajuda!

— Pediu sim — afirma. — Se me lembro bem, você me arrastou para fora da cafeteria para pedir minha ajuda.

— Não é a mesma coisa! — Estou quase chorando agora.

— Por que não? Amigos não deveriam ajudar uns aos outros?

— Ah, agora somos amigos?

Seu rosto se enrugava com tanta força que parece que um inseto horripilante gigante e marrom está parado na ponta do nariz dele.

— Sério? Somos *amigos*? De que inferno você chama isso?

— Não preciso do seu dinheiro, Macklin.

— Quem foi que falou alguma coisa sobre *dinheiro*?

ARGH!

— Que outro tipo de “ajuda” você possivelmente poderia oferecer?

— Que tal caronas? *Comida* enquanto você está trabalhando? Alguém que fique com o Jax para que você possa descansar enquanto sua mãe se recupera?

Não digo nada. Não posso. Porque, no final do dia, tudo o que ele menciona cai na categoria “coisas pelas quais as pessoas pagam”.

— E então? — insiste.

De novo com isso!

— Então *o quê*, Zan?

Ele suspira novamente. Olha para mim.

Queria que não olhasse. Faz com que eu sinta várias coisas conflitantes. Ainda mais com essa droga de perfume vindo em minha direção.

— Sinto muito se a ofendi, Rico — diz. — Não era minha intenção.

Eu o odeio demais por se desculpar.

— *Boas intenções* não diminuem o impacto negativo do que fez, Alexander.

Alcanço a maçaneta da porta e abro o negócio antes que ele possa ver quão úmidos estão meus olhos.

— A propósito, vamos para Birmingham depois da escola na sexta — diz, quando minhas pernas já estão penduradas para fora da porta.

Lá vamos nós de novo.

— Você ouviu uma única palavra do que eu disse?!

— Quê?

Balanço a cabeça e respiro fundo. Acho que terei que fingir que estou falando com o Jax...

— Não vamos para Birmingham na sexta, Zan. Primeiro: tenho que trabalhar...

— Fiz um acor...

— Não me interrompa. Isso é rude.

Ele parece que levou um soco meu. Ótimo.

— Segundo: se não tivesse que trabalhar, teria dito não.

— Por quê?

— Porque você não me pediu. — Desço do carro.

— Espera!

Viro-me para ele e cruzo os braços. Mais como uma tentativa inútil de tentar me proteger do “Você não pode falar comigo

desse jeito, sua ralé” que espero que saia da boca dele do que para parecer durona, mas tanto faz.

— Rico, você iria comigo para Birmingham na sexta?

Ele não está falando sério.

— Por favor?

Agora ele só quer me deixar doida.

— Tenho que *trabalhar*, Zan. Tenho um *emprego*.

Mencionei isso, mas você claramente só ouviu a parte que tem a ver com você, o que é completamente típico. — Não darei tempo para o riquinho responder desta vez. — Vou entrar agora. — Começo a empurrar a (pesada) porta para fechar, mas aí:

— Rico, posso, por favor, dizer algo?

— Ah, *agora* você pergunta?

Ele suspira.

— Só me deixa chateado que uma das únicas duas pessoas que *sabem* que eu geralmente não consigo o que quero está me dizendo isso.

— O quê?

— A única outra pessoa que sabe o real motivo para eu não ir para a faculdade é o Ness.

Agora sou *eu* que fico sem ter o que dizer.

Não consigo me mover também.

— Rico?

DEUS, ele é irritante.

— O QUÊ, Zan?

— E se você não tivesse que trabalhar?

— Você ouviu alguma coisa do que eu falei sobre ajudar minha mãe?

— E se você tivesse um dia de folga remunerada?

— Não tenho nada disso, Macklin. *Vou entrar...*

— E se você tivesse nesta semana? E se... — seu olhar cai para o colo — já tivesse sido arranjado? — Ele se prepara, como se já esperasse que eu jogasse algo nele.

O que eu talvez esteja considerando.

— Do que você está falando?

— Meio que já perguntei ao Senhor Z se você poderia ter uma tarde livre. Com pagamento.

— VOCÊ ESTÁ ZOANDO COM A MINHA CARA?

A cabeça dele cai.

— Sinto muito.

Eu xingo. Coloco as mãos na cintura. (Posso imediatamente ouvir a voz do Jax na minha cabeça: “Aff, você parece a mamãe”).

Ele olha para mim. Envergonhado.

E tenho que desviar o olhar porque, para ser honesta, sinto que o machuquei de forma horrível.

Ainda não confio nele de jeito nenhum, mas quero — preciso — chegar a Birmigham, e ele está oferecendo carona.

Odeio admitir, especialmente depois de tê-lo detonado, mas ele é uma pessoa legal para se ter por perto boa parte do tempo.

Não que eu devesse deixar essa parte me distrair.

Um, zero, seis. Um, zero, seis. Um, zero, seis.

(Mais seis zeros).

Posso deixá-lo de lado assim que voltarmos.

— Vamos sair logo depois da escola?

A cabeça dele se move na minha direção.

— É sério?

— Zan.

Por que ele está me encarando como se eu tivesse oferecido uma viagem à lua para ele?

— Ok, ok. Sim — responde finalmente. — Logo em seguida.

— Ótimo. Boa noite.

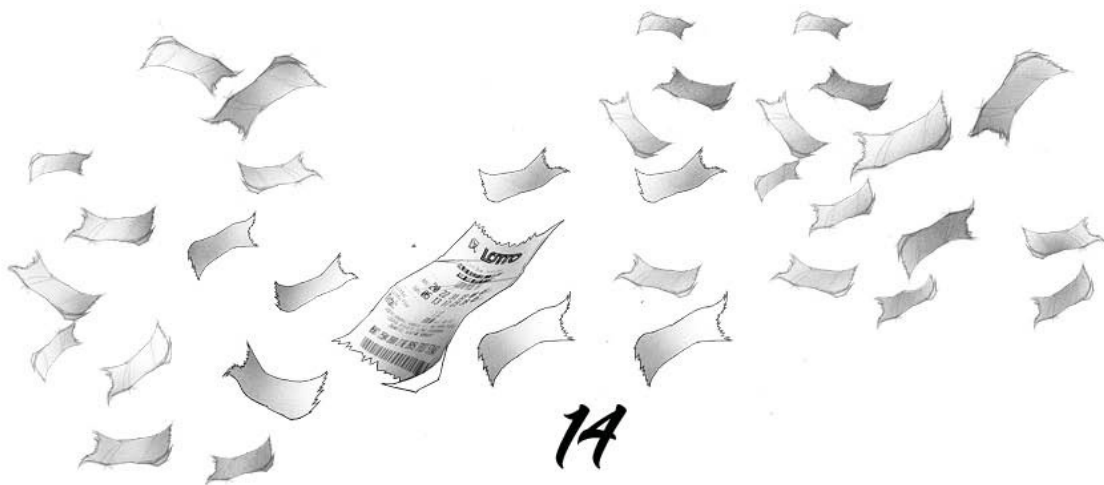
Ele dá um sorriso. Um bem grande *mesmo*.

— Vejo você na escola amanhã, gatinha.

— Você acabou de me chamar de “gatinha”?

— Ah, chamei sim.

Travo a mandíbula e bato a porta sem qualquer outra palavra.



Beau

Zan está esperando no meu armário na sexta à tarde e, por mais que eu queira manter um escudo raivoso, uma animação em relação à viagem para Birmingham começa a aparecer.

— Você é muito esquisito — digo, assim que consigo abrir.

— Como sabia onde era o meu armário?

— Acho muito louco que você acredite ser invisível, Danger.

— Se estivesse em uma escola onde ninguém nunca falou com você, sentiria que é invisível também.

— É uma via de mão dupla, né?

— O quê?

Ele espera até que nossos olhares se encontrem para dizer:

— Você falaria com alguém que parece que não quer ser

abordado?

Não respondo nada. Termino de guardar meus livros e tranco a porta do armário.

— Pronta para arrasar, Rainha do Gelo? — pergunta. — O dia está bom para uma aventura gloriosa.

— Você é ridículo.

Ele sorri, estica um cotovelo e, apesar dos meus protestos internos, eu o pego.

Estava certa em ser relutante: passamos por um grupo de garotas — literalmente o *#squad* de líderes de torcida da Jessica, mesmo que ela não esteja junto — no estacionamento, e elas me olham de lado tão intensamente que sinto uma necessidade de checar se estou fedendo.

Tenho quase certeza de que Zan nem percebe, o que faz minhas engrenagens girarem. Não que eu tenha me permitido pensar nele de outra maneira diferente de “um meio para um fim” (isso foi horrível? Sim, provavelmente foi.), mas fico curiosa.

— Então, você está saindo com alguém? — pergunto no momento em que as portas do jipe se fecham.

Ele liga a ignição e algum rap sobre vários tipos de cheques sai dos alto-falantes (convenientemente). Ele abaixa a música e puxa o cinto.

— Não.

Hm.

— Saiu com alguém recentemente?

— Não saí.

— Quando foi a última vez que saiu com alguém?

— Qual é a dessa linha de questionamento, detetive? —

Toca na tela bem no centro do painel do carro até que o GPS surja. Adiciona o endereço e a rota aparece.

Devo dizer a ele a verdade? Acho que não vai machucar.

— As, hm, líderes de torcida não pareciam felizes de me ver com você.

Zan dá de ombros.

— Eu não namoraria aquelas garotas. Não tenho nada em comum com nenhuma delas.

Sufoco uma risada irônica. Um garoto repugnantemente rico e bonito que não tem “nada em comum” com garotas repugnantemente ricas e bonitas.

Ok.

— Estou vendo.

— Elas são tão profundas quanto uma poça d’água, Rico. Não ficaria muito preocupada se fosse você.

— Quem disse que estou preocupada?

Ele não responde, mas vejo seu sorriso largo. Babaca.

Pegamos a pista da direita, que nos levará para a rodovia, e a realidade vem como um alívio gritante: estarei sozinha em um carro com Mano Zan por duas horas ou mais no que poderia muito bem ser uma caça a troco de nada.

Algo que não tinha considerado até agora: e se não conseguirmos encontrar esse tal de Beau? Será que o Zan ficaria superirritado porque desperdiçamos tanta gasolina? Será que ele

pensa em gasolina? Pelo que contou, ele comprou o jipe... isso significa que paga pela gasolina também?

E do que nós estamos falando? Se existem pessoas que não têm “nada em comum”, somos nós dois.

— Assistiu ao primeiro episódio de *JACKPOT!*? — pergunta, trazendo-me de volta da borda do abismo de onde eu estava prestes a cair.

— Não vi. — Queria, mas não temos o canal.

— Não perdeu muito. — Zan muda de pista expressa e se acomoda no assento. — Marque o que eu digo: Wally Winkle estará quebrado em cinco anos.

Uau.

— Bem, isso é muito pessimista.

— Só estou falando a verdade — solta. — O primeiro programa foi basicamente um episódio de MTV Cribs[14]. Fizeram um tour pela casa de sete milhões de dólares que o cara comprou, com uma piscina interna e quadra de raquetebol.

— Então ele quis uma casa bacana — respondo moderadamente. — Ele ainda tem quarenta milhões para viver.

Zan balança a cabeça.

— O lugar estava cheio de móveis caros e eletrônicos. Já comprou dois carros para si mesmo, e um carro e uma casa para cada um dos três filhos.

— Qual é o seu ponto?

— Rico, dar quarenta e sete *milhões* de dólares para uma pessoa sem nenhuma preocupação com finanças e pouco controle

dos seus impulsos é uma horrív...

— Pouco controle dos impulsos? — Minha voz se quebra totalmente. — Você nem conhece o cara!

— Nem preciso. Pessoas que vão da pobreza à riqueza de um dia para o outro tendem a não ter nenhuma ideia sobre controle do dinheiro — diz. — Teve um cara que trabalhou na nossa fábrica anos atrás. Ele sofreu um acidente em uma das nossas máquinas e acabou perdendo três dedos da mão direita. Conseguiu um acordo de cinco milhões de dólares.

— Ok.

— Se controlado, ele poderia viver uma vida *bem boa* por mais de cinquenta anos, um pouco mais de oito mil dólares por mês. Honestamente, se tivesse investido, conseguiria esticar isso ainda mais.

— Certamente você sabe muito sobre isso — digo, meio sarcástica.

— Meu pai insiste na história de “responsabilidade financeira” desde que eu tinha idade suficiente para saber os valores das diferentes moedas no meu porquinho. Leu *Pai Rico, Pai Pobre* em voz alta para mim pela primeira vez antes de eu entrar no jardim de infância.

— Ah. — Maldito sabe tudo.

— Como eu estava dizendo, o cara que perdeu os dedos poderia ter ficado bem por um tempo, mas, em três anos, estava implorando para ser contratado de volta, porque acabou com toda a grana. Assim como Wally Winkle, comprou uma grande casa e um

carro novinho. Acabou que ele também era alcoólatra com problemas de aposta.

Não respondo.

— As pessoas veem a loteria como um Santo Graal que resolverá todos os seus problemas, mas não é nada mais do que um sistema horrível devorando as esperanças dos pobres e destruindo suas vidas. Wally Winkle não faz a mínima ideia do que está fazendo, cara. Vai ser bem feio.

Ainda não digo nada. É a primeira vez que ele fala tanto espontaneamente... Bom, eu ficaria feliz se ele nunca mais falasse nada.

Se eu abrisse *minha* boca agora, fogo sairia de dentro. Que merda Alexander Gustavo *Macklin* sabe sobre “a esperança dos pobres”? Coloco as mãos debaixo da coxa e olho para fora da janela, para os carros passando como borrões.

Não tenho nem ideia de quanto tempo passa, mas subitamente ele diz:

— Você está brava comigo.

— O quê?

— Consigo sentir isso. Você está brava comigo pelo que eu disse.

Suspiro.

— Podemos falar sobre outra coisa, por favor?

— Quero ouvir sua opinião — argumenta. — E não diga que você não tem nenhuma, porque sei que sim.

Ele está certo.

— É engraçado que o garoto que nunca passou necessidade tenha tanta coisa a dizer sobre pessoas que passam boa parte da vida com quase nada.

E aquele olhar calculista dele me atinge.

— Você não faz *ideia* do que é ser pobre, Zan.

— Justo. Por favor, continue.

— Pessoas como Wally Winkle e o cara da *sua* fábrica não se dão ao luxo de se considerarem donos de coisas como uma casa e um carro como uma certeza na vida — explico. — Você provavelmente nunca pensou sobre isso, mas há pessoas que não têm certeza se terão *comida* na mesa toda semana...

— Como você e o Jax?

Minha boca se fecha.

Ele sabe que disse a coisa errada, porque não fala mais nada. Depois de alguns minutos considerando se devo saltar do carro e rolar até o acostamento da estrada quando mudarmos de pista, crio coragem de encará-lo. Zan olha para a frente com os lábios selados.

— Por que você está me ajudando, Zan?

Ele dá uma olhada para mim.

— Oi?

— Com tudo isso. Se você acha que a loteria é maligna...

— Eu não disse que era *maligna*. Nossa.

— “Horível”. “Devorando pessoas pobres”. Tanto faz. Se é assim que se sente sobre esse assunto, por que está me ajudando a procurar pela senhora que tem o bilhete?

Looonga pausa.

— Porque você me pediu?

Hmmm...

— Dá última vez que verifiquei, tudo que *eu* pedi foi para me ajudar com as câmeras de segurança da loja. Você quem deu início às outras coisas, inclusive esta viagem de carro. — *O que você está querendo?*

Ele engole. Mais de uma vez. Seu pomo de adão parece uma daquelas boias flutuantes no oceano.

Por que será que sinto que uma bomba está prestes a explodir?

Ele suspira.

— Não me odeie, ok?

— Hm...

— Eu estava entediado.

Ele... O quê?

— Repete?

Suspira de novo.

— Tédio — diz. — É por isso que estou ajudando. Estive naquela cidade fazendo as mesmas coisas com as mesmas pessoas por tanto tempo quanto consigo me lembrar.

Pressiono meus lábios unidos. É óbvio que algo que poderia mudar a inteira existência de uma pessoa seria nada mais que a cura para o tédio de Alexander Macklin. Claramente, toda a porcaria sem fim que ele possui acesso Todo.O.Tempo.

Não é suficiente para providenciar entretenimento

adequado a ele.

Que continua:

— Você me arrastar para fora daquela cafeteria foi a coisa mais empolgante que me aconteceu o ano inteiro. Senti-me sendo escolhido para embarcar em algum chamado épico de herói.

Eu não...

— Então isso é apenas uma *brincadeira* para você.

— Quer dizer... Não exatamente. Mas também meio que é.

Não faço ideia do que sentir. Acho que, por um lado, estou levemente aliviada por saber que ele não está atrás do bilhete para si mesmo. (Pelo menos *acredito* que não está... Quem conseguiria ter certeza a esta altura?).

Mas também: se é uma brincadeira para ele, o que isso faz de mim?

Engulo em seco.

— Falei a coisa errada novamente, não foi?

Suspiro involuntariamente.

Será que posso ficar brava de verdade? Estou basicamente usando-o, não estou? Embora ele tenha sido voluntário.

— Posso dizer só mais uma coisa? — questiona.

— Estamos no *seu* carro, Zan.

— Ok. Bom, apenas saiba que isto é o mais feliz que já estive em um longo período de tempo.

— Oi?

— Esta nossa missão. É engraçada, sim. Mas também é

boa. Ficar em casa... Vamos apenas dizer que não tem sido meu lugar favorito.

— Sério? — Agora ele conseguiu minha atenção.

— Pode ser solitário e um pouco sufocante. Com você, sinto-me livre. — Ele tira os olhos da estrada para prender aos meus por um momento. Sorri de uma forma que transforma meus mecanismos de defesa em vapor. — A este ponto, meio que estou vivendo por isso.

E por uma razão diferente das de sempre, tenho que afastar o olhar.



Há uma música alta e animada balançando as paredes da pequena casa de madeira no endereço que Delores nos deu.

Tão alta, na verdade, que tocamos a campainha e batemos na porta, mas ninguém responde.

— Bem, isso é interessante. — Zan olha para mim. — O que faremos agora?

Inclino-me para a direita e tento olhar por uma das janelas. As cortinas são tão grossas que não consigo enxergar através delas.

— Não faço a mínima ide...

— Posso ajudar em alguma coisa?

Zan e eu pulamos para trás. No extremo oposto do corredor que leva para a casa está um homem alto e tão magro que

é como se alguém prendesse seus pés e o puxasse pelas orelhas para esticá-lo. Suas calças pairam no topo das botas bem gastas, a camisa de flanela está desabotoada e há cabelo suficiente em seu antebraço e brotando da gola da camisa para substituir tudo o que falta na cabeça.

Ele parece petrificado.

Estou parada encarando-o — seus olhos são do azul mais pálido que já vi — quando Zan me cutuca no braço com o cotovelo.

— Aii! — Olho para ele.

Ele mexe as sobrancelhas para cima e para baixo. (Querido Senhor, esse garoto é tão óbvio).

— Desculpe incomodar, senhor — digo para o homem. — Estamos procurando por Beau Wilcox...

— Não há nenhum Beau aqui! — Ele abaixa a cabeça e caminha para a porta.

Zan e eu saímos do caminho.

— Casa errada, casa errada — diz, mexendo nas chaves. — Vocês vão sair daqui agora, não vão?

A porta se abre e uma mulher corpulenta, tão alta quanto Zander e com o rosto vermelho como um tomate, coloca a mão na cintura.

— Beau, que inferno, onde você estava?

— Mulher! — O homem endireita a coluna e levanta o queixo. — Sou o homem da casa! Não me questione na frente das visitas!

A mulher encara Beau, depois volta o olhar azedo para Zan

e eu.

— E quem são vocês?

— Não faça perguntas a eles também! Esse é o MEU trabalho!

Ela rola os olhos e fecha a porta. Ele não se vira.

— Hm... Senhor Wilco...? — começo.

— Quem são vocês e o que querem?

— Somos estudantes da Metro Atlanta, senhor — digo. — Você dirigia um táxi lá, certo? — Ele não responde, então continuo: — Trabalho em um posto de gasolina em Norcross, e você pegou uma passageira na véspera de Natal lá. Uma senhora idosa negra. Tenho uma foto dela aqui... Estamos tentando encontrá-la, e nos perguntamos se...

— Levei-a para a igreja grande. Já terminamos?

Zan e eu nos olhamos, depois de volta para Beau.

— A igreja grande?

— Victorious Faith, ou algo do tipo. Ela foi minha única passageira naquela noite.

— Ok...

— Vocês vão embora agora, certo? Isso é tudo que sei.

Zan faz um movimento circular em volta da orelha com o dedo indicador. “Esquisito”, fala sem sair som.

Bato nele.

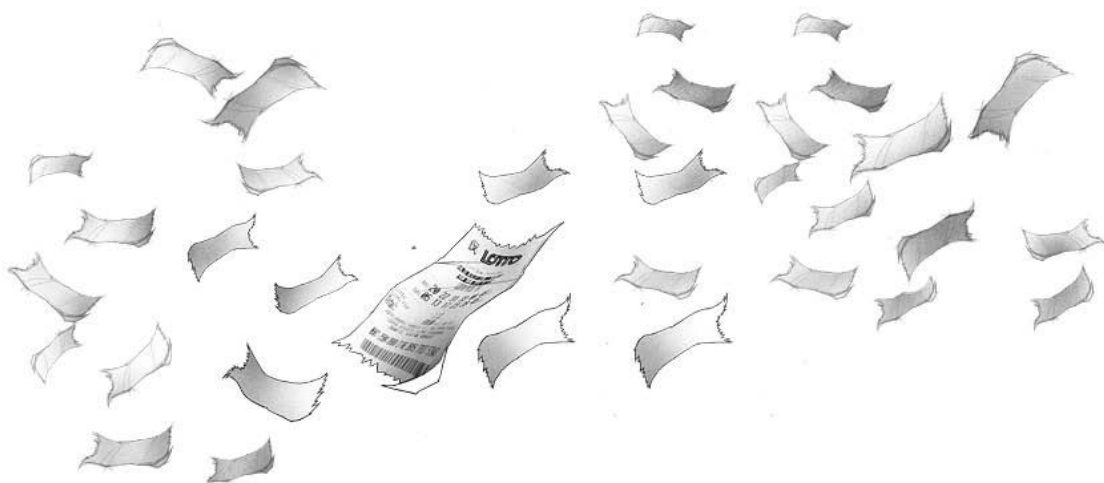
— Tem certeza de que era uma senhora negra baixinha?

— Bem, sim! Sei para quem eu dirigi.

— Cabelo branco curto?

— Tipo um blackzinho, essa mesma — diz.
— Victorious Faith Church?
— Foi o que eu disse, não foi? Era sua primeira vez lá. Ela me disse.
— Ok.
— Agora vão embora. — Ele entra na casa e fecha a porta.

[14] Programa de TV que visita casas e mansões de celebridades.



Uma palavrinha do (antigo) táxi de Beau Wilcox

Pátios de apreensão são bem depressivos, mas nunca vi nada mais triste do que o bom e velho Beau no dia em que retirou todas as suas coisas de dentro de mim. Ele estava chorando como um bebê.

Se você me perguntar, foi um absurdo terem demitido o cara. O prêmio da loteria era de 212 milhões de dólares — claro que ele não resistiria a parar para comprar um bilhete! “Hora da aposta”. *Dã*. Aquele salário escasso que pagavam praticamente só era suficiente para que ele e sua família sobrevivessem! Que merda eles esperavam?

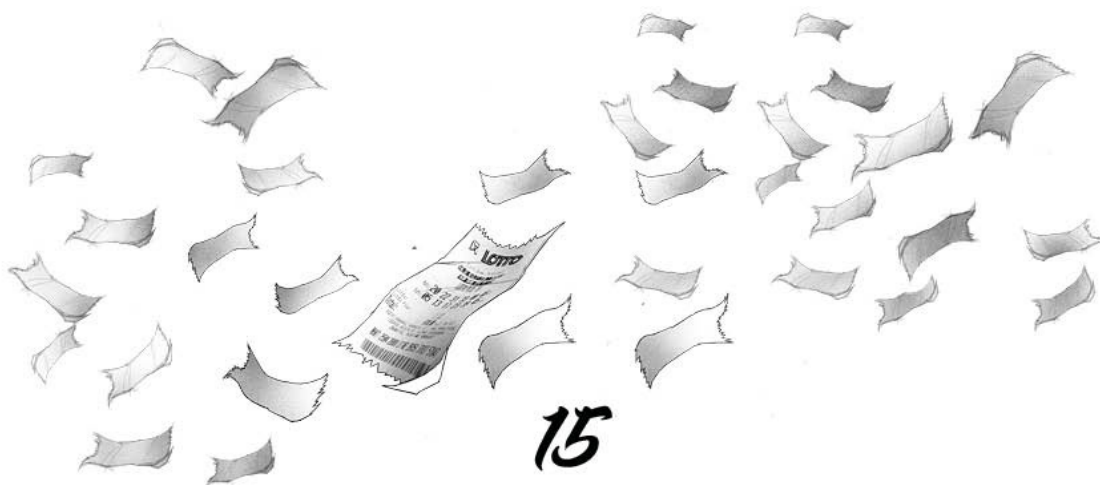
Certamente sinto falta dele e das nossas aventuras. A última senhora que levamos era um doce também. Ainda há uma das luzinhas do suéter dela no meu banco traseiro. Ela trouxe um bilhete de loteria também, mas ninguém disse nada a *e/a* por causa

disso.

As pessoas sempre falam do quão pouco os negros possuem neste país, mas a cor do Beau é a mesma da maioria dos CEOs e ele não está podendo ficar de pernas para o ar.

Pobre homem.

Sei que tenho estado parado por um tempo, então estou ficando enferrujado, mas ainda acho vergonhosa a maneira como a classe trabalhadora é tratada por aqui.



Jessica Barlow

Quando chego em casa do trabalho no sábado à tarde, mamãe e Jax não estão. Como minha próxima aventura com Mano Zan — uma visita à igreja que Beau mencionou — não acontecerá até amanhã, chuto minhas botas, estico-me no sofá e tento relaxar.

Funciona... brevemente. Assim que atinjo o ponto entre estar em vigília e prestes a sonhar, há um baque alto.

Sento-me e olho em volta.

Até que ouço um grito.

As vozes estão abafadas, então não consigo entender as palavras, mas definitivamente são duas pessoas. Outro baque, que soa como vidro quebrando; um grito; outro grito; uma porta que se fecha com tanta força que as paredes do *meu* apartamento balançam.

Depois de alguns segundos de um silêncio tão alto que

quero cobrir os ouvidos, há uma batida na minha porta, e eu paro de respirar.

Devo responder? Certamente Jessica deve estar em um treino da torcida, no conselho estudantil ou algo assim... Seria a mãe dela? Com quem será que ela vive?

Outra batida.

Respiro fundo e vou para a porta. Espio pelo olho mágico...

Recuo. Perplexa.

— Ei — diz Jessica, enquanto abro. Ela está com a bolsa no ombro e chaves nas mãos, mas seus olhos estão muito vermelhos.

— Você está bem? — pergunto.

Ela funga.

— Não muito. Você, hm... Você está ocupada?

— Não. — Dou uma olhada sobre o ombro para o tapete gasto e os móveis simples. — Quer entrar?

Ela balança a cabeça.

— Vou sair.

— Ok... — *Então, por que ela está aqui?* A pergunta deve ter ficado escrita por todo o meu rosto, já que a próxima coisa que diz é:

— Quero que venha comigo.

— Quer?

— Sim, por favor. Pegue suas coisas e encontre-me no meu carro.

Dou uma olhada nela: Nike da cabeça aos pés debaixo do

casaco macio North Face. Não faço ideia de como pagou por essas coisas se vive *aqui*, mas, de qualquer forma, *eu* estou vestindo uma camisa xadrez sobre uma regata preta, jeans Levi's rasgados de cintura alta como os dos anos oitenta — tudo barato — e botas Doc Martens, que fazem parecer que estou usando um estilo grunge.

— Devo me trocar?

— O quê? — Ela parece estupefata. — Você está brincando? Está perfeita. Fala sério. — Vira-se para descer as escadas.

Depois de permanecer na porta parada, olhando para o espaço por alguns segundos, volto para dentro e rabisco um bilhete para que mamãe não se preocupe: “Saí com uma amiga”. Pego um casaco, enfio a carteira no bolso e saio para trancar a porta.

Bato na palma da minha mão com a chave.

Dói.

Não estou sonhando, então. Ok. Escada abaixo e para o estacionamento eu vou. Jessica está sentada no Honda vermelho de dois assentos que raramente está aqui (ou é o que parece). Quando entro, ela está vestindo um moletom que não estava antes, fechado até o pescoço.

Esquisito.

— Carro fofo. — Aperto meu cinto.

Ela bufa.

— Este negócio é uma armadilha mortal. — Ela acaricia o painel. — Pimenta é meu bebê e sou muito grata por ele, mas um arranhão nesta coisinha e estou morta.

— Ah. Reconfortante.

Ela ri. Muito.

— Você é sempre tão engraçada?

— Não tenho certeza se sou a pessoa certa para responder.

Agora ela está sorrindo para mim, o que me faz sentir bem quentinha. E também confusa.

Sinto os cantos da minha própria boca se levantarem e olho para longe.

— Entendo totalmente por que o Macklin está afim de você — diz.

E, então, nós partimos.

Espero que o silêncio no carro seja pesado, mas não é. Há algo desarmante em Jessica Barlow. O que me pega de guarda baixa, considerando que ela é um protótipo hiperpopular da rainha do baile do ensino médio (literalmente).

E agora minhas engrenagens estão girando tão rápido quanto as do carro dela. Afinal, por que estou aqui? No carro de uma garota que claramente sei bem pouco sobre. Indo para sabe Deus onde. Assim como Macklin, ela não me pediu *exatamente* para ir com ela. Ela... sinalizou. (Embora tenha dito “por favor”, pelo menos). E eu fui com ela. Será que é *porque* ela é bonita, popular e parece rica? Será que é porque é branca?

Admito que estou cada vez mais curiosa a seu respeito conforme interagimos — e ok: lisonjeada que ela “queira” que *eu* me junte a ela —, mas, o que estou realmente fazendo aqui?

Não sei como navegar por esses mares.

Ela conecta um fio preso ao seu rádio no telefone, depois ergue-o na direção do rosto.

— Migos, Rihanna, ‘NSYNC antigo ou a trilha sonora de *Hamilton*?

— Hm... Você escolhe.

Ela toca na tela e viramos à direita, fora do nosso complexo, enquanto Justin Timberlake diz: “Dirty pop!” e logo minha cabeça está balançando.

— Amo essa música — digo.

— Meu Deus, sim. Timberlake está velho agora, mas eu definitivamente seria mãe dos filhos dele se não estivesse tão inclinada a ter os do Ness. Pode segurar o volante por um segundo?

Faço isso e ela mexe na bolsa até tirar uma... touca de banho?

Depois de colocar todo o seu cabelo loiro maravilhoso para dentro, ela abaixa a janela e se estica sobre mim para pegar um pacote de cigarros de menta da Malboro — reconheço a caixa de reabastecê-la na loja — dentro do porta-luvas.

— Você fuma? — pergunta. Balanço a cabeça. — Tudo bem se eu o fizer?

— Tudo. — O carro é dela, não é?

— Não faço isso sempre, porque o Ness não toca em mim se conseguir sentir o cheiro, mas, depois de brigar com a minha mãe, eu meio que... preciso da sensação, sabe?

Não sei, mas aceno de todo jeito.

Isso é quase uma experiência fora do corpo.

— Pode abaixar sua janela? Vou aumentar bem o calor para não congelarmos.

Faço o que pede e ela acende. Puxa um longo trago e joga a fumaça para fora da janela.

— Ela é tão... *Meu Deus*. Você já teve momentos em que se perguntou como poderia ser filha da sua mãe?

Mexo-me no assento. Nunca falei com *ninguém* sobre minha mãe e nossos problemas, mas a verdade é:

— Sim, já.

— Eu *sei* que me criar sozinha foi difícil, mas fiz minha parte, sabe? — continua. — Sou finalista do National Merit e estou a caminho de me tornar a droga da segunda melhor da classe. Além de ser capitã das líderes de torcida, representante de turma e trabalhar meio período desde os dezesseis.

— Caramba.

— Né? Mas é como se... não fosse suficiente para ela.

Não sei o que dizer sobre isso.

— Ela entrou nessa de sempre me pedir dinheiro. Diz que tenho que começar a pagar aluguel, já que vou fazer dezoito no mês que vem — reclama. — Entramos nessa hoje porque ela encontrou a bolsa de roupas que comprei no trabalho e começou a falar sobre como eu *gasto dinheiro demais com coisas desnecessárias*. Primeiro de tudo, é o *meu* dinheiro, pelo qual *eu* trabalhei, e, segundo, ela não parece se tocar de que tenho que usar a marca.

A forma como ela lida com dinheiro é fascinante para mim:

comecei a trabalhar um ano antes dela, mas nunca nem *considere* fazer o que quisesse com o que ganho.

— Onde você trabalha? — pergunto.

— Nike.

Bom, pelo menos seu vestuário faz sentido.

— É que... não é como se fosse minha culpa que ela beba praticamente todo seu pagamento, sabe? Não sou o motivo da insatisfação dela com a maneira como sua vida tem sido e odeio quando me coloca como o problema.

Fora a parte do alcoolismo, isso soa familiar.

Embora eu não tenha certeza da razão de ela estar colocando tudo para fora dessa forma.

— Entendo o que quer dizer — digo.

Viramos à esquerda na ACM[15], passando pela escola de ensino fundamental e chegando à parte rica da cidade. Ainda não faço ideia de para onde estamos indo, mas não parece o momento de perguntar.

Dá outra tragada profunda no cigarro, que está quase na parte laranja.

— Ela está sempre gritando comigo, mas depois pergunta por que não “passo tempo” com ela. Não consigo nem dizer quão pronta estou para me formar e dar o fora daqui.

— Para onde você vai?

Agora todo seu rosto se ilumina.

— Ness e eu vamos para a Universidade da Geórgia. Teremos que viver nos dormitórios no primeiro ano, mas vamos

conseguir nosso próprio apartamento no verão que vem. Mal posso esperar, Rico.

Isso... faz algo comigo. E lá no fundo, sei que aquela história de “deve ser legal ter isso ou aquilo” não funciona aqui — Jessica não tem muito mais dinheiro do que eu. Ela não possui um irmão mais novo para se preocupar, mas, colocando isso de lado, nossas situações são quase as mesmas.

Space Camp foi uma coisa, mas ficar ao redor da Jess me faz questionar quando parei de ter sonhos.

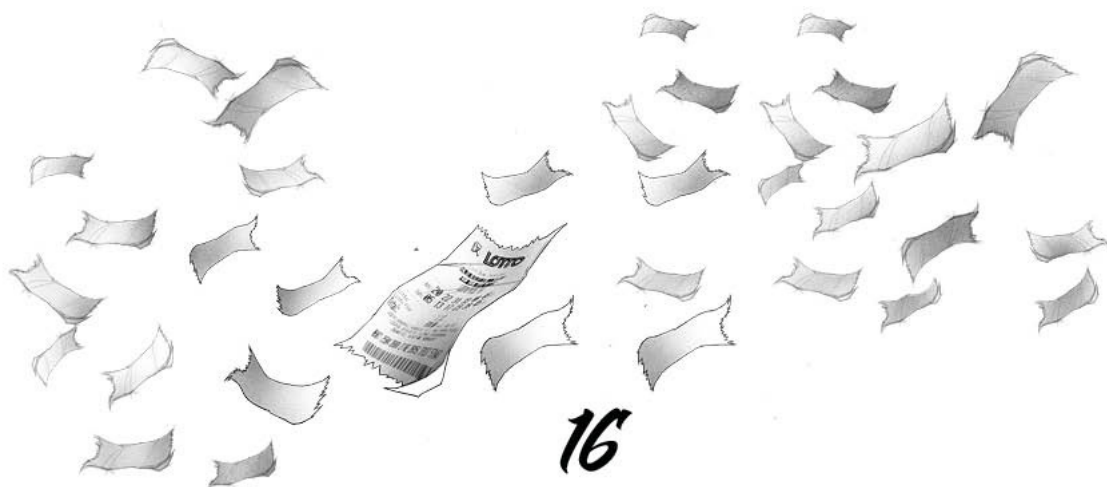
A próxima coisa que eu sei é que estamos entrando em Wellington, e tenho um flashback intenso de estar na quinta série e ser nova na região. Esse loteamento estava sendo construído e eu, mamãe e Jax (que estava aprendendo a andar na época) passávamos por ali e explorávamos as casas enquanto ainda estavam em obra. Mamãe me dizia que tipo de mobília ela compraria e eu fechava meus olhos para imaginar.

Na época, acreditei que havia uma chance de eventualmente vivermos em uma casa enorme como aquelas pelas quais passávamos.

Mas agora?

Seco meus olhos rapidamente antes que Jessica me veja chorar.

[15] Associação Cristã de Moços (em inglês, Young Men's Christian Association, YMCA). É uma organização que visa praticar o cristianismo desenvolvendo o espírito, a mente e o corpo.



Um pouco demais

Paramos na garagem de uma bela casa de tijolos creme. Jessica, como ela insistiu que eu a chamasse, tira a touca de banho e o moletom antes de usar o espelho para reaplicar o brilho labial. Puxa uma pequena garrafa de perfume de dentro da bolsa e aplica um pouco em cada pulso, depois esfrega atrás das orelhas.

— Estou cheirando a fumaça? — pergunta, enfiando o pescoço no meu rosto.

Fungo. Ela cheira magicamente. Suor de sereia com um pouco de *bibbidi-bobbidi-boo*.

— Seu cheiro está ótimo.

— Beleza.

Saímos e, quando chegamos à porta da frente, ela separa uma chave e coloca na fechadura. Quando a porta se abre, quase passo mal.

Esta casa é algo que nunca vi igual.

A entrada tem um teto alto, adornado com o que acho que seja um lustre de cristal, baseado nos prismas que aparecem quando a luz atinge os pedaços delicados. O piso de madeira é impecável, a sala aberta que fica à direita possui uma lareira enorme e um piano estonteante, com música de jazz flutuando pelo ar como se vazasse das paredes.

Onde quer que estejamos, sinto-me instantaneamente indigna de estar aqui.

De quem será que é esta casa e por que a Jess tem uma chave?

Uma garota negra vagamente familiar aparece no topo da escada.

— Ah, ótimo! — diz, franzindo o nariz para a Jess. — É você.

— Oi, Sincere! Você está bonita hoje!

— Tanto faz. — A garota rola os olhos e desaparece.

— Sincere não é muito fã da minha branquitude — Jess responde. — Casaco? — Passo para ela, que o coloca em um armário. — Siga-me.

Andamos por um corredor curto para uma cozinha perfeita. Uma linda mulher negra está parada na frente de uma pia lavando o que parece ser couve.

— Oi, mamãe — Jess saúda, caminhando até lá e beijando-a na bochecha.

Ela sorri.

— Oi, garotinha!

Então, “Jessie!” vem de uma voz de trovão atrás de nós. Olho por cima do meu ombro enquanto um homem alto e negro entra no cômodo com os braços abertos.

— Venha até aqui e me dê um abraço, garota!

Conforme obedece, Jess apresenta:

— Pais, essa é minha querida amiga, Rico.

Querida amiga?

— Ah-ha! Sobrenome Danger, correto? Ouvimos falar sobre você, Senhorita Rico. — O homem abre os braços na minha direção e sou puxada para perto deles por alguma força de gravidade estranha. — Prazer em conhecê-la! Você é mais estonteante do que Alexander descreveu! Sou Barry, essa é a Cresida — continua. — Sinta-se em casa, tudo bem?

Tudo isso está ficando estranho, mas forço um sorriso.

— Obrigada!

— Os garotos estão lá embaixo? — Jess pergunta.

Cresida bufa.

— Onde mais eles estariam?

— Vou me certificar de que subam para dizer boa noite — Jess avisa.

Barry dá outro apertão em Jess.

— Não sei o que faríamos sem você, garota. Tenham uma ótima noite, moças, e avisem para aqueles idiotas que pediremos pizza.

— Avisaremos. — Jess agarra minha mão e me puxa para

uma porta fechada.

— Foi um prazer conhecê-los! — grito por cima do ombro.

Enquanto descemos as escadas, estou mais confusa do que nunca.

— Jess, desculpe se isso parece uma pergunta idiota, mas quem são essas pessoas?

Ela ri.

— Se você realmente não sabe, vai descobrir em uns três segundos.

E ela está certa. Porque entramos em um espaço aberto do porão e quem está lá assistindo a TV maior, mais nítida e de mais alta definição que já vi é “Alexander” Macklin e Finesse Montgomery.

Agora eu me sinto uma idiota.

O que não dura muito: quando o Pegador Zan me vê, sua boca se abre e ele fica de pé. Olha para Finesse.

— Você sabia?

— Não.

O foco muda para Jessica, que joga um beijo no ar para ele antes de começar a fazer contato visual com Finesse.

Passam-se poucos looongos segundos antes que Zan finalmente mude sua atenção para mim, mas quando o faz...

— *RICO!* — E corre até mim, levantando-me no que só posso descrever como O Abraço. Arrancando meu fôlego.

Uma vez que retorno para o chão, ele me segura pelos ombros e basicamente engole cada centímetro do meu rosto com seu olhar.

Loucamente desconfortável, viro-me para pedir ajuda à Jess.

Mas ela entrou “na zona”. Está trancada lá com Finesse como se ele fosse desaparecer se ela olhasse para longe.

Zan ainda está me encarando.

Isso é um pouco demais.

Jess segura a mão do Ness e o puxa para um quarto escuro do lado oposto do porão. Ele balança a sobrancelha ao passar por nós e, uma vez que estão de portas fechadas, uma luz se acende e música começa a tocar.

Sinto-me um pouco estranha agora. (O que definitivamente é um passo adiante em relação a ser *uma praga imunda na casa intocada dos Montgomery*... Mas, mesmo assim).

Zan se senta novamente e sigo seu exemplo. O sofá de couro é tão profundo que, se me sentar recostada, meus pés não tocarão o chão. Olho por cima do ombro para a porta e para Zan (que ainda me encara com um sorriso bobo e um rosto que admite estar vivendo um momento de glória).

— Eles estão... Hm...

— Sim.

— Mas os pais do Finesse estão...

— Sim.

— Ah.

Ele ri.

— Estou feliz que esteja aqui, assim não fico sozinho desta vez.

Ah.

— Então isso é frequ...

— Sim.

— Tudo bem então.

Ele sorri e caímos em um silêncio, mas ele não para de roubar olhares em minha direção.

É estranho: agora que estou vivendo isto, acho que é totalmente o que eu queria secretamente — ser uma adolescente normal com *amigos* com quem passo meu tempo em porões nas noites de sábado —, mas é algo novo, inesperado para uma primeira vez. Nada disso parece real.

Isso me faz pensar o que Wally Winkle sentiu quando percebeu que segurava mais de cem milhões de dólares em um pequeno pedaço de papel. Certamente foi a realização de um dos seus desejos mais profundos... mas tinha que parecer surreal.

E quando comprou a(s) casa(s) enorme(s)? Carro(s)? Não que eu saiba seu passado, mas em que ponto uma pessoa que nunca teve nada se acostuma a ter bem mais do que precisa?

— Você deveria se aproximar — Zan diz, tirando-me das minhas ponderações.

Ergo uma sobrancelha e cruzo os braços.

Ele ri novamente.

— Dou minha palavra de que não a desrespeitarei.

Chego mais perto, mas bem pouco. Ainda há pelo menos sessenta centímetros de espaço entre nós.

Na verdade, não é com *e/e* que me preocupo. Acabo de

voltar a sentir que eu e meus *trapos* não pertencemos a esta região da cidade, muito menos ao interior desta casa com móveis impecáveis ao lado do ilustre Zan Macklin.

— Ah, fala sério, Danger. — Ele agarra meu braço e minha perna e literalmente me puxa em sua direção. Uma vez que seu braço está jogado no encosto do sofá, minha lateral direita está completamente colada à esquerda dele.

Deus do céu.

— Está frio aqui, né? — ele diz. — Temos que nos sentar próximos para ficarmos aquecidos.

Balanço a cabeça.

— Macklin, você só fala merda.

— Ok, eu admito: senti sua falta, parceira!

— Você me viu ontem.

— Mas foi tipo... eras atrás.

— Você é ridículo. — E quero correr para bem, bem longe agora *mesmo*. Cruzo os braços e, assim espero, respiro fundo escondida.

Ainda posso percebê-lo olhando para mim, então espio. Ele sorri de uma maneira que me faz sentir que estou descendo uma montanha-russa. Eu engulo.

— O que você fez nas últimas dezenove horas? — questiona bem na minha cara.

Ah-ha!

— Você andou bebendo, senhor?

— Naaah. — Ele olha para a TV.

Cutuco a lateral do seu corpo e ele dá risadinhas como uma criança na pré-escola.

— Tudo bem, tudo bem — confirma. — Talvez um pouco.

Bem, isso explica muito. E tira um pouco do brilho, graças a Deus.

— Só para você saber, mesmo se eu não estivesse meio tonto, ainda estaria feliz por você estar aqui.

— Ok, Zan. — Mas, por que estou tão desapontada?

— Estou falando sério, Danger. — Larga o braço nos meus ombros e dá um apertão. — Você realmente se tornou um ponto de luz para mim. Fico muito por aqui, porque minha casa às vezes é solitária, mas tê-la comigo é meu pedaço de céu no paraíso. — Fecha os olhos e sorri.

Encaro meus joelhos. Meio que queria que ele não dissesse esse tipo de coisa. Especialmente agora, quando estou me sentindo superestimulada e me afogando em confusão.

E ele está cheirando muito bem.

Acho que ele percebe que estou desconfortável, porque se “estica” e remove o braço.

— Então nós vamos para a *igreja* amanhã? Aleluuuia, louvado seja *Dieus* — diz, tropeçando nas palavras.

Balanço a cabeça, mas rio.

— Você é tão palhaço.

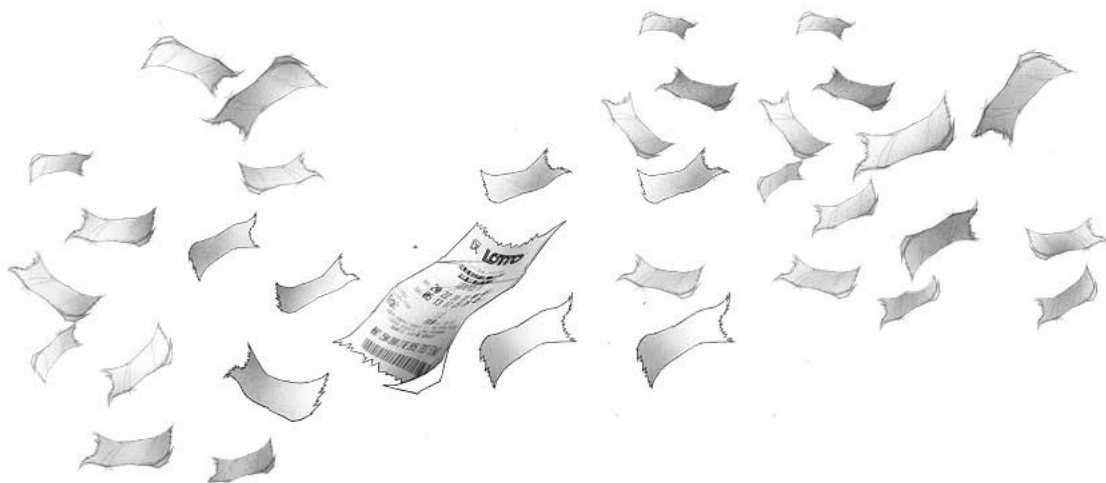
— E você é uma beleza — responde.

Não.

— Tudo bem, acho que tivemos o suficiente de conversa

bêbada para um dia. — Bato no seu joelho e coloco um bom espaço entre nós.

Pego o controle, aumento o volume do jogo de futebol na TV e peço a Deus, dono da casa onde provavelmente iremos amanhã (*o bilhete*, Rico... *o bilhete*), que Jess saia logo para que possamos partir.



Uma palavrinha dos lençóis de algodão egípcio de 1200 fios de Alexander Macklin

Odamos noites como estas. Noites frias. Noites secas. Noites em que nosso único contato físico é um com o outro.

Sim, quando temos Alexander entre nós, muitas vezes acabamos encharcados de suor e tão torcidos que não dá para nos reconhecer — ele se mexe mais do que um barquinho preso em um furacão no oceano aberto —, mas *aquilo* é melhor do que isto... Solidão. Pelo menos, quando ele está aqui, vive esta solidão *conosco*.

A mãe dele não veio checar nosso bem-estar desde que nos entregou para a empregada que nos passou e esticou bem apertados nos cantos do colchão, presos dolorosamente na monstruosidade de mogno que é a cama em formato de trenó do

Alexander.

Queríamos que ela o checasse mais frequentemente.

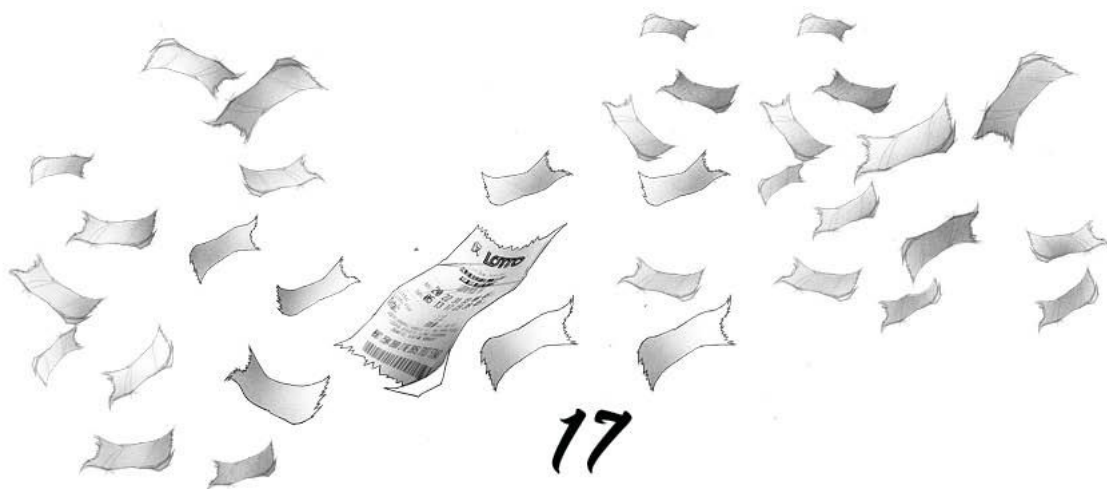
Enquanto estávamos sendo transportados para a lavanderia uma vez, nós a ouvimos dizer para a empregada que Alexander a lembrava “um pouco demais” do filho que perdeu antes que ele nascesse — o que não é culpa do *nosso* garoto, né? E se os sonhos febris do Alexander com o pai dele empurrando-o de penhascos, prendendo-o em gaiolas ou perseguindo-o com correntes servirem de algum indicativo, as coisas não são exatamente ótimas *nessa* relação entre pai e filho também.

Você não ouviu aqui, mas às vezes ele sonha com liberdade: dirigir um conversível pelas montanhas usando camisetas com palavras estranhas — Stanford, Notre Dame, etc. — que se unem a trilhas abertas ao nascer do sol...

Ultimamente, uma garota negra com um cabelo enorme faz aparições bem frequentes ao seu lado.

Enfim. São em noites como estas — as vazias — que queremos que ele venha para casa a fim de que possamos enrolá-lo bem apertado e nunca deixá-lo partir. No mínimo, evitaria que *nós* nos sentíssemos tão sozinhos.

Ele certamente não gosta disso. Por que diabos nós gostaríamos?



Um tanto promiscua

Acordo com a essência mágica de Macklin nas minhas narinas. Isso me faz sorrir, então mantenho os olhos fechados.

Não faço ideia de como cheguei em casa, mas acho que foi a melhor noite de sono que tive em bastante tempo. A cama parece mais macia do que normalmente, juro que esse travesseiro tem braços...

E pernas?

Meu Deus!

Aperto meus olhos com mais força porque... Sim. Definitivamente há um braço entre minhas omoplatas, uma perna entre as minhas e um peito contra minha bochecha. Forço um olho a se abrir e vejo um queixo.

Não consigo respirar.

Movo-me para sentar. Seus olhos se abrem e ele sorri.

— Bom dia, raio de sol.

Bom dia?

Olho em volta. Há um halo rosa na borda da janela do lado mais distante do cômodo.

— Droga. — Levanto-me do sofá do Finesse. Ainda usando as roupas do dia anterior. — Que horas são? — pergunto, correndo para pegar meus sapatos. — Cadê a Jessica?

Olho novamente para Zan, que, uau, parece absolutamente delicioso esfregando os olhos de sono, com o cabelo bagunçado para todo lado, o que...

Foco, Rico!

Ele se estica e a bainha da sua camisa se ergue.

— Jess foi embora na noite passada — responde no meio de um bocejo.

Paraliso.

— Ela *o quê?*

— Seu toque de recolher é à meia-noite, então saiu quinze minutos antes. — Boceja novamente.

Fico aqui... apenas parada. Chocada.

— Ela me *largou?*

Zan olha para mim como se eu tivesse ficado maluca.

— Você disse que queria ficar.

— Oi?

— Estávamos assistindo a um filme e, quando ela se levantou para sair, você disse que queria ficar. Gabou-se de não ter toque de recolher e tudo o mais.

Ok, agora ele está falando coisas sem sentido.

— Você não se lembra? — pergunta.

— Não!

Pensando bem, pensando bem... Ness e Jess desapareceram assim que chegamos, depois Mano Zan flertou comigo no sofá. Eles saíram, jogamos Adedonha (venci), aí veio a pizza, a música, as risadas e algo efervescente com gosto amargo...

— Você batizou minha bebida?

Ele está bem acordado agora!

— *O quê?* Não!

— Bem, como eu...

— Você *pediu*. — Ele balança a cabeça e coloca o rosto nas mãos. — Ness disse a você o que estava bebendo, e você pediu um copo para si.

— Ah.

— Você não se lembra de *nada*?

Não respondo. Não consigo.

— Nada mesmo? — diz, e, enquanto o faz, seu rosto se transforma no de um bebê elefante muito triste. Se ele tivesse uma tromba, estaria arrastando no chão agora.

Meus olhos se franzem... depois ficam maiores que os pneus de seu jipe.

Ah, não.

— A gente... — Minha mão voa para a minha boca. — Ai, meu Deus.

Confusão em suas sobancelhas de lagarta.

— Oi?

Luto para colocar minhas botas.

— Tenho que sair daqui. Que horas são? Merda, estou *tão* fodida. — *Ugh, sem trocadilhos!*

— Rico, relaxa...

— Eu devia estar no trabalho às *seis da manhã*, Zan! — Onde diabos está minha jaqueta? Aposto que meu telefone de emergência está pegando fogo de ligações perdidas. — Tenho certeza de que minha mãe e meu irmão estão surtando. — Ah, verdade. Está lá em cima no armário de casacos dos Montgomery. Fantástico. — Não consigo nem me *lembrar* da maior parte da noite, agora você me diz que a gente se pegou...

— Ah. — Ele ergue as mãos. — Eu *não* disse isso.

Como infernos eu saio daqui? E se os pais do Ness estiverem tomando café e lendo jornal na cozinha? Não quero que me vejam saindo da casa a esta hora! Sinto-me o perfeito estereótipo... a garota pobre que fica chocada e dá seus biscoitos para um garoto rico depois de invadir uma festa onde não deveria estar. Deve haver uma letra V de *vagabunda* tatuada na minha bochecha.

— Bem, foi o que você insinuou com aquele rosto triste...

— O quê? — Agora ele está colocando os sapatos.

— Acha que nasci ontem? Por que você ficaria chateado sobre o meu lapso de memória se a gente não tivesse se pegado?

Ele suspira e olha para o teto. Fica de pé.

— Fico triste que você assuma sempre o pior de mim,

Danger...

— Podemos não fazer isso agora? — Deve ter um relógio por aqui em algum lugar... *6h47?!*

Estou tão ferrada.

Zan pega a jaqueta de uma cadeira em um canto que não percebi. A minha está debaixo da dele, que a joga para mim. Pego meu telefone para dar uma olhada...

Trinta e oito chamadas perdidas e doze recados na caixa postal.

Tento ouvir o primeiro, mas meu telefone desliga. Enfio de volta no bolso.

Estou tão, tão, tão, tão ferrada.

— Precisa ir ao banheiro ou algo do tipo? — pergunta.

Enfio os braços nas mangas.

— Vou na loja.

— Beleza. — Ele se aproxima e abotoa meu casaco por mim. (*É sério isso? NÓS TEMOS QUE IIIR!*). Então pega minha mão, entrelaça nossos dedos e me puxa por um corredor pequeno para a porta dos fundos.



Os Montgomery têm uma rampa que leva para uma garagem de quatro vagas na parte de trás da casa. É por isso que não vi o jipe do Zan ontem: estava estacionado nos fundos.

Enquanto ele voa pela vizinhança e chega à avenida

principal, um milhão de perguntas estão girando na minha cabeça.

— Zan, a gente se pegou na noite passada?

— *Não*, Rico.

— Diga a verdade.

— Estou dizendo! Embora o motivo de você não acreditar em mim...

— Eu só... preciso ouvir você dizer isso.

Sua mandíbula se aperta.

— Nós. Não. Nos. Pegamos.

— Então, o que aconteceu?

Ele para no sinal da ACM.

— Nós conversamos. Rimos. Jogamos a porcaria do *Twister*.

— Ok.

— Aí a Jess quis assistir *Premonição*, o que tenho certeza de que foi uma armadilha para nos deixar próximos. Mas, enfim... o filme começou, você ficou com medo e se enrolou ao meu lado no sofá.

O sinal fica verde.

— Sim, você tinha bebido um pouco, mas parecia bem lúcida. Se eu soubesse que você não iria se lembrar de nada, teria feito ir para casa com a Jess. — Suspira. — Só pensei que... — Balança a cabeça. — Esquece.

— Pensou o quê, Zan?

— Não importa.

— Talvez não para você, mas importa para mim.

Ele mantém o olhar na estrada.

— Achei que você queria ficar comigo, Rico.

E agora fico sem palavras.

Não importa o que ele diga, não existe possibilidade de eu acreditar que Zan Macklin só queria passar um tempo comigo. O que eu tenho para oferecer a um cara como ele? (Além do acesso aos meus locais secretos... e me pergunto por que ele iria querer *aquilo*, considerando todos os locais secretos de garotas bonitas e ricas que tem acesso).

Nada na noite passada tinha possibilidade de ser real.

Entramos no posto de gasolina e ele para bem na porta.

— Quer que eu entre e explique ao Senhor Zoughbi? Tenho certeza de que nós dois poderemos chegar a um acordo.

— Não, está tudo bem — respondo.

— Tem certeza?

Super. Não é a hora disso.

— Eu disse que não, Zan. Não dá para você ficar de conversinha com meu chefe toda vez que eu tiver um problema.

— Só estava tentando ajudar...

— Não *pedi* a sua ajuda.

— Ótimo. — Ele passa por cima de mim e abre a porta. — Tenha um ótimo dia.

Ok. Respira fundo.

— Olha, sinto muito, eu só... — Não consigo pensar no que mais dizer. Pensamentos/emoções/desejos/medos/perguntas demais nadando e se batendo na minha mente.

Meu fio condutor, porém, é um senso de indignidade. Estar aqui, estar com ele em suas roupas boas e perfume caro, no seu carro bacana que nunca poderia comprar porque trabalho *aqui*, nesta porra de posto de gasolina, com dinheiro que desaparece antes que eu receba porque moramos em um apartamento de merda, supercaro, acima das nossas posses, nessa estúpida área de classe média alta...

Odeio tudo isso.

— Posso usar seu telefone, por favor? — Cruzo os braços, encarando o asfalto rachado do estacionamento da loja. — Preciso muito ligar para a minha mãe, mas o meu está sem bateria e prefiro não usar o da loja.

Ele me passa o telefone e move sua atenção para fora da janela enquanto disco.

Parte de mim sabe que deveria sair para que ele não ouvisse a ligação, mas não consigo. Ele *estava* lá na noite passada, então ter meu álibi ao meu lado é meio reconfortante (minha vida ficou uma bagunça de contradições). Se eu tivesse coragem de deslizar minha mão pela dele para que pudesse segurar enquanto encaro a raiva maternal dos infernos que virá...

Ela atende no primeiro toque. Inquieta.

— Alô?

Respiiira.

— Oi, mamãe.

— Ah, graças a *Deus*! É ela, Jaxy! — diz, sua voz soando abafada enquanto, eu acho, cobre o receptor. Então ela retorna.

Bem alto. — Rico Reneé, onde diabos você esteve? Estávamos DOENTES de preocupação!

— Eu sei. Sinto muito. Caí no sono na casa de um amigo.

— Liguei para todo mundo que eu conheço, Jaxy passou a noite inteira chorando... E o seu trabalho?

— Estou aqui agora — digo. — Queria apenas ligar e avisar que estou bem.

— Traga sua bunda direto para casa quando sair. Você deve ao seu irmão desculpas e uma ótima tarde.

— Sim, senhora.

Ela desliga.

— Acho que não vamos à igreja hoje, né? — questiona Zan.

Balanço a cabeça. Sinto uma vontade urgente de chorar bem na garganta.

— Estou uma hora atrasada. Tenho que compensar e preciso passar um tempo com meu irmão. Ele ficou chateado na noite passada.

— Domingo que vem então?

Parte de mim quer explodir. Ir com tudo pra cima dele por pensar nessa *missão* estúpida, ou seja lá como ele chamou, enquanto minha vida claramente está em ruínas.

Mas, a outra parte? A outra parte sabe que não posso desistir daquele bilhete. Especialmente depois de me aquecer no brilho dos sonhos prestes a se realizarem da Jess e de estar na casa do Finesse, envolvida no conforto da estabilidade financeira.

Realmente *ver* o que o dinheiro pode comprar.

Tem *muito* disso naquele pedacinho de papel.

Então.

— Sim — respondo. — Parece bom.

Seus ombros relaxam.

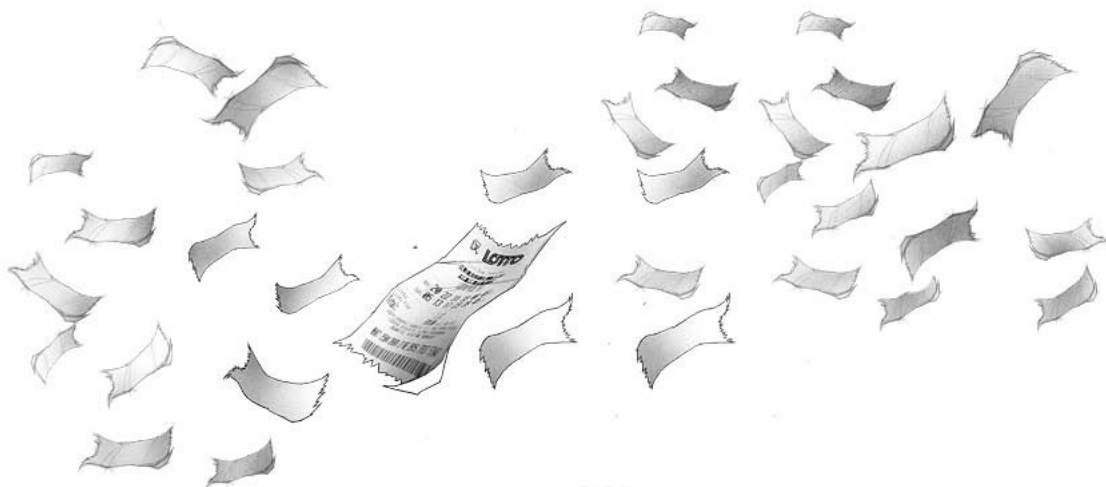
— Vai ficar tudo bem, ok, Rico?

Entrego o telefone dele, que pega minha mão e puxa meu dedo do meio.

Assinto.

— Ok.

Mas é claro que não acredito nele.



18

Victorious Faith

Estou quase certa sobre as coisas *não* estarem bem.

Jax teve febre a semana inteira, o que é extremamente estressante. Ao atingir 38,8°C na noite anterior à minha visita remarcada à igreja com Zander, trago o assunto da assistência do governo novamente (apenas para o bem *dele*), mas minha mãe leva para o lado pessoal e fica tão chateada que o estômago *dela* começa a agir.

Odeio ficar no apartamento quando eles estão doentes, porque isso se torna um buraco negro de desespero. Também estou exausta de trabalhar tanto e tentar manter a escola/dever de casa (fui mal no teste do “*We Didn’t Start the Fire*”), então a loja e a escola são dois lugares de merda também.

O que fez com que minha percepção de Alexander

Gustavo (aff) Macklin se... transformasse.

É estranho e desconfortável se eu pensar muito nisso (então não o faço), mas, apesar do estado mental em que eu estava quando ele me deixou no trabalho, agora, toda vez que penso em ter acordado com nossos apêndices entrelaçados, sinto-me mais leve. É como se por um momento eu tivesse existido em outra vida. Uma onde tudo estava resolvido e eu podia apenas *viver*.

É a mesma terra de conto de fadas para onde deslizo toda vez que ele está por perto, o que é mais frequente do que esperava. Ele se senta ao meu lado na aula de História todo dia e, na terça, encontrou meu esconderijo no horário do almoço na área digital da biblioteca e decidiu acampar lá também. Não falamos muito mais do que antes (especialmente não lá; tenho certeza de que a bibliotecária é um dragão disfarçado). Mas o fato de ele continuar a aparecer, sorrir, ocupar o mesmo espaço e parecer feliz por isso me deu esse local para onde posso escapar e fingir que nada mais existe.

É desorientador, mas o que não é nestes dias?

De fato, quando Zan para na frente do meu apartamento na manhã de domingo, estou tão aliviada que meio que quero pular nos seus braços. Ele vem para o lado do passageiro do jipe e é preciso usar toda a força de vontade que tenho para resistir a me envolver ao seu redor e só... segurá-lo.

Aterrorizante.

Ele me olha da cabeça aos pés. Já que vamos à igreja, por baixo do casaco de lã emprestado do armário da mamãe estou

usando uma saia lápis cor de ameixa e uma blusa de botões branca, com saltos altos de verdade (também roubados do armário dela, Deus me ajude).

É como se o sol estivesse nascendo no seu rosto enquanto me assimila.

— Bem, caramba, Danger.

Minhas bochechas entram em combustão e abaixo o queixo.

— Pare com isso.

Ele solta um riso abafado.

Quando ergo a cabeça, ele ainda está me checando. Sorrindo com ironia.

— Minha nossa, Macklin, você não tem vergonha? — Puxo meu casaco, deixando-o mais fechado.

— Desculpe. — Enfia as mãos nos bolsos do que tenho certeza que é um sobretudo da Burberry. Balança nos saltos dos seus brogues de couro. — É só que... hm... — Outra varredura do seu olhar da minha cabeça aos pés, duas vezes. — É difícil desviar o olhar.

Minha. Língua. Fica. Presa. E sinto-me quente. *Bem* quente e do nada. Tiraria o casaco, mas não quero que ele veja a enorme camada de porcaria no meu corpo. Ocorre-me que ele provavelmente já percebeu, e agora fazer contato visual se torna impossível.

Como as pessoas *lidam* com todos esses sentimentos?

— Vamos lá. — Ele abre bem a porta e me ajuda a entrar.

Estou um pouco nervosa de que perceba o quão perturbada estou quando as duas portas estão fechadas, mas felizmente ele começa a falar assim que estamos trancados.

— Dei uma olhada na igreja aonde vamos — diz. — Beau não estava mentindo. É grande.

— Ok.

— Só lembrando: as fotos não são boas e não temos um nome — começa. — Não quero ser o Senhor Pessimista, mas pode ser que tenhamos problemas tentando encontrar alguém que saiba quem ela é.

— Ah. — O fato de que isso ainda não havia me ocorrido como deveria fica claro. Dou uma olhada em Zan. — Quão grande ela é? — pergunto.

— Catorze mil membros.

— Jesus.

— Ele mesmo.

Sorrio.

— Milagres acontecem em igrejas, né? — Estico-me para dar um tapinha no joelho dele antes que possa pensar direito no ato.

O ar dentro do carro fica mais espesso, então limpo a garganta e olho para fora da janela.

— Onde é esse lugar exatamente?

— É um endereço em Norcross, acredite se quiser. Exatos 11 quilômetros da minha casa, então 5,5 da sua.

Não tenho ideia do que é mais chocante: a igreja ser tão próxima ou que ele saiba a exata distância entre nossas respectivas

residências.

— Não tinha percebido que esse tanto de gente da cidade *vai* para a igreja.

— Acho que isso significa que *você* não vai.

Dou de ombros.

— Às vezes minha mãe vai, mas não nos faz ir. Geralmente estou trabalhando.

— Entendi.

— E você?

— Minha família é católica. Vou à missa quando minha avó me faz ir. Falando nisso, ela está bem ansiosa para conhecer você.

Oi?

— Quem?

— Minha avó.

— Sua avó...?

— Quer conhecer você.

Agora eu o estou encarando.

— Posso ter mencionado você para ela.

— Hm... Ok... — “Por quê?” é o que eu queria perguntar.

— Ela é superintrometida, então queria saber tudo a seu respeito. — A parte de trás do pescoço dele fica vermelha. — Então eu contei. E agora ela quer conhecer você.

Engulo em seco e abaixo o olhar para minhas mãos no colo. O que será que ele disse? *Tenho andado com essa garota pobre, triste e negra, que trabalha em um posto de gasolina, tem cheiro de nacho de queijo falso e está obcecada em encontrar um*

bilhete de loteria perdido.

— O que você disse a ela?

Ele bufa.

— Isso é confidencial, Danger.

Fugiu.

Cruzo os braços.

— Você é irritante.

Ele ri.

— O fato de ela querer conhecê-la deveria deixar *claro* que meu relato estava cheio de elogios.

— O que eu tenho para ser *elogiado*?

— Ah, *um monte* de coisas. — Olha para mim novamente e pisca.



A capela Victorious Faith é *grande*. E não se parece em nada com uma igreja. Bem... com o que eu esperava que uma igreja se parecesse. Não tem um campanário, vitrais e nem a torre do sino (será que é a mesma coisa que o campanário?). O que *está lá* é uma cruz de dois andares na entrada do estacionamento e um globo de metal do tamanho da nossa sala na frente do prédio principal. Pelo menos *eu acho* que é o prédio principal... Existem três aqui e ele é o maior.

— Cara, eles não estavam mentindo sobre serem multiculturais — diz Zan.

Ele está certo. É como se tivéssemos entrado em uma reunião da ONU. Há alguns sáris, dashikis e *hanbok*[16]... até mesmo um cara de kilt.

Outra coisa fascinante: há diversos carros luxuosos estacionados, mas também existe uma multidão de pessoas atravessando a rua, vindo do ponto de ônibus próximo. Assim que entramos na praça que contém o globo, um pequeno ônibus para. “MÃO AMIGA: AJUDANDO DESABRIGADOS DESDE 1991”, diz na lateral. Quando as pessoas descem do ônibus vestindo as melhores roupas doadas que poderiam escolher, sinto-me... em conflito.

Algo que não contei para Zan: toda essa coisa de Deus sempre foi um pouco suspeita para mim. Antes que o rádio da van parasse de funcionar, toda vez que ligávamos, a mamãe colocava no que eu chamava de Estação do Sermão, então ouvi tudo sobre quão *bom* Deus é e o tanto que Ele *ama a todos os Seus filhos*.

Mas, desde que me lembro, mamãe tem *rezado sem parar* e... Bem, acho difícil acreditar nesse personagem Deus, que é tão grande, quando continuamos apenas a sobreviver, baseado em quão duro mamãe trabalha e reza.

Ver a confusa diferença entre os ternos de três peças saindo dos Audis e Teslas e os trajes remendados do pessoal do ônibus dos desabrigados na Victorious Faith não está me fazendo alguém que acredita. Quer dizer, estão todos indo para o mesmo prédio, não estão? Por que o abismo entre suas respectivas “bênçãos” parece tão enorme?

Enfim.

O lado de dentro é ainda mais intenso. Além das roupas étnicas, há pessoas paradas em volta do perímetro do que imagino ser o saguão com várias bandeiras internacionais.

E todo mundo está sorrindo.

— Esquisito — solto.

Zander aparentemente inalou algum suco em pó, porque não está prestando nenhuma atenção em mim. Ocupado demais olhando em volta, radiante como uma criança que acabou de entrar na oficina do Papai Noel.

— Será que é assim *toda* semana?

— Deus do Céu, não! — a voz assustadoramente familiar ressoa atrás de nós.

Nós nos viramos lentamente.

Ai, Cristo... Quero dizer, ai, *caramba*.

— Achei mesmo que eram vocês dois!

É o segurança da Checker Cab.

— Oficial Kenny! Uau! — Afinal, quem se esqueceria do cara? — Que ótimo encontrá-lo aqui! — Olho para o Zan pedindo ajuda, mas ele continua sorrindo e acenando para estranhos aleatórios.

— Bem-vindos à Victorious Faith Church! — Kenny diz. — É muito bom ver vocês dois na casa do Senhor esta manhã!

— Hm... — *O que dizer?* — É muito bom estar aqui!

— Escolheram um domingo fabuloso para visitar. Hoje é nossa Parada das Nações!

— Parada das Nações? — Zan está totalmente pasmo.

— Isso mesmo! Temos 93 nações representadas em nossa congregação. A casa de culto mais multicultural da Grande Atlanta!

Acho que nunca vi ninguém mais orgulhoso que Kenny agora.

— Maravilha — diz Zan.

Esforço-me muito para não dar um olhar de lado para ele.

— Fico feliz que pense assim, jovem. — Kenny dá uma sacodida nos ombros do Zan, que tropeça alguns bons passos para a frente.

Então Kenny olha para mim.

— Você encontrou seu medalhão, mocinha?

Merda.

— Hm...

— É por isso que estamos aqui — Zan começa. (Então ele *ainda* está no planeta Terra). — Estamos tentando rastrear a mulher que entrou no carro *depois* da minha amiga. Talvez você a conheça. O motorista disse que a deixou aqui na noite de Natal.

Bem demais, Macklin.

— Sério mesmo? — Kenny responde.

— Uhum. Era a primeira vez dela aqui, aparentemente. — Ele puxa a foto... se é que podemos chamar assim. Parece mais com uma série de bolhas em tons de cinza do tamanho de uma folha de papel A4 com várias marcas das dobras do Zan. — Desculpe, a foto não está tão boa. Conseguimos de um arquivo de segurança em uma loja de conveniência. Meio que dá para vê-la, né?

Kenny aperta os olhos e coça o queixo enquanto olha para o papel.

— Recebemos *muitos* visitantes nos feriados.

Tento não entrar em pânico. (Visto que, subitamente, eu me importo).

— Ela era uma pequena senhorinha negra com um blackzinho branco e um suéter de luzinhas...

— Você a viu pessoalmente? — Kenny pergunta.

Ops.

— Sim... — Olho para Zan. — Trabalho na loja de conveniência onde conseguimos a foto. O motorista tinha me deixado lá quando a pegou.

Kenny ergue a sobrancelha.

— Ela pegou um táxi em uma loja de conveniência?

Merda, merda, MERDA.

— Sim. — Engulo. — Não faço ideia de como chegou lá.

Ele estreita o olhar e intercala entre Zan e eu repetidas vezes.

— Como você disse que ela se parece?

Isso está indo mal rápido demais.

Há um relógio enorme na entrada. O culto começa em quatro minutos.

— Pequena, pele negra, óculos grandes, pequeno black branco...

Kenny abre a boca para dizer algo, mas uma senhora pequena com olhos grandes e brilhantes, com o cabelo no corte bob

curto mais estiloso que já vi se materializa ao lado dele (graças a *Deus*).

— O que temos aqui, Kenneth?

O homem sorri.

— Pastora Darlene! Esses são... — Gesticula para que nós nos apresentemos.

— Gustavo Maxwell — Zander diz, esticando a mão. — Prazer em conhecê-la.

Gustavo Maxwell?

— E você? — Ela sorri para mim.

Olho para Zan.

— Oh, eu sou... Reneé — digo. — Reneé... Banger.

Zan engasga e começa a tossir.

— Ah, uau! Você está bem, meu jovem? — A pastora Darlene questiona.

Kenny dá um tapa um pouco forte nas costas do Zan e ele balança para a frente novamente.

— Bem, bem — confirma, ao se recuperar. — Saliva desceu pelo caminho errado.

— Ah. — Pastora Darlene pisca algumas vezes e bate as mãos em frente de si. — Claro. Bem-vindos à Victorious!

Minha nossa, estamos tão ferrados.

— Obrigada! — Animada demais? Provavelmente animada demais.

— Fico feliz que esteja aqui, pastora — diz Kenny. — Esses dois estão procurando uma das nossas congregantes... Uma

senhora afro-americana. Bem baixinha, com grandes óculos e um cabelo black branco... Certo, senhorita Banger?

Zan engasga novamente.

Eu o odeio. Eu o odeio. Eu o odeio.

— Isso mesmo — respondo. — A véspera de Natal era sua primeira vez aqui. — Por favor, não permita que ela pergunte por que a estamos procurando, não consigo mentir para uma pastora duas vezes.

— Você precisará falar com a Senhora Maybelle — diz. — Ela é nossa coordenadora de visitantes. Embora não acho que esteja aqui esta semana.

É *claro* que não está. Filha da p... de uma boa mãe!

— Senhora Maybelle? — confirma Zan.

E estou grata. Certamente não consigo falar agora.

— Isso mesmo. Senhora Maybelle Carver. Prazer em conhecer vocês. Eu os verei do lado de dentro. — Ela pisca e se afasta.



Estou praticamente uma bola de nervos quente e faiscante durante todo o culto e no caminho para casa, mas, assim que chegamos ao lado de fora do apartamento, Zan pede para eu esperar, assim pode dar a volta “e me deixar sair” (hmm).

Uma vez que meus pés tocam o chão e a porta se fecha, ele cruza os braços e se inclina contra o jipe. Há um pequeno brilho

perverso nos seus olhos.

— Eu estava pensando... — diz.

E é isso.

Por que meu coração está acelerado?

— Vou poder *saber* o que você estava pensando ou é “confidencial”?

— Ah, cale a boca.

Rio, e ele cora.

Meu rosto fica quente também.

— Como eu estava dizendo, desde o início da nossa missão, já quebramos a lei, fizemos uma viagem de carro, dormimos juntos literalmente e encontramos Jesus. Por isso, sinto realmente que chegamos a um ponto onde seria apropriado nos separarmos com um breve enlace.

Ele está falando sério?

— Ah.

— Sem pressão, obviamente. — Suas bochechas estão ficando vermelhas de novo. — Apenas pensei que talvez, hm... — Corre a mão pelo cabelo.

— Você quer me abraçar?

Ele engole em seco.

— Isso é estranho?

— Bem... Eu não diria *estranho*...

Não sei o que dizer.

Posso senti-lo examinando meu rosto.

— Você acha difícil de acreditar?

— Não, é que... — Não consigo olhar para ele. AFF! — Talvez um pouco?

— Por quê?

Dou de ombros. Enfio as mãos dentro dos bolsos e afundo as unhas nas palmas. Ele já me abraçou antes e foi bom... mas a primeira vez foi na frente do Senhor Z e a segunda ele estava bêbado.

(Sim, lembro-me de ambas).

(Isso é tão desconfortável).

— Só é algo fora do meu campo de experiência — digo. — Não somos muito de abraçar na minha família, a menos que seja uma ocasião especial.

— Ah.

— Sim.

— Entendo. Bem, não *temos* que fazer isso... — Ele afasta o olhar e se balança nos saltos do sapato. Limpa a garganta. — Desculpe. Você precisa se preparar para trabalhar e tudo o mais, né?

— Zan?

Ele olha de volta para mim.

— Sim?

Dou um passo para a frente e abro os braços.

[16] O sári é o traje tradicional das mulheres da Índia, o dashiki é uma peça colorida usada por ambos os gêneros na África Oriental e o hanbok é o conhecido vestido das coreanas.



Uma palavrinha do saleiro da casa de waffles

Já ouvi minha parcela de conversas interessantes, mas tenho que admitir: quando ouço *Macklin* ser dito na minha mesa esta noite — todo mundo por aqui conhece *aquele* nome —, os furos no meu topo se animam. Tudo começa quando o garoto afro-americano francamente corajoso à minha direita termina uma ligação e coloca seu aparelho próximo ao meu pé, feliz como se tivesse testemunhado o primeiro nascer do sol de sua vida. Quando a loira bonita que está com ele vê seu rosto, um sorriso nasce no seu também.

Não consigo desviar.

Loira: Zan?

Garoto negro: Sim.

Loira: Acho que a “saída” que ele se recusa a nos contar sobre se saiu bem.

Garoto negro: *Nunca* o ouvi soar desse jeito, Jess.

Loira: Como ele soava?

Garoto negro: Como se tivesse vencido a droga da loteria ou algo do tipo. Todo bobo e essas merdas.

Loira: Para.

Garoto negro: É sério. Não sei qual é a dela, amor, mas realmente está fazendo algo pelo nosso garoto. Você sabe que ele é bem arisco sobre essas coisas.

Loira: Ainda não acredito que aquele saco de lixo roubou o bracelete da mãe dele.

Garoto negro: Supostamente.

Loira: Supostamente o caramba. Logo na primeira vez que você leva alguém novo em casa, algo valioso desaparece? Me dá um tempo. E quanto você quer apostar que ela *sabia* que os Macklin não iriam prestar queixa, porque causaria murmúrios na mídia? Toda vez que a vejo na escola, quero dar um soco na cara dela...

Garoto negro: Relaxa, Ronda Rousey. O ponto é: Zan está realmente na dela.

Loira: O nome dela é *Rico*, Ness.

O garoto negro sorri.

Garoto negro: Então ela conquistou você também.

E a loira fica da cor de uma rosa recém-aberta.

Loira: Do que você está falando?

Garoto negro: Rico. Você está florescendo também. Consigo ver em você inteira. Quer ser melhor amigas e ter festas do pijama e essas merdas...

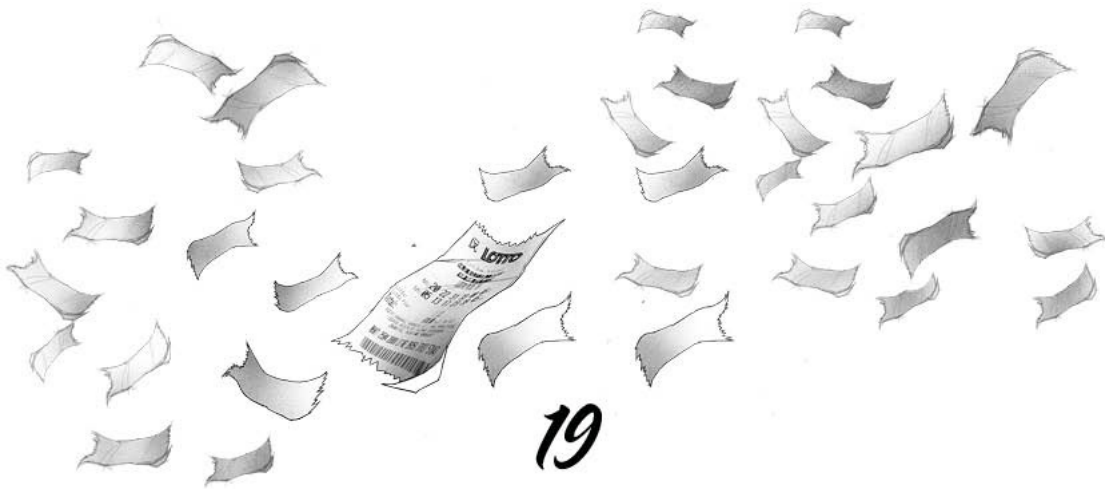
Loira: Tecnicamente, é *melhor amiga*, mas tudo bem. Sim. Gosto dela. Ela é *real*. E não... Não fica julgando. Ou esnobando.

Há uma pausa em que Lucy coloca a comida deles na mesa. (Eu amo a Lucy. Sempre me dá uma boa enxugada com um paninho quente antes de seu turno acabar). A loira me segura — mãos quentes apesar de as cutículas estarem um pouco ruins — e me balança algumas vezes por cima das suas batatas *hash browns*[17] amassadas e em pedacinhos extra crocantes. Coloca-me para baixo, morde um pedaço e fecha os olhos enquanto murmura em êxtase.

Garoto negro: Eles realmente ficariam bonitinhos pra caramba juntos.

Loira: Espero que ele a convide para sair. Embora, se o fizer, vamos ter que cuidar dela. Se há algo que tenho certeza é de que, no minuto em que Zan Macklin encontrar uma namorada, aquelas vadias esnobes do colégio ficarão mordidas.

[17] Prato típico do café da manhã americano, feito com batatas raladas, que são prensadas em um formato plano.



PMS Basquete

E agora estou distraída.

Muito distraída.

Distraída a ponto de prender o dedo na gaveta do caixa.

— Merda.

— Está tudo bem, Rico? — o Senhor Z pergunta da porta do escritório.

— Uhum. É... Eu... Hm... O... E... Ah...

Ele sai, claramente confuso e preocupado, e tiro o dedo da boca.

— Desculpe.

Senhor, isso dói.

Seus olhos caem para minha mão e se arregalam.

— Você precisa de um curativo. Temos um kit de primeiros socorros debaixo do caixa.

Agora tenho que olhar (o que realmente não queria fazer).

Ugh. Há sangue acumulado debaixo da unha e escorrendo pela cutícula. Sinto-me enjoada.

— Estou bem, estou bem. Prometo.

— Curativo. — Aponta para o kit e desaparece dentro do escritório.

No momento em que coloco o Band-Aid a loja está vazia. Fico presa sozinha com meus pensamentos.

Sobre Zan.

Mamãe e Jax estão relativamente saudáveis, o carro dela está rodando bem e não há mais contas pendentes para me preocupar, o que significa que é fácil esconder o bilhete no plano de fundo e apenas deixar... Zan sair.

Zan... que decidiu que, além de partir com um abraço, deveria me cumprimentar com um.

Nenhum deles tem sido “breve”.

Zan... que passou os dois últimos dias tentando me convencer a deixá-lo ser meu chofer: pegar-me para a escola todas as manhãs, levar-me para casa todas as tardes, dirigir para mim antes e depois do trabalho, ser o táxi das minhas idas ao mercado com o Jax.

Zan... que está lentamente consumindo cada um dos meus pensamentos, assim como se arrastando nas minhas visões de futuro: *Talvez não seja tão ruim tê-lo por perto depois da formatura. Zan vai ficar na cidade também, depois de tudo...*

Visões de um futuro que não existiam há alguns meses.

A coisa é: quanto mais interessado ele se mostra para mim, mais estranha eu me sinto. Como hoje, na biblioteca, quando tirei o olhar de um livro que estava lendo e o encontrei me encarando com um sorrisinho pretensioso repuxando sua boca. Engoli em seco e perguntei se havia algo no meu rosto, para o que ele respondeu:

— Danger, você tem os olhos *mais legais* que já vi.

O elogio me pegou de guarda baixa.

— É brincadeira? — gritei em resposta. — Eles são *estranhos*. — Levantei o livro para que não pudesse mais me ver.

Parece perigoso esse desenvolvimento de *algo* dentro de mim, que é altamente reativo a Zan Macklin. Isso me faz... querer.

Exceto que — e nunca admitirei a ninguém porque me sinto estúpida por isso, mas — não consigo imaginar nossos passados diferentes não importarem a ponto de podermos *realmente* ser amigos, quanto mais qualquer outra coisa.

Empurro a gaveta — sem meu dedo desta vez — assim que a porta faz barulho.

— Oi, bonita! — Jess brilha como a Estrela Polar enquanto pula para dentro.

Não consigo evitar devolver o sorriso.

— Ei, Jess.

Ela apoia os cotovelos no caixa e coloca o queixo nas mãos.

Olho por trás dela.

— Sem Finesse? O que é isso, o apocalipse?

Suspira.

— Doce Mãe Maria, vocês dois são lamentáveis.

— Ah, cale a boca.

Eu rio.

— Sabe que é verdade.

— Uhum. Você chegará lá bem em breve.

Bum. Rápido assim, a tampa da caixa lotada de merda que estou tentando *não* pensar explode não apenas para fora, mas por todo o ar e para a sala inteira.

— Ha! — Risada totalmente forçada. — Duvido.

— Vamos ver — continua, alheia.

— Vou... acreditar nas suas palavras.

Agora sinto-me como um nervo exposto. É o efeito Jessica. Enquanto estar perto de Zan me faz *querer* sonhar, Jess existe como um lembrete de como a vida poderia ser se eu o fizesse.

É desconfortável.

Ela acena e se ergue.

— Tudo bem com você? Eu estava na área e descobri que você estava aqui, então decidi fazer uma parada.

O sino toca na porta e um grupo de garotos na puberdade entra com a força de um trem de carga. O colégio de ensino fundamental local se chama Pinckneyville, então os agasalhos que estão vestindo possuem um PMS BASQUETE[18] estampado neles.

Eles têm cheiro de gorilas molhados, todos com pé de atleta.

— Caramba, garota! — o aparente líder diz quando vê

Jess. A voz falha e tudo.

— Meu Deus. Deixe crescer alguns pelos pubianos primeiros.

Eu bufo. Apesar de não nos conhecermos tanto, é impossível não gostar dessa garota.

Enquanto os garotos bárbaros de TPM vasculham a loja — vejo pacotes de batata voando pelo ar entre dois corredores —, Jess continua:

— Como estão as coisas com o Macklin?

Ugh. Não quero falar sobre isso.

Só que é claro que quero. *Preciso* falar sobre isso, na verdade. *Preciso* de uma amiga para falar sobre o assunto — sobre esse *garoto*. Tenho dezessete anos, droga.

Suspiro. Olho para seu cabelo loiro brilhante, bochechas rosadas e as roupas de marca. Tudo sobre Jessica Barlow parece perfeito... até que me lembro da touca de banho e do fumo secreto. As unhas roídas até o sabugo e as cutículas por fazer.

Ela é confiável? Sua preocupação com Zan parece genuína... assim como seu interesse em mim.

E também, será que tenho outras opções? Não é como se *amigos em potencial* estivessem caindo do céu...

— Jess, posso perguntar uma coisa — *olho para a direita, olho para a esquerda* — em segredo?

— Claro.

— Você já se sentiu... *estranha* perto do Finesse ou dos seus outros amigos?

Ela começa a roer a unha do dedão.

— Depende, o que você quer dizer com *estranha*?

— Tipo... fora de lugar?

Nossos olhos se encontram. Ela sorri.

— O tempo inteiro, Rico.

Logo em seguida, os garotos do ensino fundamental surgem como uma nuvem de gás lacrimogênio. Jess mal sai do caminho a tempo de evitar ser atingida. Eu os atendo — prendendo a respiração o tempo inteiro. 23,64 dólares de refrigerante e porcarias para comer —, e o garoto que não consegue parar de olhar para Jess me passa o cartão de crédito.

Típico.

— Vou comprar um Sprite para você na próxima vez, gata.

— Pisca para Jess quando pegam as bolsas do caixa e se viram para sair.

— Vá fazer umas flexões, idiota!

Rio assim que a porta se fecha atrás deles.

— O que eu estava falando? — pergunta.

— Sentir-se fora de lugar?

— Ah, sim. Isso. Ness e eu estamos juntos há um ano e meio, certo?

Novidade para mim, mas ok.

— Sim...

Ela coloca o cabelo para trás da orelha.

— Pergunte quantas vezes ele esteve dentro do meu apartamento.

— Quantas vezes ele...

— Uma. Falou com minha mãe apenas duas, uma delas pelo telefone.

Eita.

— Uau.

— Sim. Nota: nunca falei nada disso com ninguém a não ser ele. Se isso for divulgado, *vou* atrás de você.

Dou uma risada alta.

— Devidamente anotado.

— Então, quando entrei para as líderes de torcida no primeiro ano, fui empurrada para esse país das maravilhas majoritariamente branco e de classe média alta. Todas as outras garotas tinham dois pais e viviam em casas boas com camas de dossel e essas merdas. Eu? Acabei parando na terapia e tomando remédios ansiolíticos.

Uau.

— Ok.

— Quando criança, em qualquer momento que eu reclamasse sobre *qualquer coisa*, minha mãe citava as “crianças famintas na África”, então me sentia uma merda por não ter tanto quanto todos os outros, mas, no topo disso tudo, sentia-me culpada por sentir-me uma merda.

Meu olhar cai para o caixa enquanto ela basicamente conta minha própria vida em voz alta para mim.

— Na metade daquele ano, Micah... Você conhece Micah Holloway? Alta, afro-asiática...

— Fisicamente perfeita e rica pra caramba? — pergunto.

— Os pés dela são um pesadelo, mas não diga a ninguém que contei isso.

Eu rio com tanta força que quase engasgo.

— Enfim, ela ia dormir no apartamento que estávamos vivendo na época. Na noite anterior, tive um ataque de pânico completo. Comecei a ver um psiquiatra na semana seguinte. Ainda vou duas vezes ao mês.

— Mas não fica caro? — Não *queria* dizer em voz alta, mas aqui está.

Por que ela está me olhando como se eu tivesse perguntado se o céu é feito de cupcakes?

— É coberto pelo Medicaid.

— Ah.

Nunca adivinharia que Jessica Barlow usa o auxílio do governo.

Percebo sua compreensão surgir.

— Espera... sua família não usa?

Balanço a cabeça.

— Nem SNAP[19]?

— *SNAP*?

Ela puxa um cartão que parece de crédito com um fundo de folhas e um pêssago enorme da parte da frente da bolsa.

— Para ajudar a comprar comida?

Ah.

— Não — respondo.

— Uau, vocês devem estar *bem* melhores que eu então.

Abro a boca para dizer a ela que minha mãe não se inscreveria, mas o sino toca novamente e o Senhor Z sai do escritório.

— Rico, há uma ligação para você.

— Hm... — Ah, ah... Nunca recebi uma ligação no trabalho antes. — Sabe quem é?

Ele balança a cabeça.

— Não disseram. Vou ficar aqui enquanto você atende, mas seja rápida.

Fico com a visão borrada.

— Ei, Rico, você está bem? — Sinto a mão de alguém no meu braço, e Jess entra em foco.

— Desculpe, eu... — Olho para a porta aberta, que parece um passo em direção ao meu destino. — Preciso atender essa ligação.

— É claro. Vou pegar um Gatorade ou algo do tipo para não parecer que estou só enrolando. — Assim que se afasta, entro no escritório, tentando não hiperventilar.

Pego o telefone.

— Alô.

— Agente Danger, aqui é o Comando.

Zan.

— Odeio você — respondo.

— Uau, essa foi extremamente dura. O que fiz para você?

— Nunca recebo ligações no trabalho! Achei que alguém

tinha *morrido* ou algo do tipo!

Ele ri.

— Desculpe. Não me deu o número do seu celular, então esse é o único lugar que sabia que poderia falar com você.

— Ah. — *Por que* estou meio tonta? E suando?

— Tenho notícias! — avisa.

— Quer dizer que não está ligando para ouvir minha voz?

Que vergonha.

OMG, não ACABEI de dizer isso...

— Você está *flertando* comigo, Danger?

— *Pff*. Não. — *Sim*.

Quase posso ouvir seu sorriso travesso.

— Mentirosa.

— Você precisa trabalhar esse ego, Macklin.

— Ah, fique quieta.

Rolo meus olhos e sorrio.

— Quais são as notícias? Tenho hora.

— Encontrei a Senhora Maybelle!

— *Quem?*

— Meu Deus, o que vou fazer com você?

— Que tal me dizer sobre o que está falando para que eu possa voltar a trabalhar?

— Senhora Maybelle. A coordenadora de visitas da Victorious Faith.

Ah!

— Ah, sim. Ela.

— Juro que me importo mais com essa missão do que
você.

Hmmm...

— Tenho muita coisa na cabeça, certo? — *Principalmente*
você.

— Quando você está livre?

— Às dez.

— Não hoje, idiota. Quando você está livre na semana?

Ah.

— Quinta.

— Viagem de campooo!

— Nerd.

— Você adora.

Rolo meus olhos mesmo que: a) ele não possa me ver; e b)
ok, meio que sim.

— Você realmente deveria superar a si mesmo.

Ele ri.

O Senhor Z estica a cabeça e ergue dois dedos. Acho que
tenho dois minutos, então?

— Sabe, você realmente poderia ter me dito isso na escola
amanhã — comento.

— Ah, só queria ouvir sua voz.

A montanha-russa começa a descer.

— Você está flertando comigo, Macklin?

— Pode apostar sua bunda bonita que sim.

— Não olhe a minha bunda.

— Ah, tarde demais para isso, Danger. Vou aparecer para levar você para casa às dez hoje. Tudo bem?

— Essa é a sua maneira de pedir?

— É minha maneira de falar, sim.

Humpf.

— Tente novamente.

— Rico, posso buscá-la no trabalho hoje à noite, por favor?

— Sim, você pode.

— Excelente. Vejo você mais tarde.

Desligo.

E encaro o telefone.

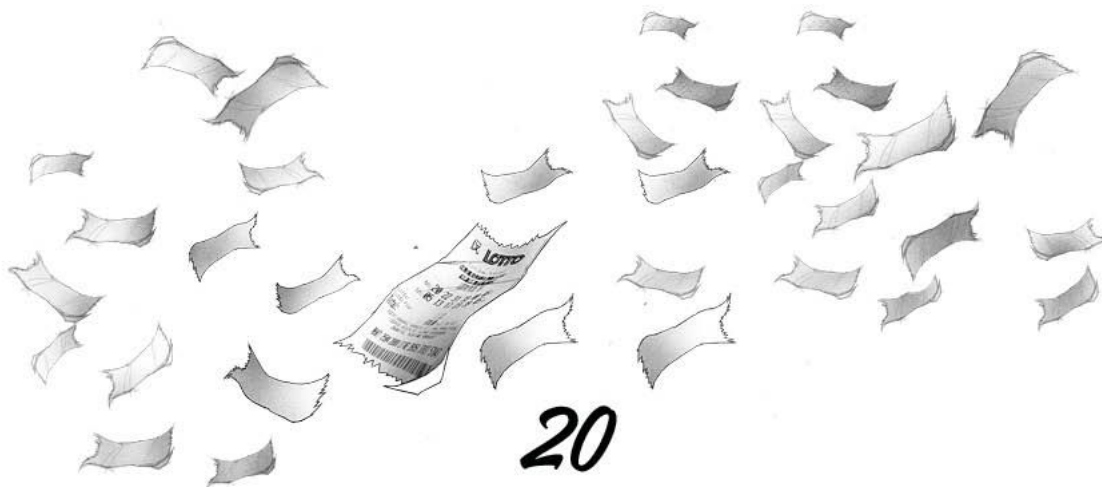
Mordo a língua e balanço a cabeça.

É oficial: estou distraída.

Isso vai ser um desastre.

[18] PMS são as letras para Pinckneyville Middle School. Também pode significar “TPM” em inglês, premenstrual syndrome.

[19] Supplemental Nutrition Assistance Program (Programa de assistência nutricional suplementar). Apoio do governo federal para a alimentação dos americanos.



Cookies

— O negócio é o seguinte — diz Zan quando paramos na garagem da casa vitoriana verde-menta na quinta-feira seguinte. A placa na caixa de correios diz: POUSADA DO REVERENDO: DESDE CERCA DE 1907. — O avô do falecido marido da Senhora Maybelle construiu essa casa. É parte do tour anual do Historic Homes[20] e ela concordou em nos deixar visitar porque acha que estamos fazendo um projeto escolar sobre a história de Norcross.

— Saquei.

— Faça algumas perguntas sobre a vida dela e a casa, depois trazemos o assunto da Victorious Faith e nossa mulher misteriosa. Se ela lembrar, ótimo! Com sorte, conseguiremos um nome. Se não lembrar...

— Estamos terrivelmente sem sorte e nossa missão acabou. — *Você irá parar de falar comigo e retornarei para minha*

vida miserável e sem sentido.

Ele não responde. Nem olha na minha direção.

O que é... Tanto faz.

— Ok, vamos fazer isso. — Removo o cinto de segurança e alcanço a maçaneta.

— Espera. — Pontas de dedos agarram meu cotovelo.

Ai, sinto formigar.

— O quê?

— Em primeiro lugar: deixe-me abrir a porta para você, por favor. — Ele sorri.

Isso me dá um arrepio.

— E em segundo?

— Em segundo: caso este seja o fim, saiba que foi um prazer enorme para mim ir em missão com você, Danger.

Ótimo. Confirmado que este pode ser o fim.

— Tanto faz. — Tento abrir a porta novamente.

— Espere, existe um *em terceiro!*

— Macklin!

— Desculpe, é importante.

Facas, facas e mais facas saindo dos meus olhos.

— Apenas para que você saiba — continua —, ela acha que nossos nomes são Gustavo e Reneé.



Maybelle Carver é a segunda idosa mais fofa que já vi. Ela

atende a porta em sua roupa de corrida de *nylon* (rosa pink) com halteres roxos nas mãos, e seu cabelo prateado na altura dos ombros está fora do seu rosto por causa de uma faixa combinando.

Ela nos saúda ao nos ver.

— Bem, olááá! — diz. — Gustavo e Reneé, não é? Entrem, entrem!

Entramos.

— Lucinda! — grita por cima do ombro. — Temos visitas!

Uma senhora aparece de algum lugar. Jeans, camiseta, tênis. Ela sorri para nós.

— Casacos? — diz, estendendo a mão, e nós os passamos a ela, que logo desaparece no corredor à direita.

Observo o *saguão* (é assim que essas áreas bem na frente da porta dessas casas gigantes são chamadas, certo?), e, embora tudo pareça meio antigo e despretensioso, posso apostar que essa senhora poderia se banhar com notas de cem dólares. Ela aplaude e se balança na ponta dos pés do seu tênis Reebok Classic branco, depois gira e segue por um corredor à direita para uma escada curva.

Zan e eu trocamos olhares.

— Aqui embaixo, na sala de estar! — Maybelle pia. Sua cabeça com a faixa rosa surge de uma porta aberta à esquerda.

Ao longo das paredes estão fotos que progridem com o tempo: algumas em preto e branco de homens caucasianos jovens, passando por imagens em sépia de um casal em roupas de casamento, e uma série de polaroides espalhadas em quatro

molduras, que parecem com registros modernos de três famílias brancas diferentes com crianças. Os pisos de madeira rangem, o ar tem cheiro de poeira e lustra-móveis de limão, mas isso só adiciona uma sensação de *dinheiro antigo* ao lugar.

A sala de estar (aff) está cheia de uma mobília linda, que parece que daria uma fortuna no eBay. Há um par de cadeiras com encosto em formato de asa, um longo sofá de veludo, uma espreguiçadeira chique, tudo arrumado ao redor de uma mesa de centro com pernas envergadas no meio de um tapete enorme — certeza de que é persa ou algo do tipo. Há um espelho com moldura ornamentada pendurado acima da lareira, a qual tem uma chama brilhante rugindo de dentro.

— Venha, venha — Maybelle diz, de uma das cadeiras. — Lucinda fez chá e alguns cookies.

Isso é eufemismo. Há três bules de chá e seis tipos de cookies caseiros na mesa. Zan e eu nos sentamos no sofá, depois ele enche uma xícara para cada um e faz uma pilha de biscoitos em um prato, oferecendo-me.

— Senhora Carver...

— Podemos pular as formalidades, querido. — Ela pisca. — Maybelle está ótimo.

— Ah, seria impossível para mim chamá-la pelo primeiro nome, senhora. Meu pai arrancaria minha cabeça.

— Um cavalheiro? — Maybelle olha em minha direção. — Que garota sortuda você é! Sabe, é maravilhoso ver vocês, crianças, misturando as coisas hoje em dia.

Zan tosse ao meu lado.

— Ah, não somos...

— Tive uma relação entre meu primeiro e segundo casamento — continua. — Lionel era o nome dele, um homem negro. Tudo isso foi bem antes de eu encontrar o Senhor, veja bem, mas Lionel *realmente* sabia como tratar uma mulher, se vocês entendem o que digo.

Jesus, Maria, José e Abraão.

— Também teve o Eduardo. — Ela olha para Zan. — Quando você disse que seu nome era Gustavo, esperava que se parecesse com ele. Enfim, *ele* me ensinou algumas coisas sobre estar *haciendo el amor*.

Zan limpa a garganta, e fico feliz, porque estou prestes a derramar meu chá.

— Parece que você teve uma vida fascinante — diz.

— Ah, sim. Muito abençoada. Agora, o que posso fazer pelos pombinhos inter-raciais?

Posso ir embora? Eu realmente gostaria de sair daqui agora.

— Bem, como mencionei durante nossa conversa por telefone, Senhora Carver, Reneé e eu estamos fazendo um projeto sobre a história de Norcross — explica. — Acredito que o avô do seu último marido foi o primeiro prefeito.

Ela assente uma vez.

— O avô do meu *primeiro* marido, mas sim. Sim, ele foi.

Ela até mesmo fala como uma pessoa que nunca teve uma

preocupação financeira no mundo.

— Entendi. E a primeira prefeitura foi aqui nesta casa.

Ela sorri e olha ao redor.

— Correto. De fato, estamos sentados no cômodo onde a cidade foi batizada.

Ok, isso é bem legal, na verdade.

— Por quanto tempo viveu aqui? — pergunta Zan.

— Na cidade? Minha vida inteira — responde. — Eu me aventurei aqui e ali, mas não havia como ficar longe. Meus amigos e família estavam aqui, minha igreja é aqui...

— A que igreja a senhora vai? — solto.

Zan aperta os lábios, mas, fala sério. É uma oportunidade!

— Sou membro da capela Victorious Faith desde sua abertura, há quinze anos.

— Oh, uau! Deve estar muito conectada a ela!

Vejo a mandíbula do Zan se apertar, mas (felizmente) Maybelle ri.

— Acontece que você está olhando para a diretora de serviços ao cliente.

— Sério? — Ok, *talvez* você esteja exagerando um pouco, Rico...

Maybelle não parece perceber meu teatro. Aponta para um enorme baú de madeira no canto da sala.

— As gavetas daquele armário contêm as fichas de visitantes pelos últimos três anos — responde. — Não querendo puxar a sardinha para o meu lado, mas, desde que assumi, a taxa

de conversão de visitantes subiu 18%. — Ela sorri recatadamente e pisca seus cílios.

Eu arfo.

— Za... Quero dizer, Gustavo, é o destino!

Zan está sorrindo, mas dá para dizer que não está respirando.

— O que você quer dizer, querida? — Maybelle questiona.

— Bem... Eu trabalho em uma... loja de revenda, e uma senhora trouxe uma bolsa de roupas no dia anterior à noite de Natal. Encontrei um... um *broche* enquanto separava as roupas.

Zan beberica o chá.

— O dono da loja também é joalheiro. Quando o mostrei, ele me disse que provavelmente vale uma fortuna. Sei que *eu* ficaria devastada se tivesse perdido tamanho tesouro, por isso tenho tentado encontrar aquela senhora desde então.

— Minha nossa. — Maybelle coloca a mão sobre o coração, intensamente tocada, pelo que parece.

— Lembro-me de ter perguntado sobre seus planos para o Natal, e ela disse que iria visitar sua igreja na véspera do Natal... Ela nunca tinha ido lá antes.

— Talvez eu a tenha conhecido, então — diz Maybelle. — Sessenta e dois visitantes preencheram nossas fichas naquela noite... Sabe o nome dela?

Zan olha para mim com seus olhos bem acesos.

— Não peguei seu nome, mas tenho uma foto dela comigo. Tenho carregado para todo lado. — Fico de pé e bato nos meus

bolsos, esperando que Macklin pegue a dica.

— Está comigo, na verdade — Zan diz (graças ao Deus, que, se for real, provavelmente vai nos castigar por todas as mentiras que estamos contando). Ele se vira e tira o papel do bolso, depois passa para mim. — Você deixou cair no corredor.

— Ela é uma mulher negra pequenininha com o cabelo branco baixinho. — Desdobro a foto e passo para Maybelle.

Ela franze a testa, vira a foto para a direita e inclina a cabeça para a esquerda.

Depois sorri.

— Véspera de Natal, você disse?

— Sim.

Maybelle assente.

— É a Ethel.

Olho para Zan... que já está me encarando.

— Ethel? — dizemos simultaneamente.

— Esse é o nome dela. Lembro-me dela com clareza. O suéter de luzinhas que usava era um pouco cafona, mas ela chegou no final do culto para orar e eu a levei para fora.

Essa senhora branca e rica *certamente* odiaria o suéter da Ethel.

Maybelle suspira e balança a cabeça.

— Ela é uma das que perdemos — diz. — Tentamos entrar em contato, mas nunca tivemos resposta.

Ah, ah.

— Você acha que ela, hm...? — Baseada na falta de cor no

rosto do Zan, diria que ele sabe o que estou prestes a perguntar. — Acha que ela faleceu?

— Ah, duvido disso. — Maybelle afasta o pensamento (*Uau!*). — Provavelmente éramos um pouco *modernos* para o gosto dela. Mulheres como Ethel tendem a crescer na Batista, na Pentecostal ou na Metodista Africana[21]. Muito tradicionais em suas formas de adoração, com hinos e antigos *spiritual*[22], esse tipo de coisa, eles raramente se afastam da versão da bíblia King James[23]. Vocês dois estão familiarizados com o Evangelho de Jesus Cristo?

Ah, lá vamos nós...

— Somos católicos, senhora — Zan diz.

Maybelle se esforça tanto para esconder seu desgosto que quase irrompo em uma risada.

— Ah — é tudo o que diz.

O ar no cômodo fica um pouco azedo, então decidido seguir em frente.

— Você poderia me dar o contato da Ethel? Realmente gostaria de devolver o bracele...

— Achei que tinha dito *broche*.

Merda.

— Sim, sim, sinto muito. O broche dela. Broche de... elefante.

Ela me olha por alguns segundos, depois suspira.

— Infelizmente, é contra o Código de Ética da VFC dar informações de contato de *qualquer um* sem expressa permissão.

Se quiser deixar *seu* telefone, posso tentar entrar em contato eu mesma, mas, como mencionei, ninguém conseguiu falar com ela depois de sua visita.

Fim.

Ela olha para o relógio.

— Se vocês dois quiserem o tour pela casa para o projeto, o momento é agora. Precisarei tomar meu banho em breve.

— Parece uma ideia maravilhosa, Senhora Carver — Zander diz. — Obrigado pela oferta.

— Por aqui. — Ela se levanta e caminha para a porta da sala de estar.

Nós seguimos seu exemplo, e mostro minha carranca para ele — não vejo motivo para fingir agora.

Mas ele pisca para mim, o que, apesar da morte de nossa missão, faz meu interior ficar todo pegajoso. (Um insulto, eu diria).

Quando chegamos ao corredor, Zander para e coloca a mão no estômago.

— Ahh... Senhora Carver, posso usar seu *toalete*?

Maybelle parece um pouco enojada (o que é até divertido), mas diz:

— Sim, claro. Segunda porta à esquerda naquela direção.
— Ela aponta para um corredor adjacente.

— Amadas, vão na frente e iniciem o tour, já que estamos com pouco tempo — diz Zan. — Diga-me, havia *manteiga* em algum daqueles biscoitos?

Maybelle está claramente horrorizada.

— Claro que havia manteiga! São *cookies*.

— Ah. Certo. Definitivamente vão em frente. Isso pode levar um temp... — O rosto dele fica branco. — Ah, cara, preciso ir agora. — E ele gira e corre, virando o corredor.

Por um momento, Maybelle fica presa no lugar. Preocupada que *Gustavo* arruíne seu encanamento, sem dúvidas.

Toco sem ombro, e ela se assusta.

— Perdão — digo. — Devemos, hm, começar o tour?

— Claro, claro — responde, dando outra olhada pelo corredor. — Minhas desculpas. Por aqui.

Nós nos movemos por cômodos diferentes enquanto ela me conta breves histórias sobre a casa e a cidade — vemos Lucinda se balançando com os fones nos ouvidos enquanto aspira a biblioteca —, mas, o tempo todo, fico pensando em Zan. Perguntando-me se ele está bem. Perguntando-me se será mesmo o fim. Tudo o que realmente pego é sua menção a “dar a luz” na sala onde o avô do seu primeiro marido “deu a luz à cidade” e que ela fala repetidas vezes sobre as molduras do teto e o tipo de mogno do chão do quarto.

Quando descemos as escadas novamente, já se passaram uns vinte minutos e ainda não há sinal do Zan.

— Espero que seu *amigo* esteja be... — (Ah, agora somos amigos?).

— Poxa! — diz uma voz no final do corredor. Zan aparece com um sorriso no rosto, que desaparece quando nos vê. — Ah, cara. Perdi todo o tour?

Maybelle olha para ele da cabeça aos pés, seu desgosto visível desta vez. Especialmente considerando que ele está carregando um pedaço de papel higiênico no sapato.

— Acredito que perdeu, jovem.

— Droga. Não haveria tempo para passar rapidamente comigo por aqui, né?

Sinto meus olhos se arregalarem, mas continuo sorrindo.

— Infelizmente, não — diz. — Vão precisar voltar durante o tour de Natal. Agora, se os dois não se importam, é hora de começar minha rotina noturna. Lucinda! — chama das escadas. — Traga os casacos das visitas, por favor!

Zan se aproxima de Maybell. Pega sua mão enrugada.

— Muito obrigado por nos receber, Senhora Carver. — Ele leva o dorso aos lábios.

Esperava que corasse, considerando a história de suas relações, mas, em vez disso, ela afasta a mão. Lucinda aparece à esquerda (*de onde ela veio, inferno?!*) com os casacos sobre o braço, e Maybelle os pega, empurra para nós e praticamente nos chuta pela porta da frente.

Uma vez que estamos no jipe, eu bufo e cruzo os braços.

— Bem, aquilo foi rude.

Zan solta uma risada, depois me passa um pequeno cartão. No topo, o nome Ethel Streeter. E, apesar de a linha com o número estar em branco, há uma caixa postal listada no endereço.

Minha boca se abre.

— De jeito nenhum...

Sorri ironicamente.

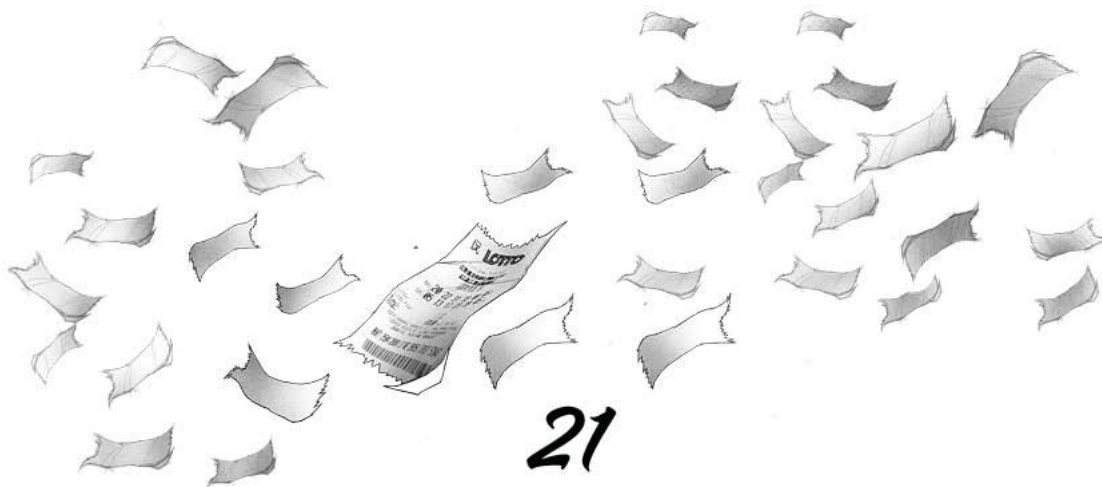
— Aqueles cookies estavam uma delícia, não estavam?

[20] Projeto realizado em diversas cidades americanas que, geralmente, oferece uma visita histórica em uma determinada data do ano a casas antigas da região.

[21] AME, African Methodist Episcopal Churches, é um ramo da igreja metodista fundada por negros.

[22] Gênero musical norte-americano, com músicas feitas por negros escravos sobre trabalho e religião.

[23] Tradução inglesa da bíblia feita para a igreja anglicana, autorizada pelo Rei James I no século XVII.



Feliz aniversário, droga!

Por dias, o cartão de visitas de Ethel Streeter é minha companhia constante. Na verdade, pego e olho com tanta frequência que consigo memorizar o endereço da caixa postal.

Exceto que não consigo fazer nada com isso. Toda vez que encontro coragem para sentar no computador e fazer uma rápida pesquisa no Google, meus dedos congelam antes de fazer contato com o teclado.

Não sei o que é, mas, do nada, o pensamento de continuar a busca pelas costas do Zan parece... errado.

Estranhamente, também não consigo me fazer incluí-lo.

Ele está o tempo todo na minha mente agora. Até invade meus sonhos. De fato, estou lentamente despertando de um em que ele estava parado na minha frente sem roupas, mas, quando abria a boca para falar, "Ricooo" soava de uma voz que não parecia com a

dele.

É estranho.

— Hm... Macklin?

Ele se abaixa de joelhos e pula no ar. Cai na minha frente e expulsa todo o ar de dentro do meu corpo.

Meus olhos estão bem abertos agora.

— Ricooo! — grita. E, em seguida, pula.

Aaai!

Ainda está escuro lá fora.

— Jaxy, que inferno! — Jogo-o no chão.

Fica de pé, imperturbável. Escala novamente para a posição inicial, mas começa a pular na minha cama comigo nela.

— Você falou *inferno*!

— E voCÊ tamBÉM, estúpido. — *Argh!* — POR FAVOR, pare de PULAR na Minha CAma agora!

É como se ele nem me ouvisse.

— Você estava falando sobre *Zan-Zan* enquanto dormia.

Ah, cara.

— O quê?

— Ele é seu *namorado* agora?

— Não! — Eu me viro para que ele não veja a apreensão em todo o meu rosto.

— Aposto que você estava tendo *sonhos molhados* com ele.

Hm... Sento-me.

— Que droga você sabe sobre sonhos molhados?

Ele salta da cama e rola os olhos.

— São sonhos em que você está fazendo aquilo com alguém, *dã*. O irmão mais velho do Mason os tem o tempo inteiro, e ele mijá uma coisa grudenta na cama, por isso nós dizemos que é molhado.

Que os céus me ajudem. Não sei nem como responder a isso.

Ele agarra meu braço e o puxa.

— Fala *sério*! Levanta! Temos que fazer as rabanadas especiais da mamãe antes que ela acorde.

— Oi?

— As. RABANADAS. Da. Mamãe!

Ah, droga.

— Que dia é hoje?

— Sexta! — Ele joga as mãos para cima como se eu fosse a maior idiota que existe.

— Não, cabeça. Que *data*?

— Vinte e dois de fevereirooo!

Ah, não. Ah, não. Ah, não.

É o aniversário da mamãe.

Esqueci completamente disso.

Jax percebe pelo meu rosto. Sua pequena mandíbula lentamente se abre.

— Você *esqueceu*?

Merda.

Eu pulo e me esforço para colocar as calças de moletom

de volta (aparentemente, chutei-as para fora à noite enquanto sonhava com *Zan-Zan... ugh*).

— O que você está esperando? — digo para Jax. — Vá pegar ovos e leite. — *Será que temos ovos e leite? Deus, eu sou uma filha horrível!* — Mexa-se!

Ele sai correndo e tento descobrir o que fazer. Sempre comprei um presente de aniversário para a mamãe — e dei a ela com o café da manhã —, todos os anos, mesmo antes de Jax ter nascido. No ano passado, ela estava lutando contra psoríase nas mãos, então o Senhor Z me ajudou a conseguir um creme da Jordânia que tinha minerais do Mar Morto. No ano anterior, comprei palmilhas para o seu sapato. Quando eu entrar na sala de jantar de mãos vazias, ficará bem óbvio que esqueci.

O que diabos há de errado comigo?

Jax e eu preparamos as rabanadas com maçã e canela, e também faço uma omelete com cebola, queijo e um pouco de bacon. (*Quando/onde nós compramos bacon? Custa oito dólares um pacote! É por isso que eu faço as compras...*) Depois arrumamos a mesa e corremos para nos vestir.

Quando voltamos, mamãe está sentada no seu lugar, radiante. Jax tem o seu presente nas mãos e corre na direção dela. Sinto-me como a idiota mais imbecil da história. Fiquei mesmo tão envolvida nessa caça pelo bilhete (e, ok, no garoto rico irritante, mas, admito, gostoso que estava caçando comigo) que esqueci a droga do aniversário da minha mãe?

— Venha aqui, Rico — pede.

Hora de encarar as consequências.

— Eu, hm... Não comprei o seu...

— Tenho uma surpresa para vocês. — Ela me corta com um movimento de cabeça.

Ok, então...

— Aaah! Uma surpresa! — Jax diz. — O que é?

Ela aperta o nariz dele.

— Nada de escola para vocês hoje, amores, porque NÓS vamos fazer uma *viagem*!

Hm.

— Uma viagem?

— Isso mesmo. Assim que acabarmos de comer este café da manhã delicioso, vamos pegar a estrada. — Ela sorri para mim.

Tenho tantos sentimentos bagunçados agora mesmo que meu rosto fica dormente. Choque, confusão, descrença...

E também um pouco de expectativa?

Inferno, Jax parece que está prestes a explodir em uma pilha de Legos.

Mas, então, meu foco se move para a rachadura horrível na mesa. O buraco no estofamento da cadeira desocupada. O carpete sujo debaixo de nós e o linóleo amarelado da cozinha.

E as perguntas começam a rolar: *Para que diabos de lugar estamos indo? Como vamos chegar lá? Quem está pagando? E o trabalho (meu e dela)? Quantas horas extras terei que fazer quando voltarmos para compensar o que perdemos? Por que ela é tão sem consideração? Não percebe que não posso apenas me levantar e*

tirar um dia de folga se quero manter esse trabalho? Que nós PRECISAMOS dessa renda? E se as coisas ficarem super ruins novamente? Aposto que ela comprou aquele bacon... Por que ela está tão obstinada a gastar o dinheiro que não temos, droga?

E agora estou brava.

Abro os lábios para jogar minha raiva por sobre a mesa, grossa e pegajosa como calda sendo derramada...

— Rico? — Seus ombros caem. — Está tudo bem?

Pisco. Boquiaberta como um peixe assustado. Seus olhos estão... *abertos*. Guarda baixa. Não tenho certeza se já a vi assim desde o dia em que entrou no abrigo, abaixou-se na minha frente com lágrimas nos olhos e disse que iríamos nos mudar para o nosso próprio apartamento em uma nova cidade.

A fúria me abandona em camadas.

Hoje é o aniversário de trinta e oito anos dela.

E eu me esqueci disso.

Então eu me sento. Encho minha cara (e meus sentimentos) de rabanada.

— Preparem-se para o melhor fim de semana das jovens vidas de vocês! — diz, seu rosto brilhando como se fosse um animal que produz luz própria.

Pego meu copo de suco de laranja e *glub, glub, glub*. Depois sorrio, enquanto me forço a manter tudo no estômago.



Apesar do meu redemoinho de pânico e emoções relacionadas a dinheiro, e minha irritação com a mamãe pela forma precipitada que aconteceu esta pequena viagem em que estamos, não digo uma palavra quando entramos na rodovia.

Mamãe está alheia. Em um mundo particular. Aproveitando o caminho livre e balançando a cabeça com as músicas do Michael Jackson tocando na estação de rádio por satélite que encontrou enquanto vasculhava o chique painel do carro alugado.

Vejo as árvores passarem como um borrão.

— Jaxy está dormindo? — pergunta, abaixando o volume.

Meu doce irmãozinho está esticado em todo o banco traseiro de couro.

— Sim — respondo, dando uma espiada nele. — Apagado.

— Bom. — Ela olha de relance para mim. — Quero agradecê-la.

— Pelo quê?

Não sei se já a vi assim tão... *tímida* antes.

— Por esta viagem — diz. — Sempre quis levar você e seu irmão para a praia, então guardei um pouco do dinheiro que me deu.

Ah.

— De nada? — *Eu acho?*

— Não digo muito isso, mas não conseguiria sobreviver sem você, Rico. E não falo isso apenas no sentido financeiro. Você é um grande exemplo para o seu irmão, e ter você por perto realmente *me* faz seguir em frente.

De onde isso está vindo?

— Sei que as coisas podem estar tensas entre nós, mas quero que saiba que a amo.

E agora eu estou prestes a chorar? *De onde isso está vindo?*

— Sinto muito por ter esquecido seu aniversário — sai balbuciado de mim. — Realmente não...

— Pare. — E agora *ela* está chorando. — Se houver algo a ser dito, eu deveria sentir muito. — Ela seca os olhos nas mangas e funga. — Tudo o que você disse na noite que me deu aquele dinheiro...

— Achei que você fosse me dar um tapa.

Agora ela ri.

— Você realmente é incrível, garota.

Pego um dos guardanapos que enfiei no porta-luvas quando compramos comida e limpo o nariz.

— Podemos parar agora, por favor? São tantas emoções.

Ela sorri.

— Você é o melhor presente que eu recebi, Rico.

Grr.

— Amo você também, mamãe.



Meus olhos vazam mais nos dois dias seguintes do que já tinham vazado desde que vivemos na van do vovô.

Vazam quando chegamos ao apartamento de dois quartos,

vista para o oceano (que é maior do que o nosso e tem eletrodomésticos melhores), e Jax corre para a varanda gritando:

— ISSO É INCRÍVEEEL!

Vazam quando estou parada na praia, enquanto as ondas quebram, e sinto o oceano tocar meus pés pela primeira vez.

Vazam quando dou minha primeira mordida em uma perna de caranguejo-real cozida e mergulhada em manteiga (então *existe* um Deus mesmo).

Vazam quando encaro o céu noturno e vejo mais estrelas do que sabia que existiam.

Vazam porque estou me divertindo muito... mas é agri-doce. Cada luxo, mesmo que bom, é uma lembrança do que não temos e do que não podemos realmente ter. E, apesar das minhas tentativas de *me divertir*, como mamãe continua dizendo, meu cérebro calcula cada centavo que gastamos em Carillon Beach, Flórida, e não consigo evitar que as ondas de ansiedade me atinjam.



Enquanto nos acomodamos na areia na manhã do nosso segundo dia de férias improvisadas, olho para a água e não consigo evitar o questionamento de como é ser Zan Macklin. Nunca ter que se preocupar se gastar dinheiro na sexta afetar as compras de segunda. Ou se você pagará o aluguel. Ou se estará apto a pagar a conta de luz para que a eletricidade não seja cortada (novamente).

Como é levantar e ir ao médico da família no primeiro sinal

de doença? Comer quando quiser, qualquer que seja a sua fome? Comprar o que seu coração desejar sem uma olhada simples para a etiqueta de preço?

Como seria tirar férias sem estar tão abalada com toda a experiência e poder realmente aproveitar? Odeio que me sinto um pouco ressentida com ele pelo tanto que eu sei que ele valoriza as coisas.

Isso me leva de volta para nossa conversa sobre Wally Winkle e o quanto Zan julgou o cara por *aproveitar* sua vitória na loteria. Consegui assistir um pouco do primeiro episódio de *JACKPOT!* no YouTube e, enquanto ele, ok, tomou algumas decisões questionáveis (uma mansão de doze quartos para ele, a esposa e o cachorro parece um pouco excessivo), uma coisa sobre Wally ficou abundantemente clara: o cara está extremamente grato por sua vitória.

— Rico, venha me ajudar a construir um castelo de areia para o meu robô! — Jax grita, perto demais da água para que a coisa dure muito tempo.

Olho para a alegria que faz o garoto de pele da cor da areia molhada praticamente brilhar. Suspiro e fico de pé. Levanto a cabeça e coloco os ombros para trás. Ando até onde ele e a mamãe já estão ajoelhados na areia e pego um balde.

Tento não pensar nos trinta e cinco dólares que a mamãe pagou no conjunto de sete peças de plástico.



Mas Jax acorda às três da manhã com febre.

39,4°C desta vez.

Há Ibuprofeno, compressas frias e um monte de cobertores para manter os calafrios controlados. Há eu cantando *Smooth Criminal* para ajudá-lo a dormir, e mamãe fazendo as malas com as mãos no estômago.

Há férias encurtadas. Uma irmã no banco de trás com seu irmão mais novo, segurando um saco de vômito.

Há mamãe deixando de parar em uma clínica de emergência porque está com medo de que custará muito dinheiro.



Uma palavrinha do robô Lego vermelho de Jaxon Daniel Danger

Jax não se sente muito bem. Estou todo molhado de suor por estar sendo apertado na palma quente da mão dele, e isso está me deixando nervoso. Ele é uma criança mais legal do que a última que foi minha dona — não me perdeu de vista a viagem inteira —, e sei que a vida é passageira ou qualquer coisa do tipo, mas seria legal mantê-lo por perto.

Estou preocupado com a irmã dele também. Fico de guarda do Jax de onde ele me posiciona na mesinha de cabeceira antes de ir para a cama, e sua irmã não sabe, mas às vezes ela chora durante o sono. Às vezes também acorda suando e respirando com força, pensando que está atrasada para o trabalho. Houve mesmo uma vez em que levantou da cama, colocou roupas e

saiu correndo, apenas para voltar minutos depois, cair na cama e esconder o rosto no travesseiro para chorar.

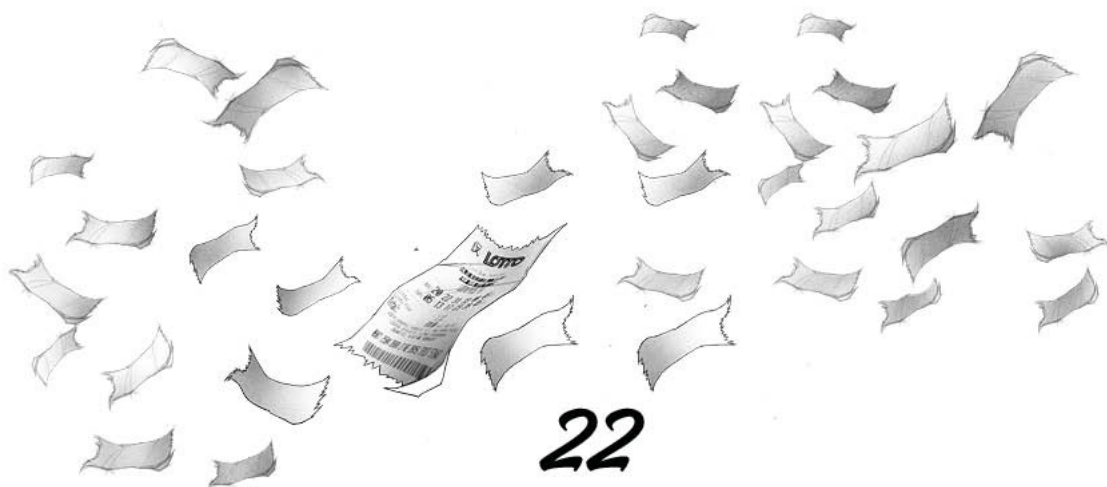
Ela também não sabe que Jax estava acordado e viu a coisa toda.

Ele se assustou, eu meio que me assustei também.

Acho que ela tem pesadelos. Por um tempo, falou sobre um bilhete que não conseguia encontrar, depois começou a murmurar sobre alguém chamado Zan.

Garotas são estranhas.

Pelo menos essa ama o irmão tanto quanto eu amo.



A doutora

A febre começa a baixar na noite de domingo.

Continua baixa na segunda pela manhã, mas os nódulos linfáticos do Jax estão tão inchados que dói quando ele abre a boca.

A *Señora* Alvarez está fora do país e mamãe precisa ir trabalhar.

Adivinha quem vai ficar em casa?

Há uma parte de mim que quer ligar para Zan. Assim que chegamos da Flórida, eu *olhei* o endereço da caixa postal e encontrei a agência dos correios no mapa, mas... bem, fica a quase cinquenta quilômetros de distância. E, mesmo se eu pudesse ir lá, não saberia o que fazer em seguida.

O que significa que preciso dele.

Também não falei com ele por quatro dias — um fato que *pode* estar nublando meu julgamento. Porque... Sinto falta dele.

Não sei como as pessoas vivem desse jeito.

Ligo para Jess em vez disso. Peço a ela para passar por aqui e pegar meu horário, para que possa pegar a matéria que perdi.

Na manhã de terça, o garoto já pode abrir um pouco mais a boca, mas ainda tem dificuldades de ingerir e mal consegue se mover. Mamãe sai para trabalhar e vou para a cozinha para preparar um *smoothie* para ele.

O telefone toca.

Desligo o liquidificador e pego o aparelho sem fio.

— Alô?

— Chuck[24]! — a pessoa exclama.

— Desculpe. Número errado.

— É um termo de carinho shakespeariano, Danger. Você saberia disso se não estivesse faltando à escola pelo terceiro dia seguido.

Realmente me assusta quando meus joelhos cedem, mas, uma vez no chão, toda a saudade, o medo, a frustração e o pânico que tenho tentado manter escondidos da mamãe e do Jaxy surgem nos meus olhos e descem pelo meu rosto. Baldes e baldes de lágrimas que mudam de fúria para alegria, e para o alívio mais profundo que já senti.

— Danger? Você está aí?

Recomponha-se, Rico!

— Sim. Estou aqui. Como você está?

— Bem, olá para você também.

Sorrio. Coloco a cabeça na mão.

— Oi, Zan.

— Bom dia, raio de sol.

— Como você está?

— Bem melhor do que você, pelo que ouvi — diz.

Mato a Jess ou agradeço a ela? Acho que não pedi para não dizer nada a ele. (Será que foi uma decisão inconsciente?).

— Provavelmente.

— Não posso falar por muito tempo. Só queria dizer a você que minha cunhada vai passar aí para ver meu pequeno camarada, então não surte quando uma latina gata aparecer na sua porta em cerca de uma hora.

Não consigo me fazer perguntar nada.

— Ok.

— E também: consegui o endereço da nossa senhorinha.

Uau.

— Conseguiu? — *Mas como...*

— Não posso nem confirmar nem negar que meus métodos foram legais, mas, em resumo, missão cumprida. Conversamos mais sobre isso depois.

Ok. Essa é uma boa surpresa.

— Soa bem, Macklin.

— Ani khoshev sheh ani ohev otach, Geveret Sakanah[25].

— Quê?

— Ah, nada de importante. Apenas praticando um novo idioma.

— E que idioma seria es...?

— Sinal tocou. Conversamos depois.

Ele desliga.



Às 8h28 da manhã, há uma batida na porta.

Latina gata é um eufemismo.

— Você deve ser a Rico — a mulher diz, com um sorriso condizente com um comercial de clareador dental.

Balanço a mão que ela me estica, mas não tenho nada a dizer. Apenas olhar para ela me faz sentir extremamente insegura sobre minha própria... aparência. Cabelo enorme e despenteado, camiseta do Malcolm X surrada e calça de moletom furada. Esmalte descascado nas unhas também.

— Sou Anna-Maria — completa. — Alejandro me mandou...

— Alejandro?

— Desculpe, desculpe. — Ela balança a cabeça. — Alexander. *Zan*.

— Ah, sim. — *Alejandro?*

— Ele não falou muito quando ligou, mas mencionou seu irmão mais novo.

É quando percebo o texto na maleta preta: ANNA-MARIA G. ROJAS-MACKLIN, MD.

Zan mandou uma *doutora*?

Eu não consigo nem... Por que está tudo girando?

— Está tudo bem? — Anna-Maria coloca a mão no meu ombro. Ela tem um cheiro iMACKulado. (Quer dizer, por que *não* dar aos Macklin seus próprios adjetivos?).

— Sim, desculpe — respondo. — Entre. — E dou um passo para o lado para que ela possa preencher nosso pequeno domicílio com magia apenas por entrar nele.

Quando Jax — que está esticado no sofá lendo *Superfudge* — vê Anna-Maria, ele literalmente derruba o livro.

Eu entendo, garoto.

— Você deve ser o Jaxon. — Anna-Maria estende a mão quando se aproxima. — Sou a Doutora Rojas-Macklin.

Jax apenas a encara. Tenho certeza de que nos parecemos com órfãos famintos que nunca viram bondade.

— Posso pegar seu casaco? — digo, subitamente envergonhada. O lugar está uma bagunça, e ser do tamanho de uma caixa de sapatos faz a zona ficar ainda mais evidente.

Ela sorri e entrega para mim. PRADA, diz a etiqueta. Vale mais do que o carro atual da mamãe.

Coloco dentro do armário de casacos — o meu cai no chão, já que não temos um cabide extra. E, quando retorno, ela está olhando para o Jax.

— Você se importa se eu me sentar, juvenzinho?

Ele balança a cabeça e puxa os joelhos em direção ao peito para dar espaço.

— Ouvi um monte de coisas boas sobre você, Jaxon. *Meu*

irmão mais novo... Você conhece o Zan, certo?

Ele assente novamente.

— Bem, Zan é um dos *seus* maiores admiradores.

Jax sorri, todo pretensioso, e olha para mim. Dou a ele um olhar que diz *melhor-não-dizer-nada-inapropriado*, e ele se vira novamente para Anna-Maria.

Ela continua:

— Ouvi que você não estava se sentindo bem. — E ele balança a cabeça negativamente. — Importa-se se eu der uma olhada em algumas coisas? Talvez possa encontrar a causa e colocar você no caminho para se sentir melhor.

— Ok — sussurra.

Deus, ele soa horrível.

Anna-Maria puxa uma máscara descartável, um estetoscópio e um par de luvas da bolsa.

— Alguma coisa está acontecendo nessa garganta, mas vamos ouvir seu coração primeiro, ok? Vou arrastar isso debaixo da sua camisa. Vai ser um pouquiinho gelado.

Os olhos dele se arregalam quando a coisa faz contato, mas vejo que está tentando ficar firme.

— Ok, agora respire fundo para mim.

Ele o faz.

Ela move o negócio.

— De novo... — Ela faz isso mais algumas vezes. — Você tem tossido?

Há outra batida na porta, e meus olhos se erguem e se

fixam em Jax, que está me encarando como se dissesse: *Bem, você vai atender?*

É um pouco demais.

Um sentimento que se quadruplica quando abro a porta e encontro Mano Zan segurando uma caixa cheia de apetrechos, que ele parece ter roubado de uma loja de eletrônicos.

Balança as sobrancelhas de lagarta para mim.

Embora eu esteja criando raízes no lugar e não possa falar, fico quente em todo o corpo.

— Vai me convidar para entrar, Danger? Esta caixa está mais pesada do que parece.

— Sim, claro, desculpe. — Afasto-me para o lado.

Ele entra e fecha a porta. Inclina-se para a esquerda, então pode ver além da parede da “entrada” para dentro da sala.

— Jaxy, meu garoto! — Depois completa com: — *¡Hola, vieja!*^[26] — Seu sotaque soa tão natural que arrepios atingem o meu peito.

— *Te voy a golpear el trasero, pendejo*^[27] — responde Anna-Maria.

Zan ri.

Ela prossegue:

— *¿Estás faltando las clases hoy, eh?*^[28]

— *No le digas a mi papá*^[29].

— *Las locuras que hacemos por amor*^[30]...

— *Silencio, por favor.*

Agora ela ri.

Ok, escolhi alemão como requisito de língua estrangeira (não sei nada), mas certamente conheço a palavra *amor*... Enfim, não sou especialista, claro, mas Zan fala espanhol como se o cérebro dele estivesse absorvendo tudo isso por anos.

Ele coloca a caixa no chão e me faz dar um passo para a direita, assim ficamos escondidos da vista de Jax e Anna-Maria. Aperta os olhos e coloca o dorso da mão contra minha testa. Pega a outra e coloca debaixo da minha mandíbula.

— O que você está fazendo?

— Olhando se você possui temperatura.

— Tudo mundo tem temperatura, Macklin.

Ele rola os outros.

— Você sabe o que quero dizer, Gelada.

— Já faz um tempo que não ouço esse daí...

Então meus pés saem do chão. Seus braços estão envolvidos na minha cintura e seu rosto está enterrado no meu pescoço. Suas sobrancelhas fazem um pouco de cócegas.

— Bem, então... — Não faço ideia do que fazer com os braços.

— Senti sua falta, Danger — murmura contra a pele exposta bem abaixo da minha clavícula. E, santa mãe de *todas as coisas*, está quente aqui dentro.

— Deu para ver. — Ele me coloca no chão e lembro-me do meu estado. — Você acabou de me abraçar? — pergunto, enfiando um dedo em um dos buracos da bainha da minha camiseta. — Pareço o Mufasa cambaleando e cheio de esteroides.

— Parece nada, bobona. — Ele ri e tenta enfiar uma parte do meu cabelo por trás da orelha. — O Mufasa morre, sabia? Pensei mais em um Simba crescido.

— Ai, meu Deus, tanto faz! — Bato no peito dele.

Estamos flertando? Estamos flertando totalmente. No meu apartamento caído, de todos os lugares possíveis.

Ele sorri e bum: sem mais nem menos, sou teletransportada. Não existe irmão doente, mãe trabalhando além da conta ou faltas no trabalho para me preocupar.

Apenas Mano Zan.

Realmente gostaria que ele *parasse*.

— Você é fluente em espanhol? — digo, para quebrar o silêncio (*muito* carregado).

— Sim.

— Impressionante.

Ele dá de ombros.

— Não muito. Tenho falado a vida inteira.

Hm... Dou uma boa olhada na pele bronzeada e no cabelo grosso e escuro. *Gustavo* vem à mente (e o lembrete de que não sei quase nada sobre esse garoto idiota).

— Zan?

— Danger?

— Você é birracial?

Ele sorri ironicamente.

— Dá para dizer que sim, acho.

Estou prestes a ir mais fundo, mas Anna-Maria vira no

corredor. Ela olha o espaço entre nós — bem, a falta dele — e há um sorriso em seu rosto novamente.

— *Es muy hermosa, hermanito*[31]. — Ela está falando com ele, mas olhando para mim.

— *Te lo dije. No te acuerdas porque ya eres vieja*[32].

— *Cállate la boca, imbécil*[33].

Zan ri e se inclina para mim.

— Ela acabou de me chamar de retardado — sussurra alto o suficiente para que ela escute. — Dá para acreditar?

— *Vete, llorón*[34].

Zan pisca, pega a caixa e desaparece no corredor.

Assim que ele se vai, Anna-Maria se vira para mim, todos os traços de humor apagados.

— Rico, há quanto tempo Jaxon está doente?

Droga.

— Ele teve febre e dor de garganta indo e voltando por umas duas semanas — respondo.

Ela assente. O que é... interessante? Estava esperando um: *Duas semanas e ele não viu um médico? Vou chamar o conselho tutelar!*

— Examinei sua garganta e ele parece ter faringite, então vou trazer uma amoxicilina para você antes do fim do dia — responde. — Saiba que, se retornar, ele pode precisar ter as amígdalas removidas.

Bem, isso seria um pesadelo. Cirurgia envolve hospital. Hospital envolve um monte de dinheiro. Lembro-me vividamente da

mamãe dizendo que ela “preferia morrer a ir ao hospital” em uma das suas crises de colite.

Estou tentando não entrar em pânico.

Ela olha para a sala e sorri.

— Joaquín e eu começamos a namorar quando Alejandr... Zan, desculpe, tinha cinco anos. Desde que o conheço, ele queria ter um irmão mais novo.

Espio pelo corredor. Zan colocou um iPad em um travesseiro em cima do colo de Jax e está o ajudando a escolher um filme para assistir.

— Joaquín? — pergunto.

— Irmão mais velho do Zan. Tinha dezessete anos quando Zan nasceu. Tinha outro irmão, que morreu aos catorze anos em um acidente de bicicleta, um ano antes do Zan vir ao mundo, e sua irmã, Tehlor, é doze anos mais velha que Zan. Ele era praticamente uma criança solitária.

— Oh. — É constrangedor não saber de nada *disso*, quando Anna-Maria nos pegou praticamente acariciando um ao outro há menos de dez minutos.

— Parece que o *seu* irmão está fazendo os sonhos dele se realizarem. — Pisca.

Pego seu casaco. Zan e Jax acenam quando ela se vai.

E parece que ela está certa, porque, quando Anna-Maria volta para deixar o remédio quatro horas depois, Zan ainda está aqui.

[24] Shakespeare cunhou diversas palavras e expressões para o idioma inglês e “Chuck” é uma referência a Macbeth. Era usado como “meu amor” para maridos, esposas, filhos e amigos queridos.

[25] Frase em hebraico que significa algo como: “Eu acho que te amo, Senhora Perigo”. Faz referência ao sobrenome da Rico.

[26] “Oi, velha!”, em espanhol.

[27] “Vou bater na sua bunda, pentelho”, em espanhol.

[28] “Matando aula hoje, é?”, em espanhol.

[29] “Não conte ao meu pai”, em espanhol.

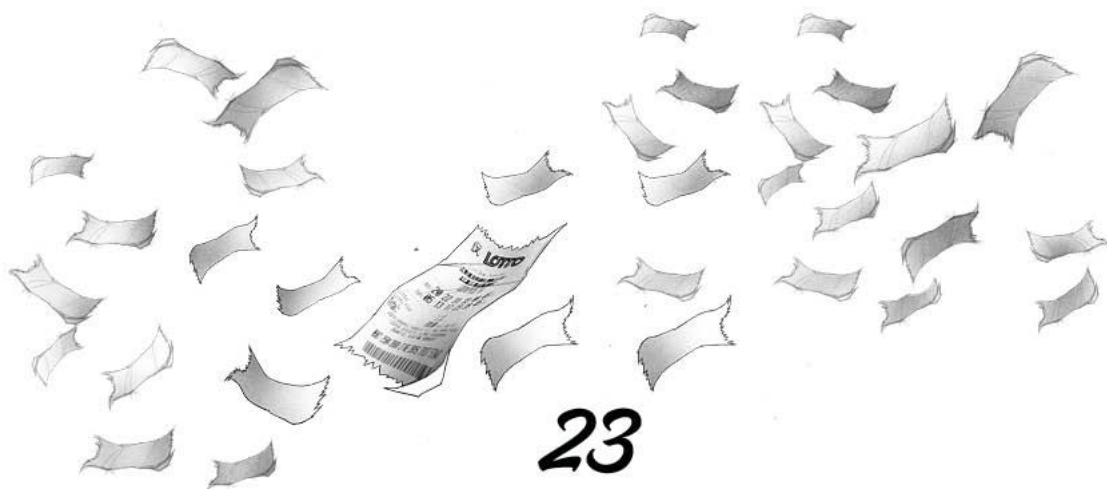
[30] “As loucuras que fazemos por amor...”, em espanhol.

[31] “É muito bonita, irmãozinho”, em espanhol.

[32] “Eu falei. Você não se lembra porque é uma velha”, em espanhol.

[33] “Cala a boca, imbecil”, em espanhol.

[34] “Vaza, seu chorão”, em espanhol.



Marque sim ou não

Ele me pega para ir à escola na manhã seguinte, depois me deixa no trabalho quando as aulas acabam.

Faz o mesmo no outro dia.

E no outro.

Sábado e domingo eu pego turnos duplos, mas ele me leva para trabalhar, traz meu almoço e aparece para me levar para casa nos dois dias.

E vou levando. Não penso muito (leia-se: não penso nada) ou questiono seus motivos (a maior parte deles).

Mas aí, na segunda, estamos sentados lado a lado na aula de História e acabo desviando o olhar em sua direção. Ele está sorrindo largamente para mim.

O que faz tudo que estou tentando *não* pensar desabar sobre mim de forma friamente precisa, como enormes pedras de

granizo:

Zan é o motivo pelo qual Jax tomou antibióticos que nunca saberíamos que ele precisava.

Zan é o motivo pelo qual eu tive almoço *de verdade* no fim de semana.

Zan é o motivo pelo qual não coloquei o pé em um transporte público ou escolar em semanas.

Zan é (provavelmente) o motivo pelo qual o Senhor Z me deu um aumento.

Zan é o motivo pelo qual meu irmão anda feliz de verdade na escola, porque pode finalmente se juntar a conversas sobre os mais recentes dispositivos e videogames e não se sente mais o “pobre garoto pária” (não faço ideia de onde ele aprendeu esta palavra).

O tanto que devo (\$\$\$) a Zan me atinge com tanta força que não consigo respirar.

Que droga estou fazendo?!

Assim que o sino depois do último período soa, corro para fora da sala a fim de vencer as multidões e chegar ao estacionamento. Não existe possibilidade, no céu OU no inferno, de que serei vista nos braços do Macklin neste momento. Se não fosse pelo fato de que vamos ao endereço da caixa postal da Ethel hoje, teria ido pegar o ônibus escolar para casa.

Tomara que ele seja esperto o suficiente para vir para o carro.

Na verdade, parece que não vai importar se ele é esperto o

suficiente ou não: estou parada no jipe por um total de quarenta e cinco segundos quando ouço alguém se aproximar por trás de mim.

— Sua garota já está aqui no seu Tonka, mano — a voz diz.

Quando me viro, Finesse está deslizando o telefone no bolso.

— Rico Suavico!

Sorrio.

— Oi, Finesse.

Ele abre os braços para um abraço e caminho para ele. (O que esses garotos têm com abraços?).

— Qual é a boa, garota? — pergunta.

Como se responde uma pergunta dessas? Conto minha lista de mentiras?

— Hm... Muitas coisas?

Ele ri.

— Meus velhos perguntaram por você. Acho que deveria aparecer por lá de novo qualquer hora.

— Quer dizer que eles não acham que sou um pouco promíscua por passar a noite no sofá do seu porão com Alexander Gustavo Macklin? — Ops! Não queria que isso saísse.

— Bobona. — Ri. — Eles nem sabem sobre isso. Jess não para de falar sobre você, então estão todos intrigados e essas merdas.

Que droga ela deve estar falando?

Como se pudesse ler minha mente, Ness continua:

— Você realmente a impressionou, sabia? Com todo esse negócio de “ir contra a correnteza” que você anda fazendo. Minha garota me considerou “econômico” na semana passada porque ela disse que “precisamos parar de estar tão conformados com nossos estilos pessoais”, ou algo do tipo. Na verdade, essa jaqueta irada custou quinze pratas. — Ele dá um puxão nas lapelas da jaqueta de couro marrom que está usando.

Tento não rir. Esse negócio de “ir contra a correnteza”? Sim, ok.

— Então, meu garoto está te tratando bem? — pergunta.

Ai, Deus, será que podemos não...?

— Hm... — Meus olhos caem para a faixa branca separando as vagas de estacionamento.

— Você sabe que ele está “caidaço” por você, né? Não acho que já vi esse garoto tão amarrado.

— Ah. — *Pare, Finesse! Realmente* não preciso disso agora.

— Não diga a ele que lhe contei isso, mas as coisas estavam ficando um pouco difíceis para o meu garoto. Vários trabalhadores da fábrica tentaram processar a família dele e parece que um dos caras de maior confiança do seu pai estava no centro da coisa toda.

— Uau.

— Né? Toda vez que eu olho, tem alguém novo tentando roubar dinheiro da família do Z. Ele estava real perdendo a fé na humanidade, mas você o trouxe de volta à vida totalmente.

Meu. Rosto. Está. Pegando. Fogo.

Os olhos do Finesse se mudam por cima dos meus ombros e ele sorri. Estou prestes a virar e ver o motivo quando um par de braços desliza ao redor da minha cintura.

Eles... não são do Zan. Finos demais. E o peito — que agora está pressionado nas minhas costas — é muito baixo e macio.

— Estávamos falando de você agora — Finesse diz, e os braços me soltam. A invasora de espaços me circula e entra no abraço do Ness.

Jess. (Dã, Rico).

— E o que vocês estavam falando? — Ela aperta o nariz dele.

— Que você é a garota mais gata do universo.

Bleh.

E agora eles estão se beijando. Aparentemente, não estou mais parada aqui. Eles estão totalmente... Uau, isso é um monte de...

— Cruzes, suas aberrações, encontrem um *quarto*. — (Definitivamente conheço essa voz).

Agora um braço que *eu* reconheço desliza para frente dos meus ombros e sou puxada para trás contra o peito deliciosamente cheiroso de um cara.

Instintivamente, torço o pescoço para olhar para cima.

— Oi — Zan diz.

Minha cabeça gira.

Finesse e Jessica se separam e olham para nós. Sorrisos idênticos erguem-se para cima do lado esquerdo da boca dos dois. (Credo).

No meio-tempo, Macklin me solta e abre a porta do passageiro.

— Pronta para ir? De carro são cerca de vinte e cinco minutos.

— Uhum. — Viro-me de volta para Ness e Jess. — Acho que a gente se fala depois.

Jess pisca.

— Não façam nada que eu não faria.

O que é bem confuso.

Finjo que não vi a mão esticada do Zan e subo sozinha.



Não tenho certeza se é a expectativa do que vamos encontrar no endereço ou pura estranheza entre nós, mas não falamos muito durante o caminho.

Estamos na rodovia por pelo menos vinte minutos quando espio em sua direção. Seus olhos estão colados na estrada.

E agora estou tendo um *flashback* de como me senti com seu queixo contra minha clavícula quando ele me prendeu naquele abraço insano na terça passada.

O que é que eu faço com isso tudo? Não é possível que ele *realmente* goste de mim, não é? Tudo aponta que *sim, ele gosta,*

idiota, mas... somos muito diferentes.

Não somos?

E, se gostasse de mim, ele diria, certo?

— Você está horrivelmente quieta, Danger.

Limpo a garganta.

— Olha quem fala... Bem, não fala também.

Ele solta um riso abafado.

— Sério agora: você está bem? Parece... diferente.

Então ele percebeu (eu estava achando que não?).

A pergunta é: o que digo a ele?

— Diferente... como?

Agora ele limpa a garganta.

— Não esperou por mim depois da escola.

Por que ele soa ferido? E por que isso está me deixando furiosa e me fazendo querer abraçá-lo para trazer a felicidade de volta, tudo ao mesmo tempo?

O que está acontecendo?

— Qual é o número da caixa de correios? — diz, como se não tivesse acabado de transformar o ar do jipe em uma sopa de emoções.

Paramos o carro e ele aponta para uma casa no canto de uma rua adjacente. Tem apenas um andar e é amarelo ovo com venezianas brancas. Há uma placa de “ALUGA-SE” com o nome da empresa imobiliária no gramado imaculado na frente da casa.

— Parece... — Aperto os olhos. — Dois mil setecentos e vinte e um.

— Hmm.

— Hmm?

— Aquela é a casa da caixa postal — diz.

— Ah.

Durante nosso breve momento de silêncio não intencional, a sopa de emoções no ar se solidifica para algo bem mais pesado. Sei que estamos pensando a mesma coisa neste momento — se é realmente a casa da Ethel Streeter, e que está para ser alugada...

Assim, ela *era* bem velha.

Mas, e se ela apenas... se aposentou e foi para a Flórida ou mudou para uma casa de repouso ou algo do tipo? Diz *aluga-se*, não *vende-se*, o que significa que alguém quer continuar dono do lugar mesmo se outra pessoa estiver vivendo lá.

Certo?

— Vou me aproximar um pouco mais para pegarmos o número na placa — Zan diz.

E agora eu suspiro.

O que derrete o sorriso no rosto do Zan.

— Você está bem?

O que digo a ele? Que cada obstáculo nesta “missão” me faz querer desistir para evitar ter mais decepções? Que minha família ficará com cento e oito dólares no vermelho em 1º de março a menos que eu consiga fazer doze horas extras nos próximos três dias? Que eu devia ter pegado um turno extra *hoje* em vez de vir aqui?

Digo que sinto que atualmente devo a ele mais do que

poderia pagar num futuro próximo?

Digo que não estou nem mesmo confortável de me sentar ao seu lado agora?

E mesmo assim não quero me mover.

Toda certeza que tenho é: não posso voltar.

— Chegue só mais um pouquinho para perto — digo. —

Quase consigo ver daqui.

Um sorriso gigantesco brota nas bochechas do Zan.

— Rico?

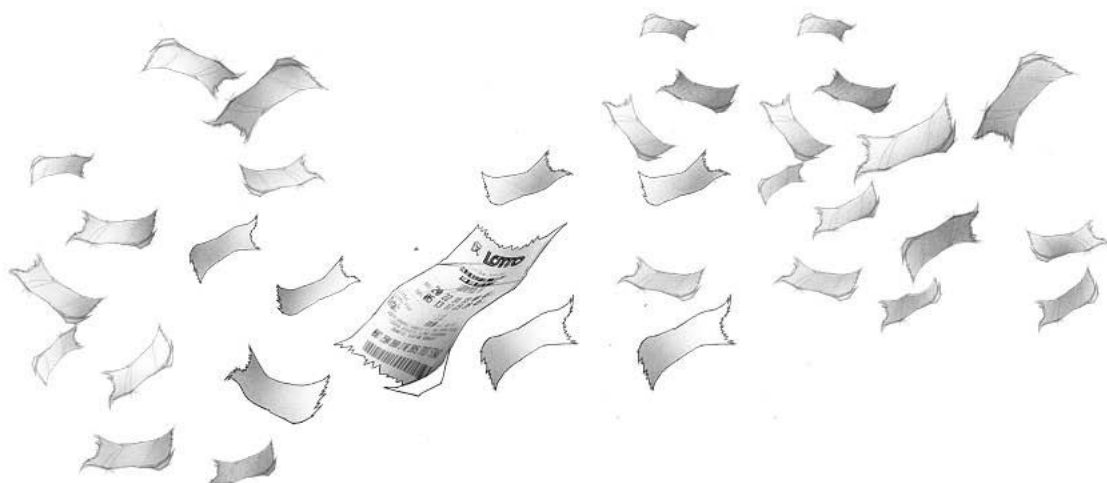
— Sim?

— Preciso te contar uma coisa.

— Ok...

Ele pega minha mão e me prende em seus olhos verdes.

— Eu *realmente* gosto de você — diz.



Uma palavrinha da casa de Ethel Streeter
(porque realmente é a casa da Ethel Streeter)

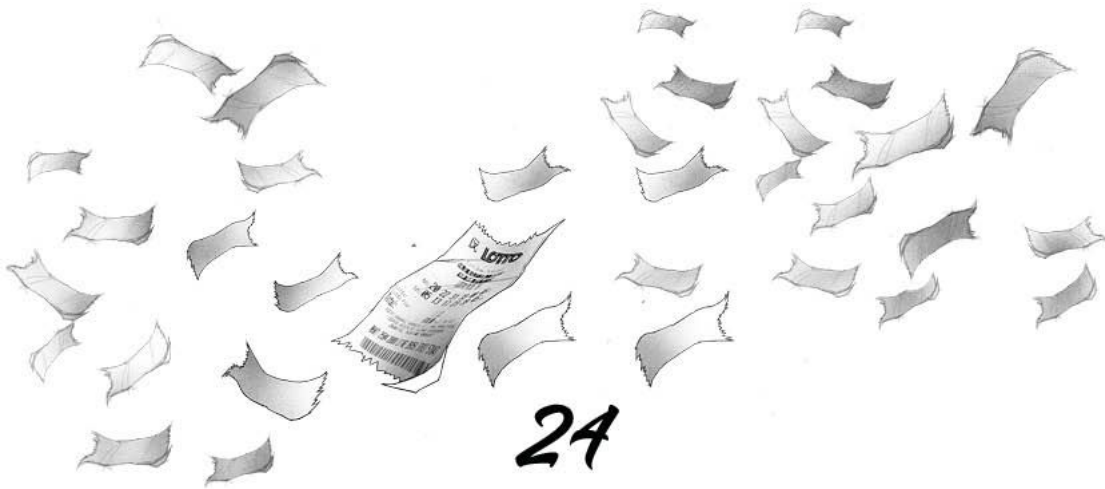
Sou realmente a casa da Ethel Streeter, a propósito. Ela se mudou de mim para a do filho Bartholomew algumas semanas atrás.

Tem sido solitário com toda a saída dela daqui. E eles recentemente remodelaram a área — você devia ter visto a monstruosidade que era há poucos meses —, então as pessoas pretas que povoam esta vizinhança desde que consigo me lembrar não podem (ou talvez *não irão*) pagar o aluguel exorbitante que o consultor financeiro da Ethel sugeriu para que pudesse “competir com as casas renovadas ao redor que eles também têm para aluguel”.

Acho que serei ocupada por alguns brancos estranhos como os que tenho visto passando com mini cachorros em carrinhos de bebê em breve.

Ah, apenas para seu conhecimento — Rico está pensando

nisto enquanto conversamos —, aquela coisa que ela está procurando? Não está em lugar nenhum dentro de mim.



Vadia(s) descarada(s)

Eu realmente gosto de você também, Zan.

Ainda não consigo acreditar que eu disse isso. Em voz alta.

Agora já é sexta e estou de pé na frente do espelho do meu banheiro sentindo-me como uma verdadeira idiota, porque acabei de cutucar meu olho com o pincel do rímel. E há lágrimas escuras descendo pelas minhas bochechas.

Parece que estou chorando sujeira. Rico Reneé Danger, deusa da imundice...

— Rico? — Mamãe abre a porta.

Tarde demais para que eu jogue água no rosto para me livrar da bagunça, mas, quer saber? Tudo bem. Ela precisa ver o resultado de sua falha em me ensinar essas coisas, droga.

— Queri... Uau — diz. Há um olhar zombeteiro nela. — Tendo dificuldades?

— Não está ajudando.

Ela olha para mim. Meu cabelo está cacheado e estou usando um vestido tubinho cavado nas costas de estampa *Pied-de-Poule* que roubei do armário dela com uma meia-calça preta rasgada com bom senso. Não decidi o sapato ainda, mas não importa.

— Acabei de ser chamada para trabalhar por algumas horas — diz.

— Ok...

Suspira.

— A *Señora* Alvares não pode ficar de babá.

De acordo com o relógio colocado acima da pia do banheiro, Zan estará aqui para me buscar em exatos vinte e um minutos.

Isso *não* está acontecendo.

— E você está me dizendo isso *agora*?

Essa foi a coisa errada a dizer.

— A menos que seu encontrozinho esteja planejando pagar o aluguel, sugiro que reajuste suas prioridades — ela corta minha reclamação.

— Não é um *encontro*. Nós só vamos ver um fil...

— Ótimo. Pode levar seu irmão com você, então.

Ela está falando sério?

— Mas mãe...

— Ou isso ou cancele. — Ela olha para o relógio. — Tenho que ir.

E se vai.

Fecho a porta e viro para o espelho. As coisas andam ok entre nós — exceto sobre o assunto dinheiro e/ou as maneiras de consegui-lo. As lágrimas estão descendo com entusiasmo agora, o que apenas me faz sentir estúpida e infantil.

— Falei para você que era uma ideia idiota — digo ao meu reflexo. — Olhe para você agora. Burra.

Senti *mesmo* um aperto no estômago quando, depois de confessarmos o fato de *realmente gostarmos* um do outro na segunda-feira, Zan me perguntou se eu queria “passar um tempo com ele em uma situação que não envolvesse a missão ou algum transporte”. Respondi que sim antes que pudesse me parar, mas aqui estamos nós, dezenove minutos antes do início do nosso Plano, com tudo desmoronando.

Eu na vida.

Ligo a água e estou me preparando para lavar meu rosto — torcendo para que Zan não fique *tão* chateado com o cancelamento; posso dizer a real razão desta vez, pelo menos — quando a porta se abre novamente, mamãe entra no banheiro e fecha a porta atrás dela.

Pego um pedaço de papel higiênico que definitivamente não é Macklin e seco o rosto para que não me veja chorar.

Depois de colocar a bolsa no balcão e apoiar algo preto em cima da vara de cortina do chuveiro, ela me gira, pega-me pelos ombros e me faz sentar no vaso sanitário.

Ok...

Suas sobrancelhas se enrugam para baixo e ela pega meu queixo. Vira para a esquerda e direita, examinando meu rosto e minhas pupilas.

— Feche os olhos — diz.

Eu o faço. Não consigo mais lutar contra.

Mantenho-os fechados pelos tantos minutos necessários enquanto meu rosto é limpo, cutucado, pinçado (ai!), esfregado com isso e espalhado com aquilo. Ela me diz para *erguer o queixo, olhar para cima, olhar para baixo, sugar as bochechas, bater os cílios, franzir e sorrir*. Meu cabelo é arrancado, puxado e preso.

E, então:

— Abra.

Um sorriso surge em seu rosto batalhador e ela assente uma vez, devolvendo os pinceis, tubos e recipientes para a bolsa. Pega o negócio da vara da cortina, desdobra e estende para mim.

É uma jaqueta. Couro deliciosamente gasto com vários zíperes, bolsos, apliques e botões.

— Essa é a sua jaqueta de *motoqueira*?

Seu olhar cai.

Na época que a mamãe começou a faculdade, tinha uma Harley-Davidson que o pai dela deu e estava em um grupo de motociclistas todo feminino chamado Brazen Bitches, vadias descaradas. Quando eu era pequena, ela costumava andar por aí com a jaqueta e (de brincadeira?) lamentar o fato de que teve que parar de andar quando nasci.

Quando vovô morreu, ela se livrou da moto e da

parafernália toda.

Ou foi o que pensei.

Pego, choque certamente evidente na minha boca aberta e sobrancelhas erguidas. Ela olha para mim da cabeça aos pés e diz:

— Botas Doc Martens. — Segura a bolsa e se vira para sair.

Poucos segundos depois, ouço:

— Tchau, filho! — E a porta da frente se fecha.

Olho para baixo com a jaqueta em mãos.

Quase começo a chorar de novo, mas lembro-me de que há maquiagem por todo o meu rosto agora. Maquiagem que ainda nem vi.

Viro-me para encarar o espelho.

E quase caio para trás.

Sempre fiquei abismada com pessoas que podem colocar uma tonelada de maquiagem e fazer parecer que não estão usando nada. É exatamente o que minha mãe fez comigo. Sei que as coisas *estão aqui*, porque posso senti-las, mas os efeitos são muito sutis. As maçãs do meu rosto estão um pouco mais definidas, o volume dos meus lábios está bem balanceado com o resto do meu rosto, minhas sobrancelhas estão super arrumadas e meus olhos parecem um pouco maiores e mais brilhantes. Ela até mesmo deu um jeito de brincar com meus olhos de cor diferente. Até *eu* acho que eles se parecem bem maneiros agora. Combinado com o cabelo que ela arrumou para parecer uma coroa? Eu me *sinto* bonita.

Talvez pela primeira vez de todas?

E agora estou... atordoada. Especialmente quando me dou conta novamente de que estou segurando a jaqueta da minha mãe. Tipo, como ela foi de jogar minhas “prioridades” na minha cara para fazer minha maquiagem e completar meu look?

Deslizo a jaqueta...

E, então, escuto.

— Ela está aqui. — E Jax vira o corredor com Zan a reboque.

— ESPERA! — Bato a porta do banheiro.

— Bem, isso foi *rude* — Jax grita.

UGHHH!

— Vou sair em um minuto! Vocês podem... hmm... esperar na sala?

— Rico, você está aí dentro há *duas horas*.

Vou matar esse garoto.

— Não dá para colocar tempo limite na beleza, meu garoto — Zan diz. — Vamos lá. Vou derrotar você em algumas rodadas de videogame enquanto esperamos.

Certo. Porque, sabe todos aqueles eletrônicos que Zan trouxe quando Jax estava doente semana passada? O garoto *ficou* com eles.

Balanço a cabeça e tento focar. Dou uma espiada no quarto. Eles saíram.

— Vamos lá, Rico, você consegue. Obviamente não pode cancelar agora, então vire mulher, poxa!

(Isso vai ser um desastre, eu apenas sei).

Dentro do armário. Botas.

Um último olhar no espelho...

Ok, não vou mentir, pareço totalmente fodona.

Quando piso fora do quarto, as cabeças dos garotos giram ao mesmo tempo. As sobrancelhas de lagarta do Zan (ele, de fato, as faz, de acordo com Jess) erguem-se, rastejando até a linha do cabelo. Mas é Jax quem diz:

— Bem, que droga, maninha.

— Jax!

Ele joga a mão para o alto.

— É a única resposta apropriada.

Zan ainda não disse uma palavra.

Ele e eu trancamos olhares, e me atinge *o tanto* que quero que ele aprove como estou. Não tenho certeza se gosto disso.

Pensando melhor, talvez seja por isso que ando preocupada sobre essa coisa toda. Essa sensação de que estou não apenas me permitindo ficar distraída do que mais importa (cento e seis MILHÕES), mas também... perder o controle de mim mesma e me preparar para o tipo de desapontamento que pode dizimar inteiramente uma pessoa. Estar deliberadamente dando a outro ser humano o poder de me destruir se ele estiver inclinado a isso.

Que estou mudando — me importando mais, me esforçando mais...

Desejando.

Na verdade, nunca realmente *gostei* de ninguém antes. Em primeiro lugar, nunca acreditei que ninguém nesta cidade rica idiota

poderia estar remotamente interessado em mim; em segundo, o único exemplo que tenho de uma “pessoa apaixonada” é minha mãe. Vimos onde todo esse fascínio, idolatria e motivação a levaram (entendeu? Fascínio, Idolatria e Motivação = FIM).

Então eu me mantive fechada.

Mas agora?

Por favor, diga algo, Macklin...

Ele faz:

— Você, hm... — Ele limpa a garganta e afasta o olhar. —

Você está pronta para ir?

E é isso.

Meu queixo cai... Talvez, se olhar perto suficiente do chão, conseguirei ver aquele meu coração dissolvendo-se em nossa desculpa esfarrapada de carpete.

— Ah. Acho que estou. — *Será que dava para eu soar mais patética?* — Jax terá de vir conosco, a propósito. Espero que esteja tudo bem.

E, se não estiver, a porta é bem ali, babaca. Sinta-se à vontade para sair.

Jax bufa e rola os olhos.

— Já *contei* a ele. — Desliga o jogo na televisão, depois vem e para na minha frente. — Podemos ir agora, por favor, Rico?

É aí que me dou conta: terei que pagar pelo ingresso dele. Deixei separado um pouquinho de dinheiro do pagamento desta semana para poder pagar o *meu*, mas não é suficiente para o Jax também.

Tá vendo? Desastre.

Zan se aproxima e estende as chaves para o Jax.

— Que tal você ir na frente, entrar no carro e ligar o aquecedor para nós, carinha? Pode até sentar no banco do motorista.

— Legaaal! — Jax pega as chaves e corre para fora da porta.

O que me deixa sozinha com Mano (claramente não impressionado) Zan.

Estico a mão para colocar o cabelo atrás da orelha, lembrando-me da minha mãe fazendo isso, e instantaneamente sinto-me a maior idiota do mundo. Estúpidas botas e meias e vestido e jaqueta e maquiagem e cabelo.

— Talvez você queira ir... Não tenho certeza se deixar o Jax ligar seu carro é uma boa ideia.

— Ah, ele não vai conseguir ligar. — E ele caminha para mais perto. — Não dá partida a menos que você pise na embreagem.

Ah.

— Só não queria que o garoto me ouvisse dizer quão incrível você está.

Ah, sim. Limpo a garganta.

— Obrigada.

Enquanto fico corando e certamente exalando a fragrância de uma garotinha assustada e estúpida como uma tulipa recém-desabrochada, Zan me olha da cabeça aos pés. *Beeem* devagar.

Ainda estou usando roupas? Porque estou certa de que não me sinto usando, minha *nossa*.

Seus olhos finalmente se reconectam aos meus e ele sorri, enquanto ergue minha mão até seus lábios.

Não tenho nada a dizer.



Não faço ideia de que filme vimos, porque a única coisa de que estava consciente durante os cento e sete minutos era o antebraço nu de Zan Macklin contra o meu em nosso braço da poltrona compartilhado.

O depois não foi muito melhor: Zan insistiu em comprar para Jax e eu dois sandaes carregados da sorveteria gourmet ao lado — e isso foi depois de ter insistido em pagar pelos ingressos, pelo pote extragrande de pipoca e pela caixa de jujubas que Jax queria —, e no tempo todo em que estávamos lá, tudo que consegui focar foi na interação dele com Jax. Quer eu acabe “me apaixonando” ou não (o que quer que isso signifique) pelo garoto, é óbvio que o irmãozinho que eu amo mais que minha própria vida *já* se apaixonou.

E é claramente mútuo. Zan olha para Jaxy como se ele tivesse projetado o sistema solar.

Nada disso ajuda.

Agora nós estamos parando na vaga ao lado do carro da mamãe em frente ao apartamento e não quero *mesmo* que ele vá.

Tento roubar um olhar para ele, que já está me encarando.

Nós dois sorrimos.

Como *cheguei* aqui? De correr para me esconder quando ele entrou na loja para troca de olhares no banco da frente do Tonka? Isso para não mencionar as viagens de carro, as pessoas aleatórias e as visitas a casas de estranhos que...

AH!

— Minha nossa, quase esqueci...

— Preciso te perguntar uma coisa — diz ao mesmo tempo.

Nós dois coramos e olhamos para longe.

Que absurdo.

— Você primeiro — fala.

Olho por cima do ombro para Jax, que está morto no banco de trás.

— Hmmm... Eu provavelmente deveria levá-lo para dentro. Importa-se de esperar alguns minutos? Voltarei logo em seguida.

Zan bufa. Desliga a ignição.

— Você acha mesmo que vou deixar sua beleza carregar sozinha aquele saco de batatas?

Antes que eu possa reclamar, ele sai do carro, abre a porta traseira e cuidadosamente remove meu irmão do seu covil do sono profundo.

Infelizmente, quando chegamos ao apartamento, destravo a fechadura e tento girar a maçaneta, descubro que esta também está trancada. E não há buraco de fechadura para a maçaneta do lado de fora.

Então terei que bater.

O que, a menos que eu consiga convencê-lo a me dar o Jax e voltar para o jipe (improvável, embora eu certamente vá tentar), significa que Stacia Danger está prestes a conhecer Alexander Macklin.

— Dou conta a partir daqui se você quiser voltar para o carro. Minha mãe virá abrir a porta, porque está trancada por dentro.

— Ótimo. — Ele muda Jax para o ombro e bate.

****pequenos surtos****

Mamãe abre a porta, inclina-se contra o batente e cruza os braços.

— Então você é ele, hm?

Ai, Deus.

— Não me falou que ele era branco, Rico.

AI. DEUS.

— Mãe!

— Alexander Macklin, senhora. — Ele estende a mão. — Prazer em conhecê-la.

Suas sobrancelhas se franzem e ela se vira para mim.

— Ele acabou de dizer *Macklin*? Da Macklin Empre...

— Sim. Podemos colocar o Jax para dentro?

— Certamente explica os *brinquedos* novos...

— Preciso falar com Alexander sozinha por um minuto.

Mamãe lança um olhar assustador para Zan, e um tom vermelho se arrasta pelo rosto dele. Ele saiu antes que ela chegasse no dia que veio ficar com Jax depois da consulta médica

em casa. E, mesmo que mamãe soubesse que a receita veio da “cunhada do meu amigo Zan”, nunca mencionei seu último nome.

Exatamente por isso.

— Aqui, me passa o garoto — pede. Ele o faz. — Você tem até meia-noite, Rico. — Olha de volta para Zan. — Senhor Macklin, foi um prazer conhecê-lo. — *Por que todo mundo o chama de “senhor”?* — Obrigada por... — olha-o de cima a baixo e força um sorriso — tudo.

A porta se fecha.

— Ok, então... — comenta Zan.

— Não ligue para ela. Voltamos para o carro?

— Claro.

Nós vamos. Ele me ajuda como sempre e, uma vez que as portas estão fechadas, vira-se para mim.

— Eu realmente me diverti muito, Danger.

Sorriso. Suspiro.

— Eu também, Zanny Zan.

— O que você queria me dizer?

— Ah. — Viu? Quase esqueci de novo. É a droga do perfume dele, eu juro. — Liguei para a agência imobiliária da casa.

— Casa?

Então ele também esqueceu. É meio que um alívio. (Mais sorriso).

— A casa da Ethel Streeter? Bem, a que deve ser a casa dela.

— Ah, *dã*. Desculpe. Estive um pouco distraído. — Limpa a

garganta. — O que disseram?

— Bem, o agente responsável está de férias pelas próximas duas semanas, e eles não querem deixar ninguém mais mostrar, então marquei uma data para nós no sábado, dia 24. Tudo bem?

Agora ele está tentando *não* sorrir. E falhando.

— Com sorte conseguiremos descobrir se a Ethel *possui* a casa, e talvez até onde ela vive atualmente.

— Esperando ansioso por isso, Danger.

Caímos em alguns segundos de silêncio e engulo.

— Você queria me perguntar alguma coisa?

— Certo. — Ele corre a mão pelo cabelo. — Então, eu tenho uma irmã mais velha?

Tehlor, Anna-Maria me contou.

— Isso é uma pergunta, Macklin?

— Cale a boca. O ponto é: ela vai se casar no próximo fim de semana. Está um alvoroço enorme, é super formal, blá, blá, blá. É a única garota da família, então minha mãe e minha avó foram com tudo, ainda mais do que na *quince* dela. Não quero nem considerar o quanto gastaram.

Em quase dois meses, nunca ouvi Zan Macklin divagar tanto assim.

E... sua *quince*?

— Você estaria disposta a ir comigo? — questiona.

Bem, isso certamente me traz de volta para a realidade.

— O que você disse?

— Você pode dizer que não, claro. É que Ness e Jess estarão lá, então pensei que seria legal se você viesse também. — Uma pausa e: — Tipo... como meu par.

Sorrio abertamente.

— Acho que Jax arruinou esse encontro. — *Droga*. — Quer dizer... não que você tenha *dito* que era um encontro... Desculpe. Pode me ignorar.

Mais um sorriso brega e de bochechas coradas dele.

É demais. “Casamento da minha irmã” significa *irmã*. Pais. Família. Isso para não mencionar coisas como traje, sapatos, maquiagem.

Ele disse que era “super formal”... Isso significa vestido chique de baile (que não posso pagar). Dou uma olhada para minhas botas. Obviamente não poderei usar isso aqui...

— O que você acha? — Ele está me encarando agora. — Ness e Jess irão, e ela vai amar ter você lá. Ela me contou.

É espantosamente difícil manter contato visual quando ele parece tão *esperançoso* e a palavra esperança está diretamente ligada a mim. Porque, o que exatamente ele espera? E o que posso realmente entregar? Ele está acostumado ao melhor de tudo... Eu nunca tive um par de sapatos sem ser usado.

O que o faria querer *me* levar?

Por que ele gosta de mim?

O que ele poderia possivelmente ver?

Não tenho objetivos. Planos. Sonhos reais. Literalmente, nada está acontecendo para...

Há uma batida na janela e eu salto como uma galinha assustada.

A pessoa do outro lado está rindo loucamente em seus cabelos loiros.

Zan balança a cabeça — sorrindo — e aperta o botão para descer o vidro, então Jess pode se inclinar para dentro.

— Estou um pouco desapontada que essas janelas não estejam embaçadas. Vocês dois estão realmente *conversando*? — Ela balança a cabeça. — Que vergonha.

— Ai, meu Deus, Jess.

— Tchaaau! — Acena e se afasta.

— Então? — Zan diz quando a janela sobe.

Engulo e encaro a parte de trás da cabeça se movendo da Jessica.

Tenho *permissão* de querer isso.

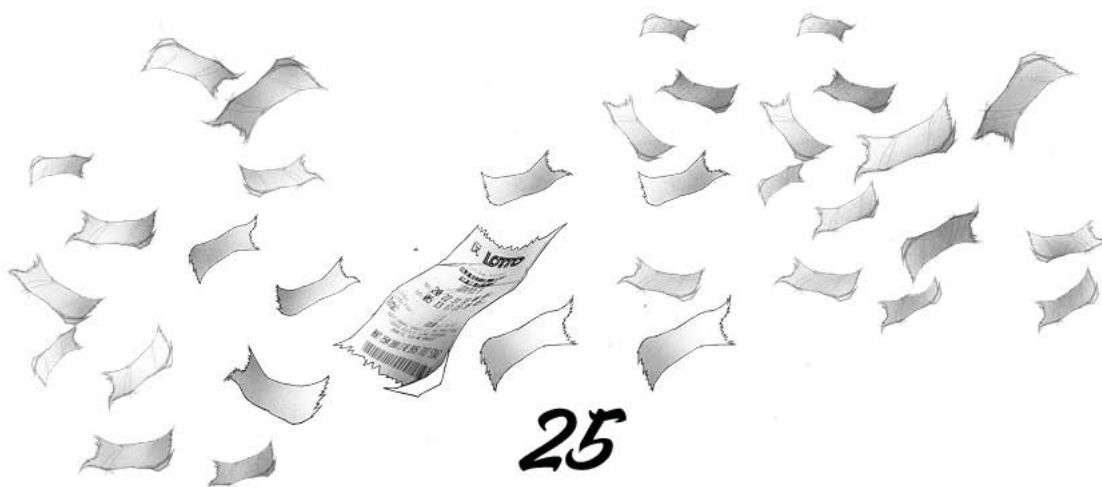
E, inferno, não podemos fazer nada sobre o bilhete pelas próximas duas semanas, de todo jeito. É melhor matar algum tempo.

— Eu ficaria honrada, Zan. — *Honrada, Rico? Sério?*

— Ficaria?

— Quer dizer, *honrada* é meio que uma palavra forte, mas... — *Bleh.* — Tanto faz. Sim. Adoraria ir com você no casamento da sua irmã.

Fogos de artifício explodem nos olhos verdes dele.



L.B.P.

Acaba que minha preocupação com vestido é discutível.

A filha da *Señora* Alvarez possui uma boutique de roupas de festa chamada Bela Vintage. (Como a de *A Bela e a Fera*? Mamãe rolou os olhos — o que já era melhor do que a forma como franziu o rosto com suspeita quando pedi se poderia ir ao casamento —, mas amou em segredo).

Para encurtar a história, Jax me ouviu contar para a mamãe sobre o convite. Ela, após um claro momento de hesitação, disse que eu poderia ir se providenciasse “vestimenta apropriada sem tocar no dinheiro das contas”. Sem nos dizer, Jax foi até a *Señora* Alvarez dizendo que *minha-irmã-foi-convidada-para-esse-casamento-chique-pelo-garoto-que-ela-amaaa-e-eu-realmente-queria-que-ela-fosse-mas-não-tem*—“vestimenta-apropriada”. Foi o que ela nos informou quando apareceu para oferecer ajuda da filha.

Peguei um turno duplo na terça, assim Jess e eu conseguiríamos ir à loja de vestidos depois da escola na quarta. Após três horas inteiras de puro caos, saímos as duas de lá com lindos vestidos, sapatos e joias completamente por conta da casa.

(Loucura).

Quando o sábado chega, Jess e eu entramos no carro dela às 7h03 e dirigimos até a casa do Finesse para nos prepararmos.

Assim começa o período de doze horas mais maravilhoso da minha vida até aqui.

As primeiras seis são cento e cinquenta por cento graças à Jessica Kirby Barlow.

— Ai, meu Deus, eu tenho que te contar... — começa, enquanto estamos sentadas no chão esperando nossas unhas do pé secarem.

— O quê?

— Então, o meu pai, sabe? — diz. — Ele é um executivo de tecnologia, casado, do Vale do Silício, com filhos não muito mais jovens que minha mãe. Sei *dí*ssó desde que tinha cinco anos, mas ontem descobri que ele manda dinheiro para ela sem nenhuma papelada todo mês para que fique quieta sobre minha existência.

Como alguém responde a isso?

— E pensar que ela está sempre reclamando comigo sobre “contribuir mais”, enquanto está sendo paga por esse idiota esse tempo todo — continua. — Eu juro, não aguento mais *esperar* para sair daqui, Ri.

Eu tenho um apelido. Isso me faz sorrir.

Também torna ok eu dizer:

— Meu pai é casado e tem dois filhos também.

— Ah, é? — Ela apoia o queixo na mão. — Fale mais.

— Nunca o conheci e provavelmente não irei. Ele mora na Espanha.

— Espanha?

Assinto.

— Minha mãe teve um rolo enquanto estudava no exterior.

— Caramba.

— Né?

— Então, suponho que você e seu irmão tenham pais diferentes.

— Sim. O pai *dele*, apesar de solteiro, era rico e um merda igual o seu. — Opa. — Quer dizer, não que seu pai seja um *merda*... Desculpe, foi presunçoso dizer isso.

— Ah, ele é um merda completo. Continue.

É estranho. Sinto coisas que me recusei a assumir por um longo tempo, mas, com a Jess, é quase como se não pudesse evitar me abrir. Digo a ela sobre o pai do Jax, ser expulsa de casa e ficar sem teto por um tempo.

— Puta merda — é sua resposta.

Engulo.

— Minha mãe trabalhou duro e eventualmente nos mudamos, mas meio que foi um período sombrio. Literalmente, nunca falo sobre isso.

— Tive uma irmã que morreu quando bebê — ela diz. —

Foi por isso que deixamos a Califórnia. Nem mesmo Ness sabe.

Pausa breve, depois nós duas suspiramos.

— Obrigada — ela diz.

— Pelo quê?

— Tenho carregado isso comigo por muito tempo. Foi bom apenas... soltar no ar.

Sorrio.

— Sinto o mesmo.

E é verdade. Sinto-me mais leve agora que alguém sabe que ficamos desabrigados, mas não está julgando e nem tendo repulsa. Ou, pior de tudo, me dando aquele olhar de pena.

Sorrimos uma para a outra por alguns segundos, tendo o que acredito que seja meu primeiro momento de *amizade* desde... sempre?

Respiro fundo.

— Posso dizer outra coisa?

— Claro.

— Estou um pouco... maravilhada, eu acho, com o que você e Ness planejam para o futuro.

— O que você quer dizer com isso?

— Apenas que vocês irão para a faculdade, terão carreiras e tudo isso.

Ela franze a testa.

— Você não?

— Na verdade, não. Minha mãe precisa da minha ajuda financeira, então não tenho muita escolha, exceto continuar

trabalhando.

— Hmm.

Ela está me julgando? Espero que não esteja me julgando.

— O que esse “hmm” significa?

Agora ela sorri.

— Nada ruim. Só estou me perguntando o que você faria se *tivesse* uma escolha.

Suspiro e afasto o olhar. Sinto-me muito exposta.

— Nunca pensei nisso, para ser honesta.

— Bem, talvez você devesse.

— Devesse o quê?

Jess rola os olhos.

— *Pensar* sobre isso, Rico. Você disse que não tinha escolha, mas isso não é verdade. *Todo mundo* tem escolhas. Algumas delas são difíceis? Sim. Mas, se você quer muito alguma coisa... — Agora *ela* dá de ombros.

Não respondo. Porque, e se ela estiver certa?

— Você vai descobrir — diz, apertando meu ombro. — Por hora, nós temos que nos preparar para o casamento da década.

— Certo. — Porque não deixarei este dia ser arruinado. — Vamos fazer isso.

Pelas próximas horas, finjo que minha outra vida não existe. Jess coloca um álbum antigo do ‘NSYNC e nós dançamos. Cantamos. Damos goles em um refrigerante chique com sabor de dois tipos de laranja e colocamos bobes quentes no cabelo uma da outra.

Comemos pizza e depois ela me ensina como usar base e pó (encontrei uma bolsa com as cores certas ao lado da minha cama esta manhã com um bilhete não assinado de “Divirta-se!” na letra da mamãe), como passar sombra brilhante e colocar o rímel sem machucar minha córnea.

Nenhuma vez me sinto envergonhada, constrangida ou com medo.

Aparentemente, Ness e Zan estão de alguma forma envolvidos com o casamento, então é realmente algo bom que eu tenha concordado em vir — se não estivesse aqui, Jess teria que “desbravar as águas indutoras de ansiedade da riqueza desnecessária” por conta própria.

Sei disso porque ela não para de me agradecer.

— Eu *seriamente* agradeço que você esteja aqui — diz pela enésima vez hoje desde que nos sentamos em lados opostos desta mesa de aparência cara neste quarto cheio de coisas *dela*. — Você é tipo a amiga que eu não sabia que precisava.

É a coisa mais estranha. Nunca em um quadrilhão de anos eu teria imaginado me preparar para o casamento da irmã de Zan Macklin dentro da casa de Finesse Montgomery com Jessica Barlow... que atualmente está pintando minhas unhas de azul royal para fazer contraste com o coral do meu vestido de sereia “com buraco nas costas” (leia-se: *frente única*).

Na verdade, eu nem sei como me sinto sobre isso.

— Como você e Finesse ficaram juntos? — pergunto, olhando ao redor.

— Ah, era inevitável — diz. — Quando me mudei para cá, na sexta série, fui colocada na cadeira bem na sua frente. Ele costumava sentar e brincar com meu cabelo.

Ok, isso é adorável.

— Sério?

— Uhum. No primeiro dia de aula sentei na frente dele e, em trinta segundos, ele puxou minha trança e disse: “uau, parece seda dourada!”.

Eu rio.

— Nem preciso dizer, mas, quando virei e vi quão fofo ele era, comecei a usar o cabelo solto. Perdemos a virgindade um com o outro no segundo ano, mas foi só no começo do terceiro que ficamos juntos, *juntos* — conta. — As pessoas ainda ficam um pouco estranhas com esse negócio de relacionamento inter-racial.

Não me falou que ele era branco, Rico.

— Sim.

Apesar de que, Zan é mesmo *branco*? Ainda não sei...

Ela começa a segunda camada de azul na minha mão direita.

— Eu perguntaria como vão as coisas com o Zan — diz —, mas tenho uma sensação de que você ainda não tem certeza.

Não respondo. Porque ela está certa. Sei que, apesar de ter acabado de compartilhar meu segredo mais profundo e sombrio, confessar essa coisa de mais-do-que-parceiros-na-missão que sinto em relação a Zan tornará tudo muito mais real. Não tenho certeza de que quero lidar com isso ainda.

E, de novo, acho que assumi isso para *ele*...

Por que tenho esse sentimento tão forte de uma desgraça iminente se aproximando quando começo a pensar sobre isso?

Jess não diz nada além — acho que está esperando que eu responda. Cara, espero que isso não acabe se voltando contra mim...

— Assim, eu definitivamente *gosto* dele...

— Mas tem o dinheiro — diz, sem tirar os olhos da minha mão.

— Oi?

— É a coisa do dinheiro, né? — Ela coloca alguma coisa de secagem rápida em cada unha, depois assopra as pontas dos meus dedos; sinto cócegas. — Como se você sentisse que não tem valor?

Fico instantaneamente quente.

— Acho que você pode dizer dessa forma.

— Eu entendo, cara. Realmente. Você faz minha mão direita? — Pega um vidro de esmalte preto da gaveta da mesa. — Lembra quando me perguntou se eu já me senti fora de lugar com as pessoas com quem eu convivo?

— Uhum.

— Essa foi uma das razões para eu e Ness termos demorado tanto para ficarmos juntos — conta. — Eu não conseguia imaginar alguém com *tanto dinheiro* querendo alguma coisa comigo sendo L.B.P.

— L.B.P.?

— Lixo branco e pobre.

— Ah.

Claro que isso faz total sentido — *alô*, estou vivendo isso (menos a parte do lixo branco) —, mas é de parar o coração ouvir isso de forma tão brutal.

— Como você superou?

— Não superei — responde. — Provavelmente nunca irei. Mesmo se nos casarmos e eu ganhar bem mais dinheiro que ele (o que planejo fazer, muito obrigada), não mudará o fato de que, quando visitarmos os pais dele, viremos para *cá*. — Ela gesticula ao redor do quarto. — Mas, ao visitarmos minha mãe, provavelmente sempre envolverá algum pequeno apartamento com cheiro de bebida e cigarro.

— Jess, se esse era para ser um papo animador, você está falhando miseravelmente.

Ela ri.

— É a verdade — continua. — Eu *ainda* me sinto estranha quando ele me compra coisas ou paga algo para mim quando saímos em encontros. Só escolho não deixar isso mandar em mim, sabe? Eu sei que... a *sociedade* ou sabe lá quem sugere outra coisa, mas meu valor como ser humano não tem nada a ver com dinheiro.

Isso me faz rir.

— Você soa como os livros de autoajuda da minha mãe. —
Que não parecem fazer muito por ela.

— Três anos e meio de terapia por essa merda. Em

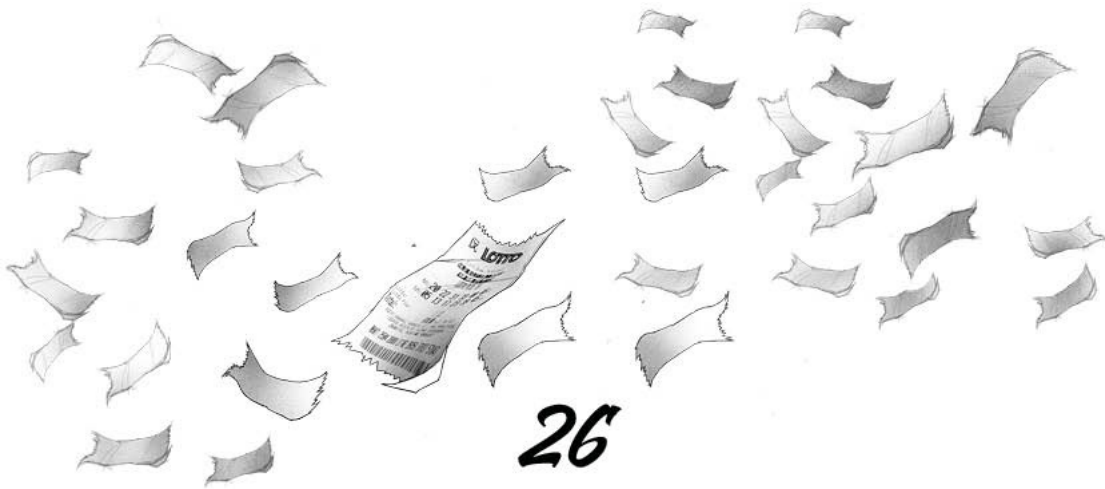
resumo, Ness não se importa nada com a diferença nas contas bancárias dos nossos pais, então, se isso ficar entre nós, é coisa minha.

Suspiro.

Ela tem um ponto, mas, ainda assim... Zan está em um nível totalmente diferente.

— Seria bem triste perder algo bom por causa de um monte de merda, não seria?

Ela levanta a mão e sopra as próprias unhas.



Olho da tempestade

Chamar o casamento de Tehlor Macklin com Chadwick Montgomery de *lucroso* seria subestimar a um ponto absurdo. Não acho que vi alguma vez tantas flores frescas ou coisas tão brilhantes em um único ambiente.

Finesse é um dos padrinhos. *King*, como ouvi várias pessoas se referirem ao noivo, é seu primo mais velho. Mas ele (Ness) passa a maior parte da cerimônia roubando olhares para Jess, que está mais do que incrível em seu vestido decotado marrom e luvas pretas até o cotovelo. Até *eu* estou lutando para não encará-la.

Aí temos Alexander Gustavo Macklin, aparentando ser o magnata que vale cada um dos milhões de dólares que seu nome implica, no seu smoking ultra elegante cor de carvão. Tem o mesmo efeito deslumbrante nos seus olhos verdes que a maquiagem de

olhos esfumaçados e lábios de vampira da Jess tem nos azuis dela. E, quando ele sorri para mim do outro lado do corredor, onde está com sua família (*tanto* dinheiro, minha nossa), agradeço ao Deus que é adorado nesta igreja pelo fato de já estar sentada.

Mantenho meu foco para a frente durante toda a cerimônia, muito porque posso *senti-lo* olhando para mim. Juro que, se fizermos contato visual, eletricidade será jogada pelo ar entre nós. Morreremos instantaneamente e todo este lugar será queimado até o chão.

Depois dos “eu aceito” e do beijo mais intenso que já testemunhei, Zan é levado para as fotos. Nós nos amontoamos em carros. Acabo no assento do passageiro do SUV Tesla dos Montgomery, espremida entre Jess e a irmã mais nova do Finesse, que eu juro que sussurrou em algum momento:

— Queria que meu irmão saísse com alguém como você, e não com a Barbie Malibu.

Não consigo ver Zan de perto até chegarmos ao local da recepção. E, apesar de eu estar ansiosa e procurando por ele com o foco de um cão de caça perseguindo uma trilha, ele consegue se aproximar sorrateiramente de mim. Há um cheiro familiar da sua colônia, depois o calor de uma mão larga no espaço das minhas costas (nuas). O que desencadeia uma explosão de... Honestamente, não sei nem como chamar isso.

Há alguns anos, o Furacão Irma passou por Porto Rico e fiquei obcecada com tempestades destrutivas. A ideia de algo além do controle humano ter o poder de causar tanta destruição é

absolutamente aterrorizante, então eu me apeguei à ideia de um *olho*, aquele ponto de relativa calma bem no centro da tempestade.

É assim que sinto a mão do Zan. O olho da tempestade. Todos os centímetros de pele que ele não está tocando estão se rasgando com sensações que nunca experimentei antes.

Quando me viro, ele dá um passo atrás e olha para mim de uma maneira que me faz sentir que está tirando meu vestido com os olhos. O que não é totalmente desagradável.

Mas, ainda assim.

— Meu rosto é aqui em cima, Macklin.

Ele tosse no punho fechado.

— Erro meu.

Há uma pausa estranha em que ficamos apenas encarando um ao outro. Então eu acabo com ela:

— Gostou do meu vestido?

Ele ri. Riso rico e profundo. Cheio de uma magia Macklin. Um *spinner* surge — girando, girando, girando — na mão direita dele.

— Tenho zero dúvidas de que você sabe que gostei do seu vestido, Danger. Quem está sendo egomaníaca agora?

— Cale a boca.

O *spinner* desaparece dentro de um bolso e ele entrelaça nossos dedos. Puxa.

— Venha. Há uma pessoa que quero que conheça.

— Hm...

— Merda, estou fazendo isso de novo. — Ele solta minha

mão. Respira fundo. — Deixe-me começar novamente.

Cara, quero beijá-lo agora mesmo. (*Sério, Rico?*).

— Rico, há alguém que eu gostaria de apresentar a você. Estaria interessada em ir conhecê-la?

Não posso dizer não, claro.

— Sim. Obrigada por perguntar.

Ele sorri e estende o cotovelo para mim desta vez. Assim que o pego, ele me guia pelo que parecem ser pilhas de riquezas, joias e metais preciosos com conversas inteligentes. E chegamos ao grupo de pessoas ao redor de uma senhora negra de pele clara, sentada em uma cadeira confortável como uma rainha em seu trono.

O público se divide para Zan (*pffft*) e, quando ela o vê, abre seus braços.

— *¡Nietito!*[35]

Ele se inclina e ela o beija uma vez em cada bochecha.

— Lita[36], essa é a Rico — diz, arrastando-me para a frente (e ele tem mesmo que me arrastar, porque meus pés parecem cimentados no chão).

— Ohhhh! *¡Mucho gusto, mi amor!*[37] — Ela se levanta e todos ao nosso redor começam a sussurrar. — Venha, venha para a Lita. Estou *tão* feliz de conhecê-la. — Ela me envolve em um abraço (aparentemente, todos os Macklin cheiram como se fossem de outro mundo) e depois puxa meu rosto para baixo para beijar minhas duas bochechas, como fez com Zan.

Após, afasta-se novamente.

— Você deveria se envergonhar, Alejandro — diz para Zan, enquanto olha por cima de mim. — Sua descrição da beleza dela foi uma *mierda*.

Essa palavra eu conheço... E, cara, cada centímetro da minha pele está pegando fogo.

Zan também.

— Rico, essa é minha avó...

— Chega dessa coisa de avó. — Afasta a palavra como se tivesse cheiro ruim.

Isso desenterra um sorriso das profundezas do meu ser, e ela devolve um igual. Nunca tive uma avó, mas, se Lita é um exemplo, posso ver por que há tanto falatório sobre isso. A presença dela é como um cobertor com braços.

— Muito obrigada por vir, *mi'ja*[38] — completa, balançando minhas duas mãos. — Vá nos visitar para jantar e conversaremos bem mais, ok?

Ela me beija novamente e volta para seu lugar antes que eu possa responder.

— Uau. Ela é tipo uma celebridade — digo para Zan, uma vez que estamos longe do campo de audição. Ouço *Dona Consuela* várias vezes vindo de trás de mim.

Zan ri.

— Definitivamente é a matriarca dos Macklin — responde. — Meio que um ponto doloroso para a minha mãe, mas é o que é.

Quero muito perguntar de que país ela é, mas, se a resposta for *este aqui*, eu me sentiria como uma idio...

— México.

— Oi?

— Meu pai é metade mexicano. É de lá que nosso espanhol vem. Lita insiste que todos sejamos fluentes.

— Ah.

— Você ficaria surpresa de quão estranhas as pessoas ficam ao descobrir.

— Sério?

— Sim. É como se o preconceito deles começasse a ferver e cozinhasse seus cérebros. Venha conhecer meus pais.

Pelos próximos dez minutos, conheço o Senhor e a Senhora Macklin, a noiva, o noivo, quatro tias, três tios, sete primos e Joaquín, irmão do Zan — ganho um grande abraço da Anna-Maria (que Zan me diz também ser mexicana e ter vindo para cá estudar; o que reaviva aquele assunto de *escolhas*) —, e de uma vizinha que, apesar da minha presença, olha para Zan como se ele tivesse poder para fazer a Terra girar.

Não ficamos mais do que poucos segundos com cada pessoa, mas, com toda certeza, sinto as origens do Mano Zan. Há abraços por *todo lado*.

Depois dos aperitivos chiques e do champanhe caro (que eu obedientemente deixo passar), nós nos sentamos para um jantar de cinco pratos. Tenho um paladar bem barato, então o caviar de beluga, *foie gras*, *steak tartare* e *veal Oscar* não são muito meu negócio. Mas, apesar de me sentir em alguma terra de contos de fadas, não me vejo fora de

lugar nenhuma vez como imaginei.

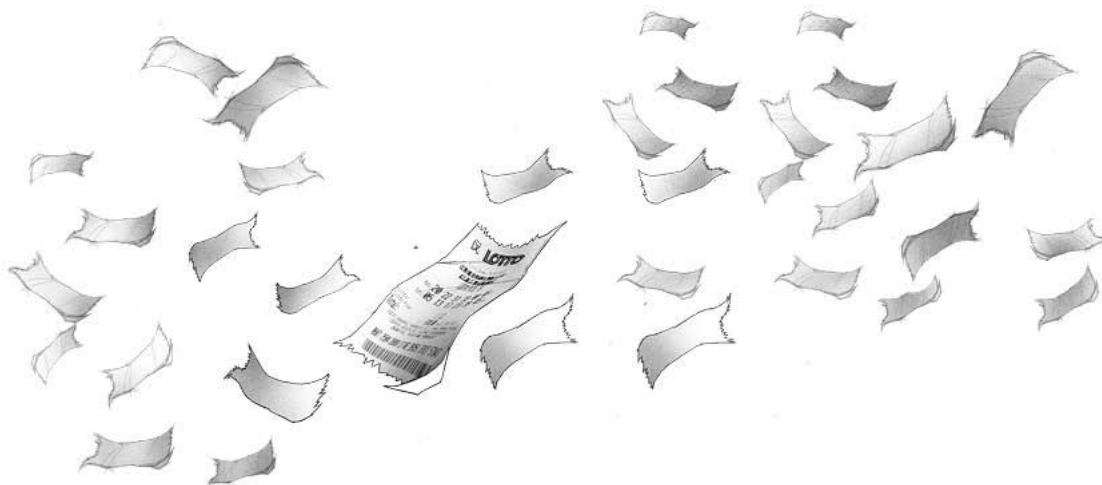
Se tivesse que chutar, diria que é por causa do irmão mais novo da noiva, que raramente solta minha mão.

[35] “Netinho!”, em espanhol.

[36] Diminutivo de “abuelita”, que é avó em espanhol.

[37] “Muito prazer, meu amor!”, em espanhol.

[38] “Minha filha”, em espanhol.



Uma palavrinha do spinner do Zan

Eu giro bastante após o casamento. Depois que Alexander retorna sozinho ao seu “quarto” (que é quase do tamanho do apartamento da Rico, não que isso importe), ele não consegue dormir. Trabalha em mim por horas — encarando o teto, balançando na cadeira da escrivaninha, andando pelo chão de carvalho.

Pensando.

Nela.

Quão boa ela é com Jax. Quão duro trabalha.

Que ela é uma pessoa muito melhor do que ele. Queria ter a coragem dela. A resiliência dela.

Pensa em quão macia e quente a pele dela é. Suas mãos perfeitas e olhos bonitos. A pergunta de tantas semanas atrás — *é isso que você quer?* — gira dentro da cabeça dele na mesma velocidade que giro entre seus dedos.

Ele pensa na empresa e no tanto que não quer trabalhar lá, quanto mais assumi-la.

Mas, ele tem escolha?

Como seu pai reagiria se fosse para a faculdade? E o que Alexander faria para ter dinheiro? Sim, ele tem “trabalhado” por anos... mas ser um funcionário da empresa de um bilhão e meio da sua família provavelmente é diferente de ter um emprego com um chefe de verdade e tudo o mais.

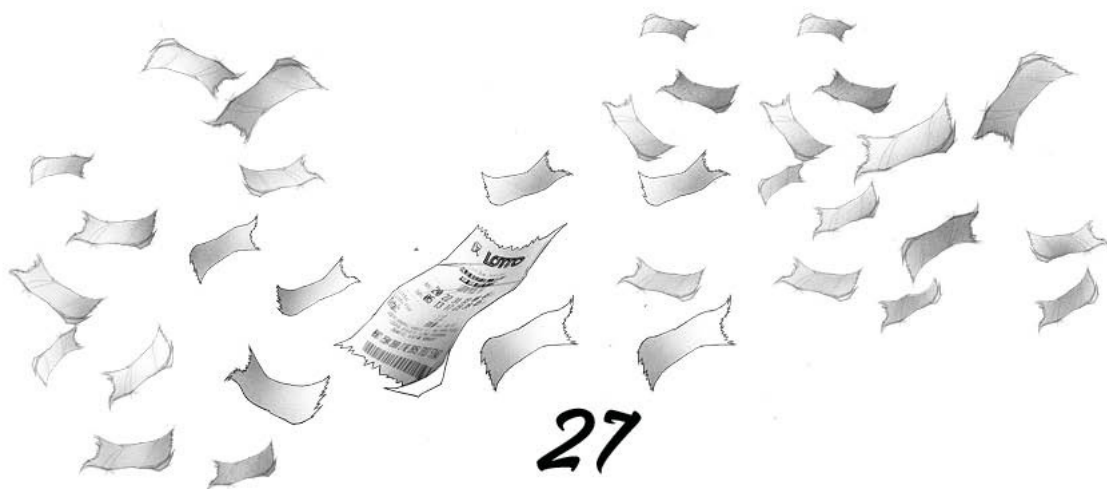
Então, tem o bilhete. A busca por Ethel Streeter. Sua suspeita crescente de que estão se encaminhando para a morte súbita — sem trocadilhos.

Será que ele deveria falar para ela? Apenas ser direto?

E, depois, o quê?

Ele me gira novamente.

Gira, gira, gira, gira, gira, gira...



Os Macklin

Mal tive tempo para processar a noite e colocar os pés no chão, porque acaba que Lita estava falando sério sobre o negócio do jantar: na metade do meu turno do dia seguinte recebo uma ligação de Zan no trabalho, dizendo que ela quer que eu vá ao jantar de família para os recém-casados antes que saiam para a lua de mel de um mês.

O jantar é hoje à noite.

(Também: de *um mês*? Para onde diabos que eles vão?).

Depois de ligar para explicar para mamãe — que soa relutante, mas eventualmente libera —, uso as próximas quatro horas abastecendo e reabastecendo tudo à vista — trabalhando nas barrinhas agora — em uma tentativa fútil de manter meus nervos controlados.

Os trinta segundos de apresentação mais abraços com a

família inteira de Zan no casamento no país das maravilhas foram uma coisa. Eu estava toda embonecada e meio que parecia que pertencia àquele lugar.

Hoje? Estou usando jeans rasgados e manchados, uma camiseta do Batman desbotada — embora muito bem ajustada —, um par de sapatilhas brilhantes que mamãe comprou em um brechó perto de um estúdio de balé e a jaqueta de motoqueira Brazen Bitches dela. Meu cabelo parece um punho saindo do topo da minha cabeça e a única coisa cobrindo meu rosto é uma série de pontinhos escuros das minhas últimas espinhas...

— Ricooo!

— Ai, meu Deus! — Eu me assusto e a caixa que estou carregando voa pelo ar.

Acho que posso dizer que fiz chover Skittles agora.

— Desculpe, querida. Não queria assustá-la. — Sapatos pretos hiperbrilhantes e calças azul-marinho aparecem na minha visão periférica. — Só queria dizer oi. Amei a camisa do Batman!

Meus olhos sobem pelo terno e pousam no rosto sorridente.

O Senhor Nota de Cinquenta não se barbeou desde a última vez em que estive aqui.

Até que não ficou ruim.

— Bela barba.

— Gostou? — Ele passa a mão por ela. — Achei que deveria tentar algo novo.

Na outra mão, ele tem tirinhas de carne seca, água com

vitaminas e um saco de pele frita com sal e vinagre (eca).

Eu sorrio. Um sorriso verdadeiro. É meio estranho, mas ver o Senhor Nota de Cinquenta hoje é... tranquilizante.

Junto as embalagens de Skittles espalhadas e fico de pé.

— Vamos lá na frente que vou cobrar para você.

(41,86 dólares de troco).

O alívio dura exatamente trinta e oito minutos. Porque, às 15h54, quando Zan chega, parecendo-se em cada parte com o filho de milionário que ele é, minha angústia chega ao teto fluorescente novamente. Ele pisca para mim enquanto passa para cumprimentar o Senhor Z, e, depois de receber um relatório completo dos produtos de papel Macklin que trouxe, espera até que eu termine meu turno, pega minha mão (o resto de mim entra em um furacão frenético) e me puxa para fora.

Ainda estou tentando descobrir como respirar normalmente.

— Podemos dar um pulo lá em casa para eu me trocar? — pergunto. É quando percebo que não há um Tonka aqui.

— Trocar o quê? Você está perfeita.

— Hm...

— Isso é o que tem para hoje — avisa, enquanto entramos em um velho Honda de duas portas. Abre a porta para mim e o cinto de segurança desliza automaticamente em um trilho para me deixar entrar. Uma vez que a porta está fechada, as coisas se movem novamente para o ponto inicial, prendendo-me *sem* o meu consentimento.

Olho em volta. Esta coisa ainda tem um leitor de fita cassete — jurava que o carro da mamãe era o último veículo na Terra com um desse.

Uma vez que Zan está no lugar do seu próprio cinto de segurança do demônio, ele fecha o que passa na cintura (o que me lembra de fazer isso também), depois enfia a chave na ignição e tenta ligar o carro. Há um som de *teck-teck-teck*, mas nada de ligar.

— Droga — reclama.

Algo embaixo do volante é puxado e há um som de *pop*. Depois ele salta para fora e o capô se levanta. Após uns vinte segundos, o capô se abaixa, ele volta para dentro, gira a chave novamente e bum. *Puc-puc-puc*, mas o motor está rodando.

Estou tão confusa.

— Então...

— Levei o jipe para a manutenção regular. Troca de óleo, balanceamento de pneus, esse tipo de coisa, certo?

— Sim.

— Eles encontraram *dois* pregos 50D no meu pneu dianteiro do lado do passageiro. DOIS!

Não faço ideia do que isso significa. O que não ajuda minha ansiedade de Garota Pobre Visita o Mundo dos Ricos.

— Ok...

— Aquela coisa tem catorze centímetros de comprimento e seis milímetros de diâmetro!

— Caramba. — Ainda não faço ideia.

— Nosso mecânico acha que alguém fez de propósito.

Enfim, esses pneus são pedidos especiais, então quarta-feira é quando o novo irá chegar.

— E o reserva? — *Sabe, aquele pendurado na porta traseira?*

Ele balança a cabeça.

— Foi o que eu disse, mas minha mãe não quer que eu dirija por aí sem um reserva, então, se eu fosse usar aquele, teria que esperar o novo chegar.

Ah. Entendi.

— Então este é o seu carro reserva. — Porque é claro que ele teria um carr...

— Este é o carro do meu pai.

— Ah, então este é o carro reserva *dele*, não seu. Erro meu.

— Tente “o carro que ele usa todo dia”. Meu pai não tem um reserva.

Absorvo tudo isso... as janelas e trancas manuais, o estofamento rasgado com acolchoado saindo dele.

— Não. Você está me zoando.

Ele ri.

— Juro. Ele está bem orgulhoso disso, na verdade. Nunca gastou mais de dois mil dólares em um carro, e cada um dos que teve durou pelo menos uma década. Está no décimo primeiro ano com este bebezinho, que já tinha dezesseis anos de idade quando comprou. — Ele bate no painel. — As peças são difíceis de achar e o papai precisará substituir as velas em breve se não quiser se livrar

dele, mas Timothy Macklin definitivamente irá gastar este carro até as rodas caírem. Literalmente.

Uau.

— Algo que poucos sabem sobre meu pai: o homem *não* gosta de gastar dinheiro.

Espero que isso não fuja do assunto.

— O casamento da sua irmã parecia bem extravagante.

— Isso foi tudo coisa da mamãe e da Lita. Papai ficou com sangue nos olhos por dois dias depois de ver o valor das flores. Nunca na minha vida o ouvi gritar “*mami*” tão alto.

Rio.

— Como é o da sua mãe, então?

— Ela dirige um SUV Maserati com tudo que tem direito.

Agora eu estou *realmente* rindo.

Ele balança a cabeça.

— É ridículo. Ela é advogada da empresa, mas gastaria tudo se ele deixasse.

Pergunto-me o que seria ter... o *limite* sendo uma droga de um Maserati.

— Ainda não consigo acreditar que vou à sua *casa*.

Ops. Não era para isso sair da minha cabeça.

— Por que não?

— Ah, fala sério, Macklin. Alguns meses atrás, você teria esperado que a estranha garota negra da sua aula de História acabaria dentro da lata velha do seu pai?

Ele ri.

— *Bela* e estranha garota negra da minha aula de História.
Fale do jeito certo.

— É sério! — Estou meio perturbada agora. Odeio quando ele me pega de guarda baixa assim.

— Ok, *touché*. — A cabeça dele se vira para mim na minha visão periférica. — Estou amando cada minuto, apesar disso.

— Olhos na estrada, idiota.

Mais risadas dele — e sorrisos de mim. Mas, quando chegamos ao próximo sinal vermelho, ele se vira para mim com um olhar sério.

— Tenho uma pergunta para você, Danger.

Engulo.

— Ok...

— E se fosse você?

— Oi?

— Estamos procurando pela Ethel Streeter porque estamos convencidos de que ela possui o bilhete de loteria, certo? E se fosse você? O que teria feito com o dinheiro?

Bem, essa foi completamente inesperada.

— Isso foi... aleatório.

— Bem, quanto mais ficamos sem encontrá-la, mais eu penso nisso — diz. — Fiz as contas: se o vencedor escolher a opção anual, depois dos impostos, ele terá dois vírgula quatro milhões por ano durante trinta anos. É mais de duzentos mil por *mês*, Rico. Apenas uns três por cento das famílias norte-americanas veem isso *anualmente*.

— Ok.

— Estou apenas interessado em ouvir o que você faria com esse tanto de grana.

Por que ele está me perguntando?

Na verdade, uma pergunta melhor: por que o pensamento de responder me deixa desconfortável? Não é que eu não saiba... Minha mente corre pela lista de coisas todas as vezes que Jax ou mamãe ficam doentes. Até escrevi uma vez. Obviamente começaria por nos dar um bom plano de saúde.

Mas eu certamente não posso dizer isso a *ele*.

— Provavelmente compraria um carro novo e uma casa decente.

Ele assente.

— Continue.

— Nunca pensei muito além disso — digo. — Acho que começaria um fundo estudantil para o Jax. Talvez enviá-lo para o Space Camp.

— Ah, ele se interessa pelo espaço? Não fazia ideia.

Engulo novamente. Honestamente, não faço ideia também, mas toda criança simplesmente agarraria uma chance de ir ao Space Camp, certo? Não consegui ir, mas, por que não o Jax?

— Sim.

— E você? Faculdade?

— Assim, se eu tivesse esse tipo de renda anual, não *precisaria* de faculdade. As pessoas não vão conseguir diplomas que as farão ter empregos que paguem mais, certo?

— Justo. Então investiria aquilo que não precisaria para viver? Guardaria? Daria para instituições de caridade?

— Eu disse a você que não tinha pensado tão longe, Macklin. É perda de tempo. Não tenho o bilhete.

Estou irritada.

E ele sabe. Não me pergunta mais nada.

Infelizmente, depois de alguns minutos, o silêncio é sufocante. Então eu o quebro.

— O que você faria?

— Hmm?

— Se tivesse o bilhete? O que faria?

— Ah. — Seus olhos se apertam e ele engole.

O que é estranho.

— Quer dizer, você disse que não é rico, certo? Precisa trabalhar pelo seu dinheiro como o resto de nós. Então o bilhete seria um benefício para você também.

Um lembrete que eu precisava. Tenho tentado não pensar nisso, mas agora? *Neste* carro com ele me fazendo aquela pergunta?

— Então? O que você faria? — pressiono. — Conseguir seu próprio lugar e se mudar? “Investir”, como você diz, e nunca mais ter que trabalhar? Começar sua própria linha de Macklin *spinners*? — Cara, estou no limite agora. Pergunto-me se ele consegue dizer isso.

Ele dá uma olhada para mim pelo canto do olho.

— Quer mesmo saber?

— Sim.

— Jogaria tudo fora — diz. — Esse tipo de dinheiro é a receita para o desastre.

Não digo nada depois dessa.



O rap antigo do Zan é o único som no carro pelo resto da viagem — ironicamente, a música que está tocando quando paramos no portão de ferro é sobre um cara que está se gabando por não ter emprego ou dinheiro do aluguel, mas que dirige uma Mercedes Benz e usa “botas de jacaré” e ternos da Gucci (de cafetão).

À medida que avançamos pela estrada sinuosa, admito que, depois da viagem de vinte minutos neste Honda geriátrico, meio que esperava que parássemos em algo moderado.

Não.

Uma casa impressionante. Tijolos. Amplos, profundos e empilhados.

Literalmente uma mansão.

Zan para na porta quatro da garagem para seis carros, e vejo não um, mas *dois* Maseratis — Um SUV do tamanho do meu quarto e um cupê conversível.

— Sua mãe tem dois carros?

— Não — diz, desligando a ignição. — O conversível é da Lita. Vamos lá.

Deixo minha jaqueta no carro — meio que duvido que a vovó católica gostaria das Brazen Bitches — e nos dirigimos à porta que leva para dentro do caste... quer dizer, da *casa*.

Tento me manter tranquila, mas, ainda mais que a do Ness, *esta* casa me lembra dos dias em que explorava as casas vazias com a mamãe e deixa minha imaginação correr solta. No momento em que saio do carro e vejo que a garagem tem um sótão (o que existe lá em *cima?*), as palavras começam a voar antes que possa engoli-las:

— Macklin, esta casa. Quantos quartos? Banheiros? Tem elevador?

— Oito quartos, dez banheiros completos, quatro parciais, sem elevador. — Ele suspira. — Quer mesmo que eu continue com isso?

— Desculpa. — Dou outra olhada na garagem imensa. — É que nunca *vi* uma casa desse tamanho, e muito menos estive dentro de uma.

Ele para de andar e vira para me encarar. Ainda estou boquiaberta feito uma idiota, então bato direto nele. Quando olho para cima, ele sorri e estica a mão para soltar meu cabelo do coque. Enquanto os cachos caem, ele os balança, depois repousa as mãos nos meus ombros e traça minha clavícula com os polegares. (*Uau*).

— Temos três cozinhas, uma piscina interna e quadra de raquetebol, uma academia com sauna seca e a vapor, e uma adega tão abastecida que poderíamos perder a turma do último ano. Lita vive em uma casa de quatro quartos aqui atrás e *meu* “quarto” é

basicamente um apartamento com sala e uma pequena cozinha. Tenho mais merdas e espaço do que poderia precisar, mas, quer saber? Às vezes eu me sinto tão sozinho que a distância da minha cama até a porta parece intransponível. — Prendemos nossos olhares. — Sem contar o Ness, você é apenas a segunda pessoa a vir aqui.

Pisco. Muito.

— Sêrio?

— Sim. Amigos *verdadeiros* são difíceis de encontrar, Danger. Eu, hm... não posso dizer que deixo um monte de gente se aproximar, se é que você me entende.

A parte estranha? Eu entendo totalmente.

— Algo valioso sumiu na última vez que trouxe “uma amiga” aqui.

Meu olhar cai para os meus sapatos brilhantes falsificados.

— Sinto muito.

— Não sinta. — Ele beija minha testa. — Você está comigo agora. Literalmente nada mais importa.

Não tenho a chance de processar o que ele diz, porque, quando me dou conta, estou entrando em uma sala brilhante e alguém está gritando:

— Zan e Rico estão aqui, pessoal!



Os Macklin em duas palavras com R: ruidosos e

#racialmentereconciliados. Sou levada para uma série de saudações barulhentas e abraços quentes, e, em um piscar de olhos, estamos sentados ao redor de uma mesa de jantar de dez lugares.

Lita se senta na ponta, com os pais de Zan à sua direita. Ao lado da mãe dele — Senhora Leigh-Ann — está a deslumbrante irmã, Tehlor, e, ao lado *dela*, seu novo marido — que é basicamente o Finesse careca e de cavanhaque. Zan escolhe um lugar à esquerda de Lita, então sento-me de frente para a mãe dele, e a doutora Gata — quer dizer, Anna-Maria — está ao meu lado com o irmão mais velho de Zan, Joaquín, à esquerda.

Assim que estamos todos acomodados, o pai do Zan, Senhor Tim — não posso acreditar que estou sentada perto do Timothy Macklin — bate o garfo em uma taça.

A conversa para instantaneamente.

— Vamos dar as mãos e abaixar as cabeças para a bênção — diz. Nós o fazemos e ele começa: — Pai celestial e de toda graça, agradecemos por este alimento que irá nutrir nossos corpos e nos manter preenchidos.

— *Sí, Papá* — Lita diz.

— Também agradecemos pelo presente que é esta família, e a adição do nosso mais novo membro, Chadwick.

— Amamos você, King! — fala a mãe de Zan.

— Agradecemos, Senhor, também pelo sucesso da Macklin Empreendimentos, e pedimos um neto assim que possível.

Joaquín tosse.

— E, por último, Senhor, agradecemos pelo nosso jovem Alejandro, e pela luz que recentemente agraciou sua vida, retirando-o da escuridão...

— Sério, pai?

— Não interrompa a oração, Alejandro — repreende Lita.
— E não envergonhe o garoto, Timoteo.

— Ok, ok. Amém — Senhor Tim termina.

Quando abro meus olhos, há um toque de desconforto no ar que não estava lá antes e todo mundo está roubando olhares na minha direção.

Exceto Zan.

É quando sou atingida por isto: Senhor Tim estava falando sobre *mim*.

Ah, cara...

— Então, Rico Reneé! — o Senhor Tim basicamente grita assim que o primeiro prato gira ao redor da mesa. Ele enrola completamente a letra R. — Um belo nome para uma bela garota.

Tehlor olha para mim e balança a cabeça como se dissesse “sinto muito mesmo”.

— Não importune a namorada do Jandro, papai.

— Ela não é minha namorada.

— Bem, ela deveria ser! — Lita diz. — Olhe para ela! Tanta majestade e atitude!

— Trabalha duro também — Senhor Tim diz (grita). — Alexander disse que você trabalha quase em tempo parcial, além dos estudos.

— Uhum. — Empurro um taco na boca. Esta conversa está se movendo tão rápido que eu quase não consigo acompanhar. Falando em velocidade, Zan com certeza foi rápido com a história de *não é minha namorada*. Não que eu queira ser...

— Acho que isso é excelente!

(— Claro que acha — Joaquín murmura. Então há um *baque* debaixo da mesa e ele reclama: — Ai!).

— Meu primeiro emprego foi em uma sorveteria aos catorze anos, mas o segundo foi em um posto de gasolina, assim como você, Rico. Nada mais inspirador do que uma jovem com sua ética de trabalho! Jandro, por que você não trouxe esse tesouro para casa antes? Melhor ainda, por que não está seguindo o exemplo dela?

— Não é hora, pai — Zan diz (com os dentes cerrados).

Respire fundo, Rico.

A mãe do Zan se estica sobre a mesa e coloca a mão na minha (santo brilho, edição especial de dedos e pulsos).

— Estamos emocionados por você estar aqui, querida!

Ok, com isso eu posso lidar.

— Obrigada, Senhora Leigh-Ann.

— Que tal termos um *tempo de garotas* no próximo fim de semana? A linha de verão deve ter chegado na Neiman. — Ela pisca.

— Está brincando comigo, Leigh? Olhe para essa garota! Ela é demais para a Neiman — diz o Senhor Tim.

Céus, me ajudem.

— Certamente não é como a *outra* garota...

— Pai — diz Zan.

Outra garota.

— Bem, compras ou não, você virá comigo para a missa, sim, *mi'ja*? — Agora Lita está piscando para mim. — Precisamos manter nosso templo espiritual em ordem. Você é religiosa?

Ah, cara.

— Hm...

— Vamos deixar a garota *comer*? — Joaquín interfere. (Obrigada, Deus da Lita, em quem eu meio que acredito um pouco agora). — Nós a convidamos para *jantar*.

E, então, eles me deixam. Mais ou menos.

A conversa continua a saltar ao redor da mesa, mudando de direção, forma e cor: política, esportes, reformas migratórias, algo sobre adicionar vitamina E e óleo essencial de baunilha ao novo protótipo de papel higiênico. E é divertido de ouvir.

Mas, quando o terceiro prato (esta salada de seis ingredientes incrivelmente deliciosa) chega à nossa mesa, sou puxada de volta.

— Então, Rico, onde você fará faculdade no ano que vem?

— Chadwick, também conhecido como King, também conhecido como Ness-careca-com-cavanhaque, me pergunta. — Você vai se formar com Finesse e Zander, não é?

Ugh.

— Vou me formar sim, mas não tenho planos para a faculdade. — Coloco o cabelo atrás da orelha nervosamente.

— SÉRIO? Por quê?

— Ah, faculdade não é para todo mundo — Senhor Tim se intromete. — Certo, Jandro?

Zan não responde, mas a temperatura no cômodo parece cair instantaneamente.

— É por escolha sua, certo? — Joaquín pergunta. — Ninguém está te obrigando a assumir a empresa da família?

— Joaquín! — repreende Lita.

— Não estou *forçando* ninguém a fazer nada, Quín. Se Jan quiser ir para a faculdade, ele pode ir...

— Você só vai cortar o dinheiro dele.

— Podemos, talvez, discutir isso em outro momento? Nós temos *visita*. — O rosto da Senhora Leigh-Ann está tão vermelho quanto as pimentas da salada.

— Tudo que estou dizendo é que seria um desperdício de quatro anos importantíssimos da vida do Jandro fazendo “faculdade”, quando seus talentos podem fazê-lo iniciar com um bom salário com espaço para rápido crescimento na companhia.

— Jesus, pai. Ele é o seu *filho*, não um empregado da Macklin...

— Chega — Lita diz, com autoridade *suficiente* que poderia parar um trem desgovernado.

O silêncio cai, denso e úmido. Ou talvez seja apenas o suor saindo dos meus poros agora mesmo. Parte de mim quer tocar em Zan para confortá-lo, mas, pelo calor saindo dele, tenho a impressão de que não é uma boa ideia.

Então eu como.

Todos nós comemos.

É um sentimento interessante, a tensão pulsando ao redor da sala. Cada gole de bebida ou tilintar dos talheres contra os pratos é alto o suficiente para perfurar um tímpano. E, enquanto as coisas se pareciam bem acolhedoras quando chegamos, a sala — até mesmo a casa — ficou bem fria agora.

O joelho do Zan toca o meu por baixo da mesa e minha cabeça instantaneamente se enche de perguntas. A “outra garota” que o Senhor Tim mencionou e a “amiga” que Zan falou são a mesma pessoa? A Senhora Leigh-Ann não olhou para Zan de verdade nenhuma vez... isso é algo normal? Lita parece legal e claramente governa o lugar... mas não contradisse o Senhor Tim ou argumentou que Zan fizesse suas próprias escolhas.

Pressiono meu joelho no do Zan com um pouco mais de firmeza. As circunstâncias são diferentes, claro, mas eu sei o que é ter um pai que o vê como uma decisão de negócios em vez de um filho.

Queria poder abraçá-lo.

A sobremesa chega. É quando o Senhor Tim termina sua quarta taça de vinho e diz:

— Todo mundo viu o último episódio de *JACKPOT!*? Parece que aquele tal de Winkle realmente cago...

— Timoteo!

— Lo siento, Mami[39]. — Ele se benze.

(Rio completamente disso).

— Não sei como você assiste aquela porcaria, pai — Tehlor diz.

— Ah, eu só assisto porque há dinheiro envolvido. — (Zan bufa e me dá uma cotovelada). — Enfim, um colega caminhoneiro está processando o cara. Diz que o Winkle roubou o bilhete dele.

— Isso seria dentro da lei? — solto antes que possa me parar.

Senhor Tim dá de ombros.

— Acho que é a palavra do cara contra a do Winkle. O negócio é: Winkle jogou fora tanto do que ganhou que confessou que não teria dinheiro para pagar se perdesse o processo.

— Que idiota — Joaquín murmura.

Posso sentir Zan olhando para mim.

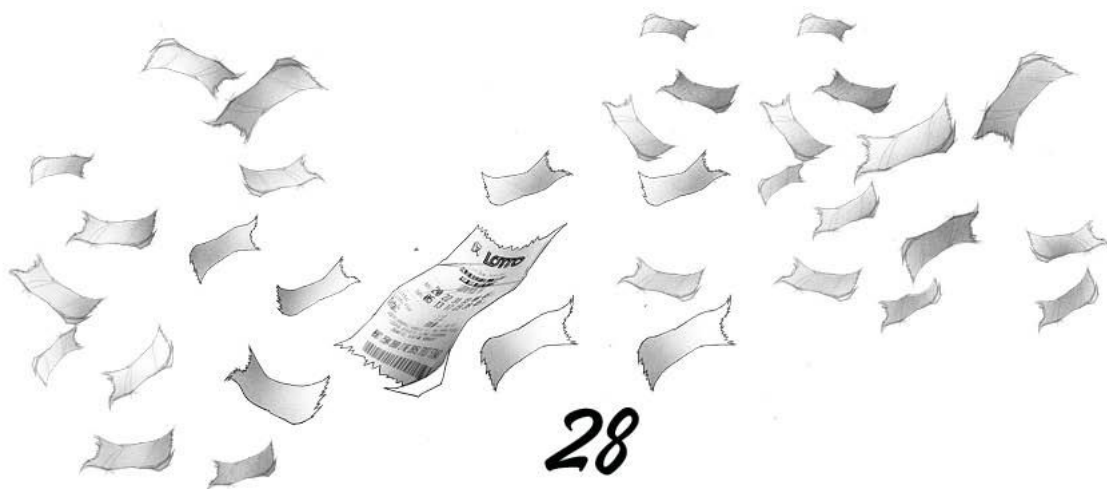
— Eu disse mil vezes, mas é muito bom que o outro vencedor nunca tenha aparecido — fala o Senhor Tim.

— Amém — diz Lita, o que me surpreende (embora não devesse).

— Dar aquele tanto de dinheiro a alguém que não pode cuidar dele não é muito melhor do que enfiar uma agulha com droga no braço...

Eu me desligo depois dessa.

[39] “Sinto muito, mamãe”, em espanhol.



Dramas do bebê e da mamãe

Estranho, porém é verdade: no caminho para casa após o jantar, quando digo a Zan que irei cancelar nosso encontro com o agente imobiliário (total intenção de ir sem ele), sua cabeça se vira tão rápido que me surpreendo de ela não sair voando dos seus ombros e cair no meu colo.

— *Cancelar?*

— Sim. Tenho certeza que toda a sua família acredita que o bilhete irá arruinar a vida da Ethel.

Também, estou uma bagunça de contradições agora e preciso de algum espaço para organizar as coisas na cabeça. Presenciar Zan ser... isolado, eu acho, me fez querer abraçá-lo do jeito que abraço Jax depois de um dia particularmente difícil na escola, mas estou cada vez mais incomodada pela velocidade e força com que declarou para toda a família que não sou sua

namorada. É como se qualquer porta que *pensei* que estivesse aberta entre nós tivesse sido fechada com força, e quanto mais fundo as palavras penetram, mais fechaduras quero colocar nelas.

Isso para não mencionar essa *outra garota*. Por que ele não a mencionou quando estávamos falando sobre namorar? Quem ela é?

— Chegamos tão longe, Danger. Não quer ver o fim disso tudo?

— Acabamos de passar uma *hora* ouvindo seu pai falar sobre como a loteria é horrível. — *Depois de você ter deixado bem claro que não significo nada para você.*

(Sim. Doe).

— Ah, ele não sabe de nada.

— Zan, *quatro horas atrás* você disse a mesma coisa. E não pense que não o vi assentindo enquanto toda a sua família estava falando.

— Estava me observando bem de perto, hein?

Agora não.

— Não mude de assunto!

Ele ri.

— Olhe, Danger: nós fizemos muito progresso nisso para desistirmos. Não cancele. Não vamos jogar tudo fora.

De novo, minhas dúvidas sobre suas motivações sobem e ameaçam me morder. Será que ele realmente seria cortado da família se decidisse não trabalhar na empresa? Teria mesmo que começar do zero?

E se eu cancelar e ele apenas remarcar? Ele poderia fazer isso. Sabe onde a casa fica e teria apenas que voltar lá e pegar o número da empresa na placa do jardim.

Apesar da bagunça no meu cérebro, uma coisa fica clara: não quero que ele continue a busca e encontre o bilhete sem mim.



Estamos no Tonka uma semana depois, encarando o bangalô verde que abriga o Orion Grupo Imobiliário.

— Pronta? — diz Zan, os olhos todos brilhosos.

Forço um sorriso.

Ele não está brincando comigo, está? Fingindo que gosta de mim para que eu possa levá-lo diretamente para o *jackpot*? Tenho pensado nisso: mesmo se seus pais o cortarem da família, ele tem ofertas de bolsas estudantis e pode conseguir um emprego para si mesmo como os outros 99% da população. De toda forma, pelo que ouvi, a maioria dos alunos de graduação está quebrada. É parte da experiência.

Dou uma olhada para ele, que está me encarando. Todo meloso e animado.

E se ele *estiver* brincando comigo? O que faço?

— Estamos quatro minutos atrasados, Danger. Deveríamos estar lá dentro agora provavelmente.

— Ah.

Seguro a maçaneta e puxo com força. Deslizo para fora,

bato a porta atrás de mim, inclino-me contra ela e fecho os olhos. Preciso colocar a cabeça no lugar novamente.

Algo corre entre minhas sobrancelhas e desce pela ponta do meu nariz. Dá dois tapinhas. Quando abro os olhos, Zan está me encarando. Traçando visualmente o meu rosto.

Ele para na boca.

Hora de ir.

— Tudo bem, vamos nessa.

Afasto-me do jipe.

O interior do Orion Grupo Imobiliário tem cheiro de desinfetante e algo podre.

— Sejam bem-vindos ao OGI — diz a recepcionista, que tem a pele da cor de um Oompa-Loompa. — Como posso ajudá-los nesta manhã?

Infelizmente, estou muito ocupada tentando deduzir a origem de sua cor alaranjada — um bronzamento em spray que deu errado ou falta de uso de protetor solar? — para responder.

— Hm...

— Temos um encontro com o Senhor Greg Andree sobre o possível aluguel de uma casa — Zan diz, vindo ao meu resgate sem ser requisitado (como sempre).

Ela nos observa e franze as sobrancelhas desenhadas. Pega o telefone da mesa, gira e murmura nele.

Zan passa um braço pela minha cintura e me puxa para perto. Quando o encaro — fui pega de guarda baixa, não vou mentir —, ele murmura:

— Só siga o que eu fizer.

Ok...

O cara que desce as escadas é tão careca que sua cabeça brilha, mas ele tem essa malandragem no andar que me faz pensar que passou sua juventude sendo expulso e arrumando problemas.

Ele faz uma pausa quando nos vê e é quando percebo quão intensos seus olhos são. Bem claros... Mas verdes? Cinza? Cor de avelã? Realmente não dá para dizer.

— Uau — diz. — Você é a Renee?

Assinto e estico a mão.

— Uhum. E esse é... hm...

— Gustavo — Zan completa, esticando a sua mão e sorrindo. — Gustavo Maxwell.

— Prazer em conhecê-los. Sou Greg. — Ele olha de Zan para mim, de mim para Zan. — Vocês dois são *mais jovens* do que eu esperava.

Zan acena.

— Nós dois temos dezoito. Vamos nos formar no ensino médio em poucos meses.

— Entendo.

— Nos divertimos um pouco demais depois do baile de inverno, se é que você me entende. — Zan pisca e coloca a mão sobre minha barriga.

Espera...

Ele acabou de fazer...?

Ele certamente fez.

Tenho certeza de que meus olhos estão tão grandes quanto bolas de sinuca.

Mas, o Senhor Andree? Apenas dá um sorriso largo e levanta o queixo. Assente algumas vezes.

— Meu mais velho tem vinte e dois. Fiz quarenta mês passado. Faça as contas — diz.

Sinto Zan exalar ao meu lado, e isso é tudo que posso fazer para evitar uma combustão espontânea. De *não é minha namorada para acabei de engravidá-la?* Sinto uma risada totalmente inapropriada borbulhando entre minhas costelas. O absurdo de tudo isso é quase suficiente para fazer meu cérebro se quebrar como um ovo.

— Bem, vamos aos negócios? — o Senhor Andree continua. — Sei que os enjoos podem chegar como um raio.

— TÃO real — Zan diz. — Às vezes estamos dirigindo e... *bleh*. — Ele explode as bochechas e coloca a mão na frente da boca.

Quero dar um soco nele.

— Aqui estão as informações da propriedade que você gostou, mocinha. — O Senhor Andree me passa uma folha de papel da pasta que ele carrega. — Vou dirigir até lá para que vejam, mas precisa me prometer que não irá vomitar no meu carro.

Meu Deus, eu odeio Zan Macklin neste momento.

— Prometo, senhor.

— *Greg* está ótimo. Somos adultos agora. — Ele bate nas costas do Zan.

Minha fúria está subindo.

Depois de dizermos tchau para a recepcionista laranja, caminhamos para a porta. Uma vez do lado de fora, ele diz:

— É a única casa pela qual se interessaram? Não quero fazer suposições, mas a vizinhança é um pouco cara.

— Ok. — Não tenho certeza de como responder a isso. — Ok...

— Vou dizer uma coisa — começa. — Deixe-me mostrar as outras propriedades primeiro. Tenho algumas em mente que seriam perfeitas para uma família jovem, apenas começando. Em áreas um pouco menos geriátricas.

Evito olhar para Zan, que, em certo ponto, moveu o braço da minha cintura para os meus ombros. Meus dedos estão entrelaçados na mão que paira perto do meu peito. Não faço ideia de quando isso aconteceu. Ou por que não estou afastando-o completamente raivosa a respeito dessa mentira de bebê e mamãe.

Por que nada faz sentido?

— O que vocês acham? — insiste. — Querem checar outros locais?

Queria muito dizer que não, mas acho que, no mínimo, me dará tempo para bolar um plano. Eu oficialmente preciso trazer esta missão de volta para as minhas mãos.

— Soa bem para nós, Greg.

— Ótimo.

Enquanto Greg vira em um caminho de cascalho, faço Zan diminuir.

— Ei, você tem mesmo dezoito anos? Porque eu não tenho.

Ele sorri.

— Uhum. Fiz dezoito na véspera de Natal.



O *carro* é uma piada.

— Uau — Zan diz do assento do passageiro assim que estamos na estrada. — Este é um baita veículo.

— Cadillac Escalade Platinum ESV, amigo. Não é muito bom no consumo de gasolina, mas é meu bebê. — Dá tapinhas no painel de controle. — Um homem precisa se recompensar pelo próprio sucesso. Falando nisso, vocês dois trabalham e tudo o mais? Sei que disse que ainda estão no ensino médio.

— Nós dois trabalhamos meio-período, mas, cá entre nós, não será necessário trabalhar pelos próximos três anos, Greg. Meus avós me deixaram um pequeno fundo fiduciário. — Ele cutuca Greg com um cotovelo. (Pesado).

— Ah... — Greg diz. — Entendi. Provavelmente deveria ter adivinhado isso pelo que você está vestindo. São o quê? Calvin Klein?

— Ralph Lauren — responde Zan.

Não estou nem perto de grávida, mas definitivamente quero vomitar.

— Você é uma mocinha sortuda. — Greg olha para mim

pelo retrovisor. — É raro encontrar um pai jovem que não queira apenas cuidar dos filhos, mas tenha os meios.

Sim, essa mentira é *muito* pior que todas as outras. Não ficaria surpresa se descêssemos do carro e fôssemos atingidos por um raio.

— Então, você tem um orçamento em mente? — Greg pergunta para Zan.

— Pensamos em manter por menos de três mil.

— Por *mês*?

— Sim, isso é muito baixo?

— Não, não. — Greg limpa a garganta e dá seta para mudar de faixa. Pergunto-me se Zan percebe a mudança de caminho. — Podemos trabalhar com isso...

E trabalhar com isso nós vamos. Pelas próximas duas horas, visitamos uma casa de três quartos em um condomínio na parte mais cara de Atlanta (um exagero), um loft em Midtown (nada adequado para crianças), uma cobertura no centro (é sério?!) e um “apartamento” dentro de uma casa vitoriana enorme em algum distrito histórico.

Agora estamos entrando em um chalé pequeno e fofo de dois quartos em Decatur.

— A melhor coisa neste lugar é que você tem este piso plano aberto e nada de escadas, então, se ficarem por tempo suficiente para a criança chegar à fase de engatinhar, não precisarão de grade de proteção para bebês — diz. — Deem uma olhada. Vou ficar lá fora por um segundo.

— Ok, esta cozinha é adorável — Zan diz, dando uma olhada em volta.

Além dos eletrodomésticos modernos, há um fogão a lenha no canto. Tem mesas do tamanho perfeito e cadeiras perto da janela ampla, além de um balcão com vista para a pequena sala de estar.

E, ok: é adorável.

Estou tão confusa que realmente poderia vomitar.

É como se meu cérebro fosse puxado em duas direções: por um lado, a falsa busca por casas com Zan Macklin é meio que eletrizante. Enquanto ele pega minha mão esquerda para caminharmos pelo local como fizemos nos outros, sou lembrada de quão revigorante esse senso de *possibilidades* consegue ser.

Mas aí há o outro lado. O da mão que Zan *não* está segurando. A qual que esteve cerrada em um punho meio frouxo desde o momento em que ele colocou a mão sobre meu estômago. Tão bom quanto o contato quase constante e a atenção total que tenho experimentado hoje têm *potencial* para serem. Agora mesmo, tudo o que consigo pensar é em como isso é uma farsa gigante.

Apesar do fato de estarmos agindo como um casal o dia inteiro, de Greg Andree não estar impressionado de eu estar carregando o bebê de Zan, a verdade dura é: não sou a namorada dele.

É que, quanto mais ele me trata como se eu fosse, mais furiosa fico.

— Minha irmã teria um dia de trabalho em campo decorando este lugar — diz ao entrarmos em um dos dois quartos.

— É bom para nós, mesmo sem filhos. — Ele para atrás de mim e coloca os dois braços em volta dos meus ombros.

O que...

— Um bom lugar para *nós*, é?

— Totalmente. Uma área legal, dois quartos, bem localizado. Estaríamos perto o suficiente das nossas famílias para aparecer por lá, mas longe o bastante para que não pudessem nos enlouquecer. De todos os lugares que vimos, é a melhor opção.

A melhor opç... Não existe uma maneira de ele estar falando sério. Não há possibilidade disso.

Se essa coisa toda é uma piada, oficialmente *não* é mais engraçada.

Afasto os braços dele e me viro para encará-lo.

— Você está mesmo sugerindo que *moremos* juntos, Macklin?

Ele dá de ombros.

— Ness e Jess irão. Talvez seja uma boa ideia para nós também. Vamos ficar os dois por aqui depois da formatura.

Manchete de amanhã: JOVEM GAROTA ENTRA EM COMBUSTÃO INSTANTÂNEA POR DOSES EXCEDENTES DE ESPANTO.

— Ness e Jess são um casal há dois anos, Zan. E, como você deixou *claro* para sua família, não sou sua namo...

— Vocês conseguiram dar uma olhada? — Greg aparece na sala e esse é o final da conversa.

Eu (discretamente furiosa) pego a mão do Zan para que

nosso “agente” não pense que há problemas no paraíso. Não conseguimos ainda a informação de que precisamos.

— Conseguimos, Greg — Zan diz. — Este lugar é ótimo. Provavelmente o número um até agora.

Não. Terminamos por aqui.

— Greg, o que você sabe sobre o dono do lugar? — pergunto.

Zan me olha confuso, então dou a ele o sorriso que diz “deixa comigo” que me deu quando visitamos o Checker Cab (parece que fomos lá há uma era).

Greg abre a pasta na mão e passa pelas páginas.

— O cara é holandês — começa. — É uma das quatro propriedades que o OGI cuida para ele, e as outras três estão, felizmente, alugadas.

Assinto.

— E aquela casa de Druid Hills? Sei que não a vimos ainda, mas o dono é norte-americano? — Meu Deus, pareço uma xenófoba.

Greg volta para o arquivo e vejo Macklin me encarando.

— Pelo nome, sim, parece que a dona é norte-americana.

— Qual é o nome, se não se importa de eu perguntar?

— O nome na escritura é Ethel Streeter.

Bingo. (E obrigada, Deus da Lita).

Zan limpa a garganta.

— O arquivo fala mais alguma coisa sobre ela? As pessoas acham que ela é uma boa proprietária?

Ele sorri.

— Nossos inquilinos não costumam interagir com os donos. É meio que por isso que existimos.

— Mas ela está *viva*? — questiono.

— Bom, creio que sim, já que o nome dela está na escritura...

— Quando foi a última vez que entrou em contato com ela?

Zan aperta minha mão. Sim, estou indo com tudo agora, mas estamos muito próximos, e quero sair daqui. Ouvir tudo isso com ele ao meu lado está me dando coceira.

O olhar do Greg se muda entre nós, mas depois cai para a região do meu ventre. Ele suspira. Volta para o arquivo.

— Nossas interações com ela são feitas pela Dover Finanças.

— Caramba! É a empresa que *nós* usamos! — Zan exclama.

Greg e eu olhamos para ele.

— Desculpa, Greg. O que você estava dizendo?

— Não há muito mais. — Fecha o arquivo. — Querem ir para a propriedade agora?

Zan se vira para mim, a expressão de uma criança que acabou de encontrar o mapa do tesouro.

Não vai rolar.

Coloco a mão na minha barriga.

— Na verdade... Estou me sentindo um pouco mal subitamente.

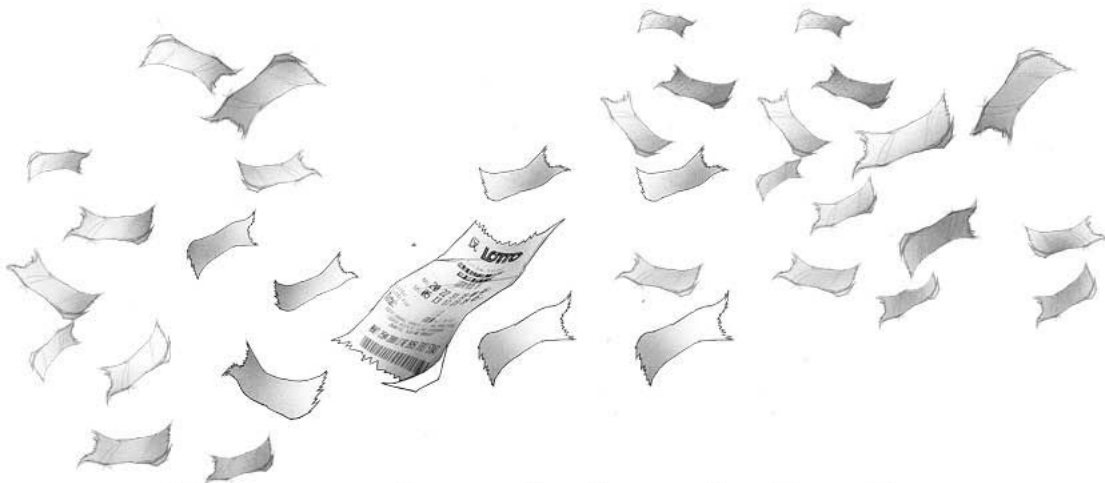
— Ah, querida — Greg lamenta, o rosto se suavizando.
Deus, se você for real, segure o fogo e o enxofre aí, por favor.

— Vamos voltar para o escritório. Conversamos no caminho. — Greg caminha para a porta e o rosto do Zan se enche de perguntas.

Fico na ponta dos pés para dar um beijo na sua bochecha.

— Acho que esse mistério está resolvido, né?

Aperto o braço dele e caminho para fora.



Uma palavrinha do fogão a lenha que fez a cozinha da casa de Decatur ficar tão adorável

Minha casa — e é *minha*, desde que sou a única coisa aqui que não foi “renovada” — foi construída em 1934. E, pela maior parte do tempo, fui usado para o propósito correto: aquecimento. Mas, quando um jovem casal comprou a casa em 1987, o marido disse para a esposa que eu não funcionava, então ele teria um lugar para esconder os ganhos de apostas que ela não sabia.

O cara tinha uma maldita sorte.

Seu pico foi em 1992, quando comprou um bilhete premiado de loteria na Carolina do Sul que valia trezentos e catorze mil dólares.

A Carolina do Sul permite que os vencedores retirem prêmios grandes anonimamente, então ele pegou o dinheiro do

bilhete durante uma semana em que a esposa estava fora, viajando com amigas, colocou em uma bolsa de lona preta e guardou dentro de mim com o restante de suas economias secretas.

Sua esposa, apesar disso, não tinha tanta sorte: voltou para casa desanimada com os trezentos dólares que havia perdido jogando em casinos.

Ele começou a observá-la como um falcão. Prendia a respiração toda vez que ela parava perto de mim por mais do que alguns segundos.

Em uma noite chuvosa, ele acordou e ela não estava na cama. Encontrou-a na cozinha, apenas me encarando.

Como se soubesse.

Assim que ela saiu para trabalhar no dia seguinte, ele pegou todo o dinheiro para contar. Faltavam trezentos dólares.

Ou foi o que ele pensou. Na verdade, ele contou errado. Mas, já que estava convencido de que a esposa tinha algo a esconder...

Bem.



29

Senhor Dover

No dia seguinte, assim que se senta ao meu lado na aula de História, passo um bilhete para Zan que fiz a fim de não perder a coragem:

Falou com o pessoal da empresa de finanças?

Bom dia para você também, Rico.

BOM DIA, RAIOS DE SOL! E, então, falou?

Alguém parece irritada hoje...

Macklin!

Ok, ok! Sim. Falei.

E?

Ele disse que podemos aparecer lá hoje à tarde.

Excelente! Bem depois da escola?

Sim, se isso funcionar para você...

Encontro você no estacionamento.

Ele escreve mais alguma coisa e me devolve, mas não leio. É uma pergunta que não quero responder ou algo bobo que irá me distrair, e tenho que me manter focada no jogo.

Não dormi na noite passada. Tem muita coisa girando no meu peito. Raiva por um cara que não conheço estar pensando que serei uma mãe adolescente quando nunca fui beijada (nem tive um namorado). Confusa pelo Zan... Bem, pelo Zan de forma geral. (“Eu realmente gosto de você”. “Ela não é minha namorada”. “Nos divertimos um pouco demais depois do baile de inverno”. “É um bom lugar para nós”).

O que ele realmente quer?

Enfim: definitivamente preciso da ajuda dele nisso que espero ser o obstáculo final. Supondo que o filho do (certamente) maior cliente dessa firma financeira será (provavelmente) capaz de conseguir qualquer informação que pedir. Meu plano é que, uma vez que conseguirmos as informações de contato da Ethel, eu agende um momento para “nós” irmos lá, mas faça isso sozinha.

Só tenho que me esquivar das perguntas/afeição do Zan por tempo suficiente para passar por essa próxima coisa.



Quando pisamos fora do elevador do vigésimo segundo andar do arranha-céu de vidro e aço que abriga a Dover Finanças,

estou completamente exausta. Acontece que manobras evasivas exigem muito de uma garota.

Mas estamos quase lá.

No final do corredor...

Na porta.

Zan bate.

— Entre, Jandro — alguém diz do lado de dentro.

Zan empurra a porta, deixando-a bem aberta, e se move para o lado, de forma que eu possa entrar primeiro, então coloco meu melhor sorriso no lugar...

E ele cai no chão.

— Ricooo!

Ou estou sonhando ou estou morta.

— Você! Aqui! — continua. — No *meu* lugar de trabalho pela primeira vez!

Sim: morta. Definitivamente morta.

O nome na placa ao lado da porta diz: JHON DOVER, MBA, CPA, CFP. Mas, sabe o cara sentado atrás da mesa, sorrindo como o Gato de Cheshire?

O Senhor Nota de Cinquenta.

— Vocês dois se conhecem? — Zan pergunta, parecendo tão perplexo quanto eu.

— Pode apostar que sim! Rico é minha funcionária de posto de gasolina favorita de toda Norcross! Que mundo pequeno nós vivemos!

— Concordo completamente — murmuro.

O Senhor Nota de Cinquenta — Dover — aponta para o Zan.

— Você está *namorando* esse cara?

— Não, somos apenas amigos. — Entro no escritório na frente do Zan. Olho em volta. Devo usar minha vantagem. — Aqui é um bom local de trabalho!

— Bem, obrigada, Rico. — Ele se encosta novamente na cadeira. — Se soubesse que você viria, teria pedido bebidas! Entre, entre! Sente-se.

Isso vai ser mais fácil do que pensei.

Escolho a cadeira da direita e, quando Zan se senta, posso totalmente *sentir* que... *furiosobravoconfuso* é a melhor maneira de descrevê-lo. Está saindo dele em ondas fortes, que aposto que combinam com as batidas do meu coração.

Provavelmente é melhor acabar com isso o mais rápido possível.

— Então, o que posso fazer por você, Senhor Macklin? — diz para Zan.

Os lábios de Zan se separam, mas...

— Sou eu que preciso falar com você, Senhor Dover — respondo.

Zan olha para mim. (Não consigo ler seu rosto a este ponto).

Dover também me olha.

— Então, sabe que minha loja vendeu aquele bilhete premiado Mighty Millions na véspera de Natal, certo?

— Sim. Levei semanas para perdoá-la por não vendê-lo para mim. — Ele balança o dedo. — Alguém já apareceu com o prêmio?

— Não — digo. — É por isso, na verdade, que estamos aqui.

Suas sobrancelhas se erguem e ele se recosta na cadeira.

— Diga.

— Depois que você saiu, vendi dois bilhetes para uma senhora negra idosa. Ela me deu um...

— Você não me contou isso — Zan diz.

— Não era o premiado.

— Ok, mas mes...

— Então não importa. — Foco-me novamente no Senhor Dover. — Meu chefe disse que vendeu vários, mas tem uma coisa: o vencedor tem os números que formam minha data de aniversário. Que estavam no bilhete que a senhora *não* me deu.

— Uau.

— Pois é! Também: não consigo imaginar outra pessoa que não viria atrás. *Eu* só vendi três, e, uma vez que o que vendi a você e o que eu tenho não têm valor, o terceiro deve ser...

— O vencedor — o Senhor Dover diz.

— Exatamente.

— Hmm... — Ele coça o queixo.

— Zan e eu estamos procurando a senhora. Meu chute é que ela guardou na carteira ou dentro da bolsa e se esqueceu.

— É uma baita coisa para esquecer...

— Ela mencionou alguns problemas de memória.

— Sêrio?

— Sim. Era sobre outra coisa, mas, mesmo assim.

— Ah — diz.

— Enfim, a última peça no quebra-cabeça nos levou até você: aparentemente, sua empresa cuida das finanças dela. O nome é Ethel Streeter. Estamos tentando conseguir algum tipo de informação de contato.

— Streeter, né?

— Sim, senhor.

— São clientes bem novos. Começamos com eles no mês passado. — Ele estreita os olhos, cruza as mãos sobre a barriga e olha de Zan para mim. Suspira e se inclina para a frente.

Ah, merda.

— Rico, você sabe que é a minha favorita...

Merda, merda, *merda*!

— Trabalho com os Macklins desde antes de esse cara até mesmo nascer, então foi algo bom trazê-lo com você. — Continua: — Mas não posso dar informações sobre os clientes.

Mesmo sabendo que aquilo viria, murcho como um castelo pula-pula furado por uma faca.

Mas, então...

— Contudo, se um dos dois ou ambos deslizarem a terceira gaveta daquele armário de arquivos no canto e derem uma olhadinha *apenas na primeira página* do arquivo marcado como *Streeter* enquanto tiverem em posse um Post-it e uma caneta

quando eu estiver de costas... Bem, não há muito que eu possa fazer quanto a isso, né? — Ele gira a cadeira para encarar a janela.

Agora olho para Zan. E ele está me olhando. Nenhum de nós se move.

Depois de alguns segundos, o Senhor Dove continua:

— Cara, não está um dia lindo? Em *um minuto* vou me virar para terminar meu trabalho e poder sair daqui.

Zan e eu partimos para a ação: Ele corre para o armário enquanto pego papel e caneta na mesa do Senhor Dover. Na hora que encontra o arquivo e abre, estou ao lado dele, pronta para escrever.

Ele sussurra o endereço e o telefone de Bartholomew e Ethel Streeter, e eu rabisco o mais rápido que posso. Então ele fecha a pasta, coloca de volta na gaveta e fecha enquanto enfio no bolso o (*jackpot!*) papel. Voltamos para nossas cadeiras bem quando o Senhor Dover se vira novamente.

É um pouco ridículo, mas não consigo parar de sorrir.



Sorrio descendo pelo elevador.

Sorrio do lado de fora da porta.

Sorrio enquanto seguro a mão do Zan e subo no jipe.

Ele está do lado de dentro. Portas fechadas. Carro ligado.

Ainda estou sorrindo.

— Por que não me contou sobre o outro bilhete, Rico?

O sorriso se vai.

— Não era importante, Zan.

Ele não responde.

Então continuo:

— O que é importante é o papel no meu bolso. Nós conseguimos o contato da Ethel! — Sorrio ao dizer, mas seu rosto está infinitamente duro como pedra.

— *Nós*. — Ele bufa. — Você quer dizer “você”. Eu poderia muito bem nem ter vindo.

Quantos anos ele tem? Nove?

— Que bicho te mordeu?

— Quer dizer, em primeiro lugar, ao chegarmos ao escritório do Senhor D, você agiu como se eu nem estivesse lá.

— E em segundo?

— Em segundo, parece que desde o dia em que nós... — ele para. Balança a cabeça. — Quer saber? Esquece.

E, por um momento, isso é tudo.

Mas, então, ele suspira. Tão pesado como um pneu de trator.

O que *me* deixa nervosa.

Deus, isso é ridículo.

Cruzo os braços e encaro a janela.

— Tem um *em terceiro*?

Uma pausa, e depois:

— Estou meio chateado que você estava guardando informações.

— Aquilo não conta como *informação*, Zan!

— Sim, bem, teria sido bom saber.

Então eu bufo.

— Consigo pensar em algumas coisas que você não *me* contou que teriam sido “boas de saber” — comento. — Você não vai me ver surtando por isso. — *Ops!*

Acho que joguei a merda no ventilador.

— Do que você está falando?

— Quer saber? Não se preocupe com isso. Como você deixou abundantemente claro para sua família, não sou sua namorada. Embora eu *seja* boa o suficiente para ser a mãe do seu bebê e, dependendo de para quem esteja perguntando, isso é melhor que nada. Podemos ir agora?

— Você não é minha... — Ele balança a cabeça como se algo lá dentro tivesse sido chutado do lugar. — O que todas essas coisas têm a ver?

— Nada, Macklin. Esqueça. — Por favor, esqueça isso e toda esta missão também. Esqueça até que me conhece.

— Não, não vou “esquecer”. Foi *você* quem acabou de dizer ao Senhor D que não estamos namorando...

— Não *estamos*.

— Então, qual é o problema?

Bem, *isso* machuca bem mais do que eu esperava. A pior parte é que não sei completamente o motivo. Isso é tudo tão confuso.

Tudo o que sei é que lágrimas estão nas minhas

bochechas antes mesmo que eu as sinta no canto dos olhos.

Estou feliz por *eu* estar com o contato da Ethel.

— Pode me levar para casa, por favor? Preciso pegar o Jax na babá.

Sem resposta. Então eu me viro para me certificar de que ele me ouviu.

— Você está chorando — constata.

Não brinca, Sherlock.

— Vou sobreviver. *Você* pode não saber, mas estar “*dura demais para ligar*”, como minha mãe costuma dizer, faz você ficar forte.

Ouço-o respirando fundo.

— Sério, podemos apenas ir?

— Rico?

— O quê, Zan?

— Faça a pergunta.

— *Qual* pergunta?

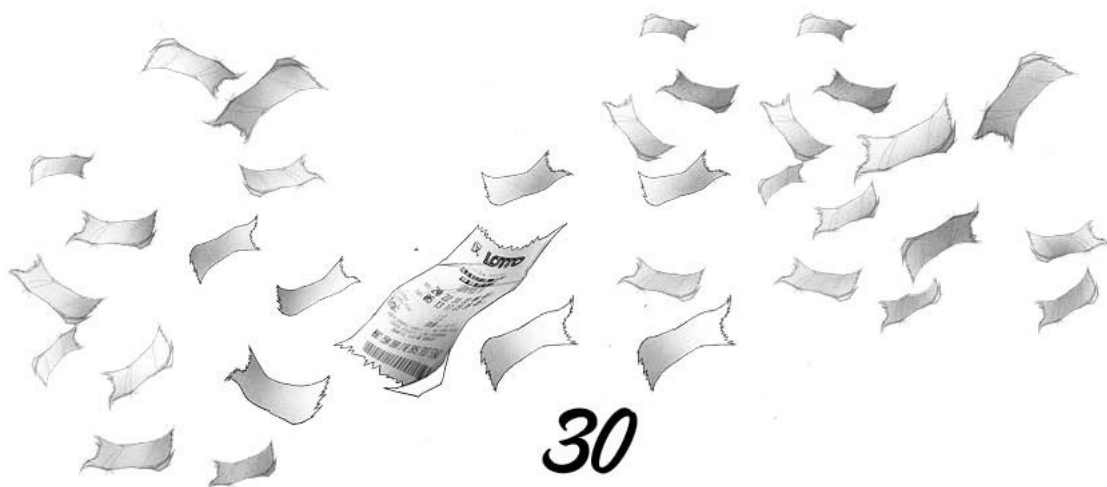
— Aquela para a qual você tanto quer a resposta.

Em um instante, cerca de um milhão e meio de perguntas começam a rodar na minha mente: PorQueEstáAqui? REALMENTEGostaDeMim?PorQueEstáMeAjudando? EstáTentandoConseguirOBilheteParaSiMesmo? PorQueMeOlhaDesseJeito? CertamenteTemMeTratadoComoUmaNamorada.AlgoDissoÉReal? ÉMesmoPossívelQueUmGarotoComoVOCÊEstejaRealmenteInteressadoEmMim?OQueTenhoParaOferecer?

VocêEstavaFalandoSérioSobreMorarmosJuntos?
QualÉASuaComOs*Spinners*?VocêEstáMeUsando?
OQueQuerDeMim?OQueQuerParaVOCÊ?

Mas, o que sai é:

— Zan, o que *sou* para você?



Bem a tempo

Rico.

Essa foi a resposta dele: “Você é a Rico”.

— Mas, o que isso *significa*, Zan? — pergunto pelo telefone à noite. Não tive coragem de fazer isso enquanto estávamos no carro.

— Não sei explicar.

— Tente.

Suspira pesado.

— Nunca conheci alguém como você, Danger — diz. — Você me faz questionar tudo.

Oi?

— Eu faço você questionar tudo?

— Sim. É como se na minha vida inteira eu estivesse nesse corredor com portas alinhadas, mas a única que me disseram

que eu poderia abrir era a que estava diretamente à minha frente. E nunca realmente questionei isso. Era simplesmente mais fácil. O caminho com menos obstáculos. E acho que, como na vida real, quando você encara aquela mesma coisa por tempo suficiente, tudo ao redor desaparece; depois de um tempo, parece que não *existem* outras opções. Mas, estar com você me faz sentir... chamado a agir, acho. Você parece realmente me ver, então eu literalmente não posso apenas seguir o fluxo mais. Há sempre um “o que a Rico pensaria?” na minha mente agora. Você trabalha duro e faz muito pela sua família. Ao mesmo tempo, eu só estou... sentado aqui, choramingando porque não posso fazer o que quero.

Não tenho ideia do que dizer. Ou como me sinto a respeito. Tipo, legal, ele está vendo seus privilégios e tal, mas o fato de que *eu* sou um tipo de gatilho é... desconfortável por algum motivo. Parte de mim quer trazer todo o negócio de namorada/gravidez falsa novamente apenas para mudar de assunto.

— É como se eu tivesse que agir — continua. — *Pensar* de verdade sobre o que estou fazendo... e por quê.

— Você realmente quer trabalhar para o seu pai?

Uma pausa, e então:

— Não. Não quero.

— Então, por que apenas *não faz*, Zan? Você *tem* outras opções. Ofertas de bolsa e tudo o mais. Não entenda do jeito errado, mas uma pessoa comum não iria (ou poderia) fingir que elas não existem.

— Lá vem você de novo — diz ele, com uma risada.

— É um ponto válido.

— Eu sei, eu sei. — Outro suspiro. — A verdade? Assinei um contrato com meu pai quando entrei para o time do colégio no segundo ano: eu poderia jogar o quanto quisesse desde que, quando a temporada do último ano acabasse, esquecesse o futebol americano e levasse a companhia a sério. Violar o contrato seria igual a perder todo e qualquer suporte financeiro dos meus pais pelo resto da minha vida.

— Uau. Isso é... intenso.

— Nem me fale. A parte mais louca é que eu, para ser honesto, *não* amo o futebol o suficiente para jogar na faculdade. Inferno, se eu gostasse um pouco mais, provavelmente teria aceitado uma das bolsas.

— Então, o que você quer fazer? Tipo, na vida.

— Não sei de verdade. E tenho evitado pensar nisso porque, você sabe, por conta da empresa. Provavelmente teria que tentar um monte de coisas antes de decidir. E estaria mentindo se dissesse que *não* saber não me assusta pra caramba.

Não digo “seja bem-vindo ao mundo real, parceiro!”, embora, cá entre nós, eu realmente queira.

— Então, o que vai fazer?

— Sabia que você ia perguntar.

— E?

Mas ele não tem chance de responder, porque ouço minha mãe chegar.

— Na verdade, guarde esse pensamento. Tenho que ir.

— Ok, ok, tudo bem.

— Vejo você amanhã.

— Beleza.

Desligo assim que mamãe coloca a cabeça na porta.

— Jaxy está com febre?

— Hm?

O olhar dela cai para o telefone — que ainda tem minha mão nele — e se estreita.

— Você não ficou aqui no telefone enquanto seu irmão está enrolado no sofá sozinho com febre...

Todo o ar sai do cômodo.

— Febre?

— Sim. Febre. Quando foi a última vez que você deu uma olhada nele?

— Hm...

E, então, seu rosto muda. De preocupação para perplexidade para raiva. E espero que ela me detone — preparo-me totalmente para isso —, mas aí cada parte sua parece ceder em decepção.

— Ah, Rico...

Ela parece que quer chorar. O que é muito pior que raiva.

Sai da cozinha sem nenhuma outra palavra e o peso de uma vida miserável cai sobre mim com a força de uma casa desabando.

Há um buraco na minha meia. Deito-me em um edredom infantil em uma cama de solteiro. As persianas da janela estão

quebradas e há uma rachadura na parede de gesso em cima da cama do Jax. Que é no mesmo quarto que o meu.

Estive nessa “missão” por meses e nada disso mudou.

Provavelmente nunca irá.

— Rico, preciso de ajuda! — minha mãe grita.

E, com apenas isso, as paredes são derrubadas.



Dentro de algumas horas, estou sentada na emergência em frente a uma enfermeira de triagem linda e negra com um Jax sonolento enrolado no meu colo. Mamãe ficou na sala de espera.

— Há quanto tempo ele está dormindo? — a enfermeira questiona.

A pergunta me assusta. Há quanto tempo ele *está* dormindo?

— Eu... Eu não tenho certeza. Não estava monitorando.

— Ok — diz. — Vou acordá-lo agora, tudo bem?

Assinto.

Ela esfrega os nós dos dedos no centro do peito do Jax com um pouco mais de força do que eu esperava, e ele choraminga.

— Jax, querido? — chama. — Preciso que acorde para mim, ok?

Ele geme e se aconchega mais profundamente em mim.

Faz o negócio de esfregar novamente e ele literalmente rosna, mas seus olhos se abrem.

— Bom garoto! — diz, enquanto pega o termômetro.

— Quem é você? — Jax pergunta.

— Sou a enfermeira Bolar, querido. Vamos fazer você se sentir melhor. Preciso que abra a boca e levante a língua para mim.

Jax faz o que lhe é pedido e ela mede sua temperatura — era 40,5°C quando saímos de casa; não faço ideia de como está agora.

Assim que ela tira o negócio de dentro da boca dele, a cabeça de Jax cai contra meu ombro e ele dorme novamente.

— Há quanto tempo ele tem estado molinho assim? — Ela desliza a faixa do medidor de pressão em tamanho para crianças e prende uma coisinha cinza no dedo indicador dele.

— Algumas horas? — digo. — Ele dormiu pesado no carro no caminho para cá.

— Além da febre, do que mais ele reclamou?

— Bem, ele ficou com a babá até que eu chegasse em casa às sete e meia e, quando o vi, disse que estava com um pouco de dor de cabeça e o pescoço estava dolorido. Mas não olhei a febre dele.

— Hm... — Ela aperta um botão no aparelho preso a Jax e a faixa se aperta no braço. — Percebeu alguma bolha ou assadura?

— Não...

— Ele ficou doente recentemente?

— Teve faringite há um mês...

— Recebeu algum tratamento?

Assinto.

— Amoxilina.

— Está tomando alguma coisa agora?

— Não.

— É alérgico a algo?

— Não que eu saiba.

— Você ou sua mãe ficaram doentes?

Isso está começando a parecer um interrogatório.

— Não.

— E ele não teve mais nada desde a faringite?

— Não que eu saiba.

— Ok. — Ela lê o monitor e escreve um monte de coisas em um gráfico.

Decido contar o restante.

— Ele ficou doente algumas vezes antes disso.

A enfermeira olha para mim.

— Não foi visto por nenhum médico nas outras vezes, mas a pediatra que veio vê-lo da última vez falou algo sobre a possibilidade de ter que remover as amígdalas.

Ela retira a faixa e o negócio do dedo.

— E quais foram os sinto...

Jax começa a convulsionar nos meus braços. Seus olhos rolam para trás, a baba escorre de sua boca na minha clavícula e meu colo rapidamente fica quente e molhado.

Congelo.

— Preciso de ajuda aqui e *AGORA!* — a enfermeira grita, ficando de pé. Então Jax é arrancado de mim em um turbilhão de

roupas de cores diferentes.



Jax é movido para um quarto na UTI pediátrica. Ele e mamãe estão desmaiados, mas eu não conseguiria dormir nem se minha vida dependesse disso. Todos os médicos e enfermeiras nos deixaram, mas tudo o que consigo ver quando fecho os olhos é a agulha enorme que o médico enfiou nas costas do Jaxy para tirar algum fluido da espinha.

Acham que ele tem meningite bacteriana.

Disseram que mamãe e eu chegamos aqui na hora certa, mas parte de mim não consegue afastar a culpa por não ter agido antes. Quando ele me contou sobre a dor de cabeça e o pescoço dolorido, achei que era um combo por ter ficado acordado até tarde e dormido no sofá em uma posição ruim. Provavelmente teria investigado suas reclamações mais cuidadosamente se não estivesse com tanta pressa de ligar para Zan.

Se tivesse focado na coisa certa, teria sido uma irmã melhor.

Tudo parece tão bobo ao olhar para trás. Macklin e eu conversamos por uma hora sobre *escolhas*, mas tudo o que consigo pensar *agora*, olhando para as bolsas, tubos e monitores presos no meu irmãozinho, é o tanto que isso irá custar e como conseguiremos dinheiro para pagar.

Isso traz todos os medos que tinha enterrado para a

superfície.

Medo de ser julgada.

De terem pena.

De que as pessoas descubram quão pouco eu tenho, olhem para mim e façam piada pelas minhas costas.

E até mesmo *isso* é pequeno comparado ao maior medo de todos: algo ruim acontecer com a mamãe ou o Jax e eu não ser capaz de fazer nada a respeito.

Não ter chances.

Ouvindo o bipe do monitor cardíaco e vendo mamãe se mover no seu sono, há algumas coisas das quais tenho certeza:

1. Não vou contar a ninguém sobre Jax. Sua doença exigirá catorze dias de antibióticos na veia, e, depois disso, vão remover suas amígdalas. O que significa que ele ficará por pelo menos três semanas e meia. Na próxima semana, teremos as férias de primavera — Jess vai fazer um cruzeiro com a família do Ness e Zan estará em alguma conferência com o pai dele —, então não terei problemas. Mas preciso encontrar um jeito de esconder isso *esta* semana e quando todo mundo voltar.

A outra coisa que tenho certeza? Esta situação pode nos afundar. Mamãe já faltou a ambos os trabalhos de hoje e, a menos que eu mate aula amanhã para dormir (o que ela não vai me deixar fazer de jeito nenhum), terei que faltar ao trabalho também. São duzentos e dez dólares a menos no orçamento. E obviamente mais dias como este virão nas próximas semanas. Um dos médicos mencionou um programa que supostamente ajudará com os custos

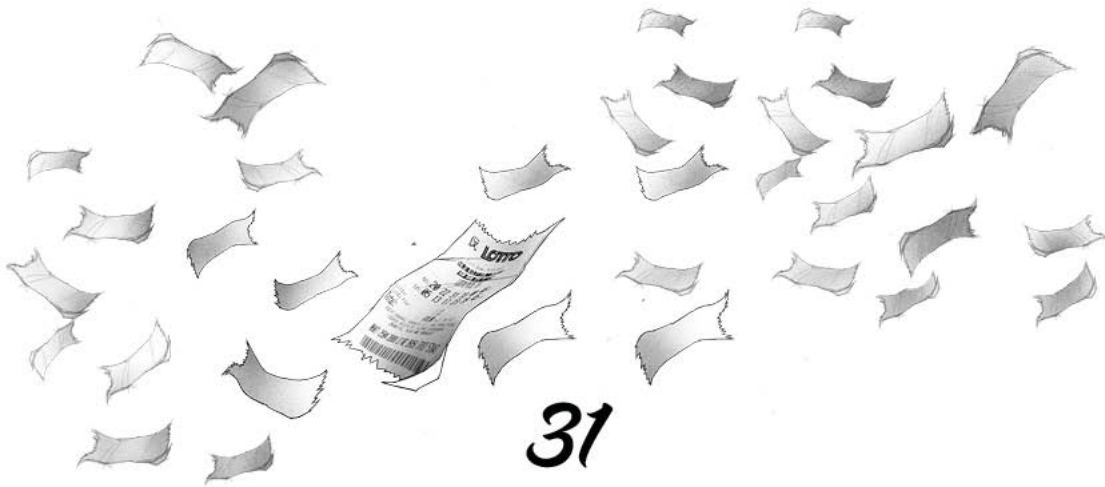
médicos — se entrarmos nele —, mas, ainda assim: se não trabalharmos, não poderemos pagar as contas normais.

O que nos levará a...

Não. Não posso pensar nisso agora. Hora de focar.

Alcanço o bolso de trás e puxo o quadrado de papel amarelo meio amassado e um pouco manchado.

Vou encontrar Ethel Streeter e aquele bilhete.



Bartholomew

Mais cinco dias (excruciantes) antes de conseguir colocar todos os meus problemas organizados em fila: Zan entrou no jato privado da Macklin Empreendimentos esta manhã com a impressão de que, quando voltar à cidade daqui a uma semana, iremos visitar o endereço que peguei do Senhor Dover; Mamãe está no hospital com Jax achando que estarei no trabalho no “turno extra” que menti que faria; e eu estou no carro dela atualmente a caminho de East Rockland Place, 754, em Lawrenceville, Geórgia.

E não liguei antes.

Sinto-me muito mal sobre isso. O tipo de convulsão que o Jax teve no meu colo se repete na minha mente como um looping do momento em que acordo de manhã até o em que caio na cama à noite. No chuveiro, no ônibus, enquanto reabasteço os produtos da Coca-Cola e nos breves encontros que tive com Zan durante a

semana penso na convulsão e em quão perto estive de perder meu irmão.

Sinto-me terrível por mentir para Zan sobre o motivo pelo qual estive trabalhando a semana inteira e não “tive tempo livre” para ir até Ethel antes que ele saísse da cidade.

Mas essa culpa está coberta por imagens mentais dos líquidos antibióticos pingando de bolsas para as veias do Jax.

Está coberta pelas novas rugas no rosto da mamãe conforme ela perde mais e mais horas de trabalho.

Pelas contas se acumulando, as normais e as do hospital — e quem sabe quais mais virão depois.

Pela falta de seguro para cobrir *qualquer* uma dessas coisas.

Nem preciso dizer, mas minha cabeça vai para todos os lugares durante o caminho. Fico pensando nas possibilidades com tanta frequência quanto penso nas outras coisas. O que *espero* é que Ethel se lembre de mim e que, quando mencionar o bilhete, ela instantaneamente se recorde de onde colocou. Ela vai encontrar, vamos checar os números e ver que é o premiado. Ela ficará tão feliz que me oferecerá algum tipo de prêmio por me esforçar tanto para encontrá-la.

Se ela *não* oferecer um prêmio, vou puxá-la de lado e contar minha situação. Pedir para me emprestar algum dinheiro que evite que afundemos e possa pagar as contas do Jax, depois passarei todo o tempo necessário fazendo o que quer que ela queira (um contrato de servidão, essencialmente). Enquanto, em teoria,

levaria anos para devolver o tanto de dinheiro que tenho em mente, percebo que ela é velha e morrerá antes disso (sem ofensas). Com sorte, seremos tão boas amigas que ela deixará o que quer que sobre para mim, como às vezes a gente ouve idosos fazerem nos noticiários. (Ou nos filmes? Tanto faz, não importa).

Esses são os dois únicos resultados possíveis na minha mente, e estou me agarrando a eles como se minha vida — *nossas* vidas: minha, da mamãe e do Jax — dependessem disso.

Porque dependem.

Qualquer alternativa...

Não consigo pensar em alternativas. Alternativas levam a desespero. Desespero leva a um espaço sombrio que tem se infiltrado em mim no meio da noite. No momento em que estou oscilando em algum lugar entre dormindo e acordada. E a falta de um corpo na cama do Jax me pressiona com tanta força que me sinto sufocar. Não posso ir até a mamãe, porque ou ela está no hospital ou trabalhando em um turno noturno. E, mesmo se não estiver, toda vez que ela olha para mim, seus olhos estão muito tristes. Como se estivesse desapontada que não verifiquei a temperatura do Jaxy antes.

Provavelmente poderia falar com Jess, mas ela falaria com o Zan.

E não posso falar com o Zan, mesmo que de forma secundária (embora tenhamos conversado, ainda que brevemente, todas as noites em que estive fora). Ele *não pode* saber de nada disso.

Então, não há alternativas.

Olho para o assento do passageiro vazio ao meu lado e suspiro. Lembro-me de todas as vezes em que ocupei aquele lugar no jipe. Metade de um time investigativo.

E agora estou aqui, sozinha.

Estaria mentindo se dissesse que não queria que Zan estivesse aqui.

Olhando para trás, teria sido bom não ter que ser a motorista.



Paro na garagem de um duplex.

Estou tão focada no contraste entre as venezianas azuis e os tijolos cor de ferrugem que o som de ter puxado o freio de mão instintivamente ao estacionar soa como uma metralhadora disparando. E eu pulo.

Preciso me concentrar.

Saio. Fecho a porta do carro.

Um pé na frente do outro.

Estou no caminho de entrada agora. Está forrado de flores coloridas, assim como imaginei que a casa de uma mulher idosa seria.

Subo os três degraus, paro na porta.

Quero vomitar.

Há uma campainha.

Não consigo erguer o braço.

Ok. Foi para isso que eu vim. Consigo fazer isso.

Respiro profundamente e toco. Passam-se nove dias no intervalo de alguns segundos.

A tranca clica.

A maçaneta gira...

E a porta se abre para revelar um homem baixo, negro retinto, com um pequeno black e pelos saindo das orelhas.

Acho que meu coração para de verdade.

Ele recua, depois balança a cabeça como se houvesse algo lá dentro e pisca algumas vezes.

— Você parece minha sobrinha. — Puxa os óculos do nariz e junta as mãos sobre a pança coberta de estampa xadrez. — O que está vendendo? — questiona.

— Ah. Hmm... — Olho para seu rosto. Ele parece ser mais jovem que Ethel. Não poderia ser seu marido... Pelo menos acho que não.

— Não fique toda envergonhada comigo — solta. — Vou comprar se você vender bem. Vá em frente.

— Ah, hm. Não estou vendendo nada, senhor.

— Ok, então...

— Na verdade, estou procurando por Ethel Streeter.

Quando seu olhar cai, sei que está tudo acabado.



Enquanto Zander e eu estávamos procurando para cima e para baixo, Ethel Streeter estava morrendo de uma doença renal crônica em estágio cinco. O filho dela, Bartholomew, estava completamente sem emoções enquanto me contava como a mãe escondeu dele até que era tarde demais, depois não aceitou o rim que ofereceu a ela. Eles uniram seus bens algumas semanas antes de ela morrer e ele está atualmente no processo de retirar o nome dela das escrituras. A maioria de suas coisas — que anteriormente preenchiam a casa que Zan e eu tentamos visitar em Druid Hills — está guardada em uma unidade de armazenamento público, aguardando a venda que ele planejou para “depois que a parte legal estiver em ordem”.

Nego o chá gelado que ele me oferece e, em dez minutos, volto para o carro.

Paro. Ando. Paro novamente. As árvores passam borradas. Não registro nada.

Apenas fico... aqui.

E, depois, estou no posto de gasolina. Mesmo tendo pedido folga hoje.

Para ver Ethel.

Que *não está mais entre nós*, como Bartholomew falou.

Por algum milagre, consigo sair do carro e entrar.

— Rico? Achei que não viria — diz o Senhor Z quando me vê do seu assento atrás do caixa.

— Meus planos... mudaram — explico. — Posso trabalhar?

— Claro que pode, querida. Registre seu ponto à vontade.

— Obrigada, Senhor Z.

— Ah! Antes que eu me esqueça: quando falar com o seu amigo, o Senhor Macklin, diga a ele que recebemos muitos elogios sobre o papel acolchoado com aloe vera!

Argh.

— Direi, senhor! — Seja antes ou depois de contar as notícias sobre Ethel...

Consigo sentir o lado sombrio rastejando para mim. Luto contra isso o máximo que posso, mas sem nenhuma esperança para me agarrar agora.

Suspiro.

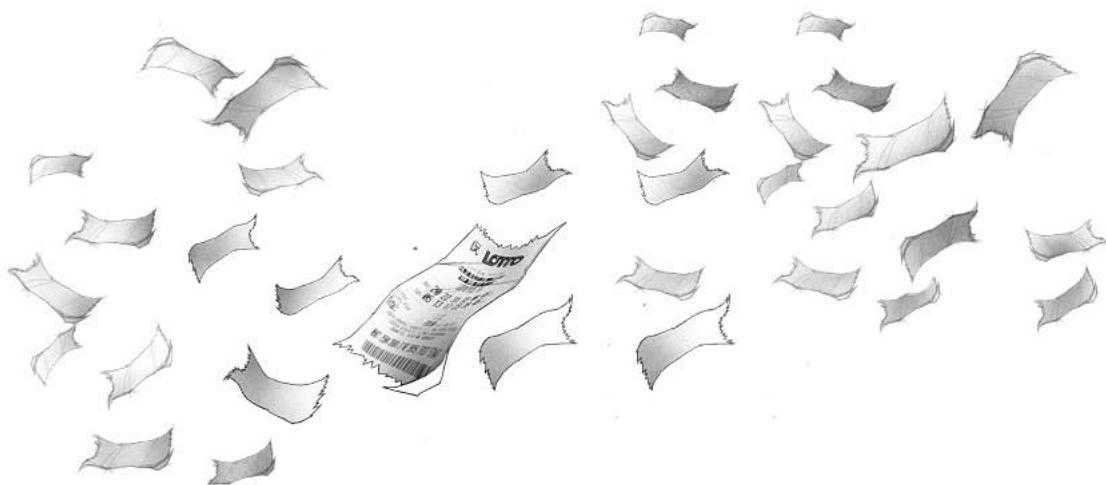
Jax ainda está no hospital.

Assim como a mamãe. O que significa que ela não irá trabalhar hoje.

O futuro da minha família me envolve como um cobertor pesado.

Engulo as lágrimas e o pânico. Tenho um turno de seis horas para encarar.

Surtar não é uma opção.



Outra palavrinha do bilhete certo

Não acabou, querido leitor.

Ainda estou aqui. Ainda estou esperando.

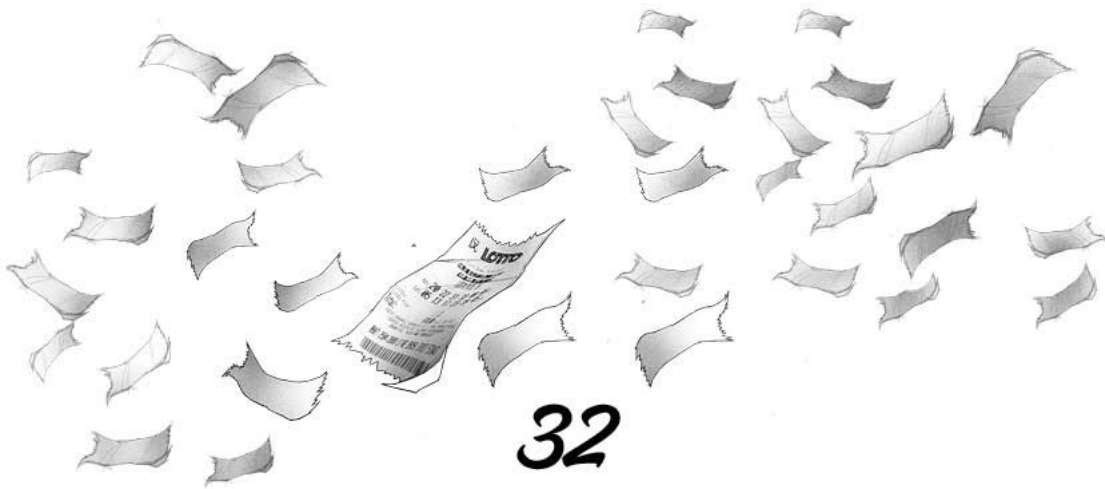
Não serei arrastado para o esquecimento como se nunca tivesse existido. Não permitirei que *expire* com meu rosto glorioso de cento e seis milhões de dólares esmagado contra algum cartão de visitas barato nesta carteira horrível com cheiro de mofo.

Não vejo luz desde minha compra, mas escuto conversas, músicas e estranhas narrativas faladas (*audiobooks*, pelo que ouvi dizerem), e *dinheiro* é um tópico frequente. Parece que vocês, humanos, farão qualquer coisa por ele.

Ela. Não. Deveria. Desistir.

Vou persegui-la em seus sonhos até que me encontre.

VALHO MUITO MAIS DO QUE ISSO!



O colapso

O telefone toca e eu me assusto tão intensamente que caio da cama. Uma vez que as batidas do meu coração retornam da beira da morte, acendo a luz ao lado do meu relógio e pego o telefone enquanto os números se forçam no meu cérebro. 23h58.

— Alô?

— Senhorita Danger?

— Hm... — Esfrego os olhos. — Qual delas?

Ouçó papeis se moverem.

— Tenho o nome de Stacia no arquivo.

— Ah, ela não está.

Coço os olhos mais um pouco. Começo a perceber que uma ligação quase à meia-noite é estranha. E um pouco assustadora, considerando as circunstâncias atuais.

— Está trabalhando em um turno noturno — complemento.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? Sou filha dela.

— O Senhor Rico está disponível?

— Não existe nenhum senhor... — Espera... — Acho que você deve estar falando de mim. Sou a Rico.

Silêncio, exceto por mais barulho de papel. Então:

— Você é Rico Danger?

— Sim...

— E quantos anos tem?

Mas que inferno?

— Tenho dezessete. Por quê?

— Aguarde, por favor.

Há um som de farfalhar, depois ouço vozes abafadas, como se estivessem cobrindo o telefone com a mão.

Então:

— Você é a irmã mais velha de Jaxon Daniel Danger?

Estou acordada agora.

— Sim. Algo de errado?

— Existe alguma forma de entrarmos em contato com sua mãe, querida?

Ah, então eu sou uma querida agora?

— Não com facilidade, senhora. Como mencionei, ela está no trabalho. — Isso está ficando frustrante. — Há algo de errado com meu irmão?

Ela suspira.

— Ele teve um dia difícil — informa. — A Senhorita Danger esteve aqui por algumas horas esta tarde, mas saiu quando Jaxon

dormiu. Ele ficou inconsolável ao acordar e não encontrá-la.

Balanço a cabeça. *Por que* ela nunca me escuta quando digo o quão importante é dizer tchau para ele?

Eu *deveria* estar no hospital, mas mamãe insistiu que eu dormisse em casa: as férias de primavera terminaram. Preciso voltar para a escola amanhã.

— Estarei aí assim que puder — digo antes de perceber o que estou falando.

— Tenho certeza de que seu irmão vai adorar a visita. Diremos a ele que você está a caminho. — Ela desliga.

E merda.

Merda, merda, merdinha, merdona, *merdola*.

É meia-noite e dois. Os ônibus pararam de passar há duas horas. Não tenho dinheiro para pagar um táxi.

Não tenho dinheiro para nada.

Não tenho dinheiro.

Aluguel.

Eletricidade.

Água.

Comida.

Gasolina e manutenção do carro.

Punção lombar.

Antibióticos.

Estada hospitalar estendida.

Fundo, fundo, fundo. Afundando bem fundo, fundo, fundo.

É demais. Não posso fazer isso. Não posso fazer nada

sobre nada disso. Não há esperança. Estou presa em uma armadilha. Não há saída...

O telefone toca novamente.

— Alô?

— Rico?

Jax.

Não consigo respirar.

— Rico, você está aí?

Forço-me a encarar sua cama vazia.

— Sim, Jaxy, estou aqui. Você está bem?

— A enfermeira disse que você viria... Vem mesmo, Rico?

Estou chorando agora.

— Sim, estou indo, Jaxy. Pode demorar um pouquinho para eu chegar, mas estou indo.

— Como você vai vir, Rico?

Deus, isso é tão injusto.

Não fungue.

— Não se preocupe com isso, garotinho. Chegarei aí assim que puder, ok?

— Hm... você pode trazer meu iPad? Assisti a todos os filmes que eles têm aqui.

Estou sorrindo agora. Meu doce, doce garotinho Jaxy.

— Claro, amigo. Vou levar.

— Ok. Vejo você em breve?

— Verá. Bem em breve.

— Ok, tchau.

— Tchau, Jax.

Ele desliga.

Ligo para Jess.

Sem resposta.

Ligo novamente.

Nada.

De novo.

Não.

Coloco o telefone para baixo.

Encaro-o.

Não posso fazer isso.

Não posso ligar para ele.

Mano Zan.

Sim, ele chegou em casa esta manhã e educadamente me perguntou se poderia me levar para almoçar (o que era algo enorme... O antigo Zan simplesmente apareceria no meu trabalho).

(Eu disse que não).

Sim, disse a ele que estou animada para vê-lo. E estou.

Mas não nessas circunstâncias.

1. Ele se sentirá traído; sei o quanto gosta do Jax, e escondi isso dele. Para não mencionar que terei eventualmente que admitir que fui procurar Ethel sozinha.

2. Não quero que ele venha me resgatar. Não agora.

3. O pensamento de dever a ele algo além de todas as outras coisas? Sério, meu estômago não conseguiria.

Não posso ligar para ele.

Não posso.

Suspiro e olho para o telefone.

“Você vem mesmo, Rico?”

Acho que não é mais algo a meu respeito, né?

Zan atende no primeiro toque.

— Rico? — murmura. — Está tudo bem?

Fecho os olhos. Respiro fundo.

— Na verdade, não.

— Por quê? Qual é o problema? — Ele está bem acordado agora. — Posso fazer alguma coisa?

A primeira lágrima queima minha bochecha ao cair.

— Sim — respondo. — Preciso de você.



Dirigimos para o hospital sem nos falarmos. Sem música. Sem segurarmos as mãos. Sem nenhum tipo de contato.

Na verdade, após o final da nossa breve ligação, nenhum de nós diz uma palavra até que chegamos ao quarto do Jax.

— Espera — Zan pede, segurando meu pulso enquanto eu seguro a maçaneta.

Eu paro. Olho para ele por cima do ombro.

— Eu deveria... — continua. Olha para o chão, depois para mim. — Tudo bem se eu entrar? — Ele balança a cabeça. — Não quero ser um intruso.

E agora meu coração é uma poça borbulhante de lama no

chão.

Eu o abraço. Apenas fico na ponta dos pés e envolvo os braços em volta do seu pescoço.

— Hm. Ok... — diz.

(Isso me faz sorrir).

Uma vez que o solto, seguro sua mão, depois empurro a porta do Jax e puxo Zan para o quarto comigo.

Você teria pensado que eu cheguei com O verdadeiro Papai Noel.

— Ai, meu Deus! — Jax exclama, olhando de mim para Zan e de Zan para mim. — Ai, meu Deus! Você trouxe meu *Mano Z*?

Zan sorri, e Jax coloca o rosto entre as mãos.

— Isso é melhor do que eu sonhei!

Zan gargalha e bagunça o cabelo do Jax.

— Senti sua falta também, carinha — diz. — Tudo bem se eu aparecer de vez em quando?

— Mas é claro!

Sorrio, pego o iPad do Jax (que ganhou do Zan) na minha bolsa e coloco-o na mesinha de refeição. Zan puxa uma cadeira do outro lado do quarto e senta bem ao lado da cama do Jax.

— Estão tratando você bem, meu garoto?

O rosto do Jax cai.

— Acho que sim. Estou pronto para ir para casa — diz —, mas parece que ficarei aqui por pelo menos uma semana e meia ainda. Estou tentando não ficar tão depressivo com isso.

Zan rouba um olhar para mim — peguei um cobertor e me

retirei para o sofá no canto da parede da janela — e, em seguida, volta para Jax.

— Depressivo, é?

— É um negócio de verdade, sabia? Depressão infantil. Tem um cara médico da mente que vem duas vezes por semana para ver se não estou muito triste.

Sento-me ereta.

— A mamãe sabe disso?

— Uhum — diz. — Ela estava aqui na última vez que ele veio.

Incomoda-me um pouco que *eu* não saiba. Não sou a mãe dele, obviamente, mas, ainda assim.

Zan muda de assunto.

— E que outras coisas legais você aprendeu aqui?

Jax começa uma série de explicações animadas: as punções lombares, como os IVs funcionam, que bactéria causou sua meningite, que enfermeira é a mais gata — ele recebeu um olhar reprovador de mim nesta. Após um tempo, desligo-me e deixo-os conversando.

Depois Zan me sacode, acordando-me.

— Desculpe te incomodar — diz. — Ele apagou. Provavelmente dormirá a noite toda.

Olho para Jax, depois volto para Zan. Não consigo evitar colocar um sorriso no rosto — apesar da nuvem de segredos, mentiras e perguntas não respondidas pairando sobre nós.

— Obrigada por vir, Zan.

Por alguns segundos, ele apenas me encara do jeito que me faz sentir louca. Especialmente agora, quando meu desejo e minha obrigação estão ocupando o mesmo espaço físico. Porque, *cara*, o que eu não faria para apenas fugir com ele?

— Quer pegar algo para comer? — questiona.

Relógio: 2h27.

Irmão: surtou na última vez que acordou e a pessoa que estava aqui se foi. Mamãe estará aqui em quatro horas e meia, e Zan provavelmente está certo sobre Jax apagar por um tempo, mas não tenho certeza se quero arriscar.

Minha hesitação é... óbvia.

— Vamos deixar um bilhete com meu celular com as enfermeiras no caso de ele acordar.

Hmmm...

Ele se agacha e segura minhas mãos. Olha nos meus olhos.

— Você precisa de uma pausa, Rico. Uma hora, uma hora e meia.

Suspiro.

E assinto.



Não chegamos à casa de waffles.

Não chegamos nem a sair do estacionamento.

Assim que estamos os dois no jipe, Zan pergunta como

estou e perco completamente a cabeça.

As coisas simplesmente começam a sair: quão apavorada fiquei quando meu irmão quase morreu nos meus braços; como eu pensei que era tudo minha culpa por não ter me preocupado em investigar os sintomas; quão cansada estou de carregar o medo constante de que este mês não conseguiremos dinheiro suficiente; que eu fui na casa dos Streeters e deixei toda a minha esperança na porta deles; que estou sentindo que caí no fundo do poço e que não há saída.

Zan escuta. Posso dizer que ele tem um milhão de coisas passando pela mente, porque morde os lábios e continua olhando para baixo, para a carteira. Mas ele não fala nada — nem mesmo quando chego na parte da Ethel — e estou grata. Apenas segura minhas mãos e faz círculos nas minhas palmas. Joga um braço por trás dos meus ombros e me puxa para ele. Quanto mais eu choro, mais perto fico, até que estou enrolada em seu colo como um bebê que engatinhou até aqui, soluçando no pescoço da sua polo perfeitamente passada.

— Zan?

— Sim?

Ele está esfregando meu braço para cima e para baixo. É muito bom. Tranquilizador.

— Você *alguma* vez se veste mal?

Silêncio.

Levanto a cabeça para ver seu rosto.

Sua mandíbula está cerrada.

— Isso foi ofensivo? — pergunto.

Ele limpa a garganta. (Talvez *tenha* sido ofensivo?).

— A verdade?

Hmm...

— Sim?

— Não quero que você ache que sou desleixado.

Espera.

— Você está dizendo que se veste desse jeito para *me* impressionar?

— Possivelmente?

Eu rio. A ponto de começar a chorar novamente, mas de tanto rir.

— Pare de rir de mim.

Eu rio mais.

— Macklin, você poderia aparecer em uma camiseta roída por traças e ceroulas furadas que eu ficaria impressionada só porque você apareceu. — Eu me aconchego nele novamente.

— Ah.

Ficamos em um silêncio calmo. Ele estava certo sobre eu precisar de um tempo e estou feliz por ser ele quem está aqui para dividi-lo comigo.

— Ei, Rico?

— Uhum.

— Não me entenda mal, mas você provavelmente deveria sair do meu colo agora.

— Oi? — Minha cabeça se ergue.

Ele está *muito* vermelho.

Ah.

Saio do seu colo e pulo por cima da marcha para voltar ao banco do passageiro. Não porque estou *com medo* disso, apenas porque... *Ugh*, isso é tão constrangedor.

— Eu provavelmente deveria voltar lá para cima. — **Coloco o cabelo para trás da orelha nervosamente**. — Você deveria voltar para casa e descansar um pouco. Tem escola amanhã.

— Vou comprar alguma comida para você — diz. — Depois vou para casa.

— Não precisa fazer isso.

— Confie em mim. Eu preciso. Lita ficou nesse hospital para colocar uma prótese no quadril ano passado. Comi a comida daqui e, bem, você pode acabar conectada a tubos e bolsas de soro.

Rio novamente. Sinto-me muito grata por ele novamente. Queria criar coragem para falar.

— Acho que não a verei na escola — diz em tom de questionamento.

— Ah, eu estarei lá. Não vou trabalhar amanhã, então posso voltar para casa e dormir à tarde.

— Jax ficará sozinho aqui? Devo vir e dar uma olhada nele depois de levá-la para casa para descansar?

— Zan. — Você pensaria que já me acostumei com ele a esta altura, mas não.

— Desculpa, desculpa. *Posso* pegar você para ir e voltar da escola amanhã, e depois vir ver o Jax para ele não ficar sozinho? Por favor?

Esse garoto.

Que não é meu namorado.

(Não, não vamos lá).

— Agradeceria as caronas, mas nossa mãe estará aqui até às seis. Depois eu virei. Ele não vai ficar sozinho.

Ele assente.

— Bem, falei sério quando disse ao Jax sobre as visitas. Apenas me avise quando for um bom momento. Pode dar meu telefone para sua mãe e dizer a ela para me ligar se precisar de uma folga.

Muito difícil, mas super doce da parte dele oferecer.

— Ei, Zan?

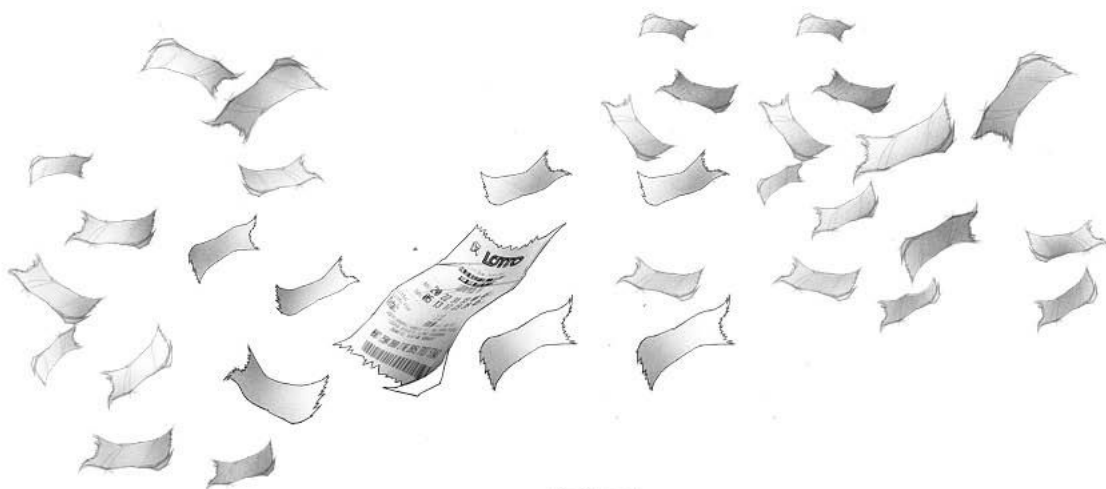
— Sim?

— Posso dizer uma coisa?

— Claro.

Prendemos o olhar e conto até três.

— Obrigada.



33

Ouçam, ouçam todos

Escola. Trabalho. Hospital. Casa.

Hospital. Escola. Casa. Trabalho.

Hospital-casa. Trabalho-escola.

E vai.

E vai.

E vai.

Depois de Zan oferecer uma dezena de vezes e Jax literalmente *implorar* a ela, mamãe decide incluir Zan na nossa escala dos “Amigos de cabeceira”. Até pego-a sorrindo algumas vezes quando ele aparece.

Zan traz Ness, e Jess às vezes, para a mistura ao arranjar caronas para mim, assim não preciso pegar o ônibus e posso “aproveitar meu tempo”.

Dois dias se passam.

Três.

Quatro.

Uma semana.

Eu chego, mamãe vai. Mamãe chega, Zan vai. Zan chega, eu vou (depois de algum abraço talvez exagerado).

Um ritmo é estabelecido e tudo está bem...

Até o dia antes da data marcada para Jax remover as amígdalas.

É um sábado. Jess me pega no trabalho bem à uma da tarde. Ela está agindo estranha, mas é a Jess. Provavelmente está dopada de orgasmos ou algo do tipo. (Isso é possível). Ela põe Cardi B no caminho para o hospital — cantando e girando no assento o caminho todo —, e, quando eu saio, pisca e joga um beijo no ar.

Definitivamente de orgasmos. (Ela e Ness sequer *conversam?*).

Mas, então, mamãe está mais animada do que normalmente. Ela e Jax estão jogando Uno quando chego no andar de cima, mas ela possivelmente irradia alegria ao me ver.

Paro do lado de dentro. Perplexa.

— Ah, veja, minha amada *Rico* está aqui! — ela pia como um pássaro bêbado.

— Hm... Oi?

Jax bufa.

— Você chegou bem na hora! — Ela se vira para Jax. —

Uno e tchau, garoto.

— Ah, cara, de novo *não*!

— Boa sorte na próxima vez. — Ela joga o cabelo antes de se levantar para pegar a bolsa.

Estaria tudo bem se não fosse pelo grande beijo que ela me dá no caminho para fora. Minha mãe não é de beijos. Sim, desde que tudo ocorra de acordo com o plano na cirurgia, Jax terá alta daqui a dois dias. Mas ainda há o problema das impagáveis contas que nunca acabam, incluindo a que virá deste hospital.

É difícil ter algo para estar tão animada.

— Vejo vocês depoooois — diz, e faz uma dancinha antes de sair.

Eu nem mesmo...

Tanto faz. Esquece.

Sento-me. Pego o livro que estava lendo.

Abro.

— Você deveria tirar uma soneca — Jax diz do outro lado do quarto.

— Por que eu precisaria de uma soneca?

— Mano Z estará aqui antes que você perceba.

Dou uma rápida olhada no relógio.

— *Mano Z* não está agendado para chegar até as seis e quarenta e três.

Jax dá de ombros.

— Ok.

E de novo: Tan. To. Faz.

Abro meu livro. Lerei e esquecerei onde estou: uma fuga clássica.

Exceto que eu *caio* no sono. Zan acaricia minha bochecha com as costas do dedo indicador para me acordar do jeito que ele sempre faz quando eu apago aqui. (Foi por *tanto* tempo assim?).

Eu me estico, pego o dedo e beijo-o do jeito que tenho feito ultimamente.

— Então é isso que acontece na frente da criança quando não estou aqui?

Sento-me esticada, olhos bem abertos.

Zan: corando. (Como sempre).

Mãe: bolsa de roupa pendurada em um braço, sobrancelha levantada.

Ness: tentando não rir.

Jess: parecendo prestes a explodir de animação.

Quando me sento, Jess começa a bater palmas e gritar. *É aí* que percebo seu penteado encaracolado.

— Mas que por...

— *RICO!* — Mamãe fica mais vermelha do que eu achei ser possível para ela.

O. Que. Está. Acontecendo?

— Venha, venha. — Jess vem até mim e pega minha mão.
— Muito a fazer, pouco tempo. Precisamos estar elegantes mais tarde, é claro. Mas, se ficarmos *muito* elegantes, ninguém nos verá...

— *O quê?*

Jess olha para Zan — que tem um sorriso ultra presunçoso no rosto — e depois volta para mim.

— Você realmente não sabe por que estamos aqui?

— Não dá para dizer que recebi o memorando.

— Ok... — Ela olha para Zan novamente. Pânico? — Mas você sabe o que vai *acontecer* hoje à noite, então dá para somar um mais um.

Apenas encaro-a.

— Pague, Barlow. — Zan estica a mão.

— Não mesmo. — Jess balança a cabeça. — É absolutamente impossível que ela não saiba.

— Falei que ela não fazia ideia. Agora pague.

As sobrancelhas da Jess se franzem.

— Assim, você é um pouco antissocial... — Balança a cabeça novamente. — Você *realmente* não sabe?

— Sei que isso está ficando irritante — digo.

Isso faz Jax rir. Com toda essa baboseira, esqueci que estamos em um quarto de hospital.

— Você *vai* me pagar — Zan afirma.

— Tanto faz. — Ela cruza os braços e me encara como se *eu* tivesse feito algo de errado.

Tão confuso.

Zan continua:

— Senhor Montgomery, se me permite, por favor?

Finesse alcança o bolso de trás e puxa um papel em forma de rolo — na verdade, baseado na cor do negócio, um *pergaminho*

seria mais preciso — amarrado com uma fita vermelha.

Do bolso da frente, ele pega um daqueles apitos kazoo. Dentre *todas* as coisas. *Tan-tan, tan-taaan, tan-tan-tan-tan-tan-taaaaan*, assopra. A fita cai. O pergaminho é desenrolado.

— Lady Rico Reneé Danger, estás presente?

Hã...

— Sim?

— Magnífico. — Ele limpa a garganta e ergue o pergaminho para ler. — Ouçam, ouçam todos: o ilustre e incrivelmente bonito Sir Alexander Gustavo da Casa Macklin viajou de muito longe, pelos altos e baixos das montanhas, por dentro de vales, por dentro e por fora de um vulcão em erupção, para apresentar a vós, ó bela e descarada Lady Rico Reneé da Casa Danger, a mais sincera e positivamente irresistível proposta. Terias ouvidos para ouvi-la? — Baixa o pergaminho.

O que ele acabou de dizer?

— Eu terias? — Espera... — Teria? Tenho?

Zan esconde a boca no ombro como faz quando está tentando não rir de mim.

— Tanto faz. Tenho um ouvido. Dois, na verdade. Agora, o *que* está acontecendo? — E por que estou tão nervosa?

— Sir Zanny Zan, se me permite, por favor?

Zan dá um passo para a frente e fica em um joelho. Jess dá um gritinho novamente, balançando-se em seus pés. Mamãe rola os olhos, mas está sorrindo também.

— Vocês, garotos, são ridículos.

— Lady Danger — Zan começa —, pela duração de um quarto do ano prévio tu tens sido para mim como o mais brilhante sol no mais claro dia.

— Ah, mano... — Jax solta.

Mamãe o corta com um olhar que poderia murchar todas as plantas da sala.

Zan continua:

— Como estava dizendo, não há mais puro coração, mente ou beleza em todo este vasto e traiçoeiro deserto conhecido como vida.

— Ai, meu Deus, Zan.

Ele sorri.

— Sua mão direita, por favor.

Levanto uma sobancelha e, com cautela, estendo a mão.

Quando Zan a pega, Jess sussurra:

— Ainda não acredito que ela não sabe.

Ness bufa.

Zan segura minha mão com suas duas e sorri para mim, olhos brilhantes como esmeraldas claras.

— Rico Danger — diz —, tu me concederias a grande honra de ter a permissão de escoltá-la para o salão de dança?

— Escoltar-me para *o quê*?

— Santa Mãe de Deus, Rico. Ele está convidando você para o baile — fala Jess.

— Baile?

— *Sim!* O nosso *baile de formatura*. Aquela coisa da qual

todo mundo está falando há dois meses.

— Você está me chamando para o *baile*?

— Sim — Zan diz.

— E começa em, tipo, cinco horas, então nós deveríamos talvez começar a nos mover...

— Jess, *calma* — Ness pede.

— Desculpa.

Ele está me convidando para o baile?

— Sei que você não curte muito, e é por isso que não a convidei um mês atrás — Zan diz. — Mas vamos ser honestos: foram semanas bem difíceis, *nós dois* precisamos de alguma diversão.

Mordo meus lábios e abaixo o olhar para minhas mãos.

— Ele está certo — mamãe diz. — Você não tem permissão para ficar *aqui* e a *Señora* Alvarez está vigiando a casa para se certificar de que não vá para lá. O baile é um lugar tão bom para ir quanto os outros. Estou com seu vestido bem aqui.

— E é *incrível* — Jess diz. — Ajudei a escolher.

— Da Bela Vintage?

— Não. Nordstrom. — E sorri como se tivesse acabado de dar a melhor notícia de todas.

Bela Vintage *poderia* significar que foi de graça. Mas a Nordstrom?

Olho para a bolsa de roupa e depois para os olhos da minha mãe. Uma nuvem de tempestade terrível se forma sobre nossas cabeças — ou é o que parece.

— Mãe, podemos conversar do lado de fora?

Ela assente.

Nós vamos.

Estou fervendo agora. (O que é uma droga, porque eu deveria estar em êxtase).

— Você precisa levar o vestido de volta — digo. — Não podemos pagar. Especialmente agora.

— Não faça isso, Rico.

— Fazer o quê? Realmente *considerar* o tanto de dívidas que estamos prestes a ter? E o trabalho?

— Não é da sua conta.

— Mas, mãe...

— Eu *entendo*, Rico. O dinheiro está apertado. — Há lágrimas nos seus olhos e estou chocada. — A vida é difícil e infinitamente injusta, mas também é *curta*, e você precisa disso, amor. — Ela ergue a bolsa. — Por favor. Desta vez, deixe-me dar isso a você.

Eu a odeio. E isso. Odeio estar nesta posição. Odeio que ela tenha me colocado nesta cidade estupidamente cara, onde não consigo “ter boa educação” porque estou sempre *trabalhando*. Odeio não ter percebido que meu próprio baile é hoje à noite. E odeio que, se eu for, estarei basicamente dizendo que *tudo bem* ela gastar dinheiro nesse vestido estúpido em vez de separar para as contas. Aluguel. Gasolina. Alguma coisa relacionada a nos manter vivos.

Odeio ter dezessete anos de idade e estar à beira das

lágrimas porque, pela primeira vez na vida, tenho amigos e dois deles estão prestes a se mudar.

Odeio que ainda me sinta inadequada e sem valor toda vez que olho para Zan.

Odeio até tê-lo deixado chegar perto de mim.

Odeio ter tentado encontrar aquele bilhete idiota. Talvez, se eu não tivesse, nenhuma das outras coisas teria acontecido: Jax não estaria no hospital porque não estaria doente. Mamãe não estaria aqui parada oferecendo-me um vestido que não podemos pagar porque ninguém me convidaria para o baile. Eu ainda seria invisível, do jeito que eu *gostava*.

— Por favor, Rico. — Ela está chorando muito.

(“Mas você realmente gostava de ser invisível, Rico?”, o vestido me chama de dentro da bolsa. Pergunto-me com o que ele se parece...).

Encaro o rosto de uma mulher que está realmente dando seu máximo. Considerando todas as coisas, ela provavelmente precisa disso tanto quanto — se não mais do que — eu.

Porque, ok: preciso disso.

Suspiro.

— Ok.

— Ok?

— Ok.

Ela me entrega o vestido e me puxa para um abraço.

— Amo tanto você, meu amor.

— Amo você também.

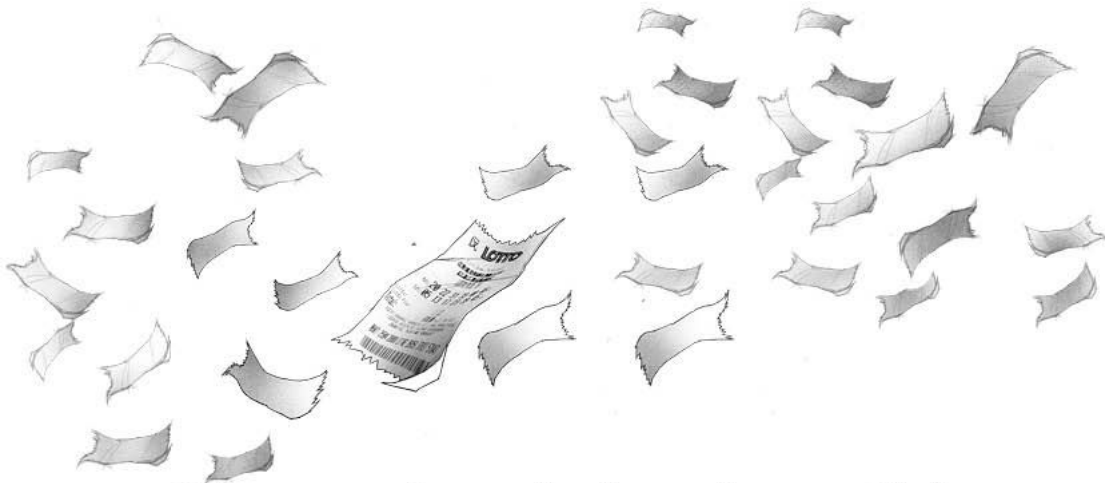
Bleh, emoções demais.

Nós voltamos.

— E aí, Rico? — Ness pergunta. — Você vem com a gente ou vai curtir no saguão do hospital?

Olho em volta do quarto para todos os rostos ansiosos de pessoas que obviamente se importam mais comigo do que eu lhes dou crédito.

E caio no choro.



Uma palavrinha do vestido

Eles dançam.

E dançam.

E dançam, dançam, dançam.

Mesmo quando as pernas da Rico ficam tensas contra meu tecido de cetim, queimando como se tivessem sido afundadas no rio de fogo do Hades, eles dançam.

E dançam.

E dançam.

Sou um borrão sombrio em uma noite escura e deslumbrante com todos os pequenos cristais Swarovski. Com as luzes baixas, as paredes escuras e os pequenos fios de luz brilhando enquanto se balançam no teto, Rico sente que está girando em um céu noturno.

E há Alexander Macklin. O braço em volta da cintura de Rico. As mãos nos seus quadris (e, às vezes, nas suas coxas). O

peito e estômago contra as costas e ombros dela.

Os braços apertados ao redor dela e de mim por trás, enquanto se inclina para colocar o queixo no ombro nu.

Ela desliza a mão por trás do pescoço dele para o seu cabelo e continua a mover os quadris.

— Preciso que seja minha namorada — diz bem no ouvido dela.

— O quê? — ela rebate. Meu forro está úmido agora porque ela está instantaneamente suando mais.

— Rico Danger, você, por favor, pode ser minha namorada?

Rico para. Retira os braços dele. Vira-se. Olha no seu rosto.

— Por que agora?

— Oi?

Ela seca as palmas úmidas contra mim na parte de fora das coxas (eu me enrugo, encolhendo-me). Ele não saberia, mas o coração dela está disparado.

— Essa coisa de namorada.

As pessoas estão encarando agora.

— Ah, quer dizer... Se você não quiser...

— Não é nada disso. Eu só... Eu não sei. — As perguntas se agitam em seu estômago. *É isso que eu quero? O que isso significaria?* — Só quero saber o porquê.

E ele sorri.

— Você mudou tudo para mim, Rico.

Eles encaram um ao outro nos olhos.

— Vai arruinar o momento se eu disser que preciso pensar a respeito? — diz.

Ele ri. Alto. Ondula sobre mim, e os pelinhos do pescoço e do braço da Rico sobem, atentos.

Zan fecha o espaço entre ele e nós. Desliza os braços de volta ao redor da nossa cintura.

— Leve o tempo que precisar, milady.

— Você é tão brega.

Talvez seja a música. Talvez seja o teto de cristal e o cheiro de perfume mascarando o suor no ar. Talvez seja eu... talvez seja o terno dele. Talvez seja a dança.

Ele segura o rosto dela nas mãos.

Olha em seus olhos.

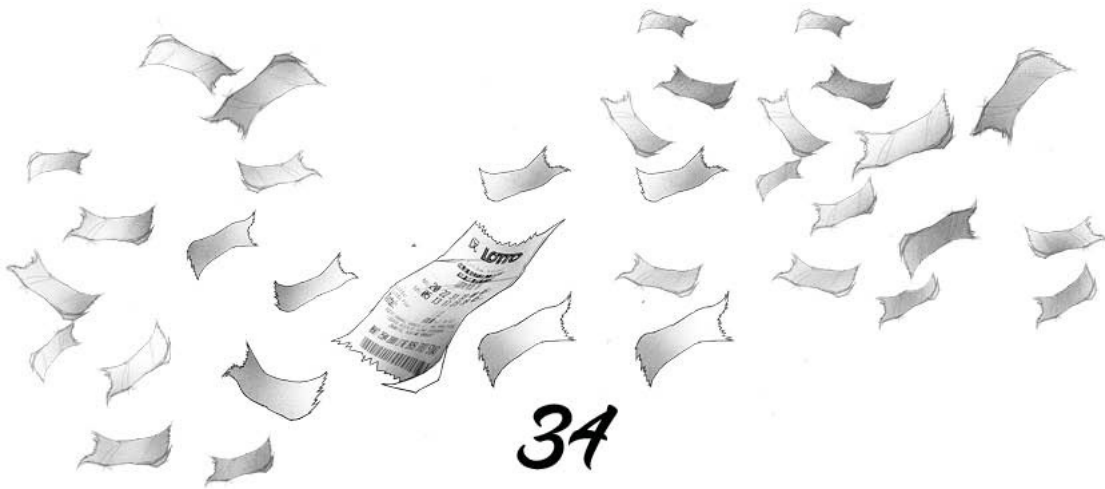
Seu nariz.

Seus lábios.

— Rico, posso beijá-la, por favor? — pede.

Rico assente.

As bocas deles se encontram e o mundo explode.



Arrombando e saindo

Zan não faz ideia de para onde vamos e posso dizer que ele está nervoso.

Nervoso, tenho certeza, porque estou acesa como um fio elétrico.

Ele continua roubando olhares para mim com o canto do olho quando acha que não estou vendo. Viro-me e sorrio quando ele o faz novamente.

— Algo em que eu possa ajudar, senhor?

Ele franze os olhos.

— Algo está errado com você.

Merda. Ele percebeu.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Uhum — minto.

Há uma pausa. Pesada.

— Você realmente não vai me dizer para onde estamos indo? — diz.

— Não. Vire à esquerda no próximo sinal.

Ele suspira. Os nós dos dedos da mão esquerda ficam brancos enquanto ele aperta o volante.

— Como está o J, meu garoto? Volta para a escola amanhã, certo?

Assinto.

— Está se sentindo ansioso por ter perdido tanto. Ainda tem a maquiagem para encobrir, mas é difícil para ele, sabe?

— Nem dá para imaginar. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

— Você já fez muito, Zan. Estamos muito gratos.

— Ok.

— Pegue a próxima direita.

— Sim, sim.

Meus olhos vão para o relógio no painel do Zan: 3h28.

Juro que o universo me odeia. Tenho visto esse número em todos os lugares na última semana. Placas de carro, outdoors, no adesivo “COMO ESTOU DIRIGINDO?” nos fundos de uma loja de materiais de construção... Todo lugar me lembra do que vi quando espiei há sete dias, enquanto mamãe virou as costas.

328.002,76 dólares. O custo de uma internação hospitalar de um mês para uma criança com meningite que não possui seguro e precisa retirar as amígdalas. 328 se tornou um elefante preto, enorme e furioso com presas com pontas de veneno, olhando para

mim em todo lugar que vou. (Talvez isso seja vingança?).

Engulo. Olho para fora da janela.

— Vire à esquerda na placa de pare, depois à direita no primeiro estacionamento que encontrar.

— Você sabe bem o caminho, Danger — comenta, envolvido em suspeita.

— Eu *posso* ter passado por esse lugar algumas vezes. — O ponto de ônibus prende meu olhar assim que passamos. — É bem aqui.

Zan diminui e vira na garagem. Limpa a garganta.

— Unidade de armazenamento público?

— Sim! — Balanço as sobrancelhas para ele e aponto para o portão que nos levará às unidades externas. — O código é 5613.

— Ok. — Ele coloca e o portão se abre.

— Quando chegar ao final do corredor, vire à esquerda.

Ele o faz. Meu coração bate mais rápido enquanto passamos pelas fileiras de garagens com portas laranja.

— Terceiro corredor à esquerda.

— Odeio ter que dizer isto, mas é um pouco apertado para o Tonka. Se eu dirigir até ali, não poderemos abrir as portas — avisa.

— Ok. Estacione aqui então. Andamos o restante do caminho.

O jipe para, freio de mão acionado, motor desligado. Tiramos os cintos de segurança.

Pego a mão dele quando estamos do lado de fora e puxo-o

pelo corredor. Andamos por trinta segundos ou algo do tipo.

— Aqui — digo, virando o rosto para a porta laranja da esquerda. Não é maior que a de entrada do nosso apartamento. — Unidade meia zero três.

— Maravilha.

Estar aqui com ele me faz sentir elétrica. Olho para cima, certamente animada.

— Essa é a unidade de armazenamento da Ethel Streeter — conto.

— Ah. Legal, acho?

— Lembra que eu contei que o filho dela disse que todas as suas coisas estavam guardadas em um armazém? Bem, liguei na semana passada para perguntar sobre a venda de garagem que ele faria, e ele disse que não acontecerá em pelo menos um mês.

Suas sobrancelhas de lagarta se unem.

— Ok...

— Acho que é um tipo de sinal que a unidade dela seja *nesta* localização.

— Como você sabe disso?

— Inventei uma mentira sobre precisar armazenar algo e ele “recomendou” este lugar, dizendo que as coisas dela estavam aqui. Minha mãe tem uma unidade aqui com alguns dos pertences do meu avô. Precisei cavar um pouco para achar o número certo da Ethel, mas aqui estamos, certo? A barreira final!

Por que ele parece tão perplexo?

— Todas as coisas dela estão aqui, Zan — digo. —

Jaquetas, calças, bolsas...

— Não dá para saber disso, Rico.

— Mas faz sentido, não faz? O filho dela disse que *todas* as coisas dela estão sendo mantidas em armazenamento. — Encaro a porta novamente. — O bilhete pode estar ali, sabe? Tudo o que nos separa é essa coisa laranja idiota.

Suas sobrancelhas se espremem ainda mais. O que não acho que seja possível.

— Ok, espera — começa, respirando fundo como se estivesse tentando ser paciente ou algo do tipo.

Isso me deixa no limite.

— Em primeiro lugar — diz —, tenho certeza de que entrar na unidade de armazenamento de alguém sem a permissão da pessoa é invasão de propriedade. Em segundo, como iremos sequer entrar? Está trancada. — Gesticula para a fechadura pesada com corrente.

Sorrio e retiro um grampo do meu coque.

— Tenho certeza de que posso abrir.

Ele afasta a mão da minha. Dá um passo para trás.

— Não acho que seja uma boa ideia, Rico.

— O quê?

— Assim, você falou que a venda de garagem é em um mês, né? Podemos ser os primeiros clientes.

Balanço a cabeça. Primeiro para expressar que não concordo, mas também para evitar chorar.

— Arriscado demais — retruco. — Se ele adiar a venda,

podemos perder o prazo de retirar o prêmio.

Ele suspira e deixa a cabeça cair.

— Rico, não podemos invadir a unidade de armazenamento de um estra...

— Ela dificilmente é uma *estranha* — digo. — Procuramos por essa mulher por meses.

— E agora temos o direito de procurar nas coisas delas? Isso é arrombamento e invasão.

Qual é o *problema* dele?

— Por que você está fazendo isso soar tão criminoso? Estamos procurando um *bilhete de loteria*, não cometendo roubo.

Ele suspira.

— Deus, achei que tínhamos terminado isso. — Corre as mãos pelo rosto.

Exasperado. E paternal.

Conheço esse olhar e o sentimento: é o mesmo que costumo dar a Jax quando fica insistindo sobre comprar algo em uma loja que ele sabe que não podemos pagar (Chocolate Chip Cookie Dough da Ben & Jerry's, que tal?).

Algo dentro de mim estala.

— Você não entende, não é?

Ele não responde.

— Deus, o que estou dizendo? É *claro* que você não entende.

— Do que você está falando, Rico?

— *Necessidade*, Zan. Nunca te faltou nada, então você não

sabe o que é ter NECESSIDADE.

Seus lábios se fecham.

— Isso é difícil de entender? — questiono. — Minha família NECESSITA do dinheiro.

— Ok, mas...

— As contas de hospital do Jax ultrapassam trezentos mil dólares. Sim, há programas para ajudar, mas minha mãe precisará decretar falência. Estávamos *lutando* para conseguir fechar as contas antes, então não existe possibilidade de sairmos de um buraco tão profundo.

— E o seguro?

— Nós não *temos* seguro, Zan.

Toda a cor deixa seu rosto.

— Entendo que essa coisa toda foi um jogo para você, mas, para *mim*, é a diferença entre ter um lugar para morar e ser uma sem teto.

— Isso é um pouco extremo, Rico.

Suspiro.

— Não é, Macklin. Estamos com o aluguel atrasado. Não pagamos mês passado com Jax no hospital, passamos da data há quatro dias e não vamos pagar este mês também. Minha mãe também não pagou em março. — Ela estava com pouco dinheiro, *porque nos levou em uma viagem estúpida*. — Recebemos o aviso de despejo há dois dias. Minha mãe perdeu um dos empregos porque estava passando tempo demais no hospital.

Também perdeu sete quilos, um pouco de cabelo e uma

parcela decente da sua vontade de seguir em frente.

Quando ele finalmente abre a boca para falar novamente, estou esperando que pergunte por que não contei a ele. A justa indignação de Alexander Gustavo Macklin, príncipe ao resgate da donzela em perigo.

Mas ele não faz isso.

— Era tudo sobre isso desde o começo?

— O quê?

— Ajudar sua mãe. — Ele olha para mim. — Você me arrastou para isso com o argumento de fazer algo bom para uma senhorinha. Sempre foi sobre o que *você* precisava?

Não tenho certeza do que dizer sobre isso. Acho que, no começo, era sobre Ethel, mas, se eu dissesse que nunca pensei no que isso poderia significar para mim, estaria mentindo. Como eu *teria* me sentido se tivéssemos a encontrado, ela nos agradecesse, retirasse o prêmio e caminhasse em direção ao pôr do sol sem olhar para trás?

Isso importa agora?

— Muita coisa mudou desde que começamos isso. Tanto faz quais foram minhas motivações iniciais, porque Ethel Streeter se foi. Aquele bilhete não pode fazer nada de bom por ela agora, mas *pode* ajudar a mim e à minha família. Vivi em um abrigo uma vez e *não vou* voltar. Se você não quer ajudar, está livre para ir. — Giro o grampo entre os dedos e encaro o cadeado.

Na minha visão periférica, vejo-o alcançar o bolso e não consigo resistir muito para ver o que ele foi pegar.

A carteira.

Inacreditável.

— Não vou aceitar seu dinheiro, Zan. Não é assim que funciona. Não me insulte oferecendo.

Ele me ignora, abre e vai na parte onde ficam as notas.

Olho para longe.

— É sério. Juro que, se você oferecer, nunca mais falarei contigo de novo.

O que ele põe na minha linha de visão, porém, não é verde.

É branco.

Tem marca d'água de pêssegos e uma faixa da mesma cor do fruto no lado esquerdo. Há palavras e números — ligeiramente desbotados — impressos em tinta preta.

Seis números para ser exata.

17.

06.

46.

01.

29.

07.

Os mesmos que memorizei meses atrás.

Não consigo me mover.

— Pegue — ele diz.

De jeito nenhum.

— Zan, por que você tem esse negócio?

— Estou me fazendo a mesma pergunta.

Espertinho.

— Como você conseguiu?

Ele não responde, então olho para cima. (Velhos hábitos nunca morrem).

— Eu comprei — revela.

Ele ainda está segurando, então o encaro de perto novamente.

— Não entendo.

— Como mencionei quando estávamos buscando casas, fiz dezoito na véspera de Natal. Na verdade, fiquei surpreso de você não perceber na época que eu poderia tê-lo.

Sem palavras.

— Queria comemorar meu aniversário comprando algo que não podia no dia anterior. Não consegui me obrigar a comprar cigarros ou fazer uma tatuagem. Então, comprei um bilhete de loteria.

Sem. Palavras.

— O Senhor Z me vendeu enquanto você estava se escondendo no banheiro. Honestamente, tinha me esquecido dessa coisa, até o dia em que me puxou da cafeteria. Fui para casa e conferi os números antes de encontrá-la no parque.

Não consigo respirar.

— Você vai pegá-lo?

— Você estava com ele *esse tempo todo*?

Suspira. Corre a mão pelos cabelos.

— Sim, estava.

Mantenha a calma, Rico.

— O que você teria feito se nós encontrássemos Ethel Streeter?

— Daria o bilhete a ela — responde. — Se tivesse mesmo necessidade e parecesse poder lidar com...

— *Desculpa?*

Aí está o rosto confuso novamente.

— Você está se desculpando?

BA. BA. CA.

— Quem diabos você acha que é?

— Oi?

— Se ela “parecesse poder lidar”? O que te dá o direito de decidir com o que alguém pode lidar?

— Da última vez que chequei, eu era o dono por direito desse bilhete — diz. — Tenho certeza de que posso fazer a droga que eu quiser com ele.

Olho nos olhos dele.

— Você mentiu para mim.

— O quê?

— Você mentiu — acuso. — Perguntei o que você faria se tivesse o bilhete e disse que teria jogado fora. Você mentiu.

Ele não responde, mas sua mandíbula se flexiona e seus olhos se estreitam...

— De fato, por que você ainda o tem, Zan? Sabemos que a Ethel morreu há semanas. Por que você não “jogou fora” assim que

descobrimos isso?

Seu lábio inferior desaparece entre os dentes. O que me deixa ainda mais furiosa.

— Você não ia nem me contar, ia? Estava planejando apenas guardar como uma lembrança de cento e seis milhões de dólares? Talvez usar como um marcador de livros para lembrá-lo da sorte que teve, mas não precisava? Vai emoldurar algum dia? Pendurar no seu escritório de CEO quando, eventualmente, ocup...

— Já ocorreu a você que *eu* poderia usar esse dinheiro?

E aqui está. Minhas suspeitas se tornaram reais.

— Qualquer um poderia “usar” o dinheiro, Zan.

— Não foi o que eu quis dizer e você sabe disso. Admito: não. Eu *não* sei o que é ser pobre e nem nunca me “faltou” nada, como você colocou. Mas eu *sei* o que é não ter escolha. Ter alguém que decida o curso da sua vida inteira.

Estou balançando a cabeça na hora.

— Isso não é verdade, Zan.

— O que você quer dizer com “não é verdade”? Não vejo ninguém dizendo *a você* que precisa assumir os negócios da sua família.

— Você pode dizer não.

— O quê?

— NÃO, Zan. A palavra NÃO. Você pode dizê-la. Pode ir para a faculdade. Conseguir um emprego *normal* como o resto de nós. Ninguém está *fazendo* você ficar com a empresa dos seus pais. Ninguém está *fazendo* você “subir de posição” até poder

assumir. VOCÊ está tomando essas decisões. Se *alguém no mundo* tem “escolhas”, esse alguém é VOCÊ.

Ele não responde.

— Esse é o problema com vocês, pessoas ricas. Vocês acham que a forma como vivem é *normal*. Tipo, ótimo, você trabalhou na empresa do papai e fez dinheiro suficiente para comprar um carro legal para si mesmo, mas não tem *ideia* do que é ter que trabalhar para manter um teto sobre a cabeça, roupas no corpo e comida na barriga. Minha família está prestes a perder *todas* essas coisas e, o tempo todo, você tinha aquele bilhete. Ia pegar essa grana pelas minhas costas? Conseguir algumas *escolhas* para si mesmo? Ter liberdade financeira? Um caminho diferente daquele que você não quer seguir, mas que irá mesmo assim porque está muito acostumado com essa vida de luxo para *realmente* começar por baixo?

— Dá um tempo, Rico. Não é exatamente como se você fosse honesta o tempo inteiro. Está escondendo coisas também. O que você iria fazer se tivéssemos encontrado a Ethel? *Roubar* o bilhete dela assim como estava prestes a arrombar essa unidade de armazenamento?

Preciso usar tudo de mim para não socar a cara dele. Dou meia volta e começo a andar para o lado oposto ao que estacionamos.

— Aonde você vai? — chama por mim.

— Para casa. Bem... O que é “casa” por hora. Não me siga.

— Rico, espera. Não quis dizer aquelas coisas, eu só...

— Nem se preocupe com isso, Zan — falo por cima do ombro. — Não é como se você tivesse se preocupado antes.

Eu o odeio.

Eu o odeio. Eu o odeio. Eu o odeio. Odeio o perfume idiota dele, suas roupas chiques, o carro ridículo e a casa absurdamente grande. Todo seu dinheiro, privilégio e coisas.

— Pelo menos pegue o bilhete — grita. — Nós dois sabemos que você precisa...

— Não preciso vindo de você.

— Você vai ser chutada para fora de casa...

— Não é problema seu, Zan!

— Darei para a sua mãe então.

— Sim, ela certamente “consegue lidar com isso”. Jogar tudo fora como você disse que faria.

— Você vai mesmo deixar sua família acabar na rua por causa disso?

Esse filho da puta. O que eu estava *pensando* ao me envolver com ele?

— Aproveite sua conquista, novo milionário! Talvez eles deem a você um programa de TV também!

Saio pelo portão de pedestres e caminho até o ponto de ônibus. Deixar a área de armazenamento requer o mesmo código de entrada e, já que eu duvido que ele estava prestando atenção quando falei para ele, devo estar segura até que o ônibus venha...

Mas, então, ele encosta.

Conhecendo-o, eu esperava alguma versão de *Tudo isso é bobagem e não merece que destruamos nosso relacionamento. Por favor, entre no carro para eu poder te levar para casa.*

Mas não é nada disso que ele diz.

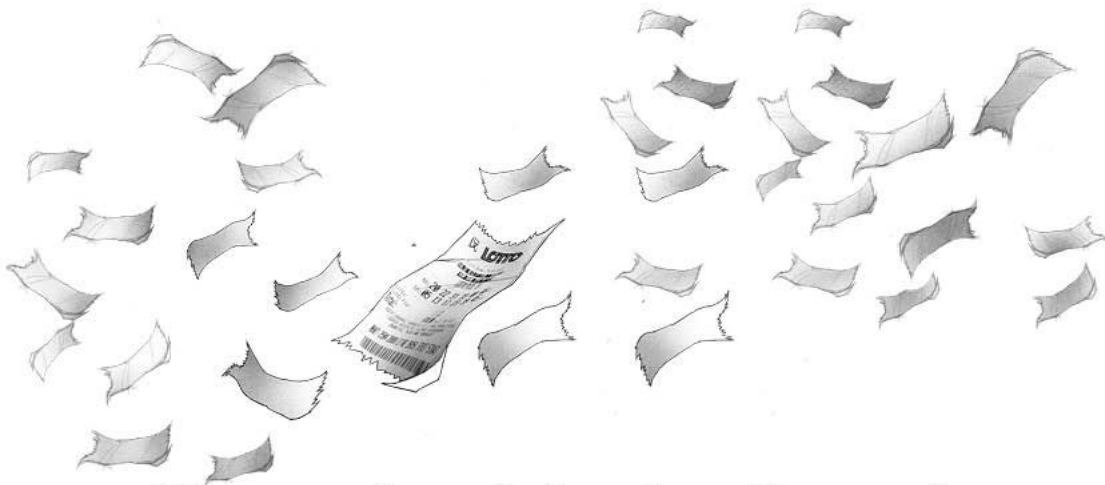
— Sabe qual é o seu problema, Danger? Você é muito orgulhosa. Tudo de que precisa, tudo o que estava *procurando*, estava bem na sua cara. Só precisava pegar.

Não consigo nem piscar, quanto mais falar.

— Aguarde — diz, esfregando o sal marinho rosa orgânico do Himalaia da mesa cara de jantar dele na ferida. — Isso virá atrás de você. — A janela rola para cima e ele acelera para longe e fora de vista.

Sento. Encaro as faixas na estrada. Suas palavras pousam na minha pele e se infiltram. Enquanto a verdade delas me preenche, eu quebro.

Pelo menos ele não está por perto para ver.



Uma palavrinha de Alexander Gustavo Macklin

Quis contar para ela. Realmente quis.

Mas, quanto mais tempo passava, mais eu gostava dela e mais percebia que, se contasse, ela ficaria furiosa por ter escondido por tanto tempo.

Se já pensei em apenas pegar a grana? Claro. Inúmeras vezes. Mas aí a busca acabaria e eu não sabia como... mantê-la. Tão horrível quanto ela disse que isso soava.

Ela é muito diferente das outras garotas. Em nenhum momento parecia que realmente *queria* algo de mim. O que é confuso. Porque, enquanto pensei que era isso que eu estava procurando — uma garota que não está *atrás* de nada —, também é frustrante. Uma garota que não quer e nem precisa de nada é uma garota que pode ir embora.

É o que eu amo(amava) e odeio(odiava) nela. Sua

independência. Toda vez que esfregava isso na minha cara, eu era lembrado da minha dependência. Porque tudo o que ela disse é verdade. Minhas opções são infinitas, mesmo sem o dinheiro do meu pai. Só é assustador encará-las.

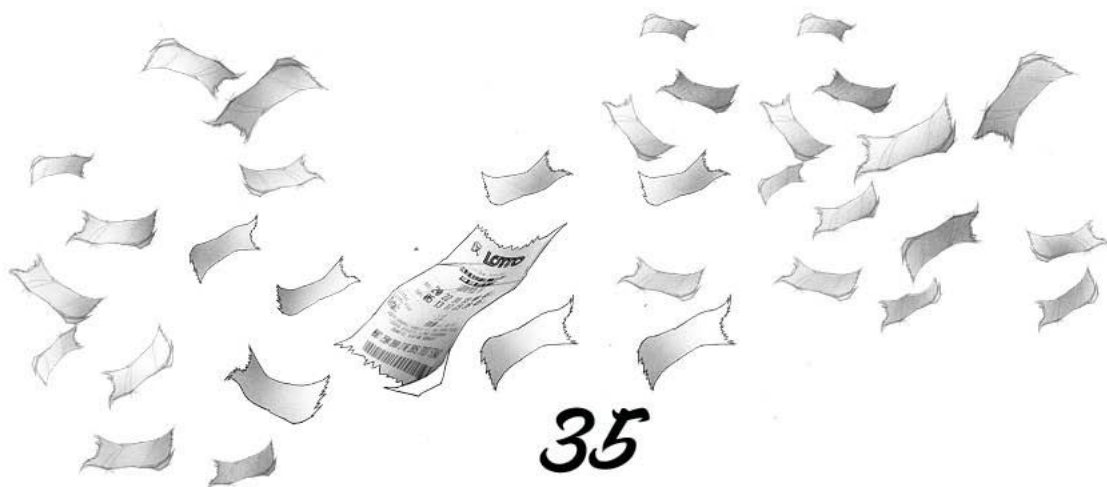
O que significa que Rico Danger e eu temos algo em comum. Porque, não importa o que ela diga ou em que tipo de “responsabilidade” tente se esconder por trás, ela também tem mais opções do que quer admitir e está com medo de encará-las também.

Ela também não faz ideia do que quer. Estamos no mesmo barco, eu e ela.

Pelo menos estávamos...

Enfim, acho que é hora de *fazer* algumas dessas “escolhas” que ela e eu tanto falamos.

A primeira: o que fazer com este bilhete.



Feliz aniversário, droga! *(de novo)*

Eu me formei no ensino médio.

Escola, trabalho, casa se tornou *trabalho, trabalho, casa*, porque consegui um segundo emprego na Bela Vintage.

Ness e Jess se mudaram para Athens uma semana e meia antes do meu aniversário, mas não fui a festa de despedida deles, porque estou evitando *Mano Zan* com sucesso por um mês e onze dias. O feliz casal de pombinhos parou no posto de gasolina ao sair da cidade, felizmente. Mantive a compostura, mas fiquei triste por vê-los partirem.

Assumo o pagamento de uma unidade de armazenamento maior e mamãe consegue fazer a mudança antes que o gerente dos apartamentos jogue tudo na rua. Não acabamos em um abrigo, graças à *Señora Alvarez*, que insistiu que nos mudássemos para o

apartamento dela. (Mamãe concordou).

O tempo passa.

Peço folga nos dois trabalhos no último dia do prazo do bilhete de loteria e passo o tempo inteiro enrolada na cama, refletindo sobre coisas que evito pensar. Enquanto olho em volta do quarto que divido com a mamãe e o Jax, há uma parte de mim que se arrepende de não ter pegado o bilhete do Zan. Onde estaríamos agora se eu tivesse pegado? Certamente, não estaríamos morando por caridade com uma vizinha que sabe quantas dezenas (centenas?) de milhares de dólares temos de dívida. Provavelmente em uma bela casa nova, não muito grande. Não muito pequena. Jardim legal. Talvez um balanço para Jax. Quem sabe uma piscina, se estivéssemos esbanjando.

Coisas que nunca acontecerão.

No meu aniversário de dezoito anos, tenho que estar no posto de gasolina às seis da manhã e, quando sair, vou direto para a Bela Vintage. Catorze horas de trabalho hoje. Talvez tenha mentido para minha mãe sobre o horário que tenho que estar lá para que ela e Jax não acordem cedo para me fazerem café da manhã.

A meta é esquecer completamente meu aniversário.

E funciona pela maior parte do tempo. Algumas horas dentro do meu turno e já reabasteci a geladeira, alinhando todas as marcas das bebidas; rearranjei o setor de barrinhas, então os produtos da Mars estão à esquerda e os da Hershey, à direita; mudei os salgadinhos na ponta de gôndola deles para que façam

um arco-íris de cima para baixo; movi os chicletes para que nos seis do meio seja possível ler os nomes das marcas assim: 5 EXTRA - ECLIPSE - ORBIT - JUICY - FRUIT - TRIDENT.

Estou no meio da limpeza dos banheiros (embora me recuse a encher o refil de papel higiênico Macklin e o dispenser de *toalhinhas umedecidas*) quando há uma batida na porta e o Senhor Zoughbi coloca a cabeça para dentro.

— Rico Danger.

Mas, por que ele parece bravo?

— Oi, Senhor Z.

— Estou muito chateado com você, mocinha.

Hm...

— Pode repetir, senhor?

— Por que não me contou que hoje é seu aniversário? —

Ah. — E você está aqui limpando banheiros? Não, não. Não vai fazer isso. — Ele balança o dedo para mim.

— Sinto muito, senhor. — (O que mais posso dizer?).

— Venha aqui imediatamente — ordena. — Há uma visita para você, e quero que vá embora depois disso.

Uma visita? Não pode ser o Zan... O Senhor Z definitivamente diria o nome dele.

Talvez minha mãe? Não acho que o Senhor Z saiba como ela se parece, então daria totalmente para ser ela. Sabia que levaria um esporro esta noite, mas, se ela está aqui para me ver agora, definitivamente se atrasou para o trabalho. O que significa que estará *duplamente* irritada.

Realmente preferia esfregar a privada.

— Sabe, quase terminei...

— Fora! Neste instante! Vá tirar o dia de folga! Com pagamento!

Suspiro e jogo a escova dentro do balde. Retiro minhas luvas de borracha e abaixo a cabeça ao sair do banheiro. Isso será uma tortura...

— Ricooo!

Minha cabeça levanta.

— Senhor Dover?

— Em carne e osso! Feliz aniversário, querida! — Ele pressiona algo na minha palma e fecha meus dedos ao redor.

Forço um sorriso.

— Obrigada...

Espera...

— Como você sabe que é meu aniversário?

Todo seu rosto se ilumina.

— Temos um monte de coisa para conversar, garota. Seu maravilhoso chefe disse que está livre para sair, certo? Importa-se de vir tomar café comigo?

Mas que inferno?

— Hm... claro?

— Restaurante Flying Biscuit, ok?

Fico olhando para o quadrado verde no seu bolso do terno.

— Acho que sim...

— Ótimo! Pegue suas coisas e vamos lá. Encontro você do

lado de fora.

— Ok.

— Mercedes azul! — O sino toca quando ele sai.

Por um minuto, fico apenas encarando. Tentando... Bem, não sei. Quando vou desamarrar meu avental, a coisa na minha mão se enrug.

Abro a palma para ver o que é.

E sorrio pela primeira vez na manhã inteira.

Claro.

É uma nota de cinquenta dólares.



Durante o percurso de sete minutos, o Senhor Dover não para de sorrir. Isso me assusta um pouco. Uma vez que estamos à mesa, ele diz:

— Peça o que quiser, mas sugiro os camarões. Eles são de matar. — Como se estarmos tomando café da manhã juntos fosse a coisa mais natural do mundo.

O que está acontecendo?

Nunca estive *dentro* deste restaurante antes e a garçonete aparece antes que eu tenha chance de olhar as outras opções, então sigo seu conselho. Enquanto ela pega meu menu e se afasta, o Senhor Dover toma um gole de café. Não consigo evitar assistir a todos os seus movimentos.

— Então... — diz, colocando a xícara para baixo. — Você

me assistiu na TV na outra noite?

— Você esteve na televisão?

— Quer dizer que você perdeu? Aaah, fala sério, Rico! Um cara só estreia na telinha uma vez!

— Sinto muito.

Ele ri.

— Faz sentido, porém. Se tivesse me visto na TV, provavelmente teria adivinhado por que estamos sentados aqui.

— Eu teria?

— Uhum.

Caímos em silêncio. Outro gole de café.

— Entãooo... vai me dizer? — pergunto.

Ele ri.

— Gosto de você, garota. Direto aos negócios. Consigo admirar isso.

— Obrigada, eu acho?

Ele abre sua pasta e puxa um pequeno punhado de papeis.

— Aqui está o negócio — começa. — Se não tivesse perdido minha estreia televisiva, teria me visto nos jornais segurando um cheque gigante de cento e seis milhões de dólares.

Paro de respirar.

— Pouco mais de um mês atrás, alguém veio ao meu escritório com o bilhete de loteria perdido que você estava procurando. Para resumir, tal pessoa criou alguns fundos e usou o bilhete para começá-los — continuou. — O ganhador pediu para permanecer anônimo, mas a Dover Finanças foi apontada como

curadora e você, Rico Danger, foi nomeada como uma das pessoas beneficiárias. Em termos leigos, isso significa que eu cuido do fundo, mas a grana é paga a você.

Ainda sem respirar. Não posso.

— De acordo com os termos, em nenhum ponto pelos próximos trinta anos você terá controle do fluxo de renda. A escritura especifica que a Loteria da Geórgia pagará o dinheiro, com todos os tributos, diretamente para nós, e os montantes serão distribuídos da seguinte maneira: um valor fixo será depositado em uma conta de sua escolha para acesso imediato no começo de todo mês. Uma porção foi alocada para cobrir a enorme dívida médica adquirida por Jaxon Daniel Danger. E o restante será dividido de três formas: há um plano de poupança para a faculdade com o mesmo Jaxon

Daniel Danger listado como beneficiário; um segundo com você, Rico Reneé Danger, listada como beneficiária; e uma conta poupança com juros bem altos que você terá acesso no seu aniversário de quarenta e oito anos.

Não. Consigo. Respirar.

— Os dois planos de faculdade podem ser usados apenas para cobrir os custos das mensalidades. Use os pagamentos mensais da maneira que preferir, mas, como consultor designado do próprio fundo, estou disponível para discutir quaisquer opções que esteja interessada em explorar: investimentos, caridade, compras grandes... Eu sou o seu cara. — Ele pisca.

Eu passo mal agora?

— Se decidir declinar dos pagamentos mensais inteiramente, esse valor será transferido para sua conta poupança — explica. — Ficou tudo claro?

— Hm... Mais ou menos?

Ele ri.

— Que partes você não entendeu?

Todas as partes?

— Então, as contas médicas...

— Cobertas.

— E as taxas...?

— Estão sendo cuidadas. Tudo de que preciso é de uma assinatura e o número de uma conta para acesso imediato aos pagamentos. — Ele vira para a página de assinatura e coloca uma caneta ao lado. — Por favor, leia o documento antes de assinar.

Olho os papéis.

Seguro e tento ler.

Eles ficam embaralhados e fora de foco.

Meu olhar se muda para a caneta.

Para o rosto dele.

Não posso pegar o dinheiro.

Para os papéis.

Da forma que isso soa, entretanto, também não posso *não* pegar esse dinheiro.

Para o rosto dele.

Eu *preciso* pegar esse dinheiro.

Para a caneta.

Não *mereço* esse dinheiro.

Para os papeis.

Nós *realmente* precisamos do dinheiro.

Quanto *será* isso por mês? E o que eu faço com isso de verdade? Dou para a mamãe? Invisto em um apartamento com *meu* nome? Tenho dezoito anos agora...

As contas médicas estão sendo cuidadas, pelo que parece. Mas há outras contas. Preciso conseguir um bom plano de saúde. A parte de economias já está resolvida, mas, e um fundo de emergência? O Senhor Dover mencionou investimentos e doação para caridade também...

Olho para os papeis.

Para o rosto dele.

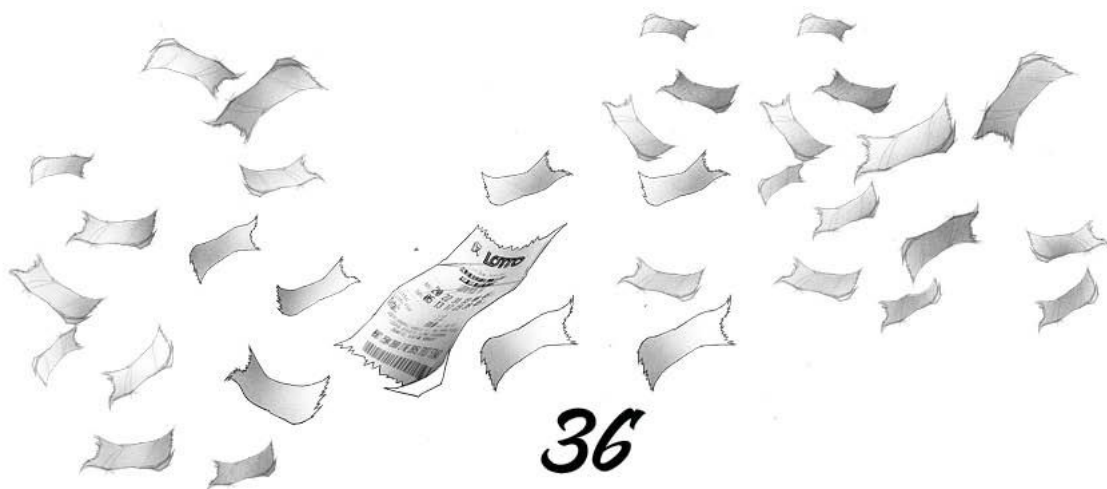
Para os papeis.

Para a caneta.

A garçonete coloca um prato de camarões quentes na minha frente.

— Vá em frente e coma — ele diz.

Eu expiro.



Jackpot

O primeiro pagamento de “acesso imediato” chega na minha conta seis dias depois: 8.333,33 dólares.

O que faz a coisa toda ser real.

Compro para a mamãe — que misteriosamente conseguiu um emprego na Macklin — um laptop e ela se encontra com o Senhor Dover para aprender como usar o programa de orçamento que me “aconselhou” a comprar. (Eles se acertaram um pouco mais do que estou confortável em expressar, mas, o que posso fazer?).

Depois, transfiro a maior parte do pagamento mensal para a conta dela. Separo um pouco para um sonho em particular (uma garota precisa fazer *alguma coisa* para si mesma de vez em quando) e o resto vai para uma instituição de caridade que ajuda famílias necessitadas que possuem despesas médicas inesperadas.

Esse é o meu plano para todos os meses.

No sétimo dia, assim que estou acordada e tomei banho, coloco o vestido de verão fofo e as sandálias que mamãe comprou para o meu aniversário. Quando estou vestida, corro para o carro que consegui permissão para usar emprestado. Então tomo meu rumo, surpreendendo a mim mesma por lembrar o caminho para um lugar que só visitei uma vez antes. O carro está vazando óleo (que agora mamãe pode pagar para *consertar!* — e já que não tenho que ajudar com aluguel e contas, posso juntar dinheiro e eventualmente comprar um carro para mim). Estaciono na beira da calçada e caminho até o painel de controle de acesso do lado de fora do portão. Minhas mãos estão suando tanto que meu dedo escorrega do botão de *chamar*.

Uma mulher responde.

— Posso ajudar?

— Ah, hm... Esta é a residência dos Macklin, certo?

— Sim.

Uau!

— Sou Rico Danger. Estou no portão.

— Ok...

Pânico. *Com quem mesmo estou falando?*

— O Zan... Alexander, quero dizer, está em casa?

— Ele não mora aqui — sai pelo pequeno alto-falante.

Meu rosto cai.

— Mas você disse que esta é a residência dos Macklin.

— Sim.

— Como que o Zan não mora mais aqui?

— Ele se mudou.

— *Se mudou?*

— Tem sua própria casa agora.

O que, é claro, faz sentido — o Senhor Dover deixou “escapar” que apenas metade do valor total do bilhete de loteria está no *meu* nome. Ele não está autorizado a divulgar o nome do beneficiário da *outra* metade, mas fala sério.

No entanto, o fato de ele não estar onde pensei que estaria me faz acreditar que falhei. E não de uma boa maneira.

— Você tem o endereço? — pergunto.

— Não.

Talvez eu devesse ter ligado para cá primeiro. Estava tentando surpreendê-lo, mas claramente isso foi um fiasco. Poderia ligar para ele do meu novo celular, porém duvido que atenderia um número desconhecido

— Posso... Será que posso entrar e usar o telefone?

— Você deveria ir embora agora.

— Espere! Alguém mais está em casa? O Senhor Tim, a Senhora Leigh-Ann ou a Lita?

— Não aqui. Adeus, antes que eu chame a polícia.

Há um *click* e a linha desliga.

Isso certamente não saiu como esperado...

Espera.

Ele tem sua própria casa...

Sorrio. Claro que tem.

Bem pensado, Mano Zan. Bem pensado.



Rastrear Greg Andree foi bem fácil.

Eu, honestamente, esperava que ele me passasse um sermão porque obviamente sabe sobre o nome real do Zan e o fato de que mentimos sobre eu estar grávida.

Ele não o faz.

Apenas me entrega um envelope com o meu (verdadeiro) nome nele. Dentro, há um pedaço de papel com um endereço e uma chave com um chaveiro que tem escrito LAR DOCE LAR.

Quando chego ao chalé em Decatur, o Tonka está na garagem.

Penso em tocar a campainha, mas aí olho para o envelope de novo. Está com a letra do Zan.

Respiro fundo e insiro a chave. A porta range quando a empurro e entro.

O interior tem cheiro de limpeza e torta de maçã quente. Estou tentada a chamar para ver se ele está aqui, mas, em vez disso, apenas faço meu caminho pelo corredor para os fundos da casa.

Quando chego à sala de estar, ele está sentado em uma cadeira de balanço.

Eu congelo, e ele me olha do jeito que sempre faz.

Engulo em seco e afasto o olhar.

— É, hm... Está um cheiro muito bom aqui dentro — digo.

— Fiz uma torta de maçã. — Ele acena para o balcão.

Tem uma torta lá.

Hm.

— Não sabia que você era bom cozinhando.

— Estou aprendendo algo novo todo dia. — Ele cruza as mãos sobre a barriga. Sorri e olha para mim de novo. — Esse vestido é bonito.

— Obrigada. Presente de aniversário.

— Ah, sim. Parabéns atrasado.

— Obrigada. — Encaro minhas unhas verdes do pé. —
Recebi o *seu* presente, a propósito...

— Meu presente?

Ergo a cabeça.

— Do Senhor Dover?

— Oi? — Há aquele olhar perplexo que conheço muito bem.

Por um segundo, entro em pânico. Tem que ser ele, certo?
Era quem tinha o bilhete...

— Você sabe. O *fundo*?

Ele ergue uma das sobrancelhas de lagarta (elas foram depiladas, pelo que parece), ergue o queixo e olha para baixo.

— Não faço ideia do que você está falando, Danger.
Esqueci completamente que você fez aniversário.

Rolo os olhos. E sorrio.

— Você está bonita.

— Você também.

Ele bufa.

— Quer dizer... — *Recomponha-se, Rico!* — É muito bom ver você, Zan.

Ele sorri.

— Apenas para você saber, aquele quarto ali ainda é seu, se quiser. Sei que tivemos nosso pequeno desentendimento, mas a oferta para se mudar continua de pé. Porém, existe uma regra de “não espiar o quarto do Zan e assisti-lo dormir”. E vai ter que pagar aluguel. É cada um por si por aqui.

Dou uma olhada para a porta aberta do quarto. Os móveis lá dentro parecem maravilhosos, mas...

— Não posso, Zan.

Outro sorriso, esse mais triste.

— Percebi que você diria isso.

— Talvez pudéssemos recomeçar? Como amigos?

— Pode ser legal. Apesar disso, você só terá um ano para me conhecer. Vou para Stanford no próximo outono.

Certamente não esperava essa.

— Uau.

Ele assente.

— Parabéns, eu acho.

— Obrigado. Planejando ir para a faculdade?

Meus olhos caem para o meu pé.

— Estou pensando nisso.

— No que mais você está pensando?

— Oi? — Ergo a cabeça.

— Algum outro plano? O céu é o limite, certo?

Agora eu sorrio de verdade. Dou uma olhada para o teto. Apesar do fato de que não tocarei naqueles pagamentos mensais — a dignidade não me permitirá fazer isso —, acho que ele está certo.

Definitivamente usarei o dinheiro para a faculdade. Eventualmente.

Caímos em silêncio e meu olhar se volta para a torta. Quase cheira melhor do que ele.

— Você realmente fez aquilo?

— Fiz.

Tanta coisa para aprender.

— Ei, Rico?

— Sim?

— Estou feliz que você veio.

— Eu também.

Ele sorri.

Eu sorrio.

— Ei, Zan?

— Sim?

— Posso te dar um abraço?

— Um abraço *amistoso*? — Ele balança as sobrancelhas.

Eu rio.

— Algo assim.

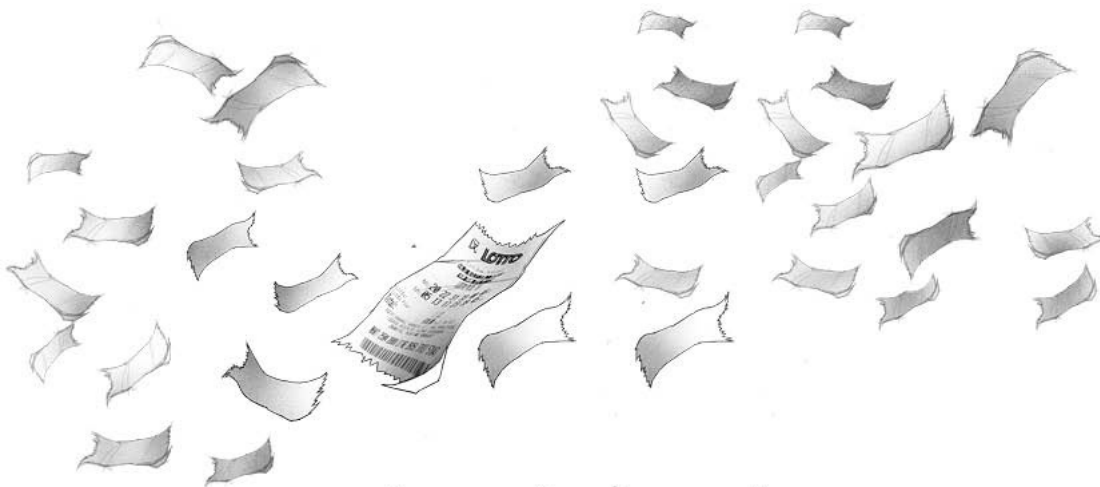
Ele fica de pé e abre os braços.

Caminho até ele e a magia Macklin me atinge.

— Zan? Posso falar uma coisa para você?

— Claro — responde.

— Eu vou para o Space Camp.



Agradecimentos

O negócio é o seguinte: às vezes, você escreve um livro inteiro, mas tanto tempo se passa entre o momento em que você escreve e quando ele é publicado — literalmente quatro anos neste caso — que você meio que não consegue se lembrar de *todo mundo* envolvido que você precisa agradecer. Não fui atenta o suficiente para manter uma lista como deveria. (E não, não aprendi minha lição, então nem pergunte).

Tudo isso para dizer que esta lista de agradecimentos em particular provavelmente estará com faltas. Desculpas adiantadas. Se você acha que contribuiu para este livro e não viu seu nome listado, tem todo direito de me escrever um e-mail irritado. Vou cerrar os dentes e aceitar.

Aqui vai:

Lista muito exaustiva da Nic Stone de pessoas que ela se lembrou de ajudarem neste livro:

1.Mãe e pai. Sem vocês, sem eu. Sem eu, sem livro. *Dã*.

2.Phoebe Yeh (obviamente). Tivemos muitas *ideias* para este. As notas de rodapé eram proibidas. Obrigada por me empurrar até pousar em objetos inanimados e adorar isso quando o fiz. E, por falar em objetos inanimados...

3.Amy Sarig “A. S.” King. O templo Pagode em *Por favor, ignore Vera Dietz* é a verdadeira razão para este livro ser cheio de capítulos do ponto de vista de objetos inanimados. Aquele livro é TUDO e você é a melhor de todas.

4.Elizabeth Stranahan. Você aguenta tanta coisa e teve que ler tanto lixo, me envia tantas caixas excelentes de livros, e eu realmente sou grata por você, Lizzy.

5.Rena Rossner. Você leu a primeira e mais chata versão desta coisa. Deus a abençoe.

6.Nigel Livingstone. Outra metade e papai do ano.

7.Octavia Roberts. Apesar de *Overnight Millionaire* ser um título perfeitamente bom, *Jackpot* era definitivamente melhor. Obrigada.

8.Dede Nesbitt e Tanya Rogers. Amigas leitoras betas que também leram esta coisa quando estava super chata. (Lembram quando achei que deveria escrever um romance “direto”? Que diabos eu estava pensando, né?).

9.Ashley Woodfolk. VOCÊ leu isto quando eu estava super odiando. Isso faz de você uma amiga de verdade. E, quando eu disse para parar de ler porque eu estava consertando, você o fez. 🥰

1

0. Tehlor Kinney. Não apenas leu quando isto estava super chato, mas me deixou roubar seu nome. Obrigada.

1

1. Greg Andree. Também me deixou roubar seu nome.

1

2. Jay Dover. Não apenas me deixou roubar seu nome, mas me mantém financeiramente responsável com sua sabedoria fiscal. Às vezes, amigos do fundamental crescem e, tipo, se tornam adultos juntos. Quem iria imaginar?

1

3. Casey Reed Joiner. Outro amor eterno da minha vida desde o ensino fundamental e minha própria pseudo Jessica Barlow. Amo você.

1

4. Dean Maria Martin. Sua ajuda em espanhol foi inestimável, e você também é. #educadoresarrasam

1

5. Liz Acevedo. Também, *obrigada* por responder minhas perguntas idiotas de espanhol. E por apenas ser tão fodona. Quero ser igual a você quando crescer.

1

6. Dhonielle Clayton, Tiff Jackson e Angie Thomas. Nenhuma explicação se faz necessária.

1

7. Lauryn Mascarenaz. Por sua leitura prévia e *feedback*. E

por me dizer que amou quando eu estava super insegura com a coisa toda.

1

8.Jarred Amato. O melhor. Ponto final.

1

9.Joey Tam. Tenho certeza de que sua crítica foi, literalmente, o que colocou tudo isso na minha cabeça.

2

0.Kristin Schulz. #esposasquetrabalhamparasempre, você não faz ideia do quanto você ter gostado disto me fez relaxar. Sério.

2

1.Família da editora americana: Kathy, Tia Barbs, Tia Judith, Tia Felicia, John (seu Nêmesis!), Dominique, Syd, Adrienne, Angela, Jules, Christine, Alison, Lisa M... (É aqui que começo a me esquecer do nome das pessoas. DESCULPEM!).

Enfim, enfim: com todos vocês ao meu lado, *eu* claramente atingi o *jackpot*.



Playlist

Mo Money, Mo Problems - Notorious BIG

Gettin' Jiggy Wit It - Will Smith

Changes - Tupac

My Way - Fetty Wap

Ride wit U - Joe

Nasty Girl - Notorious BIG

I'll Be Missing You - Diddy

I Got 5 on it - Luniz

I like that - Houston

Chickenhead - Project Pat

Ni**as in Paris - Jay Z & Kanye West

Mrs Offilcer - Lil' Wayne

Doo wop - Lauren Hill

Poppin' them thangs - G-Unit

Dreams - The Game

Forgot about Dre - Dr Dre

Drop it like it's hot - Snoop Doggy

My band - G12

Get up - Ciara feat. Chamillionaire

Go - Common

Shake Ya Tailfeather - Diddy feat Murphy Lee & Nelly

Ouçá em: <http://bit.ly/JackpotPlaylist>



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr.com>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@thegiftboxbr](#)

http://bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob